

Clássicos

EVELINA

FRANCES BURNEY

Uma das maiores influências de Jane Austen

PEDRAZUL EDITORA



Classics

EVELINA

FRANCES BURNEY

Uma das maiores influências de Jane Austen

PEDRAZUL EDITORA

Sumário

APRESENTAÇÃO
DEDICATÓRIA
PREFÁCIO

VOLUME I
CARTA I
CARTA II
CARTA III
CARTA IV
CARTA V
CARTA VI
CARTA VII
CARTA VIII
CARTA IX
CARTA X
CARTA XI
CARTA XII
CARTA XIII
CARTA XIV
CARTA XV
CARTA XVI
CARTA XVII
CARTA XVIII
CARTA XIX
CARTA XX
CARTA XXI
CARTA XXII

CARTA XXIII
CARTA XXIV
CARTA XXV
CARTA XXVI
CARTA XXVII
CARTA XXVIII
CARTA XXIX
CARTA XXX
CARTA XXXI

VOLUME II
CARTA I
CARTA II
CARTA III
CARTA IV
CARTA V
CARTA VI
CARTA VII
CARTA VIII
CARTA IX
CARTA X
CARTA XI
CARTA XII
CARTA XIII
CARTA XIV
CARTA XV
CARTA XVI
CARTA XVII
CARTA XVIII
CARTA XIX
CARTA XX

CARTA XXI
CARTA XXII
CARTA XXIII

APRESENTAÇÃO

EVELINA; ou, A Entrada de Uma Jovem Dama no Mundo,[1]— *foi primeiro publicado ao final de Janeiro, 1778, por Thomas Lowndes ao número 77 na Fleet Street, quem, catorze anos antes, houvera publicado outro trabalho popular e anônimo,* Castelo de Otranto *por Horace Walpole.* Evelina *foi certamente fortunado no momento de seu nascimento. À data de sua aparição, o horizonte literário estava despido de rivais como houvera estado quando, em Novembro, 1740, Richardson irrompeu sobre um público exaurido por romances Franceses com sua história de vida real de uma serviçal virtuosa.*

O subtítulo foi subsequentemente alterado para A História da Entrada de Uma Jovem Dama no Mundo.[1]

AO DR. BURNEY

Ó, Autor de meu ser! Tão mais valido
Para mim que a luz, que o nutrimento, ou o sono,
De Hígia as bênçãos, do enlevo o pranto cálido,
Ou o sangue vivo que escuda meu pomo!

Se em meu coração brilha o amor da candura,
Foi plantado ali por um inerrável padrão;
De vosso exemplo, emanou a flama pura,
Vossa vida, meu preceito, vossas boas obras, meu condão.

Tuas abundantes virtudes meus parcos poderes poderiam acossar,
Cada medo deveria ser reprimido pelo filial amor,
O rubor da incapacidade haveria eu de caçar,
E cá confesso eu, registrador de vosso valor.

Mas, já que minha avarenta estrela esse dom recusa,
Omissão é a única graça que ouso demandar;
Obscura seja até que a vã musa,
Que vossa fama não pode elevar, mas não a iria afundar.

Ó! Da minha vida tão logo a fonte e contento!
Se algum dia vossos olhos vigiardes tal traço leviano,
Não deixai sua loucura destruir seu intento;
Aceitai o tributo, mas esquecei o profano.

DEDICATÓRIA

AOS AUTORES DAS RESENHAS MENSAIS E CRÍTICAS.

SENHORES, a liberdade de que desfruto ao abordar perante vocês a produção insignificante de algumas nugativas horas, indubitavelmente moverá sua admiração e provavelmente seu desprezo. Não irei, todavia, com a futilidade de minhas desculpas, apossar-me de seu tempo, mas apurem brevemente os motivos de minha temeridade; a fim de que, por um exercício prematuro desta paciência que espero que a mim se alie, eu não deva diminuir a benevolência dela, e estar conluiada em minha própria condenação.

Sem nome, sem recomendação e desconhecida tanto para o sucesso quanto para a desgraça, a quem posso propriamente solicitar patrocínio, como àqueles que publicamente se professam Inspetores de todas as performances literárias?

O extenso plano de suas observações críticas, que, não limitado a obras de utilidade ou de ingenuidade, é igualmente aberto a todos aqueles de entretimentos frívolos, e, ainda pior do que frívolo, enfado, me encorajar a buscar sua proteção, uma vez que — talvez por meus pecados! —, me outorga direito às suas averbações. Adversar, portanto, esta oferta, por mais insignificante, o mal tornar-se-ia a universalidade da sua empreitada; conquanto não desprezá-la pode estar — lamentavelmente! —, fora de seu poder.

A linguagem da bajulação, e o incenso da lisonja, embora a herança natural, e recurso constante, desde tempos imemoriais, do Dedicante, para me oferecer nada além do pesar meditabundo que não ouso invocar seu auxílio. Vistas sinistras seriam imputadas a tudo o que eu poderia dizer; porquanto, assim situado, exaltar o seu julgamento, pareceria o efeito da arte, e para comemorar sua imparcialidade, seria atribuição a suspeitar dele.

Como magistrados da imprensa, e Censores para o público — a qual estão vinculados pelos laços sagrados da integridade para exercer a mais espirituosa imparcialidade, e para o qual seus sufrágios devem carregar as marcas da pura, intrépida, irrefragrável verdade — apelar à sua

MISERICÓRDIA, significasse solicitar sua desonra; e portanto — embora seja mais doce que o olíbano —, mais grato aos sentidos do que todos os perfumes odoríferos da Arábia —, e posto

Que ele despenque como a chuva suave do céu Sobre o lugar abaixo —

Eu não os cortejo! Apenas sobre sua justiça possuo direito, e a ela devo me ater. Seus compromissos não são aos autores suplicantes; mas ao público sincero, que não deixará de almejar

A penalidade e suspensão de seu vínculo.

Nenhum escritor banal, afeito ao abuso, e caloso a críticas, aqui braves sua severidade; nem o faz um soldado meio morto de fome,

Impelido pela fome — e pelo pedido de amigos —

implorar sua leniência: seu exame será igualmente alheio a parcialidade e preconceito; nenhum murmúrio teimoso seguirá sua censura, nenhum interesse privado será gratificado pelo seu louvor.

Não deixem que a solicitude ansiosa com a qual recomendo a mim mesma à sua atenção, exponha-me ao seu escárnio. Lembrem-se, Senhores, vocês todos já foram jovens escritores uma vez, e o veterano mais experiente do seu corpo pode, ao recordar sua primeira publicação, renovar seus primeiros terrores, e passar a considerar os meus. Porque ainda que a Coragem seja uma das virtudes mais nobres desta esfera inferior; e embora pouco mais precípua no campo de batalha, para livrar o herói combatente da desgraça, do que no comércio privado do mundo, para atalhar aquela pequenez de alma que leva, a passos imperceptíveis, a todo o caminho basal das paixões inferiores, e por estas a mente muito tímida é traída e atraída para um servilismo depreciativo à dignidade da natureza humana! Ainda assim é uma virtude de não necessidade em uma situação como a minha; uma situação que remove, mesmo da própria covardice, o aguilhão da ignomínia, pois, certamente que a coragem pode facilmente ser dispensada, que preferia suscitar nojo que admiração! De fato, é o

privilégio peculiar de um autor, roubar terror do desprezo, e a pusilanimidade da reprimenda.

Aqui me deixem repousar e arrebatar a mim mesma, enquanto ainda sou capaz, da fascinação do EGOTISMO: um monstro que tem mais devotos que nunca fez homenagem à deidade mais popular da antiguidade; e cuja qualidade singular é, que, enquanto ele entusiasma uma adoração cega e involuntária em quase todos os indivíduos, sua influência é universalmente contestada, seu poder universalmente desprezado e seu secto, até por seus próprios seguidores, jamais mencionado se não com ojeriza.

Ao dirigir-lhe em conjunto, almejo apenas assinalar os sentimentos generosos pelos quais a crítica liberal, para a aniquilação total de inveja, ciúme, e todas as visões egoístas, deve ser caracterizada.

Tenho a honra de ser,
SENHORES,
Sua mais obediente e
Humilde Serva,

PREFÁCIO

Na república das letras, não há membro de tal classificação inferior, ou que seja tão desdenhado por seus confrades de pena, quanto o humilde Romancista; nem é seu destino menos difícil no mundo em geral, porquanto, entre toda a classe dos escritores, talvez nem um possa ser citado, cujos devotos sejam mais numerosos embora menos respeitáveis.

No entanto, enquanto os anais daqueles poucos de nossos predecessores, a quem essa espécie de escrita possui débito por ter sido salva do desprezo, e resgatada da devassidão, podemos rastrear nomes como Rousseau, Johnson[2], Marivaux, Fielding, Richardson, e Smollett, nenhum homem precisa ruborizar por começar do mesmo posto, embora muitos, ou melhor, a maioria dos homens, deve suspirar por se descobrirem distanciados.

As seguintes letras são apresentadas ao Público — para tal, por escritores de romance, leitores de romance serão chamados — com uma mistura muito singular de timidez e confiança, resultante da situação peculiar do editor; que, embora fremindo pelo seu sucesso a partir de uma consciência das suas imperfeições, porém teme não estar envolvido na sua desgraça, enquanto alegremente envolto em um manto de obscuridade impenetrável.

Para extrair personagens da natureza, embora não da vida, e marcar os costumes dos tempos, é o plano pretendido das seguintes letras. Para este propósito, uma jovem mulher, educada no mais recluso recolhimento, faz, à idade de dezessete anos, sua primeira aparição no grande e movimentado estágio da vida; com uma mente virtuosa, uma compreensão lavrada e um coração sentimental, sua ignorância sobre as maneiras, e inexperiência nos costumes do mundo, ocasionam todos os pequenos incidentes que estes volumes registram, e que formam a progressão natural da vida de uma jovem mulher de nascimento obscuro, mas de beleza conspícua, para os primeiros seis meses após sua entrada no mundo.

Talvez, se fosse possível efetuar a total extirpação de romances, nossas jovens damas em geral, e donzelas de internatos em particular, poderiam lucrar com sua aniquilação, mas pois que o desagrado que eles espalharam parece incurável, porquanto seu contágio ocasiona desafio para a medicina de conselho ou repreensão, e posto que são encontrados para abater toda a arte mental do físico, salvar o que é prescrito pelo regime lento do tempo, e a dieta amarga da experiência; certamente todas as tentativas de contribuir para o número daqueles que podem ser lidos, se não com vantagem, pelo menos sem lesão, devem antes ser encorajados que desprezados.

Permitam, portanto, preparar-me para a decepção daqueles que, na leitura atentiva dessas folhas, entreter a gentil expectativa de serem transportados para as regiões fantásticas de romance, onde a ficção é colorida por todas as alegres matizes de luxuosa imaginação, onde a razão é um proscrito e onde a sublimidade do maravilhoso rejeita qualquer auxílio da sóbria probabilidade. A heroína destas memórias, jovem, ingênua, e inexperiente, não é

Nenhum monstro impecável que o mundo nunca viu;

mas a prole da Natureza, e da Natureza em seu traje mais simples.

Em todas as Artes, o valor das cópias só pode ser proporcional à escassez de originais: entre escultores e pintores, uma grácil estátua, ou uma bela imagem, de algum grande mestre, pode merecidamente empregar os talentos imitativos de jovens e inferiores artistas, que sua apropriação para um ponto pode não impedir totalmente a expansão mais geral de sua excelência; mas, entre autores, o reverso é o caso, porquanto as produções mais nobres da literatura são quase igualmente atingíveis com a plebe.

Nos livros, portanto, a imitação não pode ser evitada demasiado diligentemente; pois a própria perfeição de um modelo que é frequentemente visto, serve senão mais vigorosamente para marcar a inferioridade de uma cópia.

Para evitar o que é comum, sem adotar o que é antinatural, deve limitar a ambição do rebanho vulgar de autores: embora zelosa, portanto, minha veneração dos grandes escritores que mencionei, contudo eu possa me sentir iluminada pelo conhecimento de Johnson,

encantada com a eloquência de Rousseau, amolecida pelos poderes patéticos de Richardson, e empolgada pela sagacidade de Fielding e humor de Smollett, eu ainda presumo não tentar perseguir o mesmo chão que eles seguiram; donde, embora eles possam ter removido as ervas daninhas, também sacrificaram as flores; e, apesar de terem deixado o caminho plano, deixaram-no estéril.

Da candura dos meus leitores não tenho a impertinência de duvidar, e à sua indulgência sou sensível a não ter nenhuma reivindicação; tenho, portanto, apenas rogar, que minhas próprias palavras não possam pronunciar minha condenação, e que o que tenho aqui aventurado a dizer em relação à imitação, possa ser entendido como intencionado, de modo geral, e não possa ser imputada a um parecer sobre minha própria originalidade, que eu não tenho a vaidade, a tolice ou a cegueira para entreter.

Qualquer que seja o destino dessas cartas, o editor está contento que vão encontrar justiça; e comprometê-las à imprensa, embora sem esperança de fama, não por isso independente de censura.

VOLUME I

CARTA I

LADY HOWARD AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, Kent.

Pode qualquer coisa, meu bom Senhor, ser mais dolorosa para uma mente amistosa, que uma necessidade de comunicar informação desagradável? Certamente é por vezes difícil determinar, se o relator ou o receptor de más novas é mais digno de pena.

Acabo de receber uma carta de Madame Duval; ela está totalmente alheia quanto a que maneira comportar-se; ela parece desejosa de reparar os males que fez, entretanto, deseja que o mundo a acredite inculpada. Ela de bom grado poria em cima de outro o ódio desses infortúnios pelos quais apenas ela é responsável. Sua carta é violenta, por vezes abusiva para com o senhor! — o senhor para com quem ela tem obrigações que são maiores até que seus defeitos, mas a cujo conselho ela maliciosamente imputa todos os sofrimentos de sua muito ferida filha, a falecida Lady Belmont. O principal teor de seu escrito lhe será familiarizado; a carta em si não é digna de sua atenção.

Ela me diz que tem, por muitos anos, nutrido contínua expectativa de fazer uma jornada para a Inglaterra, o que a impediu que escrevesse para obter informações sobre este melancólico assunto, dando-lhe esperança de fazer inquéritos pessoais; mas ocorrências familiares têm-na detido ainda na França, país que ela agora não vê prospectos de abandonar. Ela tem, portanto, recentemente usado seu derradeiro esforço para obter um relato fiel de tudo relacionado a sua mal aconselhada filha; dando-lhe o resultado disto alguma razão para apreender, que, em seu leito de morte, ela deixou uma criança órfã para o mundo, ela diz tão graciosamente, que se o senhor, com quem ela entende que a criança está instalada, for obter

provas autênticas de sua relação com ela, o senhor pode enviá-las a Paris, onde ela tomará as providências adequadas.

Esta mulher está, indubitavelmente, por fim, convicta de sua conduta mais antinatural; é evidente, partindo de sua escrita, que ela ainda é tão vulgar e analfabeta como quando seu primeiro marido, Mr. Evelyn, teve a fraqueza de casar-se com ela; nem de modo algum ela pede desculpas por dirigir-se a mim, embora eu tenha estado apenas uma vez em sua companhia.

Sua carta tem suscitado em minha filha Mirvan, um forte desejo de ser informada dos motivos que induziram Madame Duval a abandonar a infortunada Lady Belmont, num momento em que a proteção de uma mãe era peculiarmente necessária à sua paz e sua reputação. A despeito de estar pessoalmente familiarizada com todas as partes envolvidas nesse caso, o assunto sempre parecia de muito delicada natureza para se falar com os envolvidos; não posso, dessarte, satisfazer a Mrs. Mirvan de outra forma que não através de solicitação ao senhor.

Ao dizer que o senhor pode enviar a criança, Madame Duval visa conferir, a quem ela mais deve obrigação. Não aspiro dar-lhe conselhos; o senhor, a cuja proteção generosa esta indefesa órfã está em dívida por toda coisa, é o melhor e único juiz do que ela deveria fazer; mas estou muito preocupada com o problema e o mal-estar que esta indigna mulher pode ocasionar ao senhor.

Minha filha e minha neta juntam-se a mim ao desejar sermos mais gentilmente lembradas à amável garota; e elas rogam-me a lembrá-lo, que a visita anual a Howard Grove, que nos foi anteriormente prometida, tem sido descontinuada por mais de quatro anos.

Eu sou, caro Senhor, com grande respeito,

Sua mais obediente amiga e serva,

M. HOWARD.

CARTA II

MR. VILLARS A LADY HOWARD

Berry Hill, Dorsetshire.

Vossa Senhoria anteviu bem por demais a perplexidade e inquietação que a carta de Madame Duval produziu. No entanto, eu deveria antes ser grato que tenha por tantos anos permanecido sem ser perturbado, que queixar-me de meu presente embaraço; uma vez que isso prova, ao menos, que esta desgraçada mulher está extensamente desperta para o remorso.

A respeito de minha resposta, devo humildemente solicitar que vossa Senhoria escreva para este efeito: "Que eu não, em qualquer conta, ofenderia intencionalmente a Madame Duval; mas que tenho razões ponderosas, até irrespondíveis para deter sua neta neste momento na Inglaterra; o principal dos quais é que era o ardente desejo daquela a cuja vontade ela tem dever implícito. Madame Duval pode estar assegurada, que ela encontra máxima atenção e ternura; que sua educação, embora menos que meus desejos, quase excede as minhas capacidades; e eu me lisonjeio, quando a hora chegar em que ela pagará seu dever para sua avó, Madame Duval, e que esta não vai encontrar razão alguma para estar insatisfeita com o que tem sido feito por ela."

Vossa Senhoria não irá, tenho a certeza, se surpreender com esta resposta. Madame Duval é de nenhuma maneira uma companhia ou tutora adequada para uma jovem mulher: ela é simultaneamente ignorante e sem princípios; indelicada no temperamento e repulsiva em suas maneiras. Eu já há muito sabia que ela convenceu-se de abrigar uma aversão por mim. Mulher infeliz! Só posso considerá-la um objeto de piedade!

Não ouso hesitar ante um pedido de Mrs. Mirvan; ainda, ao concordar com isso, serei, para seu próprio bem, tão conciso quanto me for possível; uma vez que as cruéis transações que precederam o nascimento de minha pupila não podem valer entretenimento algum para uma mente tão humana como a sua.

Vossa Senhoria provavelmente já ouviu falar, que eu tive a honra de acompanhar Mr. Evelyn, o avô de minha jovem incumbência, quando em

suas viagens, na qualidade de tutor. Seu infeliz casamento, imediatamente após seu regresso à Inglaterra, com Madame Duval, então uma serviçal em uma taverna, ao contrário do conselho e rogos de todos os seus amigos, entre os quais eu mesmo era o mais urgente, induziu-o a abandonar a sua terra natal e fixar seu domicílio na França. Para lá ele foi seguido por vergonha e arrependimento; sentimentos que seu coração não fora emoldurado para suportar; pois, a despeito de ele ter sido muito fraco para resistir às seduções da beleza, que a natureza, apesar de avarenta a ela de qualquer outro benefício, teve a mão pródiga e concedeu outrora àquela mulher tamanho encanto físico; mesmo assim, ela sendo uma mulher abaixo dele, vulgar, ele era um homem jovem de excelente caráter, e, inexplicavelmente apaixonado e de conduta ilibada. Apesar de tudo, ele sobreviveu a este mal-julgado casamento por dois anos. Em seu leito de morte, com a mão trêmula, ele me escreveu a seguinte nota:

"Meu amigo, esqueça seu ressentimento, em favor de sua humanidade; um pai, tremendo pelo bem-estar de sua filha, lega-a a seu cuidado. Ó Villars! Ouça! Apiede-se! E alivie-me!"

Houvesse minhas circunstâncias me permitido, deveria ter respondido a essas palavras através de uma viagem imediata a Paris; mas fui obrigado a atuar pela representação de um amigo, que estava no local, e presente à abertura do testamento.

Mr. Evelyn deixou para mim o legado de mil libras e a exclusiva tutela da pessoa de sua filha até seu décimo oitavo ano; rogando a mim, nos termos de maior efeito, que fosse responsável por sua educação até que ela fosse capaz de agir com propriedade por si mesma; mas, a respeito da ventura, ele a deixou totalmente dependente de sua mãe, a cuja ternura ele seriamente a recomendou.

Por conseguinte, embora ele não fosse, a uma mulher asselvajada e iliberal como Mrs. Evelyn, confiar a conduta e a moral de sua filha, ele não obstante pensou adequado assegurar a ela o respeito e dever aos quais, a partir de sua própria filha, certamente lhe cabiam; mas infelizmente, nunca lhe ocorreu que a mãe, por sua parte, poderia falhar em afeto ou justiça.

Miss Evelyn, Madame, do segundo ao décimo oitavo ano de sua vida, foi criada sob meus cuidados, e, exceto quando estava na escola, sob meu teto. Não preciso falar a vossa Senhoria das virtudes daquela

excelente jovem criatura. Ela amou-me como seu pai; nem era Mrs. Villars menos valorizada por ela; enquanto para mim ela se tornou tão querida, que sua perda foi pouco menos penosa que aquela que tenho desde então sofrido pela própria Mrs. Villars.

Naquele período de sua vida nos separamos; sua mãe, então casada com Monsieur Duval, mandou enviá-la para Paris. Quantas vezes me arrependi desde então por não tê-la acompanhado até lá! Protegida e apoiada por mim, a miséria e a desgraça que a esperavam pudessem talvez ter sido evitadas. Mas, para ser breve, Madame Duval, por instigação de seu marido, ardentemente, ou melhor, tiranicamente, esforçou-se para efetivar uma união entre Miss Evelyn e um dos sobrinhos dele. E, quando viu seu poder inadequado à sua tentativa, enfurecida com o não cumprimento, ela a tratou com a indelicadeza mais grosseira e a ameaçou com pobreza e ruína.

Miss Evelyn, a quem ira e violência tinham até então sido estranhas, logo tornou-se exaurida com tal trato; e, precipitadamente, e sem uma testemunha, permitiu um casamento privado com Sir John Belmont, um jovem muito devasso, que havia encontrado com muito sucesso meios de insinuar-se em favor dela. Ele prometeu conduzi-la para a Inglaterra, e o fez. — Ó, Madame, o restante lhe é sabido! Decepcionado com a ventura que o esperava, pelo rancor inexorável dos Duvals, ele infamemente queimou o certificado de seu casamento e negou que eles algum dia houvessem sido unidos.

Ela voou para mim por proteção. Com que misturados arroubos de alegria e angústia eu a vi novamente! Por meu conselho, ela se esforçou para obter provas de seu casamento, mas em vão; sua credulidade não foi páreo para a arte dele.

Todos a acreditavam inocente, pelo teor inculpável de sua incorrupta juventude, e do conhecido libertinismo de seu bárbaro traidor. Ainda assim seus sofrimentos eram muito agudos para seu corpo esguio; e o mesmo momento que trouxe sua filha ao mundo, pôs fim de uma vez às tristezas e à vida da mãe.

A ira de Madame Duval com sua fuga não diminuiu enquanto esta ferida vítima de crueldade ainda tomava fôlego. Ela provavelmente pretendia, com tempo, havê-la perdoado; mas tempo não era permitido. Quando ela foi informada de sua morte, me foi dito, que as agonias do luto

e remorso, com as quais ela fora tomada, ocasionou-lhe um severo ataque de doença. Mas, desde o momento da sua recuperação até a data de sua carta para vossa Senhoria, eu nunca mais ouvira falar que ela manifestasse qualquer desejo de ser familiarizada com as circunstâncias presentes na morte de Lady Belmont e o nascimento de sua indefesa filha.

Essa criança, Madame, não deve nunca, enquanto a vida me for cedida, saber a perda que sofreu. Tenho-a estimado, socorrido e apoiado, de sua mais tenra idade ao seu décimo sexto ano; e tão amplamente ela tem retribuído meu cuidado e afeto, que meu mais amoroso desejo é agora circunscrito pelo desejo de concedê-la a alguém que possa ser sensível a seu valor e, dessa forma, mergulhar para o descanso eterno em seus braços. Assim tem acontecido, que a educação do pai, filha e neta foi delegada a mim. Que infinito sofrimento os dois primeiros me causaram! Se o destino da querida sobrevivente deve ser igualmente adverso, quão desgraçado será o fim dos meus cuidados — o fim dos meus dias!

Ainda houvesse Madame Duval merecido o encargo que ela reivindica, temo que minha fortaleza teria sido desigual a tal separação; mas sendo como ela é, não apenas minha afeição, mas minha humanidade, se acua, com a bárbara ideia de desistir da sagrada confiança depositada em mim. De fato, eu mal poderia dar apoio às suas antigas visitas anuais à respeitável mansão em Howard Grove: perdoe-me, cara Senhora, e não me considere insensível à honra que a condescendência de vossa Senhoria nos confere a ambos; mas tão profunda é a impressão que os infortúnios de sua mãe tem feito em meu coração, que ela não sai, nem por um momento, da minha vista sem emocionantes apreensões e terrores que quase me dominam. Tal, Madame, é minha ternura, e tal minha fraqueza! — Mas, ela é o único laço que tenho sobre a terra, e eu confio à bondade de vossa Senhoria não julgar meus sentimentos com severidade.

Peço licença para apresentar meus humildes respeitos a Mrs e Miss Mirvan; e tenho a honra de ser, Madame, o mais obediente e mais humilde servo de vossa Senhoria,

ARTHUR VILLARS.

CARTA III

LADY HOWARD AO REV. MR. VILLARS
[Escrita alguns meses após a última]

Howard Grove, 8 De Março.

Caro e Rev. Senhor,

Sua última carta me deu infinito prazer: após tão longa e tediosa doença, quão grata a si mesmo e a seus amigos sua regressa saúde deve ser! O senhor tem os desejos vivazes de cada indivíduo deste lugar para delonga e encarecimento dela.

O senhor não pensará que estou tirando proveito de sua reconhecida recuperação, se mais uma vez atrevo-me a mencionar sua pupila e Howard Grove juntos? Ainda assim o senhor deve lembrar-se da paciência com a qual estamos submetidos a seu desejo de não separar-se dela durante o mau estado de sua saúde, embora tenha sido com muita relutância que abstivemo-nos de solicitar a companhia dela. Minha neta em particular, mal tem sido capaz de reprimir sua avidez de novamente encontrar a amiga de sua infância; e de minha parte, é muito forte meu desejo de manifestar a deferência que eu tinha para com a infeliz Lady Belmont, provando-me obsequiosa para com sua filha; o que parece a mim ser o melhor respeito que pode ser prestado à sua memória. Permita-me, portanto, evidenciar para o senhor um plano que Mrs. Mirvan e eu elaboramos, em consequência de sua restauração à saúde.

Eu não iria assustá-lo; mas o senhor acha que poderia suportar separar-se de sua jovem companhia por dois ou três meses? Mrs. Mirvan propõe passar a primavera subsequente em Londres, para onde, pela primeira vez, minha neta irá acompanhá-la. Agora, meu bom amigo, é muito sincero o desejo delas de ampliar e animar sua comitiva com a adição de sua amável pupila, que participaria, em igualdade com sua própria filha, o cuidado e atenção de Mrs. Mirvan. Não se sobressalte com esta proposta; é tempo de ela ver algo do mundo. Quando os jovens são muito rigidamente separados dele, suas imaginações animadas e românticas pintam-no como um paraíso pelo qual são fascinados; mas,

quando lhes é mostrado corretamente, e no devido tempo, eles o veem como realmente é, igualmente compartilhado por dor e prazer, esperança e decepção.

O senhor não tem nada a saber do encontro dela com Sir John Belmont, posto que aquele homem abandonado está agora no exterior, e não é esperado em casa este ano.

Bem, meu bom Senhor, o que diz o senhor sobre nosso esquema? Espero que encontre sua aprovação; mas se não encontrar, esteja certo de que eu nunca poderia objetar a qualquer decisão de alguém que é tão respeitado e estimado como Mr. Villars, de Sua mais fiel, humilde serva,

M. HOWARD.

CARTA IV

MR. VILLARS A LADY HOWARD

Berry Hill, 12 De Março.

Estou aflito, Madame, de parecer obstinado, e ruborizo ao incorrer na imputação de egoísmo. Quanto a deter minha jovem incumbência por todo este tempo comigo no interior, consultei não somente minha própria inclinação. Destinado, em toda probabilidade, a possuir uma fortuna muito moderada, desejei condensar as vistas dela a algo dentro disto. A mente é senão demasiado naturalmente propensa ao prazer, mas muito facilmente rendida à dissipação: tem sido meu estudo protegê-la de seus delírios, preparando-a para esperá-los — e para desprezá-los. Mas, o tempo baseia-se em experiência e observação para tomar o lugar de instrução: se eu tiver em alguma medida, tornado-a capaz de usar o primeiro com discrição, e fazer o segundo com melhora, hei de alegrar-me com a certeza de ter largamente contribuído para seu bem-estar. Ela está agora numa época em que a felicidade está ansiosa para comparecer, deixe então que se divirta! Eu a comprometo à proteção de vossa Senhoria, e só espero que ela possa ser considerada digna da metade da bondade com a qual estou certo de que ela vá encontrar em sua hospitaleira mansão.

Até agora, Madame, alegremente me submeto a seu desejo. Em confiar minha protegida aos cuidados de Lady Howard, não sinto qualquer inquietação por sua ausência, mas o que surgirá da perda de sua companhia, posto que estarei tão convencido de sua segurança quanto se ela estivesse sob meu próprio teto. — Mas, pode vossa Senhoria falar a sério quando propõe apresentá-la às alegrias de uma vida em Londres? Permita-me perguntar, para que fim, ou com que propósito? Uma mente juvenil raramente é totalmente livre de ambição; coibir isso, é o primeiro passo para contentamento, visto que diminuir a expectativa é aumentar o prazer. Percebo nada mais que o muito elevar de suas esperanças e seus cenários, que a natural vivacidade de sua disposição tornaria demasiado fácil de efetivar. Os conhecidos da cidade de Mrs. Mirvan estão todos no círculo da alta vida; esta jovem ingênua criatura, com beleza demais para

deixar de ser notada, tem muita sensibilidade para ser indiferente a isso; mas ela tem muito pouca riqueza para ser procurada com decoro por homens do mundo elegante.

Considere, Madame, a peculiar crueldade de sua situação. Única filha de um rico Baronete, cuja pessoa ela nunca viu, cuja personagem ela tem motivos para abominar, e cujo nome foi proibida de reivindicar; direito que dela é de herdar legalmente sua fortuna e propriedades, há alguma probabilidade de que ele vá tê-la adequadamente? E enquanto ele continua a perseverar na negação de seu casamento com Miss Evelyn, ela não deve nunca, em detrimento da honra de sua mãe, receber uma parte de seu direito como doação da generosidade dele.

E quanto à propriedade de Mr. Evelyn, não tenho nenhuma dúvida de que Madame Duval e seus parentes irão dispor dela entre si.

Parece, portanto, que esta desertada criança, embora legalmente herdeira de duas largas fortunas, é obrigada a dever todas as suas expectativas racionais à adoção e amizade. Ainda assim sua renda será tal como pode fazê-la feliz, se ela está disposta a sê-lo na vida privada; embora, não irá, de modo algum permitir que ela desfrute do luxo como uma fina dama de Londres.

Permita que Miss Mirvan, então, Madame, brilhe em todo o esplendor da alta vida; mas que minha criança sofra para desfrutar dos prazeres do humilde recolhimento, com uma mente a que maiores vistas são desconhecidas.

Espero que esta elaboração seja honrada com sua aprovação; e eu tenho ainda outro motivo que tem algum peso comigo: eu não iria por minha vontade ofender nenhum ser humano; e certamente Madame Duval pode acusar-me de injustiça, se, enquanto eu me recusei a deixar sua neta esperar por ela, eu permito que ela se junte a uma comitiva de férias em Londres.

Ao enviá-la a Howard Grove, nem um destes escrúpulos surge; e, portanto, Mrs. Clinton, uma mulher de tanta valia, formalmente sua ama e agora minha arrumadeira, deve acompanhá-la até lá na semana próxima.

Embora eu tenha sempre chamado-a pelo nome Anville, e reportado nesta vizinhança que seu pai, meu íntimo amigo, a deixou sob minha guarda; ainda considero necessário que ela mesma deva ser familiarizada com as melancólicas circunstâncias que acompanham seu nascimento,

pois, embora eu seja muito desejoso de protegê-la da curiosidade e impertinência, ao ocultar seu nome, família e história, ainda assim eu não deixaria às mãos do destino o poder de chocar sua gentil natureza com um conto de tanto pesar.

A senhora não deve agora, Madame, esperar muito de minha pupila; ela é um tanto quanto rústica e nada sabe sobre o mundo; e, embora sua educação tenha sido a melhor que eu pude fornecer neste lugar isolado, do qual Dorchester, a cidade mais próxima, está a sete milhas distante, ainda assim eu não me surpreenderia se a senhora conseguisse descobrir nela mil deficiências com as quais sequer sonhei. Ela deve estar muito mudada desde a última vez que esteve em Howard Grove. Mas não direi nada sobre ela; deixo-a às próprias observações de vossa Senhoria, as quais rogo fiel relato; e sou, Cara Madame, com grande respeito, Seu obediente e mais humilde Servo,

ARTHUR VILLARS.

CARTA V

MR. VILLARS A LADY HOWARD

18 De Março.

Cara Madame,

Esta carta será entregue à senhora por minha criança — a criança de minha adoção — meu afeto! Não abençoada com um amigo natural, ela tem mérito para ter mil. Envio-a à senhora inocente como um anjo e incorrupta como a própria pureza; e envio à senhora com ela o coração deste seu amigo, a única esperança que ele tem na terra, o sujeito de seus pensamentos mais carinhosos, e o objeto de seus cuidados mais recentes. Ela, apenas ela, é aquela, Madame, pela qual tenho ultimamente querido viver; e ela é quem para servir, eu rapidamente morreria! Restaure-a a mim com toda a inocência com que a recebeu, e a esperança mais feliz de meu coração será amplamente grata.

A. VILLARS.

CARTA VI

LADY HOWARD AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove.

Caro Rev. Senhor,

Asolente maneira em que o senhor comprometeu sua filha a meus cuidados tem, em alguma medida, amortecido o prazer que recebo da confiança, posto que me faz temer que o senhor sofra com seu cumprimento, caso em que eu deverei muito sinceramente me culpar pela seriedade com a qual solicitei este favor. Mas, lembre-se, meu bom senhor, ela está a poucos dias caso seja intimada e, tenha certeza, não irei detê-la por um momento a mais do que o senhor desejar.

O senhor deseja minha opinião sobre ela.

Ela é um pequeno anjo! Não posso me admirar que o senhor procurou monopolizá-la; e nem deveria, ao descobri-lo impossível.

Seu rosto e pessoa correspondem às minhas mais refinadas ideias de completa beleza. E este, apesar de ser um assunto de louvor menos importante ao senhor, ou, para mim que qualquer outro, é, contudo tão impressionante, que não é possível passar despercebido. Houvesse eu não sabido de quem ela recebeu a sua educação, deveria à primeira vista de tão perfeito rosto, ter estado em dores pelo seu entendimento; uma vez que tem sido há muito observado, justamente que a tolice sempre buscou aliança com a beleza.

Ela tem a mesma gentileza em seus modos, as mesmas naturais graças em seus movimentos, que eu antigamente tanto admirava em sua mãe. Sua personagem parece verdadeiramente ingênua e simples; e ao mesmo tempo que a natureza a abençoou com um excelente entendimento e grande rapidez de raciocínio, ela tem um certo ar de inexperiência e inocência que é extremamente interessante.

O senhor não tem razão para lamentar o recolhimento em que ela tem vivido; desde que a polidez, que é adquirida por convívio com a alta vida, está nela tão bem fornecida por um natural desejo de ser prestativa, unido a um comportamento infinitamente envolvente.

Observo, com grande satisfação, um crescente afeto entre esta amável menina e a minha neta, cujo coração é tão livre de egoísmo ou vaidade como o de sua jovem amiga é de todo engano. A consideração delas pode ser mutuamente útil, uma vez que muito é de se esperar da emulação onde nada há a se temer da inveja. Eu gostaria que elas se amassem como irmãs, e reciprocamente suprir o lugar de seu tenro e feliz relacionamento para qual nenhuma delas tem um direito natural.

Esteja satisfeito, meu bom senhor, que sua filha deve encontrar a mesma atenção que a nossa. Todas nós nos juntamos nos desejos mais calorosos por sua saúde e felicidade, e em retribuir nossos sinceros agradecimentos pelo favor que o senhor conferiu a nós.

Eu sou, caro Senhor, Sua serva mais fiel,

M. HOWARD.

CARTA VII

LADY HOWARD AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, 26 De Março.

Não se alarme, meu digno amigo, por eu estar tão rapidamente incomodando o senhor novamente; raramente uso a cerimônia de esperar por respostas ou escrever com qualquer regularidade, e tenho no momento ocasião imediata para implorar por sua paciência.

Mrs. Mirvan acaba de receber uma carta de seu marido há muito ausente, contendo fortunadas notícias de sua esperança de chegar a Londres até o início da próxima semana. Minha filha e o Capitão têm estado separados por quase sete anos, e seria, portanto, desnecessário dizer que alegria, surpresa e, consequentemente, confusão, seu inesperado retorno no presente momento causou em Howard Grove. Mrs. Mirvan, o senhor não pode duvidar, irá imediatamente à cidade de Londres para encontrá-lo; a filha dela está sob mil obrigações para acompanhá-la; lamento que sua mãe não possa.

E agora, meu bom Senhor, eu quase ruborizo ao prosseguir; — mas, diga-me, posso perguntar — se me permite — que sua filha as acompanhe? Não pense que não somos razoáveis, mas considere os muitos incentivos que conspiram para fazer de Londres o lugar mais feliz no presente momento em que ela pode estar. A alegre ocasião da viagem; a alegria de toda a comitiva, em oposição à monótona vida que ela deve levar, se deixada aqui com uma velha solitária como única companheira, enquanto ela tão bem conhece o contentamento e felicidade desfrutados pelo resto da família — são circunstâncias que parecem merecer sua consideração. Mrs. Mirvan deseja que eu o garanta que uma semana é tudo o que ela pede, enquanto está certa de que o Capitão, que odeia Londres, estará ansioso para revisitar Howard Grove; e Maria é tão sincera em desejar ter a companhia de sua amiga, que, se o senhor for inexorável ela será privada de metade do prazer que ela de outro modo espera receber.

No entanto, não irei, meu bom senhor, induzi-lo a crer em uma opinião de que eles pretendam viver de maneira recolhida, já que isso não

podem ser razoavelmente esperado. Mas o senhor não tem razão para estar apreensivo quanto a Madame Duval; ela não tem qualquer correspondente na Inglaterra e não obtém qualquer informação que não por relato comum. Ela deve ser estranha ao nome que leva sua filha; e, mesmo que ela ouça sobre esta excursão, tão pouco tempo como uma semana ou menos passado na cidade em ocasião tão especial, embora anterior ao seu encontro, não pode ser interpretada como desrespeito a ela mesma.

Mrs. Mirvan deseja que eu lhe assegure que, se o senhor for permiti-la, suas duas filhas devem dividir igualmente seu tempo e sua atenção. Ela enviou uma comissão a um amigo na cidade para conseguir uma casa para ela; e enquanto ela espera por uma resposta sobre este assunto, hei de esperar por uma sua para nossa petição. No entanto, sua filha está a escrever ela mesma; e que, não tenho dúvida, irá mais que aproveitar tudo o que nos for possível desejar.

Minha filha deseja seus melhores cumprimentos ao senhor se, ela diz, o senhor conceder seu pedido, e nada mais.

Adieu, meu caro senhor, todos nós esperamos o todo de sua bondade.

M. HOWARD.

CARTA VIII

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, 26 De Março.

Esta casa parece ser a casa da alegria; todo rosto carrega um sorriso e uma risada está a serviço de todos. É bastante divertido andar e ver a confusão geral; um cômodo que leva ao jardim é apropriado para o gabinete do Capitão Mirvan. Lady Howard não fica por um momento no mesmo lugar; Miss Mirvan está fazendo coifas; todos estão tão ocupados! Tanta correria de cômodo a cômodo! Tantas ordens dadas, retratadas e dadas novamente! Nada além de pressa e perturbação.

Mas, bem, meu caro Senhor, estou desejosa de lhe fazer um pedido. Espero que o senhor não me considere excedida; Lady Howard insiste que eu escreva! Ainda assim quase não sei como prosseguir; uma petição implica um querer e o senhor me deixou um? Não, de fato.

Estou meio envergonhada comigo mesma por iniciar esta carta. Mas estas queridas moças são tão prementes — não posso, por minha vida, resistir a desejar os prazeres que elas me oferecem —, desde que o senhor não os desaprove.

Elas estão planejando uma estadia muito curta na cidade. O Capitão irá encontrá-las em um dia ou dois. Mrs. Mirvan e sua doce filha irão ambas; que comitiva feliz! Ainda assim, não estou muito ansiosa para acompanhá-las: pelo menos estarei contente em permanecer onde estou, se o senhor assim desejar.

Assegurada, meu mais caro Senhor, de sua bondade, sua generosidade e sua indulgente gentileza, devo eu formar um desejo que não tenha sua sanção? Decida por mim, portanto, sem a mínima apreensão de que ficarei desconfortável ou descontente. Enquanto estou ainda em suspense, talvez possa ter esperança; mas estou muito certa de que uma vez que o senhor houver determinado não hei de lamentar.

Eles dizem que Londres está agora em pleno esplendor. Dois teatros estão abertos: a Opera-house — Ranelagh — e o Pantheon. Perceba que aprendi todos os nomes. No entanto, rogo não suponha que faço qualquer

questão de ir, pois eu dificilmente virei a suspirar, vê-los partir sem mim, embora eu provavelmente nunca mais encontre tal oportunidade novamente. E, de fato, sua felicidade doméstica será tão grande, é natural querer participar dela.

Creio que estou enfeitiçada! Fiz uma resolução, quando comecei, que eu não seria urgente; mas minha caneta — ou melhor, meus pensamentos não me forçarão a me conter — porque reconheço, devo reconhecer, não posso evitar desejar sua permissão.

Quase já me arrependo que tenha feito esta confissão; rogo que o senhor esqueça o que tenha lido, se esta viagem é desagradável para o senhor. Mas, não irei escrever mais; pois quanto mais penso neste assunto, menos indiferente a ele me encontro.

Adieu, meu mais honrado, mais reverenciado, mais amado pai! Posto que por qual outro nome posso eu chamá-lo? Não tenho felicidade ou tristeza, nem esperança ou medo, mas o que sua bondade concede ou o que seu descontentamento pode causar. O senhor não irá, tenho certeza, enviar uma recusa sem razões irrespondíveis, e, portanto, devo alegremente consentir. Ainda assim espero — espero que o senhor seja capaz de permitir que eu vá!

Sou, com a maior afeição, gratidão e dever, sua

EVELINA. —

Não posso assinar ANVILLE ao senhor, e qual outro nome posso reclamar?

CARTA IX

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 28 De Março.

Resistir à urgência da súplica é um poder que ainda não adquiri. Não viso uma autoridade que a prive da liberdade, ainda assim de bom grado eu guiar-me-ia por uma prudência que deve me salvar das aflições do arrependimento. Sua impaciência para voar para um lugar que sua imaginação pintou-lhe em cores tão atraentes, não me surpreende; só tenho a esperar, que a vivacidade de sua fantasia não lhe engane: recusar, seria elevá-la ainda mais alto. Ver minha Evelina feliz é me ver sem um desejo. Vá então, minha criança; e que o Paraíso, que por si só pode dirigir, preservar e fortalecer você! Para isso, meu amor, irei diariamente oferecer orações para sua felicidade. Ó que ele lhe guarde, vele por você, defenda-a do perigo, salve-a da angústia e mantenha a perversão tão distante de sua pessoa quanto de seu coração! E para mim, que conceda, a bênção última de fechar esses envelhecidos olhos nos braços de alguém tão querida — tão merecidamente amada!

ARTHUR VILLARS.

CARTA X

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Queen Ann Street, Londres, Sábado, 2 De Abril.

Este momento chegou. Quase indo ao Drury Lane Theatre. O celebrado Mr. Garrick apresenta Ranger. Estou bastante extasiada e Miss Mirvan também está. Que feliz que ele esteja tocando! Nós duas não deixamos Mrs. Mirvan descansar até que ela nos permitisse ir. Sua objeção principal era sobre nosso vestido, visto que não tivemos tempo para nos Londrinizar; mas nós a apoquentamos até que ela concordasse, e por isso estamos prestes a nos sentarmos em algum lugar obscuro para que ela não seja vista. Quanto a mim, devo ser desconhecida tanto na parte mais conspícua quanto na mais privada da casa.

Não posso escrever mais. Mal tenho tempo para respirar — apenas isto, as casas e ruas não são tão soberbas quanto eu esperava. Contudo, não vi nada ainda, então não devo julgar.

Bem; *adieu*, meu mais caro Senhor, por enquanto; eu não poderia evitar escrever algumas palavras no instante de minha chegada, embora suponha que minha carta de agradecimento por seu consentimento esteja ainda na estrada. Sábado à noite.

Ó, meu caro Senhor, em que êxtases estou a voltar? Bem pode Mr. Garrick ser tão celebrado, tão universalmente admirado, eu não tinha a menor ideia de tão grande artista.

Tal facilidade! Tal vivacidade em seus modos! Tanta graça em seus movimentos! Tanto fogo e sentido em seus olhos! Eu mal podia acreditar que ele estudara um papel escrito, posto que cada palavra parecia ser proferida no impulso do momento.

Sua ação — ao mesmo tempo tão graciosa e tão livre! —, sua voz — tão clara, tão melodiosa e ainda tão maravilhosamente diferente em seus tons! — Tanta animação! Cada olhar fala!

Eu teria dado o mundo para ter a peça toda atuada novamente. E quando ele dançou — Ó, como invejei Clarinda! Quase desejei ter saltado no palco e juntado-me a eles.

Temo que o Senhor me pense louca, então não direi mais nada; ainda assim, realmente acredito que Mr. Garrick também o faria louco se o senhor pudesse vê-lo. Tenho a intenção de pedir a Mrs. Mirvan para ir à peça todas as noites enquanto ficarmos na cidade. Ela é extremamente gentil comigo; e Maria, sua encantadora filha, é a garota mais doce do mundo.

Devo escrever para o senhor todas as noites sobre tudo o que se passa durante o dia, pois será da mesma forma como se o senhor pudesse ver. Devo dizer que hoje é Domingo.

Esta manhã fomos à capela de Portland; e depois entramos na alameda do Parque de St. James, que de modo algum correspondeu às minhas expectativas: é uma longa caminhada em linha reta de cascalho sujo, muito desconfortável para os pés; e a cada final, em vez de uma perspectiva aberta, nada há para ser visto além de casas feitas de tijolos. Quando Mrs. Mirvan apontou o Palácio para mim — acho que nunca fui muito mais surpreendida.

No entanto, a caminhada foi muito amena para nós; todos aparentavam alegria e pareciam satisfeitos; as senhoras estavam tão vestidas, que Miss Mirvan e eu não podíamos fazer nada além de olhar para elas. Mrs. Mirvan encontrou vários de seus amigos, não é de admirar, posto que nunca vi tantas pessoas reunidas antes. Olhei em volta para procurar alguém conhecido, mas em vão; posto que não vi uma pessoa que conhecesse, o que é muito estranho, visto que todo o mundo parecia estar ali.

Mrs. Mirvan diz que não devemos andar no Parque novamente no próximo Domingo, mesmo que estejamos na cidade, porque há melhor companhia em Kensington Gardens; mas realmente se o senhor tivesse visto o quanto todos estavam bem vestidos, o senhor não pensaria que fosse possível. Segunda-feira.

Iremos esta noite a um baile privado oferecido por Mrs. Stanley, uma senhora muito elegante conhecida de Mrs. Mirvan.

Saímos para as compras, como Mrs. Mirvan chamou, tudo isso esta manhã, para comprar sedas, coifas, telas e assim por diante.

As lojas são realmente muito divertidas, especialmente as de tecidos finos; parece haver seis ou sete homens pertencentes a cada loja; e cada um cuidou de se curvar e sorrir para serem notados. Fomos conduzidas de

um a outro e levadas de sala em sala com tanta cerimônia que eu estava quase com medo de continuar.

Pensei que nunca seria capaz de escolher uma seda, pois eles produziam tantas que eu não sabia em qual me concentrar; e eles recomendaram-nas todas tão fortemente que imaginei que eles achavam que eu só queria se persuadida a comprar cada coisa que me mostrassem. E, de fato, eles tiveram tanto trabalho que eu estava quase envergonhada por não poder.

Nos modistas, as senhoras que conhecemos estavam tão bem vestidas que eu deveria ter imaginado que elas estavam fazendo visitas em vez de compras. Mas, o que mais me entreteve foi, que fomos mais frequentemente atendidas por homens que por mulheres, e que homens! Tão meticulosos, tão afetados! Eles pareciam entender cada parte do vestido de uma mulher melhor do que nós mesmas e recomendavam coifas e bandas com um ar de tanta importância que eu queria ter-lhes perguntado há quanto tempo eles haviam parado de usá-las.

A rapidez com que eles trabalham nessas grandes lojas é incrível, posto que me prometeram um traje de linho completo até a noite.

Acabei de ter meu cabelo arrumado. O senhor não pode pensar como sinto minha cabeça estranha, cheia de pó e pinos pretos e uma grande almofada em cima dela. Creio que o senhor dificilmente me reconheceria, posto que meu rosto parece muito diferente do que era antes de meu cabelo ser arrumado. Quando serei capaz de fazer uso de um pente por mim mesma não sei dizer, porque meu cabelo está tão emaranhado, frisado eles chamam, que temo que será muito difícil.

Estou com um pouco de medo deste baile de hoje à noite, posto que, o senhor sabe, nunca dancei senão na escola. No entanto, Miss Mirvan diz que não há nada demais. Ainda assim, eu gostaria que acabasse logo.

Adieu, meu caro senhor, rogo que desculpe as coisas desgraçadas que escrevo; talvez eu possa melhorar por estar nesta cidade e então minhas cartas serão menos indignas de sua leitura.

Enquanto isso, sou,

Sua obediente e carinhosa, embora impolida,

EVELINA.

Pobre Miss Mirvan não pode usar uma das coifas que fez, porque arrumaram seu cabelo grande demais para elas.

CARTA XI

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Queen Ann Street, 5 De Abril, Terça-Feira De Manhã.

Tenho muito a dizer e hei de dar toda a manhã à minha caneta. Quanto a meu plano de escrever todas as noites as aventuras do dia, descubro ser impraticável; posto que as diversões aqui terminam tão tarde que, se eu começar minhas cartas após elas, não poderia ir para a cama de modo algum.

Passamos a noite mais extraordinária. Um baile privado este foi chamado, então eu esperava ter visto cerca de quatro ou cinco casais; mas Deus! Meu caro senhor, creio ter visto metade do mundo! Dois salões muito grandes estavam cheios de comitivas; em uma havia mesas de cartas para as senhoras idosas e na outra os dançarinos. Minha mama Mirvan, posto que ela sempre me chama de sua filha, disse que sentar-se-ia com Maria e eu até que nos conseguissem parceiros e depois juntar-se-ia às jogadoras de cartas.

Os cavalheiros, enquanto passavam e repassavam, olhavam como se pensassem que estávamos à disposição deles, e apenas esperando a honra de seus comandos; e eles deambulavam pelo lugar, de forma negligente, indolente, como se com vista a nos manter em suspense. Não falo isso a respeito de Miss Mirvan e de mim apenas, mas às damas em geral. Achei aquilo tão provocante, que determinei em minha própria mente que, longe de entregar-me a esses ares, prefiro antes não dançar de modo algum, que com qualquer um que poderia me considerar pronta para aceitar o primeiro parceiro que condescendentemente me tirasse.

Não muito depois, um homem jovem, que há algum tempo olhava para nós com um tipo de impertinência negligente, avançou pé ante pé em minha direção; ele tinha um sorriso formado em seu rosto e sua vestimenta era tão efeminada, que eu realmente acreditei que ele até desejasse ser olhado; e ainda assim ele era muito feio.

Curvando-se quase ao chão com uma espécie de balanço, e acenando com a mão, com a maior vaidade, após uma pausa curta e boba, ele disse:

“Madame — devo presumir?” E parou, oferecendo-se para tomar minha mão. Eu a recolhi, mas mal pude reprimir o riso. “Permita-me, Madame”, continuou ele, afetadamente se interrompendo a cada meio momento, “a honra e a felicidade — se não sou tão infeliz por tê-la abordado tarde demais — a ter a felicidade e a honra —”

Novamente ele teria tomado minha mão; mas, curvando minha cabeça, roguei para ser dispensada e me virei para Miss Mirvan para esconder o riso. Ele então quis saber se eu já havia me comprometido a um homem mais afortunado.[3] Eu disse que não e que eu acreditava que não deveria dançar de modo algum. Ele manter-se-ia, disse, descompromissado com esperanças de que eu pudesse ceder; e então, proferindo alguns discursos ridículos de tristeza e desapontamento, embora seu rosto ainda mostrasse o mesmo sorriso invariável, ele se retirou.

Assim aconteceu, como já relembramos, que durante este pequeno diálogo Mrs. Mirvan estava conversando com a dona da casa. E pouco depois, outro cavalheiro, que parecia ter cerca de vinte e seis anos, alegremente, mas não afeminadamente vestido, e de fato, extremamente bonito, com um ar misto de polidez e galhardia, desejava saber se eu estava compromissada ou o honraria com minha mão. E isto ele teve o prazer de dizer, embora eu tenha certeza que não sei que honra ele poderia receber de mim; mas estes tipos de expressões, vejo eu, são usadas como palavras de curso, sem qualquer distinção de pessoas, ou de estudo de propriedade.

Bem, me curvei e tenho certeza de que corei, posto que, de fato, eu estava assustada com o pensamento de dançar ante tantas pessoas, todas estranhas, e, o que era pior, com um estranho. No entanto, isso era inevitável, posto que, embora eu olhasse ao redor do salão várias vezes, não conseguia ver uma pessoa que conhecesse. E assim ele tomou minha mão e me conduziu a entrar na dança.

Os minuetos[4] terminaram antes que chegássemos, posto que fomos atrasadas pelos modistas que nos fizeram esperar por nossas coisas.

Ele parecia muito desejoso de engajar em conversação comigo, mas fui tomada por tal pânico que mal podia falar uma palavra, e nada além de vergonha por tão logo haver mudado de opinião impediu meu retorno a meu assento, e, me recusei a dançar de todo modo.

Ele parecia surpreso com meu terror, que acredito ter sido demasiado aparente. Contudo, ele nada perguntou, embora eu tema que ele tenha achado muito estranho, posto que não escolhi contar para ele que foi devido a nunca ter dançado senão com outra colegial.

Sua conversa foi sensível e espirituosa; seu ar e abordagem foram abertos e nobres; seus modos gentis, atenciosos e infinitamente envolventes; sua pessoa é toda elegância e seu semblante o mais animado e expressivo que já vi.

Em pouco tempo Miss Mirvan se juntou a nós e o casal ficou ao nosso lado. Mas como fui surpreendida quando ela sussurrou para mim que ele era um nobre! Isto me trouxe um novo alarme, pois como sentir-se-á provocado, pensei eu, quando descobrir que pessoa rústica e simples ele honrou com sua escolha! Alguém cuja ignorância sobre o mundo a faz perpetuamente temer fazer algo errado!

Que ele deva ser tão superior a mim em todas as maneiras, me desconcertou bastante; e o senhor há de supor que meus ânimos não foram muito elevados quando ouvi uma dama, ao passar por nós, dizer, “Esta é a dança mais difícil que já vi.”

“Homessa, então” choramingou Maria para seu parceiro, “com sua deixa, sentar-me-ei até a próxima.”

“Também irei, então,” choraminguei, “posto que estou certa de que mal consigo ficar em pé.”

“Mas você deve falar com seu parceiro primeiro,” respondeu ela; posto que ele havia se virado para conversar com alguns cavalheiros. Contudo, eu não dispunha de coragem suficiente para abordá-lo; e assim nós três saímos e nos sentamos em outra ponta do salão.

Mas, infelizmente para mim, Miss Mirvan logo se fez convencer da tentativa de dançar; e assim que ela se levantou para ir, disse, “Minha querida, lá está seu parceiro, Lord Orville, andando pelo salão à sua procura.”

“Não me deixe então, cara garota!” disse eu; mas ela era obrigada a ir. E agora eu estava mais desconfortável que nunca; eu teria dado o mundo para ter visto Mrs. Mirvan e implorado a ela que pedisse minhas desculpas, posto que o que, pensei eu, poderia dizer a ele para me desculpar por fugir? Ele deve concluir que sou tola, ou quase louca; posto

que qualquer pessoa criada no grande mundo, e acostumada aos seus modos, não poderia ter ideia de tais tipos de medo como são os meus.

Minha confusão aumentou quando observei que ele estava em todo lugar me procurando com aparente perplexidade e surpresa. Mas quando, finalmente, o vi movendo-se rumo ao lugar onde eu me sentava, eu estava pronta para afundar em minha cadeira com vergonha e aflição. Vi que era absolutamente impossível manter-me sentada ali, porque eu não conseguia pensar em uma palavra para lhe dizer por mim mesma; e então levantei e andei afobadamente rumo ao salão de cartas, havendo resolvido ficar com Mrs. Mirvan pelo resto da noite e não dançar de modo algum. Mas antes que eu pudesse encontrá-la, Lord Orville me viu e se aproximou de mim.

Ele implorou para saber se eu não estava bem. O senhor pode facilmente imaginar como eu estava envergonhada. Não elaborei resposta, mas abaixei minha cabeça como uma tola e olhei para meu leque.

Ele então, com um ar mais respeitosamente sério, perguntou se havia sido tão infeliz a ponto de me ofender.

"Não, de fato!" bradei; e, com esperanças de mudar o discurso e evitar mais questionamentos dele, desejei saber se ele havia visto a jovem dama que havia estado conversando comigo.

"Não, mas eu a honraria com alguma ordem sua para com ela?", ele perguntou.

"Ó, de modo algum!"

Havia alguma outra pessoa com quem eu quisesse falar?

Eu disse não, antes que soubesse que já havia respondido.

Poderia ele ter o prazer de me trazer algum refresco?"

Curvei-me consentindo, quase involuntariamente. E avante ele voou.

Eu estava bastante envergonhada de ser tão trabalhosa, e tão acima de mim mesma quanto esses ares me fizeram parecer; mas de fato eu estava muito confusa para pensar ou agir com qualquer consistência.

Se ele não houvesse sido veloz como raio, não sei se teria fugido novamente ou não, mas ele voltou em um instante. Quando eu havia tomado um copo de limonada, ele disse que esperava que eu novamente o honrasse com minha mão, já que uma nova dança acabara de começar. Eu não tinha a presença de espírito para dizer palavra, e então o deixei mais uma vez conduzir-me ao lugar de onde eu tinha partido.

Chocada ao descobrir quão boba, quão infantil havia sido o papel que eu havia feito, meus medos anteriores de dançar ante tal companhia, e com tal parceiro, retornaram mais fortemente que nunca. Suponho que ele tenha percebido meu desconforto, posto que ele suplicou que sentasse novamente se dançar fosse desagradável para mim. Mas eu estava bastante satisfeita com a tolice que já mostrara; e, portanto, declinei sua oferta, embora estivesse quase incapaz de manter-me de pé.

Sob tais conscientes desvantagens, o senhor pode facilmente imaginar, meu caro Senhor, quão mal fui absolvida. Mas, embora eu tanto esperasse quanto merecesse descobri-lo muito mortificado e desagradado com seu infortúnio na escolha que havia feito; ainda assim, para meu muito grande alívio, ele aparentava estar até contente, e muito me assistiu e encorajou. Estas pessoas da alta vida têm muita presença de espírito, creio eu, para parecerem desconcertadas, ou com mau humor, não importando como se sintam, posto que houvesse eu sido a pessoa de mais consequência na sala, eu não poderia ter encontrado mais atenção e respeito.

Quando a dança acabou, vendo-me ainda muito agitada, ele me conduziu a um assento, dizendo que não me forçaria a fatigar por exercício de polidez.

E então, se minha capacidade, ou mesmo, se meus ânimos estivessem melhores, em que animada conversa eu poderia haver engajado! Foi quando vi que a posição de Lord Orville era sua menor recomendação, seu entendimento e seus modos sendo muito mais distintos. Suas observações sobre a companhia em geral eram tão aptas, tão justas, tão vivazes, eu mesma estou quase surpresa que não tenham me reanimado; mas, de fato, eu estava muito bem convencida do papel ridículo que eu havia desempenhado ante tão bom observador, para ser capaz de desfrutar de sua jovialidade. Tanta autocompaixão deu-me sentimento por outros. Ainda assim eu não dispunha de coragem para tentar defendê-los ou recobrar minhas forças, mas o ouvi em silencioso embaraço.

Quando ele percebeu isso, mudou de assunto e falou de lugares públicos, e de artistas públicos; mas ele logo descobriu que eu era totalmente ignorante a respeito deles.

Ele então, muito ingenuamente, mudou o discurso para as atrações e ocupações do interior.

Só agora me ocorreu que ele estava resoluto ao tentar me perceber capaz ou não de falar sobre qualquer assunto. Isto colocou uma coibição tão grande em meus pensamentos, que fui incapaz de proferir mais que um monossílabo, e não muito mais que isso, sempre que eu podia evitá-lo.

Estávamos sentados desta maneira, ele conversando com toda alegria, eu olhando para baixo com toda tolice, quando aquele janota que havia me convidado primeiro para dançar, se aproximou com a mais ridícula solenidade, e, depois de uma profunda reverência ou duas, disse: "Humildemente peço perdão, Madame — e ao senhor também, meu Lord — por interromper tão agradável conversa — que deve, indubitavelmente, ser mais deleitável que — o que tenho a honra de oferecer, mas —"

Eu o interrompi — ruborizo por minha tolice —, com riso; ainda assim não pude evitar; posto que, adicionada à imponente presunção (e ele, realmente, fungava a cada três palavras), quando olhei para Lord Orville, vi tão extrema surpresa em seu rosto, a causa deste parecia tão absurda, que eu não podia por minha vida preservar a minha seriedade.

Eu não rira antes de ter deixado Miss Mirvan e teria sido melhor que eu chorasse então; Lord Orville realmente me encarou; o belo, eu não sei seu nome, parecia bastante enraivecido. "Contenha-se, Madame," disse ele, com ares de importância, "em poucos momentos contenha-se! — Tenho senão uma sentença com a qual devo importuná-la. — Posso saber a que acidente devo atribuir não ter tido a honra de sua mão?"

"Acidente, Senhor!" repeti, muito atônita.

"Sim, acidente, Madame, posto que — certamente — devo tomar a liberdade para observar — perdoe, Madame — não deve ser comum, pois, o que deveria tentar uma dama — e uma tão jovem — a ser culpada de maus modos."

Uma confusa ideia, agora pela primeira vez, adentrou minha cabeça de algo que eu ouvira sobre as regras de uma reunião; mas eu nunca estivera em uma antes — dançara apenas na escola — e tão frívola e imprudente eu era, que eu sequer havia considerado a inconveniência de recusar um parceiro e depois aceitar outro. Fiquei estupefata ao lembrar: mas, enquanto esses pensamentos corriam em minha mente, Lord Orville

com algum zelo, disse: “Esta Lady, Senhor, é incapaz de merecer tal acusação!”

A criatura — posto que estou muito irritada com ele — prestou uma reverência baixa e, com um sorriso mais malicioso que já vi, disse: “Meu Lord, longe de mim acusar a dama, posto que tenho o discernimento de distinguir e preferir as atrações superiores de vossa Senhoria.”

Novamente ele se curvou e foi embora.

Foi algo algum dia mais provocante? Eu estava pronta para morrer de vergonha. “Que janota!” exclamou Lord Orville, enquanto eu, sem saber o que fizera, me levantei apressadamente e, saindo de perto, falei: “Não posso imaginar,” bradei eu, “onde Mrs. Mirvan se escondeu!”

“Dê-me permissão para ver,” respondeu ele. Curvei-me e sentei-me novamente, sem ousar encontrar seus olhos, posto que, o que podia ele estar pensando de mim, entre meu disparate e a suposta preferência?

Ele voltou em um momento e disse-me que Mrs. Mirvan estava no salão de cartas, mas que ficaria feliz em me ver; e eu fui imediatamente. Havia apenas uma cadeira vazia; então, para meu grande alívio, Lord Orville logo nos deixou. Eu então contei meus desastres para Mrs. Mirvan e ela, com bom humor, se culpou por não ter me instruído melhor; mas ela disse que havia tomado por certo que eu soubesse de costumes tão comuns. Contudo, o janota deve, eu penso, estar satisfeito com seu lindo discurso e não mais deverá carregar aborrecimento.

Em pouco tempo Lord Orville voltou. Consenti, com a melhor elegância que pude, ir com ele a outra dança, posto que já tivera tempo para me recompor; e portanto resolvi usar algum empenho, e, se possível, parecer menos tola que já havia sido até então; posto que me ocorreu, que, insignificante como eu era, comparada a um homem de sua posição e imagem; ainda assim, já que ele havia sido tão infortunado a escolher a mim por parceira, eu deveria me empenhar para fazer o meu melhor.

A dança, contudo, foi curta, e ele falou muito pouco. Então não tive oportunidade de pôr minha decisão em prática. Ele ficou satisfeito, suponho, com seus esforços infrutíferos anteriores para me tirar ou, ainda, eu imaginei que ele estivesse investigando quem eu era. Isto novamente me desconcertou e os ânimos que eu estava determinada a mostrar, novamente me falharam. Cansada, envergonhada e humilhada, implorei

que nos sentássemos até voltar para casa, o que fiz logo depois. Lord Orville me fez a honra de me levar até o coche, falando todo o tempo sobre a honra que eu lhe havia feito! Ó essas pessoas elegantes!

Bem, meu caro Senhor, não foi esta uma estranha noite? Não pude evitar ser tão específica, porque, para mim, tudo é tão novo. Mas agora é hora de concluir.

Sou, com todo amor e respeito, sua

EVELINA.

CARTA XII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Terça-Feira, 5 De Abril.

Parece não haver fim para as confusões da noite passada. Neste momento estou entre a persuasão e o riso, colhi de Maria o mais curioso diálogo que já ouvi. O senhor inicialmente ficará assustado com minha vaidade; mas, meu caro Senhor, tenha paciência!

Deve ter se passado enquanto eu estava sentava com Mrs. Mirvan no salão de cartas. Maria estava tomando algum refresco, e viu Lord Orville avançando com o mesmo propósito; mas ele não a conhecia, embora ela tenha imediatamente se lembrado dele. Pouco depois, um homem de aparência muito afetada, caminhando apressadamente em direção a ele gritou: "Ora, meu Lord, o que o senhor fez com sua adorável parceira?"

"Nada!" respondeu Lord Orville com um sorriso e um encolher de ombros.

"Por Júpiter," bradou o homem, "ela é a criatura mais linda que já vi em minha vida!"

Lord Orville, como bem poderia, riu; mas respondeu, "Sim, uma atraente garota de aparência modesta."

"Ó meu Deus!" gritou o louco, "ela é um anjo!"

"Um anjo silencioso," devolveu Lord Orville.

"Mas como, meu Lord, como ela pode ser assim? Ela parece toda inteligência e expressão."

"Uma pobre garota fraca!" respondeu Lord Orville, balançando sua cabeça.

"Por Júpiter," gritou o outro, "fico feliz em saber disso!"

Àquele momento, a mesma odiosa criatura que havia sido meu atormentador anterior, juntou-se a eles. Abordando Lord Orville com muito respeito, ele disse, "Com mil perdões, meu Lord, se fui, como temo ser o caso, severo demais em minha censura da moça que é honrada com

sua proteção, mas, meu Lord, má-criação é capaz de provocar um homem."

"Má-criação!" vociferou meu herói desconhecido, "impossível! Aquele elegante rosto nunca poderia usar tão vil máscara!"

"Ó Senhor, quanto a isso," respondeu ele, "o senhor deve permitir-me julgar; posto que, embora eu renda toda deferência à sua opinião — em outras coisas — ainda assim espero que o senhor permita — e eu apelo a vossa Senhoria também — que eu não seja totalmente mesquinho como um juiz de bons ou maus modos."

"Eu era tão inteiramente ignorante," disse Lord Orville, solenemente, "acerca das provocações que o senhor deva haver tido, que eu não poderia ter estado mais surpreso com sua singular indignação."

"Estava longe de minhas intenções," respondeu ele, "ofender vossa Senhoria; mas, realmente, para uma pessoa que é ninguém, dar a si mesma tais ares — eu mesmo não pude comandar minha cólera. Posto que, meu Lord, embora eu tenha feito um inquérito diligente, não consigo saber quem ela é."

"Pelo que posso compreender," falou meu defensor, "ela deve ser filha de um pastor do interior."

"He! He! He! Muito bom, com honra!" bradou o almofadinha. "Bem, isso eu poderia ter jurado por seus modos."

E então, encantado com sua própria perspicácia, o janota riu e foi embora, como supus, para repetir o que ouvira.

"Mas que diabo é tudo isso?" exigiu saber o outro.

"Ora, um assunto muto tolo," repondeu Lord Orville; "sua Helena primeiro recusou este janota e depois dançou comigo. Isso é tudo que eu consegui compreender disso."

"Ó, Orville," retrucou ele, "o senhor é um homem feliz! Mas, mal-criada? Eu nunca conseguiria acreditar! E ela parece ser muito sensível para ser ignorante."

"Se ignorante ou maliciosa, não fingirei determinar; mas certo está, ela respondeu a tudo que eu poderia dizer a ela, embora eu tenha realmente me cansado com esforços infrutíferos para entretê-la, com a mais imovível seriedade; mas tão logo Lovel começou sua reclamação, ela foi pega por um ataque de riso, primeiro afrontando o pobre namorador e depois deleitando-se em sua vergonha."

“Ha! Ha! Ha! Ora há alguma genialidade nisso, meu Lord, talvez bastante rústica.”

Aqui Maria foi chamada para dançar e então nada mais ouviu.

Agora, me diga, meu caro Senhor, o senhor alguma vez conheceu alguma coisa mais provocante? “Uma pobre garota fraca!” “ignorante ou maliciosa!” Que humilhantes palavras! Estou resoluta, contudo, que nunca mais novamente serei tentada a ir a uma reunião. Eu gostaria de ter estado em Dorsetshire.

Bem, depois disso, o senhor não ficará surpreso em saber que Lord Orville se contentou com uma investigação sobre nossas saúdes esta manhã, através de um criado, sem se incomodar em aparecer, como Miss Mirvan me disse que ele iria; mas talvez possa ser um costume local.

Eu não moraria aqui nem pelo mundo. Não me importo em quão alta estação deixemos a cidade. Londres logo se torna cansativa. Eu queria que o Capitão viesse logo. Mrs. Mirvan fala da ópera para esta noite; contudo, estou muito indiferente sobre isso.

Quarta-Feira De Manhã.

Bem, meu caro Senhor, tenho sido agradada contra minha vontade, eu quase poderia dizer; posto que devo confessar que saí de muito mau humor, cujo motivo penso que o senhor imagine: mas a música e o canto foram encantadores; eles me acalmaram para o prazer mais grato, o mais adequado à minha atual disposição no mundo. Espero persuadir Mrs. Mirvan a ir novamente no Sábado. Queria que tivesse ópera todas as noites. Este é, de todos os entretenimentos, o mais doce e mais agradável. Algumas das canções pareciam derreter minha alma. Era o que eles chamavam de ópera séria, já que o primeiro cantor cômico estava indisposto.

Hoje vamos a Ranelagh. Se algum daqueles três senhores que conversaram tão livremente sobre mim estiverem lá — mas não pensarei nisto.

Quinta-Feira De Manhã.

Bem, meu caro Senhor, fomos a Ranelagh. É um lugar encantador e o esplendor das luzes, à minha primeira entrada, me fez quase pensar que

eu estava em algum castelo encantado ou palácio de fadas, posto que tudo parecia mágica para mim.

A primeiríssima pessoa que vi foi Lord Orville. Senti-me tão confusa! — mas ele não me viu. Após o chá, Mrs. Mirvan estando cansada, Maria e eu andamos pelo salão sozinhas. Então novamente o vimos, de pé próximo à orquestra. Nós, também, paramos para ouvir um cantor. Ele se curvou para mim; eu me curvei de volta e tenho certeza que corei. Nós logo prosseguimos, não gostando de nossa situação; contudo, ele não nos seguiu; e quando passamos pela orquestra novamente, ele já havia ido. Depois, no curso da noite, encontramos com ele várias vezes; mas ele sempre estava em uma comitiva e nunca falava conosco, embora sempre que encontrasse meus olhos, ele se curvasse.

Não posso evitar me sentir machucada com a opinião que ele forma de mim. É verdade que meu próprio comportamento causou isso — ainda assim ele é mesmo o mais agradável, e, aparentemente, o homem mais amável do mundo, e portanto fico aflita de ser mal pensada por ele, posto que, de que estima deveríamos ser ambiciosas, se não daquela que mais mereça nossa própria? Mas é tarde demais para refletir sobre isso agora. Bem, não posso evitar. Contudo, acho que já chega de reuniões.

Esta manhã foi destinada a ver paisagens, leilões, lojas curiosas e assim por diante; mas minha cabeça doeu e eu não estava com humor para ser entretida. Então os fiz ir sem mim, embora com muita relutância. Eles são todos bondade.

E agora sinto por não tê-los acompanhado, posto que não sei o que fazer comigo mesma. Eu havia resolvido não ir à peça hoje à noite, mas creio que irei. Em suma, mal me importo se for ou não.

****

Eu achava que tivesse feito algo errado! Mrs. Mirvan e Maria já viram metade ou mais da cidade, e tão entretidas! — enquanto eu, como uma tola, fiquei em casa a fazer nada. E, no leilão na alameda de Pall, quem elas poderiam encontrar se não Lord Orville! Ele sentou-se perto de Mrs. Mirvan e eles conversaram por muito tempo. Mas ela não me deu relato da conversa.

Posso nunca mais ter oportunidade de ver Londres; e lamento muito que não estive com a comitiva; mas mereço esta humilhação, por haver indulgido meu mau humor.

Quinta-Feira À Noite.

Acabamos de voltar da peça, que era Rei Lear, e me deixou muito triste. Não vimos ninguém que conhecêssemos.

Bem, *adieu*, está muito tarde para escrever mais.

Sexta-Feira.

Capitão Mirvan chegou. Não tenho ânimos para dar relato de sua apresentação, posto que ele realmente me chocou. Eu não gosto dele. Ele parece ser ranzinza, vulgar e desagradável.

Quase no mesmo momento em que Maria foi apresentada a ele, ele deu início a algumas rudes galhofas sobre o mau formato de seu nariz e a chamou de coisa alta malformada. Ela levou isto com o máximo bom humor; mas aquela mulher gentil e de bom temperamento, Mrs. Mirvan, merecia uma sorte melhor. Espanta-me que ela tenha se casado com ele.

De minha parte, tenho estado tão tímida, que praticamente não falei com ele, ou ele comigo. Não consigo imaginar porque a família estava tão alegre com seu retorno. Se ele houvesse passado a vida inteira fora, eu teria suposto que eles seriam mais gratos que infelizes. Contudo, espero que eles não pensem tão mal dele como eu. Pelo menos, estou certa de que eles são prudentes demais para tornar isso público.

Sábado À Noite.

Fomos à ópera e eu estou ainda mais satisfeita que estive na Terça-feira. Eu poderia ter pensado que estava no Paraíso, não fosse a contínua conversação da comitiva a meu redor. Sentamos na cova, onde todos estavam vestidos em tão alto estilo, que se eu estivesse menos encantada com a performance, meus olhos haveriam encontrado entretenimento suficiente só de olhar para as damas.

Fiquei muito feliz por não ter sentado próxima ao Capitão, posto que ele não suportava a música ou os cantores e foi extremamente grosseiro em suas observações sobre ambos. Quando a ópera terminou, entramos em um lugar chamado de salão do café onde as damas, bem como cavalheiros,

se reúnem. Há todo tipo de refrescos e as comitivas ficam andando e conversam com a mesma facilidade e liberdade que em um salão privado.

Na Segunda-feira vamos a um *ridotto*[5], e na Quarta-feira voltaremos a Howard Grove. O Capitão diz que não mais ficará aqui para ser defumado por sujeira; mas, tendo sido por sete anos defumado por um sol ardente, ele retirar-se-á para o interior e se afundará em um clima razoável. *Adieu*, meu caro Senhor.

CARTA XIII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Terça-Feira, 12 De Abril.

Meu caro Senhor,

Voltamos do *ridotto* para casa tão tarde, ou melhor tão cedo que não foi possível lhe escrever. De fato, não saímos — o senhor ficará assustado em saber disso — até depois das onze horas, mas ninguém aqui o faz. Um terrível reverso da ordem da natureza! Dormimos com o sol e acordamos com a lua.

A sala era muito magnífica, as luzes e decorações eram brilhantes e a comitiva alegre e esplêndida. Mas eu deveria ter-lhe dito que fiz muitas objeções a estar na comitiva, de acordo com a resolução que eu havia formado. Contudo, Maria me tirou os escrúpulos aos risos e então, mais uma vez, fui à assembleia.

Miss Mirvan dançou um minueto; mas não tive coragem de seguir seu exemplo. Em nossas andanças vi Lord Orville. Ele estava sozinho, mas não nos viu. Ainda assim, ele parecia não estar com nenhuma comitiva, pensei não ser impossível que ele se juntasse a nós; e embora eu não desejasse muito dançar de modo algum — ainda assim, por estar mais familiarizada com ele do que com qualquer outra pessoa no salão, devo confessar que não podia evitar pensar que seria infinitamente mais desejável dançar novamente com ele do que com um completo estranho. Certamente, depois de tudo o que passara, era muito ridículo supor ser sequer provável que Lord Orville honraria-me novamente com sua escolha; ainda assim estou compelida a confessar minha absurdidade, através da explicação do que segue.

Miss Mirvan logo estava acompanhada; e pouco depois um homem muito elegante de aparência alegre, que parecia ter aproximadamente trinta anos de idade, dirigiu-se a mim e implorou ter a honra de dançar comigo. Agora o parceiro de Maria era um cavalheiro conhecido de Mrs. Mirvan, posto que ela havia nos dito que era altamente impróprio para jovens mulheres dançar com estranhos em qualquer reunião pública. De

fato, não era de modo algum meu desejo fazê-lo; ainda assim eu não gostava de me privar de dançar de todo modo; nem ousaria negar este cavalheiro como eu havia feito com Mr. Lovel, e depois, se algum conhecido se oferecesse, aceitá-lo-ia; e assim, todas estas razões combinadas, induziram-me a dizer-lhe — ainda coro ao escrever ao senhor! — que eu já estava compromissada; pois pretendi manter-me em liberdade para uma dança, ou não, à medida que os assuntos se desenrolassem.

Suponho que minha consciência traiu meu artifício, posto que ele olhou para mim como que incrédulo; e, em vez de estar satisfeito com minha resposta e me deixar, de acordo com minhas expectativas, ele andou a meu lado, e, com a maior tranquilidade imaginável, começou uma conversa em estilo livre como acontece apenas aos velhos e íntimos conhecidos. Mas o que foi mais provocante, ele me fez mil perguntas concernentes ao parceiro com quem eu estava compromissada. E, ao final ele disse: "É realmente possível que um homem que você tenha honrado com sua aceitação possa falhar em estar a postos para se beneficiar com sua bondade?"

Senti-me extremamente tola e implorei Mrs. Mirvan que me levasse a um assento; o que ela muito obsequiosamente fez. O Capitão sentou-se ao lado dela e, para minha enorme surpresa, este cavalheiro considerou apropriado nos seguir e sentar-se ao meu lado.

"Que insensível!" continuou ele; "ora, Madame, a senhorita está perdendo a mais agradável dança no mundo! — O homem deve ser um louco ou um tolo — O que a senhorita se vê inclinada a pensar dele?"

"Nenhum dos dois, Senhor," respondi, em certa confusão.

Ele pediu mil perdões pela liberdade de sua suposição, dizendo, "Eu realmente baixei minha guarda de tanto assombro, pois é notável que qualquer homem possa ser tanto e tão inexplicavelmente seu próprio inimigo. Mas onde, Madame, pode ele estar? — ele deixou o salão! — ou não esteve nele?"

"De fato, Senhor," disse eu enfastiadamente, "Eu nada sei dele."

"Não estranho seu desconcerto, Madame; é realmente muito provocante. A melhor parte da noite estará absolutamente perdida. Ele não merece que a senhorita espere por ele."

"Eu não espero, Senhor," disse eu, "e rogo-lhe que não —"

“Arrasador, de fato, Madame,” interrompeu-me ele, “uma dama esperar por um cavalheiro! Homessa! Indivíduo descuidado! Onde posso detê-lo? A senhorita me permite ir buscá-lo?”

“Se lhe agrada, Senhor,” respondi, bastante apavorada com receio de que Mrs. Mirvan fosse falar com ele; posto que ela parecia muito surpresa ao me ver engajar em conversa com um estranho.

“Com todo meu coração,” vozeou ele; “rogo, que casaco ele veste?”

“De fato nunca olhei para o casaco.”

“Fora com ele!” gritou; “O quê! Ele lhe abordou em um casaco indigno de ser visto? Que patife maltrapilho!”

Que ridículo! Eu realmente não podia evitar rir, o que temo tê-lo encorajado, posto que ele continuou.

“Encantadora criatura! — e pode a senhorita realmente suportar mau uso de tanta doçura? Pode a senhorita, como a paciência em um monumento, sorrir em meio ao desapontamento? Por minha parte, embora eu não seja a pessoa ofendida, minha indignação é tão grande, que anseio por chutar o indivíduo para fora da sala! — a menos, de fato — (hesitando e olhando seriamente para mim), a menos, de fato — que seja um parceiro da sua própria criação?”

Eu estava terrivelmente envergonhada e não pude elaborar uma resposta.

“Mas não!” bradou ele (novamente e com entusiasmo). “Não pode ser que a senhorita seja tão cruel! A própria suavidade é pintada em seus olhos. — A senhorita não poderia, certamente, ter a barbaridade de tão desenfreadamente brincar com meu sofrimento.”

Afastei-me deste absurdo com real desgosto. Mrs. Mirvan viu minha confusão, mas ficou perplexa sem saber o que pensar, e eu não podia explicar a causa a ela, temendo que o Capitão me ouvisse. Eu, portanto, propus uma caminhada; ela consentiu e todos levantamos; mas, o senhor acreditaria? Este homem teve a presunção de se levantar também e de andar a meu lado, como se de minha comitiva!

“Agora,” gritou ele, “espero que encontremos este ingrato. — É aquele?” apontando para um velho homem que era coxo, “ou aquele?” e desta maneira ele me perguntou sobre qualquer um que fosse velho ou feio na sala. Não dei qualquer tipo de resposta; e quando ele viu que eu estava resolutamente silenciosa, e continuava a caminhar tanto quanto podia sem

observá-lo, ele subitamente bateu o pé, e bradou em cóleras, “Tolo! Idiota! Pateta!”

Virei-me apressadamente para ele: “Ó, Madame,” continuou ele, “perdoe minha veemência, mas estou distraído ao pensar que possa existir um infeliz que pode desrespeitar uma bênção pela qual eu teria perdido minha vida! — Ó se eu pudesse conhecê-lo eu logo iria — mas minha ira cresce, perdoe-me, Madame, minhas paixões são violentas, e suas mágoas me afetam!”

Comecei a perceber que ele era um louco e olhei para ele com o maior assombro. “Vejo que a senhorita está comovida, Madame,” disse ele; “criatura generosa! — Mas, não se alarme, estou calmo novamente, estou, de fato — por minha alma que estou; — eu lhe rogo, mais adorável entre os mortais! Rogo-lhe que seja suave.”

“De fato, Senhor,” disse-lhe eu muito seriamente, “Devo insistir que o senhor me deixe; o senhor é estranho a mim e eu sou desconhecida e aversa a seu palavreado e a seus modos.”

Isto pareceu ter algum efeito sobre ele. Ele se curvou, pediu licença e jurou pelo mundo que não me ofenderia.

“Então, Senhor, o senhor deve me deixar,” falei. “Já me fui, Madame, me fui!” com ares dos mais trágicos; e ele marchou para longe em ritmo acelerado, saindo de minhas vistas por um momento; mas antes que eu tivesse tempo para me congratular, ele estava novamente em meu cotovelo.

“E a senhorita realmente poderia me deixar ir e não lamentar? — Pode a senhorita me ver sofrer tormentos inexprimíveis e ainda assim reter todo seu favor para aquele celerado que lhe leva? — Pequena ingrata! — Eu poderia esbofeteá-lo!”

“Pelo amor de Deus, minha querida,” vociferou Mrs. Mirvan, “de quem ele fala?”

“De fato — não sei, Madame,” disse eu; “mas eu gostaria que ele me deixasse.”

“O que é tudo isto aí?” perguntou o Capitão.

O homem se curvou baixo e disse: “Apenas, Senhor, uma leve objeção que esta jovem dama faz a dançar comigo e que estou me esforçando para remediar. Devo me considerar muito honrado se o senhor interceder por mim.”

“A dama, Senhor,” disse friamente o Capitão, “é patroa de si mesma.” e rapidamente saiu andando.

“A senhora, Madame,” disse o homem (que olhava encantado para Mrs. Mirvan), “A senhora, espero, terá a bondade de falar por mim.”

“Senhor,” respondeu ela seriamente, “Não tive o prazer de tê-lo conhecido.”

“Espero que quando a senhora tiver, Madame,” falou ele, audaz, “me honrará com sua aprovação: mas, enquanto ainda sou desconhecido à senhora, seria verdadeiramente generoso de sua parte me aprovar; e eu me lisonjeio, Madame, que a senhora não terá causa para se arrepender.”

Mrs. Mirvan, com um ar envergonhado, respondeu, “Não quero de modo algum, Senhor, duvidar de que o senhor seja um cavalheiro — mas —”

“Mas o quê, Madame? — sendo removida esta dúvida, por que um mas?”

“Bem, senhor,” disse Mrs. Mirvan (com um sorriso bem humorado), “até tratar-lhe-ei com sua própria simplicidade e descobrirei que efeito isto terá sobre o senhor: devo, portanto, lhe dizer de uma vez por todas —”

“Ó perdoe-me, Madame!” interrompeu ele, avidamente, “a senhora não pode proceder com essas palavras de uma vez por todas; não, se eu fui simples demais e, embora um homem, mereço reprimenda, lembrem-se, caras damas que se a senhora me imita, deve na injustiça me dispensar.”

Ambas encaramos o estranho comportamento do homem.

“Seja mais nobre que seu sexo,” continuou ele, se dirigindo a mim, “honre-me com uma dança e desista do ingrato que tem tão mal merecido a sua paciência.”

Mrs. Mirvan olhou com espanto para nós dois. “De quem ele fala, minha querida? Você nunca mencionou —”

“Ó, Madame!” exclamou ele, “ele não era digno de ser mencionado — é uma pena que se tenha sequer pensado nele; mas, esqueçamos a sua existência. Uma dança é tudo o que peço. Permita-me, Madame, a honra da mão dessa jovem dama? Será um favor que hei de reconhecer com a maior gratidão.”

“Senhor,” respondeu ela, “favores e estranhos não têm nenhuma conexão comigo.”

“Se a senhora tem até então,” disse ele, “confinado sua benevolência aos seus amigos íntimos, permita-me ser o primeiro a quem a sua caridade é enlarguecida.”

“Bem, Senhor, eu não sei o que dizer ao senhor — mas —”

Ele a interrompeu com tantas súplicas urgentes que ela finalmente me disse que eu deveria dar-lhe uma dança ou evitar suas importunações voltando para casa. Hesitei qual alternativa escolher; mas este impetuoso homem finalmente prevaleceu e fui obrigada a consentir uma dança com ele.

E assim foi meu desvio da verdade punido; e assim a audácia determinada deste homem venceu.

Durante a dança, antes de estarmos engajados demais para conversar, ele era extremamente provocante quanto a meu parceiro e tentou todos os meios em seu poder para me fazer confessar que eu o havia enganado; o que, embora eu não fosse me humilhar tanto a ponto de reconhecer, era de fato demasiado óbvio.

Lord Orville, imagino, não dançou de modo algum. Ele parecia ter muitos conhecidos e se juntou a várias comitivas diferentes: mas o senhor facilmente suporá, não fiquei muito feliz em vê-lo, poucos minutos depois de eu ter saído, ele andou em direção ao lugar em que eu estivera, curvou-se e juntou-se a Mrs. Mirvan!

Como me considerei infortunada por não ter resistido às importunações deste estranho por mais tempo! No momento em que fomos à dança, logo saí de perto dele; mas ele me parou e disse que eu não poderia de modo algum voltar à minha comitiva sem ofendê-lo, antes que terminássemos o dever de irmos à dança. Como nada sei sobre todas essas regras e costumes fui obrigada a me submeter às suas instruções. Mas imagino que eu parecia bem inquieta, posto que ele notou minha desatenção, dizendo, em seu modo espontâneo, “De onde vem esta ansiedade? — Por que estão esses adoráveis olhos perpetuamente afastados?”

“Eu gostaria que o senhor não dissesse mais nada a mim, Senhor,” bradei, irritadamente; “o senhor já destruiu toda a minha felicidade por esta noite.”

“Bom Deus! O que foi que fiz? — Como fiz por merecer este desprezo?”

“O senhor me perturbou até a morte; o senhor me forçou a ficar longe de meus amigos e se jogou em cima de mim, contra a minha vontade, para ser meu parceiro.”

“Certamente, minha cara Madame, deveríamos ser melhores amigos, visto que parece haver algo de simpatia na franqueza de nossas disposições. — E ainda assim, não era a senhorita um anjo? Como a senhorita acha que eu poderia suscitar tal desdém?” “Se eu lhe ofendi,” vozeei, “o senhor deve apenas me deixar — e Ó como eu gostaria que o senhor se fosse!”

“Minha cara criatura,” disse ele, em meio riso, “onde poderia a senhoria ter sido educada?”

“Onde eu sinceramente gostaria de estar agora!”

“Quão consciente a senhorita deve estar, tão bela que é, de que esses ares encantadores servem apenas para ressaltar o resplandecer de sua cútis!”

“Sua liberdade, Senhor, onde o senhor está mais familiarizado, poderá, talvez, ser menos desagradável; mas para mim —”

“A senhorita me faz justiça,” disse ele, me interrompendo, “sim, eu de fato sou melhor com meus conhecidos; a senhorita ficará daqui em diante bastante encantada comigo.”

“Daqui em diante, Senhor, espero não ter nunca —”

“Ó cale-se! Cale-se! A senhorita se esqueceu da situação na qual lhe encontrei? A senhorita se esqueceu, que quando desertada, eu lhe persegui — quando traída, lhe adorei? — mas para mim —”

“Mas para o Senhor, eu poderia talvez ter sido feliz.”

“O que então devo concluir? Que seu parceiro teria aparecido? — pobre indivíduo — e minha presença o assustou?”

“Eu queria que a presença dele, Senhor, assustasse o senhor!”

“A presença dele! — talvez então a senhorita o veja?”

“Talvez, Senhor, eu o veja,” falei eu, bastante fatigada de sua zombaria.

“Onde? Onde? — pelo amor de Deus mostre-me o patife!”

“Patife, Senhor!”

“Ó, alguém tão selvagem! — um fugitivo, apagado, pequeno mesquinho!”

Eu não sei o que me enfeitiçou, mas meu orgulho estava ferido e meus ânimos estavam cansados, e — em suma, tive a tolice, olhando para Lord Orville, de repetir, “Mesquinho, o senhor acha?”

Os olhos dele imediatamente seguiram os meus; “Ora, é aquele o cavalheiro?”

Não dei resposta; não podia afirmar e não negaria, posto que esperava ser aliviada deste arrelio pelo seu engano.

No exato momento em que terminamos o que ele chamou de nosso dever, eu avidamente desejei voltar a Mrs. Mirvan.

“Para seu parceiro, eu presumo, Madame?” disse ele, muito seriamente.

Isto me desconcertou bastante. Eu temia com receio de que este pernicioso homem, ignorante de sua posição, fosse se dirigir a Lord Orville e dizer algo que poderia expor meu artifício. Tola! de me envolver em tais dificuldades! Eu agora temia o que antes desejara; e, portanto, para evitar Lord Orville, eu estava obrigada a propor outra dança, embora estivesse prestes a sucumbir de vergonha enquanto falava.

“Mas seu parceiro, Madame?” disse ele, afetando um ar muito solene, “talvez ele possa se ressentir por eu estar-lhe detendo: se a senhorita me der licença para pedir seu consentimento —”

“Nem pelo universo.”

“Quem é ele, Madame?”

Eu queria estar a cem milhas de lá. Ele repetiu sua pergunta,“Qual o nome dele?”

“Nada — ninguém, não sei —”

Ele tomou ares da mais importante solenidade: “Como! — não sabe? — Dê-me licença, minha cara Madame, para recomendar-lhe este cuidado: nunca dance em público com um estranho — com alguém com cujo nome a senhorita não esteja familiarizada — que possa ser um mero aventureiro — um homem sem caráter, considere a que impertinência, a senhorita pode acabar se expondo.”

Alguma coisa algum dia foi tão ridícula? Não pude evitar rir, apesar de minha vexação.

Neste instante, Mrs. Mirvan e Lord Orville se dirigiram a nós. O senhor facilmente acreditará que não foi fácil para mim recuperar meu equilíbrio; mas qual foi minha consternação, quando este homem estranho,

destinado a ser o flagelo do meu artifício, exclamou: “Ha! Meu Lord Orville! — Protesto não ter reconhecido vossa Senhoria. O que posso dizer por minha usurpação? — Ainda assim, fé, meu Lord, tal prêmio não deveria ser negligenciado.”

Minha vergonha e confusão era indizíveis. Quem poderia supor ou prever que este homem conhecia Lord Orville? Mas, a falsidade não é mais injustificável que arriscada.

Lord Orville, bem que poderia, era todo espanto.

“A frieza filosófica de vossa Senhoria,” continuou a odiosa criatura, “não é dotada a todo homem. Tenho usado meus máximos esforços para entreter esta moça, embora temo que sem sucesso e, vossa Senhoria não estará um pouco lisonjeado, se familiarizado com a dificuldade que encontrou a minha busca da honra de apenas uma dança.” Então, voltando-se a mim, que estava prestes a sucumbir de vergonha, enquanto Lord Orville permanecia imóvel e Mrs. Mirvan atônita — ele repentinamente agarrou minha mão, dizendo: “Pense, meu Lord, qual deve ter sido a minha relutância para renunciar esta bela mão a vossa Senhoria!”

No mesmo instante, Lord Orville puxou a minha mão dele; corei violentamente e fiz um esforço para me recobrar. “O senhor me dá muita honra, Senhor,” disse ele, (com um ar de valentia, apertando-a contra seus lábios antes de soltá-la) “contudo, devo ser feliz de me beneficiar se esta dama,” virando-se para Mrs. Mirvan, “me permite procurar a sua comitiva.”

Compeli-lo deste modo a dançar, eu não podia suportar; e avidamente bradei, “De modo algum, nem pelo mundo! Devo suplicar —”

“A senhora me honrará, Madame, com suas ordens,” gritou meu atormentador; “posso procura a comitiva da dama?”

“Não, Senhor,” respondi, me virando contra ele.

“O que deverá ser feito, minha querida?” perguntou Mrs. Mirvan.

“Nada, Madame; — qualquer coisa, digo —”

“Mas, você dança ou não? Veja que vossa Senhoria aguarda.”

“Espero que não, rogo que — eu não iria nem pelo mundo —, estou certa de que devo — devo —”

Eu não conseguia falar; mas aquele homem confiante, determinado a descobrir se eu o havia enganado ou não, disse a Lord Orville, que estava em suspense, “Meu Lord, este assunto, que a este momento parece

perplexo, irei brevemente explicar: esta dama me propôs outra dança — nada poderia ter-me feito tão feliz — eu só desejava a permissão de vossa Senhoria; o que, se agora me for dada, irá, estou convencido, tornar tudo certo novamente."

Eu brilhava de indignação. "Não, Senhor — é sua ausência, e apenas ela, que pode tornar tudo certo."

"Pelo amor de Deus, minha querida," gritou Mrs. Mirvan que não conseguia mais conter sua surpresa. "O que significa tudo isto? Você já estava compromissada? Lord Orville havia —"

"Não, Madame," gritei, "apenas — apenas eu não conhecia este cavalheiro e então, e então eu pensei — eu queria, eu —"

Derrotada por tudo que se havia passado, não tive forças para dar minha humilhante explicação; meus ânimos muito me falharam e eu caí em prantos.

Todos eles pareciam chocados e assustados.

"Qual é o problema, meu mais querido amor?" perguntou Mrs. Mirvan, com a mais gentil preocupação.

"O que fiz eu!" exclamou meu perverso gênio e correu oficiosamente para pegar um copo de água.

Contudo, uma insinuação foi suficiente para Lord Orville, que compreendeu tudo o que eu teria explicado. Ele imediatamente me levou a um assento e disse em baixa voz, "Não se angustie, lhe suplico: sempre terei meu nome honrado porque a senhorita fez uso dele."

Esta polidez me aliviou. Um murmúrio geral alarmara Miss Mirvan, que voou instantaneamente até onde eu estava; enquanto Lord Orville no momento em que Mrs. Mirvan pegara a água, espantou meu perturbador.

"Pelo amor de Deus, cara Madame," falei, "deixe-me ir para casa; de fato, não posso mais ficar aqui nem por um segundo."

"Vamos todos embora," disse minha gentil Maria.

"Mas o Capitão, o que ele dirá — seria melhor ir para casa em uma liteira."

Mrs. Mirvan consentiu e eu me levantei para ir embora. Lord Orville e aquele homem ambos vieram a mim. O primeiro, com uma atenção que eu não merecia, levou-me a uma liteira; enquanto o outro seguiu, me importunando com desculpas. Eu queria ter pedido as minhas a Lord Orville, mas eu estava excessivamente envergonhada.

Era aproximadamente uma hora. Os criados de Mrs. Mirvan me levaram para casa.

E agora, o que novamente poderá me tentar a ir a uma reunião? Temo ouvir o que o senhor pensará de mim, meu mais querido e honrado Senhor: o senhor precisará da sua máxima parcialidade para me receber sem desprazer.

Esta manhã Lord Orville enviou alguém para inquirir sobre nossa saúde; e Sir Clement Willoughby, posto que este, descubro, é o nome do meu perseguidor, apareceu; mas, eu não desceria as escadas até que ele se fosse.

E agora, meu caro Senhor, posso de alguma forma explicar a estranha, provocadora e ridícula conduta deste Sir Clement na noite passada; posto que Miss Mirvan diz que ele é o mesmo homem com quem ela ouviu Lord Orville conversando na casa de Mrs. Stanley, quando falaram sobre mim de tão humilhante maneira. Ele ficou feliz em dizer que estava satisfeito em ouvir que eu era uma tola; e, portanto, suponho, concluiu que pudesse falar tantos disparates quanto quisesse para mim. Contudo, sou muito indiferente à sua opinião; mas por Lord Orville, se antes ele me considerava uma idiota, agora, tenho certeza, ele deve me supor tanto atrevida quanto presunçosa. Fazer uso de seu nome! Que impertinência — ele nunca poderá saber como isso aconteceu — ele pode apenas imaginar que tenha sido por excesso de vaidade; bem, contudo, devo deixar esta cidade ruim amanhã, e nunca mais hei de adentrá-la.

O Capitão pretende nos levar esta noite ao Fantoccini. Não consigo suportar o Capitão; não consigo dar ao senhor uma ideia do quanto ele é grosseiro. Eu cordialmente regozijo que ele não tenha estado presente na desagradável conclusão da aventura de ontem, posto que estou certa de que ele teria contribuído para minha confusão; o que poderia, talvez, tê-lo divertido, já que ele raramente ou nunca sorri senão à custa de outra pessoa.

E aqui eu concluo minhas cartas de Londres — e sem qualquer arrependimento; posto que sou demasiado inexperiente e ignorante para conduzir a mim mesma com propriedade nesta cidade, onde tudo é novo para mim, e muitas coisas são incompreensíveis e confusas.

Adieu, meu caro Senhor; que o Paraíso me retorne seguramente ao senhor! Eu queria ir imediatamente a Berry Hill; ainda assim o desejo é

ingrato a Mrs. Mirvan, e, portanto, hei de reprimi-lo. Escreverei um relato do Fantoccini de Howard Grove. Ainda não fomos a metade dos locais públicos que estão agora abertos, embora eu ouse dizer que o senhor achará que fomos a todos. Mas eles são quase tão inumeráveis quanto as pessoas que os preenchem.

CARTA XIV

EVELINA EM CONTINUAÇÃO.

Queen Ann Street, 13 De Abril.

Como o Senhor ficará surpreso, meu mais querido Senhor, ao receber outra carta de Londres da escrita de sua Evelina! Mas, creia-me, não foi minha culpa, e nem é minha felicidade, que eu ainda esteja aqui: nossa jornada foi adiada por um acidente igualmente inesperado e desagradável.

Fomos ontem à noite ver o Fantoccini, onde tivemos entretenimento infinito da performance de uma pequena comédia em Francês e Italiano, de fantoches, tão admiravelmente manejados, que eles tanto impressionaram quanto divertiram-nos a todos, exceto o Capitão, que tem a aversão mais fixa e preconceituosa a qualquer coisa que não seja Inglesa.

Quando terminou, enquanto esperávamos pelo coche, uma mulher mais velha passou correndo por nós, gritando, "Meu Deus, o que hei de fazer?"

"Ora, o que a senhora faria?" gritou o Capitão.

"*Ma foi*, *Monsieur*," respondeu ela, "perdi minha comitiva e neste lugar não conheço ninguém."

Havia algo de estrangeiro em seu sotaque, embora fosse difícil descobrir se ela era uma mulher Inglesa ou Francesa. Ela estava muito bem vestida e parecia tão inteiramente sem saber o que fazer, que Mrs. Mirvan propôs que o Capitão a assistisse.

"Assisti-la!" vociferou ele, "sim, com todo meu coração; deixe que um carregador chame um coche."

Não havia nenhum e começou a chover muito rápido.

"*Mon Dieu*!" exclamou a estranha, "o que será feito de mim? *Je suis au desespoir*!"

"Caro Senhor," pediu Miss Mirvan, "rogo-lhe que nos permita levar a pobre dama em nosso coche. Ela está sozinha e é estrangeira —"

"Ela não é melhor por isso," respondeu ele: "ela pode ser uma mulher da vida, pelo que você sabe."

“Ela não aparenta isso,” disse Mrs. Mirvan; “e de fato ela parece tão aflita, que havemos de seguir senão a regra de ouro, se a carregarmos até seu alojamento.”

“Você é bastante afeiçoada a conhecer pessoas novas,” respondeu ele; “mas primeiro vamos saber se ela tomará o mesmo caminho que nós.”

Após inquérito, descobrimos que ela morava em Oxford Road; e, após discussão, o Capitão rudemente, e, com péssimos modos, consentiu em admiti-la em seu coche; embora ele logo nos convencesse de que estava determinado que ela não deveria ser muito grata a ele, posto que ele parecia absolutamente inclinado a brigar com ela. A razão de estranha inospitalidade, não posso atribuir nenhum outro motivo a não ser pelo fato de que ela parecia ser uma estrangeira.

A conversa começou, com ela nos contando, que ela havia estado na Inglaterra por apenas dois dias; que os cavalheiros com quem ela estava eram parisienses e haviam deixado-a para procurar um coche usado[6], já que a carruagem dela estava no exterior; e que ela havia esperado por eles até ter ficado muito assustada e concluiu que eles haviam se perdido.

“Rogo-lhe,” disse o Capitão, “por que a senhora foi a um lugar público sem um Inglês?”

“*Ma foi*, Senhor,” respondeu ela, “porque nenhum dos meus conhecidos está na cidade.”

“Ora então,” disse ele, “digo-lhe uma coisa, a melhor maneira é sair dessa sozinha.”

“*Pardi, Monsieur*,” respondeu ela, “assim o farei; posto que, lhe prometo, acho os Ingleses uma porção de brutos; e voltarei para a França o mais rápido que puder, posto que eu não moraria em meio a nenhum de vocês.”

“E quem aqui quer a senhora?” gritou o Capitão: “a senhora supõe, Madame francesa, que já não temos o bastante com as outras nações gatunando nossos bolsos? Eu lhe garanto, não há necessidade de a senhora guardar seu remo.”

“Gatunar seus bolsos, Senhor! Eu queria que ninguém quisesse gatunar seus bolsos não mais que eu quero; e prometer-lhe-ia que o senhor estaria seguro o bastante. Mas não há nação sob este sol que vença os Ingleses por impolidez. De minha parte odeio tê-los sequer em minhas

vistas; e então eu irei apenas visitar uma pessoa de qualidade ou duas de meu conhecimento particular e então voltarei novamente à França."

"Sim, vá," gritou ele; "e então vá para o diabo junto, posto que esta é a viagem mais adequada para os Franceses e sua qualidade."

"Cuidaremos, contudo," gritou a estranha com grande veemência, "de não admitir nenhum dos seus Ingleses vulgares e sem modos entre nós."

"Ó, não tema," respondeu ele, friamente, "não iremos disputar este ponto com vocês; a senhora e a qualidade Francesa podem ficar com o diabo todo para vocês."

Desejosa de mudar o assunto da conversa que agora se tornara muito alarmante, Miss Mirvan exclamou: "Deus, como este homem dirige devagar!"

"Não se incomode, Moll," disse seu pai, "lhe garanto que ele dirigirá rápido o bastante amanhã, quando você estiver indo a Howard Grove."

"A Howard Grove!" exclamou a estranha, "ora, *mon Dieu*, vocês conhecem Lady Howard?"

"Ora, e se conhecermos?" respondeu ele; "isto não lhe diz respeito; ela não é de sua qualidade, isso lhe prometo."

"Quem lhe disse isso?" gritou ela; "o senhor nada sabe sobre o assunto! Além disso, o senhor é a pessoa mais mal criada que já vi; e quanto ao senhor conhecer Lady Howard, eu não acredito nisso; a menos, de fato, que o senhor seja seu mordomo."

O Capitão, xingando terrivelmente, gritou, com grande fúria: "Antes disso a senhora seria tida como sua lavadeira."

"Sua lavadeira, de fato? — Ha, ha, ha, ora o senhor não tem olhos; o senhor alguma vez viu uma lavadeira em um vestido como este? — Além disso, não sou vil, posto que sou tão boa quanto Lady Howard e tão rica quanto também; e, além disso, vim agora à Inglaterra para visitá-la."

"A senhora pode se poupar do trabalho," disse o Capitão, "ela já tem pobres suficientes atrás dela."

"Pobres, Senhor! — Não mais pobre que o senhor, nem tão quanto também; mas o senhor é um indivíduo baixo, sujo, e eu não mais me curvarei para tomar-lhe nota."

"Indivíduo sujo!" exclamou o Capitão, agarrando seus dois pulsos, "escute, Mrs. Sapo, é melhor a senhora segurar sua língua, posto que devo

ter a coragem de lhe dizer, se a senhora não me ouvir, que eu não hei de fazer cerimônia de jogar-lhe pela janela, e lá a senhora deverá ficar na lama até que um de seus Monsiês venham lhe ajudar a sair dela."

A crescente cólera deles nos assustou bastante; Mrs. Mirvan estava começando a reclamar do Capitão, quando todos nós silenciamos pelo que segue.

"Solte-me, vilão que é, solte-me, ou lhe prometo que lhe coloco na prisão por este tratamento. Não sou uma pessoa comum, lhe asseguro; e, *ma foi*, irei ao Juiz Fielding pelo senhor, posto que sou uma pessoa de costume e lhe farei saber disso, ou meu nome não é Duval."

Não ouvi mais nada: atônita, assustada e indescritivelmente chocada uma exclamação involuntária de "Santo Deus!" escapou de mim, e, mais morta que viva, sucumbi nos braços de Mrs. Mirvan. Mas, deixe-me desenhar um véu sobre uma cena muito cruel para um coração tão compassivamente delicado como o seu; é suficiente que o senhor saiba que esta suposta estrangeira provou ser Madame Duval — a avó de sua Evelina!

Ó, Senhor, descobrir uma relação tão próxima em uma mulher que havia acabado de se apresentar! — o que seria feito de mim, se não fosse pelo senhor, meu protetor, meu amigo e meu refúgio?

Minha extrema preocupação, e a surpresa de Mrs. Mirvan, imediatamente nos traíram. Mas não chocarei o senhor com a maneira com que ela me reconheceu, ou a amargura, a grosseria — não posso me expressar de outra forma — com a qual ela falou daquelas infelizes passadas transações que o senhor tão pateticamente relacionou a mim. Toda a miséria de uma mãe muito ferida, querida, embora nunca vista, arrependida, embora nunca conhecida, sobrecarregada tão forçosamente em minha memória, que eu considero esta entrevista — uma apenas excetuada — a mais aflitiva que já conheci.

Quando paramos em seu alojamento, ela desejou que eu a acompanhasse até sua casa e disse que poderia facilmente arrumar um quarto para que eu lá dormisse. Alarmada e tremendo, virei para Mrs. Mirvan. "Minha filha, Madame," disse aquela doce mulher, "não pode tão abruptamente se separar de sua jovem amiga; a senhora deve fornecer um pouco de tempo para que elas se afastem aos poucos."

“Perdoe-me, Madame,” respondeu Madame Duval, (quem, do momento em que se tornou conhecida, de alguma forma suavizou seus modos). “Sua Miss não pode ser tão próxima a esta criança como eu sou.”

“Não seja por isso,” gritou o Capitão, (que escolheu a minha causa para satisfazer seu próprio melindre, embora um pedido de desculpas embaraçoso tivesse passado entre eles) “ela foi enviada a nós; e assim, como vejo, não escolhemos separarmo-nos dela.”

Prometi esperar por ela na hora em que lhe agradasse no dia seguinte; e, após um curto debate, ela desejou que eu desjejuasse com ela e prosseguimos a Queen Ann Street.

Que aventura infeliz! Não pude fechar meus olhos a noite inteira. Mil vezes eu gostaria de nunca ter deixado Berry Hill. Contudo, meu retorno a ela deve ser acelerado ao máximo de meu poder; e, uma vez mais naquela casa de tranquila felicidade, não mais sofrerei tentação em me deixar seduzir para outro lugar.

Mrs. Mirvan foi tão gentil a ponto de me acompanhar à casa de Madame Duval esta manhã. O Capitão, também, ofereceu seus serviços; o que declinei, com medo de que ela supusesse que eu quisesse lhe insultar.

Ela franziu as sobrancelhas terrivelmente quando viu Mrs. Mirvan; mas ela me recebeu com toda a ternura que acredito que ela seja capaz de sentir. De fato, nosso encontro parece realmente tê-la afetado, posto que quando, dominada pela variedade de emoções ocasionada por vê-la, quase desmaiei em seus braços, ela caiu em prantos, e disse, “não me deixem perder minha pobre filha uma segunda vez!” Esta bondade inesperada me abrandou extremamente; mas, tão logo ela excitou a minha mais calorosa indignação pela menção ingrata que fez ao melhor dos homens, meu querido e mais generoso benfeitor. Contudo, pesar e cólera mutuamente deram lugar ao terror, com uma confissão de que sua intenção de visitar à Inglaterra fosse me fazer voltar com ela à França. Isto, ela disse, era um plano que ela havia formado no instante em que soube de meu nascimento; o que, ela protestou, não alcançou seus ouvidos até que eu tivesse doze anos de idade; mas, Monsieur Duval, que ela declarou ser o pior marido do mundo, não permitiria que ela fizesse qualquer coisa que quisesse. Ele, contudo, havia morrido há três meses e então ela zarpou para a Inglaterra. Ela já estava fora do luto, posto que ela disse que ninguém aqui podia dizer há quanto tempo ela era viúva.

Ela deve ter se casado muito cedo na vida; a idade dela agora não sei, mas ela realmente parece ter menos que cinquenta. Ela se veste muito alegremente, se pinta muito bem, e os traços de uma beleza passada ainda são muito visíveis em seu rosto.

Eu não sei quando, ou como, esta visita teria acabado, não tivesse o Capitão mandado chamar Mrs. Mirvan e insistido absolutamente que eu a acompanhasse. Ele se tornou, muito repentinamente, tão calorosamente meu amigo, que eu temo bastante sua intromissão. Mrs. Mirvan, contudo, cuja principal consideração parece ser curar os ferimentos que seu marido inflige, apaziguou a ira de Madame Duval, através de um muito delicado convite de tomar um chá e passar parte da noite aqui. Não sem grande dificuldade de convencer o prevalecido Capitão ao protelar sua jornada por mais algum tempo; mas o que podia ser feito? Seria indecente de minha parte ter deixado a cidade no mesmo instante que descobri que Madame Duval estava nela; e haver permanecido aqui somente sob sua proteção — Mrs. Mirvan, graças a Deus, era muito gentil para tal pensamento. Que ela nos seguisse até Howard Grove, eu quase igualmente temia. Está, portanto, determinado, que permaneçamos em Londres por alguns dias ou uma semana: embora o Capitão tenha declarado que a velha bruxa Francesa, como lhe agrada chamá-la, jamais se sairia melhor nessa.

Minha única esperança é chegar em segurança a Berry Hill; onde, aconselhada e abrigada pelo senhor, hei de não ter mais nada a temer. *Adieu*, meu sempre querido e mais honrado Senhor! Não terei felicidade até estar novamente com o senhor.

CARTA XV

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 16 De Abril.

Na crença e esperança de que minha Evelina teria, agora, dado *adieu* a Londres, eu tinha a intenção de protelar minha escrita até que ouvisse de seu retorno a Howard Grove; mas, a carta que recebi neste momento, com a interferência da chegada de Madame Duval na Inglaterra, exige uma resposta imediata.

A jornada dela até aqui igualmente me magoa e me alarma. Quanto tive pena de minha criança, quando li da descoberta repentina tão inesperada e indesejada! Há muito temia este encontro e sua consequência; reclamar você parece naturalmente seguir o processo de lhe reconhecer. Estou muito familiarizado com sua disposição e tenho por muitos anos previsto a contenda que agora nos ameaça.

Cruéis são as circunstâncias deste assunto, você não deve, meu amor, deixar que isso deprima seus ânimos. Lembre-se, que enquanto a vida me for emprestada, devotá-la-ei a seu serviço; e, para o tempo futuro, tomarei tais providências quanto me parecerem mais condutivas à sua futura felicidade. Segura de minha proteção e confiando em minha ternura, não permita que as apreensões de Madame Duval perturbem sua paz. Conduza a si mesma em direção a ela com todo o respeito e deferência devido a tão próxima relação, lembrando sempre, que a falha do dever por parte dela, não pode de modo algum justificar qualquer negligência à sua. De fato, quanto mais forçosamente você for atingida com impropriedades e maus comportamentos em outra, maior deve ser sua observância e diligência para evitar até a sombra de similares erros. Tenha cuidado, portanto, que nenhum descuido de atenção, nenhuma indiferença em obedecer, torne sabida a ela a independência de que lhe asseguro; mas quando ela fixar o tempo de deixar a Inglaterra, confie a mim a tarefa de recusar sua companhia a ela: desagradável a mim, confesso, será; ainda assim para você seria impróprio, se não impossível.

A respeito da opinião dela sobre mim, lamento mais do que estou surpreso com sua determinada cegueira; a atenuação de que ela sente falta, por sua própria conduta, leva-a a buscar falhas em todos que tiveram relação com aquelas infelizes transações que ela tem tanta razão em lamentar. E isto, como é a causa, então devemos em alguma medida considerar como desculpa de sua inveteração.

Quão gratos são a mim seus desejos de retornar a Berry Hill! Sua prolongada estadia em Londres, e a dissipação na qual creio que você esteja envolvida, me enchem de inquietação. Não pretendo, contudo, fazer com que você se retire da comitiva à qual pertence, já que Mrs. Mirvan pode por este motivo inferir uma reprimenda que sua juventude e a bondade dela considerariam imperdoável. Não irei, portanto, me delongar sobre este assunto; mas contento-me em lhe dizer, que hei de cordialmente rejubilar quando ouvir de sua chegada segura a Howard Grove, lugar para o qual eu espero que você estará se preparando no tempo em que receber esta carta.

Não posso deixar de lhe agradecer, minha melhor Evelina, pela minúcia de suas comunicações. Continue me dando esta indulgência, posto que eu seria desgraçado se ficasse em ignorância de seus procedimentos.

Quão nova para você é a cena da vida na qual está engajada! Bailes, peças, óperas, *ridotto*s! Ah, minha criança! Ao seu retorno para cá, como você suportará a mudança? Meu coração treme por sua futura tranquilidade. Ainda assim esperarei por tudo da sua imaculada brancura de sua alma e da nativa vivacidade de sua disposição.

Estou certo de não precisar dizer, quanto fiquei chocado com os erros de sua inexperiência no baile particular, mas fiquei feliz com a adoção de modos mais elegantes no *ridotto*. Contudo, sua confusão e vergonha foram tantas a ponto de silenciar inteiramente todas as repreensões de minha parte.

Espero que você não veja mais Sir Clement Willoughby, cuja conversa e audácia me foram extremamente nauseosas. Fui gratificado pela boa natureza de Lord Orville, quando você fez uso de seu nome; mas espero que você nunca mais o coloque a tal prova.

Que os Céus te abençoem, minha querida criança! E concedam que nem o infortúnio nem a imoralidade lhe roubem a alegria do coração, que,

resultante da inocência, enquanto lhe constitui, contribua também para a felicidade de todos que lhe conhecem!

ARTHUR VILLARS.

CARTA XVI

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Queen Ann Street, Quinta-Feira De Manhã, 14 De Abril.

Antes que nosso jantar terminasse ontem Madame Duval veio para o chá; embora isso vá diminuir sua surpresa, era perto das cinco horas, posto que nunca jantamos até que o dia esteja quase no fim. Foi pedido a ela que ficasse em outro cômodo até que a mesa fosse liberada, e então foi convidada a participar da sobremesa.

Ela veio acompanhada por um cavalheiro Francês a quem ela apresentou sob o nome de Monsieur Du Bois. Mrs. Mirvan recebeu ambos com sua polidez usual; mas o Capitão parecia muito desagradado; e após um curto silêncio, muito severamente ele disse a Madame Duval: "Rogo saber quem lhe pediu para trazer este que brilha com a senhora?"

"Ó," gritou ela, "nunca vou a lugar algum sem ele."

Outro curto silêncio se seguiu, que foi terminado pelo virar repentino do Capitão ao estrangeiro para dizer: "O senhor sabe, Monsiê, que o senhor é o primeiro Francês que eu deixo entrar em minha casa?"

Monsieur Du Bois curvou-se profundamente. Ele não fala Inglês, e o entende tão imperfeitamente, que ele pode possivelmente ter imaginado que recebeu um elogio.

Mrs. Mirvan tentou desviar o mau humor do Capitão suscitando novos assuntos, mas ele deixou para ela o trabalho de corroborá-los e recostou-se em sua cadeira em um pesado silêncio, exceto quando surgia qualquer oportunidade de proferir algum sarcasmo sobre o Francês. Descobrindo que seus esforços para tornar a noite agradável foram infrutíferos, Mrs. Mirvan propôs uma ida a Ranelagh. Madame Duval alegremente consentiu e o Capitão, embora tenha protestado contra a dissipação das mulheres, não se opôs; e, portanto, Maria e eu corremos ao andar de cima para nos vestirmos.

Antes que estivéssemos prontas, chegou a nós a notícia que Sir Clement Willoughby estava na sala de visitas. Ele se apresentou sob o pretexto de perguntar sobre nossas saúdes e entrou na sala com fáceis ares

de um antigo conhecido; embora Mrs. Mirvan tenha confessado que ele parecia envergonhado quando viu quão friamente fora recebido, não apenas pelo Capitão, mas por ela mesma.

Fiquei extremamente desconcertada com os pensamentos de ver aquele homem novamente, e não desci até ser chamada para o chá. Ele estava profundamente engajado em um discurso sobre modos Franceses com Madame Duval e o Capitão; e o assunto parecia ocupá-lo tão inteiramente que ele não observou, a princípio, minha entrada na sala. A conversa deles foi endossada com grande veemência; o Capitão rudemente mantendo a superioridade dos Ingleses em cada pormenor e Madame Duval calorosamente rejeitando todas elas; enquanto Sir Clement empregava todos os seus poderes de argumento e de escárnio para apoiar e fortalecer qualquer avanço feito pelo Capitão, posto que ele teve a sagacidade de descobrir, que ele não poderia ter conseguido um método mais eficaz para tornar o mestre da casa seu amigo, quanto fazer de Madame Duval sua inimiga; e de fato, em muito pouco tempo, ele tinha razões para congratular a si mesmo por seu próspero discernimento.

Tão logo ele me viu, prestou a mais respeitosa reverência, e esperou que eu não padecesse da fadiga do *ridotto*. Não dei outra resposta que não uma leve inclinação de cabeça, posto que estava muito envergonhada de todo aquele assunto. Ele então retornou aos disputantes; com os quais conduzia o argumento tão habilidosamente, imediatamente provocando Madame Duval e agradando o Capitão, que não pude evitar admirar sua abordagem, embora condenasse sua sutileza. Mrs. Mirvan, temendo tão violentos antagonistas, tentava frequentemente mudar de assunto; e ela teria tido sucesso, se não pela interposição de Sir Clement, que não se deixaria ceder e suportava com tanto humor e sátira, que ele pareceu ter ganho o coração do Capitão; embora as forças dos dois unidas enfurecessem e derrotassem tanto Madame Duval que ela realmente tremia de ira.

Fiquei muito feliz quando Mrs. Mirvan disse que era hora de sair. Sir Clement se levantou para sair; mas o Capitão, muito cordialmente, convidou-o a se juntar a nossa comitiva. Ele tinha um compromisso, disse, mas desistiria dele para ter aquele prazer.

Uma pequena confusão seguiu a respeito de nossa maneira de sair. Mrs. Mirvan ofereceu a Madame Duval um lugar em seu coche, e propôs

que nós quatro mulheres devêssemos ir todas juntas; contudo, isto ela rejeitou, declarando que ela não iria tão longe sem seu cavalheiro, e perguntando como uma dama tão polida poderia fazer uma proposta tão Inglesa. Sir Clement Willoughby disse que seu coche estava esperando na porta, e implorava para saber se poderia ser de utilidade. Foi, finalmente, decidido que um coche usado seria chamado para Monsieur Du Bois e Madame Duval, no qual o Capitão, e, a pedido deste, Sir Clement, também foram; Mrs. e Miss Mirvan e eu tivemos um percurso pacífico e confortável sozinhas.

Eu não duvido que eles tenham brigado todo o caminho; posto que quando nos encontramos em Ranelagh todos pareciam de mau humor; e, embora juntássemos as comitivas, a pobre Madame Duval foi evitada por todos, exceto eu.

O salão estava tão imensamente cheio, que se não fosse pela incomum assiduidade de Sir Clement Willoughby, não teríamos podido conseguir um camarote (que é o nome dado aos intervalos arqueados que são apropriados para tomar chá) até que metade das pessoas tivessem se retirado. Enquanto tomávamos nossos lugares, algumas damas que Mrs. Mirvan conhecia paravam para falar com ela e a persuadiram a dar uma volta com elas. Quando ela voltou a nós, qual foi a minha surpresa, ver que Lord Orville se juntara à comitiva! As damas continuaram seu caminho, mas Mrs. Mirvan sentou-se e fez um sutil, embora respeitoso, convite a Lord Orville para tomar chá conosco; o que, para minha não pequena consternação, ele aceitou.

Senti uma confusão indizível ao novamente vê-lo, da lembrança da aventura do *ridotto*; muito menos minha situação a diminuiu, posto que eu estava sentada entre Madame Duval e Sir Clement, que parecia desejar tão pouco quanto eu a presença de Lord Orville. De fato, as contínuas disputas e grosserias do Capitão Mirvan e de Madame Duval me fizeram corar que eu estivesse com eles. E a pobre Mrs. Mirvan e sua amável filha tinham ainda menos razões para estarem satisfeitas.

Um silêncio geral seguiu depois que ele se sentou: sua aparência, por motivos diferentes, deu coibição universal a todos. Se suas próprias razões eram honrar-nos com a sua companhia, não posso imaginar; a menos, é claro, que ele tivesse uma curiosidade de saber se eu havia inventado alguma nova impertinência concernente a ele.

O primeiro discurso foi feito por Madame Duval, que disse: “É algo bastante chocante ver damas virem a um lugar tão distinto como Ranelagh usando chapéus; eles dão uma aparência vultar monstruosa, não posso pensar porque os usam. Não há algo assim a ser visto em Paris.”

“De fato,” observou Sir Clement, “devo confessar que não sou defensor de chapéus; e lamento que as damas tenham inventado ou adotado uma moda tão atormentadora, posto que, onde há beleza, eles só servem para ocultá-la; e, onde não há, para excitar uma tão inútil curiosidade. Suponho que eles eram originalmente usados por alguma coquete jovem e extravagante.”

“Mais provavelmente,” respondeu o Capitão, “eles foram inventados por alguma bruxa velha enrugada, que não se importaria em manter os jovens rapazes em seu encalço e não os deixarem se cansarem tanto.”

“Eu não sei o que devam fazer na Inglaterra,” gritou Madame Duval, “mas sei que em Paris nenhuma mulher precisa ter tanto trabalho para ter tão distinta atenção.”

“Ora, a senhora mentirá para dizer,” retrucou o Capitão, “que eles não distinguem as velhas das jovens lá, assim como aqui?”

“Eles não fazem qualquer distinção,” disse ela; “eles são imensamente polidos.”

“Mais tolos são eles!” gritou o Capitão, zombeteiramente.

“Quiseram os Céus,” bradou Sir Clement, “que, pelo nosso bem, nós Ingleses também fôssemos abençoados com uma cegueira tão acomodatícia!”

“Por que diabos o senhor faria uma prece como essa?” exigiu saber o Capitão. “Essas são as primeiras palavras insensatas que lhe ouço falar; mas suponho que o senhor não esteja muito acostumado a este tipo de coisa. O senhor já fez alguma prece antes, visto que é um choramingão?”

“Ora, agora,” gritou Madame Duval, “eis outra impolidez de vocês Ingleses, de ficar falando de coisas como essa; em Paris ninguém nunca diz nada sobre religião, não mais que sobre política.”

“Ora então,” respondeu ele, “é um sinal de que eles cuidam de suas almas como cuidam de seu país! Então podem um e o outro irem para junto de Belzebu.”

“Bem, se eles o fazem,” disse ela, “quem é o pior, contanto que eles nada digam sobre isso? É a coisa mais fatigante do mundo estar sempre

falando desse tipo de coisa, e ninguém que já tenha estado no exterior incomoda suas cabeças com isso."

"Rogo então," vozeou o Capitão, "já que a senhora sabe tanto sobre o assunto, tenha a bondade de nos dizer com o que eles se permitem se incomodar? — Ei, Sir Clement! Não temos o direito de saber ao menos isso?"

"Uma pergunta muito compreensiva," disse Sir Clement, "e espero muita instrução da resposta da dama."

"Venha, Madame," continuou o Capitão, "não se esquive; fale de uma vez; não pare para pensar."

"Asseguro-lhe que não o farei," respondeu ela; "posto que quanto ao que eles realmente fazem, ora eles já têm o bastante a fazer, lhes garanto, com uma coisa ou outra."

"Mas o que eles fazem, estes famosos Monsiês?" exigia saber o Capitão; "a senhora não pode nos dizer? Eles jogam? Ou bebem? Ou vadiam? Ou montam? Ou eles gastam todo seu tempo dando papa de aveia para velhas?"

"Quanto a isso, Senhor — mas de fato não me darei o trabalho de responder tal parcela de perguntas baixas, então não me pergunte mais sobre isso." E então, para minha grande vexação, virando-se para Lord Orville, ela disse: "Rogo, senhor, já esteve alguma vez em Paris?"

Ele apenas se curvou.

"E rogo, Senhor, o que o senhor achou de lá?"

Esta compreensiva pergunta, como Sir Clement teria chamado, embora o tenha feito sorrir, também o fez hesitar; contudo, sua resposta foi expressiva de sua aprovação.

"Pensei que gostaria, Senhor, porque o senhor parece um cavalheiro. Quanto ao Capitão, e quanto àquele outro cavalheiro, ora eles podem muito bem não gostar daquilo que não conhecem, posto que suponho, Senhor, já esteve no exterior?"

"Apenas três anos, Madame," respondeu Sir Clement, secamente.

"Bem, isto é muito surpreendente! Eu nunca teria pensado: contudo, ouso dizer que o senhor apenas teve ingleses como companhia."

"Ora, rogo, com quem ele deveria ter estado?" gritou o Capitão: "o que suponho é que a senhora o teria envergonhado de sua própria nação,

como algumas outras pessoas não mais longe que mil milhas, no propósito de fazer sua própria nação envergonhada dele?"

"Estou certa de que seria uma coisa muito boa se o senhor fosse para o exterior."

"Como a senhora fará isso acontecer, hã, Madame? Vamos, por favor, me conte, onde estaria o bem nisso?"

"Onde! Ora, muita coisa. Eles fariam outra pessoa do senhor."

"O quê, suponho que a senhora me faria aprender a cortar alcaparras? E vestir-me como um macaco? E palavrear tagarelice em Francês? — Hã, faria? — E passar pó, emplastrar e me maquilar como algumas outras pessoas?"

"Eu faria com que o senhor aprendesse a ser mais polido, Senhor, e a não falar com damas de um modo tão rude e antiquado. Agora, Senhor, já que esteve em Paris," novamente se dirigindo a Lord Orville, "pode dizer a este cavalheiro Inglês como ele seria desprezado se fosse falar de tal forma indistinta como esta ante quaisquer forasteiros? Ora, não há um cabelereiro, nem um sapateiro, nem ninguém, que não fosse corar de estar em sua companhia."

"Ora, olhe, Madame," respondeu o Capitão, "quanto aos seus prendedores de cabelos e graxas de sapatos, a senhora pode inflar suas maneiras e ficar com elas para si. Eu estou sinceramente feliz que a senhora goste tanto delas, mas, quanto a mim, já que minhas necessidades estão tão livres de seus conselhos, devo até lhe dizer, nunca tive a companhia de pessoas tão nobres."

"Vamos, damas e cavalheiros," disse Mrs. Mirvan, "como muitos de vocês já terminaram o chá, convido-os a caminharem comigo." Maria e eu nos levantamos imediatamente; Lord Orville nos seguiu; e me pergunto se nós não estávamos já na metade do salão antes que os raivosos disputantes soubessem que havíamos deixado o camarote.

Já que o marido de Mrs. Mirvan dera tão larga parte na desagradável altercação, Lord Orville absteve-se de tecer quaisquer comentários sobre esta; de modo que o assunto foi imediatamente abandonado e a conversa se tornou calmamente sociável e polidamente alegre, e, para todos menos eu, deve ter sido altamente agradável. Mas, quanto a mim, eu estava tão avidamente desejosa de pedir desculpas a Lord Orville, pela impertinência da qual ele deve ter me achado culpada no *ridotto*, e ainda assim tão

completamente incapaz de assumir coragem suficiente para falar com ele, concernindo um assunto no qual eu havia me exposto tão terrivelmente, que mal arrisquei a dizer uma palavra durante todo o tempo em que caminhamos. Ademais, a consciência de uma opinião desdenhosa me assombrava e abatia, e me fizeram temer que ele pudesse possivelmente atribuir mau sentido a tudo que eu dissesse. De modo que, longe de desfrutar de uma conversa que poderia, a qualquer outra hora, ter me agradado, continuei silenciosa, desconfortável e envergonhada. Ó, Senhor, deverei eu novamente me envolver em tão tolo embaraço? Estou certa de que, se assim for, deverei merecer maior humilhação.

Não nos juntamos ao restante da comitiva até termos dado três ou quatro voltas ao redor do salão; e depois eles foram tão briguentos, que Mrs. Mirvan reclamou de estar fatigada e propôs que fôssemos para casa. Ninguém divergiu. Lord Orville se juntou a outra comitiva, tendo antes feito oferta de seus serviços, que os cavalheiros recusaram, e prosseguimos a um salão externo onde esperamos pelos coches. Monsieur Du Bois conduziu Madame Duval a um coche usado e estava se preparando para segui-la, quando ela gritou, e pulou para fora rapidamente, declarando estar molhada em todas as suas vestes. De fato, após exame do coche, viu-se que se encontrava em uma condição funesta; posto que o tempo estava muito ruim e a chuva havia, embora eu não saiba como, entrado na carruagem.

Mrs. e Miss Mirvan e eu já estávamos dispostas como antes; mas não logo o Capitão ouviu este relato, que, sem qualquer cerimônia, ele foi tão civilizado que imediatamente tomou posse do lugar vago em seu próprio coche, deixando Madame Duval e Monsieur Du Bois a cuidarem de si mesmos. E quanto a Sir Clement Willoughby, seu próprio coche estava a espera.

Eu, no mesmo instante, pedi permissão para oferecer o meu próprio lugar a Madame Duval, e fiz menção de sair; mas Mrs. Mirvan me segurou, dizendo, que eu me veria então obrigada a retornar à cidade com apenas o estrangeiro ou Sir Clement.

“Ó não se importe com a velha beladama,” gritou o Capitão, “ela é à prova d’água, eu respondo por ela; e ademais, como somos todos Ingleses, pelo menos eu espero, ora, ela não há de encontrar nada pior por aí do que ela espera de nós.”

“Não pretendo defendê-la,” disse Mrs. Mirvan; “mas, de fato, como ela pertence a nossa comitiva não podemos, com qualquer decência, deixar o lugar até que ela esteja, de algum modo, acomodada.”

“Por Deus, minha querida,” gritou o Capitão, a quem a aflição de Madame Duval colocou em muito bom humor, “ora, ela partirá seu coração se encontrar qualquer civilidade vinda de um Inglês sujo.”

Mrs. Mirvan, contudo, prevaleceu; e todos nós saímos do coche para esperar até que Madame Duval pudesse arranjar uma carruagem melhor. Encontramo-na, acompanhada de Monsieur Du Bois, em meio aos serviçais, e muito ocupada limpando seu *negligée*, e se esforçando para poupá-lo de manchar com a umidade, já que ela disse que era uma seda Lyons nova. Sir Clement Willoughby ofereceu a ela o uso de sua carruagem, mas ela já havia sido muito irritada pela sua zombaria para aceitar. Esperamos por algum tempo, porém em vão; posto que nenhum coche usado foi conseguido. O Capitão, afinal, foi persuadido a acompanhar ele mesmo Sir Clement e nós quatro mulheres fomos conduzidas à carruagem de Mrs. Mirvan, embora não antes que Madame Duval insistisse que nós arranjássemos espaço para Monsieur Du Bois, ao que o Capitão apenas consentiu em preferência a ser incomodado de novo por ele no coche de Sir Clement.

Nossa comitiva saiu primeiro. Ficamos em silêncio e insociáveis; posto que as dificuldades presentes neste arranjo haviam tornado cada um apático e fatigado. Insociáveis, devo confessar, continuamos; mas muito curta foi a duração de nosso silêncio, já que não percorremos trinta jardas antes que todas as vozes fossem ouvidas de uma vez, posto que o coche quebrara! Suponho que concluímos, é claro, que estávamos meio mortas, pelos violentos gritos que pareciam vir de todas as bocas. O carro foi parado, os serviçais vieram à nossa assistência e fomos retiradas da carruagem, sem termos nos machucado de modo algum. A noite estava escura e úmida; mas eu mal havia tocado o chão quando fui repentinamente levantada dele por Sir Clement Willoughby, que implorou permissão para me assistir, embora não esperasse recebê-la, mas me carregou nos braços de volta a Ranelagh.

Ele inquiria muito avidamente se eu não fora machucada pelo acidente. Assegurei-lhe de que estava perfeitamente segura, e livre de ferimentos; e desejava que ele me deixasse, e retornasse ao restante da

comitiva, posto que eu estava muito apreensiva em saber se as outras tinham sido igualmente fortunadas. Ele disse que ficava feliz em ser honrado com minhas ordens e executá-las-ia alegremente; mas insistiu em primeiro me conduzir a uma sala morna, já que eu não havia inteiramente escapado de me molhar. Ele ignorou minhas objeções; mas me fez segui-lo a um apartamento, onde encontramos uma excelente lareira acesa e pessoas esperando por carruagens. Prontamente aceitei um assento, e então implorei que se fosse.

E ir, realmente, ele foi; mas voltou em um momento, me contando que a chuva estava mais violenta que nunca, e que ele havia enviado seus serviçais para oferecer assistência e familiarizar os Mirvans de minha situação. Eu estava com muita raiva por ele mesmo não ter ido; mas como minha familiaridade com ele era tão pouca, não achei apropriado urgi-lo contra sua inclinação.

Bem, ele puxou uma cadeira próxima à minha; e, depois de novamente perguntar como eu estava, disse, em voz baixa: “A senhorita irá me perdoar, Miss Anville, se a avidez que sinto de me vingar, me induz a agarrar esta oportunidade de reconhecer sinceramente a impertinência com a qual lhe atormentei no último *ridotto*. Posso lhe assegurar, Madame, tenho sido um triste e pesaroso penitente desde então; mas — posso lhe dizer honestamente o que me encorajou a —”

Ele parou, mas eu nada disse; posto que pensei no mesmo instante na conversa que Miss Mirvan havia ouvido e supus que ele mesmo me contaria da parte que Lord Orville havia tomado nela; e eu realmente não gostaria de ouvi-la novamente. De fato, o resto do seu discurso me convenceu de que aquela era a sua intenção; com vista a que eu não sei, exceto ter mérito de sua defesa a mim.

“E ainda assim,” ele continuou, “minha desculpa pode apenas expor minha própria credulidade e o desejo de julgamento e discernimento. Irei, portanto, meramente implorar seu perdão e esperar que em algum tempo futuro —”

Logo, então, a porta foi aberta pelo serviçal de Sir Clement e tive o prazer de ver o Capitão, Mrs. e Miss Mirvan entrarem na sala.

“Ó ho!” gritou o primeiro, “vocês têm uma bela cabine morna aqui; mas iremos remover seus traseiros. Aqui, Lucy, Moll, venham para o fogo

e sequem suas pacotilhas. Mas, ora, mais essa — onde está a velha Madame Francesa?"

"Santo Deus!" exclamei, "então Madame Duval não está com o senhor?"

"Comigo! Não — graças a Deus."

Fiquei muito apreensiva para saber o que tinha sido feito dela; e, se eles tivessem me permitido, eu mesma teria saído em sua busca; mas todos os serviçais foram despachados para encontrá-la; e o Capitão disse, que nós podíamos ter certeza de que seu *beau* Francês cuidaria dela.

Esperamos algum tempo sem notícias e logo éramos a única comitiva na sala. Meu desassossego aumentou tanto que Sir Clement agora fazia uma oferta voluntária para ir procurá-la. Contudo, no mesmo momento em que ele abriu a porta com este desígnio, ela se apresentou, acompanhada por Monsieur Du Bois.

"Eu estava neste instante, Madame," disse ele, "indo procurá-la."

"O senhor é muito bom, realmente," gritou ela, "de vir quando todo o dano já foi feito."

Ela então entrou — em tal condição! — inteiramente coberta de lama, e em tão grande fúria, que era com dificuldade que ela conseguia falar. Todos nós expressamos nossa preocupação e oferecemos a nossa assistência, exceto o Capitão, que não logo a avistou, explodiu com uma gargalhada.

Nós tentamos, através de nossos inquéritos e condolências, evitar que ela conseguisse chegar a ele; e ela ficou por algum tempo tão completamente absorta em sua raiva e aflição, que conseguimos sem muitos problemas. Imploramos a ela que nos informasse como este acidente aconteceu. "Como?" repetia ela,"ora foi durante todo o tempo em que todos vocês foram embora — e lá o pobre Monsieur Du Bois — mas não foi culpa dele, posto que ele está tão ruim quanto eu."

Todos os olhos se viraram para Monsieur Du Bois, cujas roupas estavam nos mesmos miseráveis apuros que as de Madame Duval que, molhada, tremendo e desconsolada havia rastejado até o fogo.

O Capitão ria ainda com mais vontade; enquanto Mrs. Mirvan, envergonhada de sua rudeza, repetia suas perguntas a Madame Duval; que respondia, "Ora, enquanto estávamos indo todos na chuva, Monsieur Du Bois me pediu tanto, embora estou certa de que tenha sido um pedido

infortunado para mim, para me levantar em seus braços para me carregar por um lugar que tinha lama até a altura do tornozelo; mas, em vez de eu pensar melhor, já que estávamos na pior parte — tenho certeza de que queria ter estado a cinquenta milhas de lá — posto que de uma forma ou outra seu pé escorregou — pelo menos, assim suponho — embora eu não possa pensar em como aconteceu, posto que estou bastante pesada; mas, do jeito que foi, ambos fomos ao chão, juntos, todos à lama; e quanto mais tentávamos levantar, mais fundo nos cobríamos com a nojeira — e meu *negligée* Lyons novo, também, totalmente estragado! — contudo, é bom que tenhamos levantado de qualquer modo, posto que poderíamos ter ficado lá até agora, dependesse do quanto vocês se importassem; ninguém chegava perto de nós."

Este recital colocou o Capitão em êxtase; ele foi da dama ao cavalheiro e do cavalheiro à dama para desfrutar alternadamente da vista de suas aflições. Ele realmente gritava de prazer; e, apertando vigorosamente a mão de Monsieur Du Bois, desejou-lhe alegria por ter tocado o chão Inglês; e depois levou uma vela a Madame Duval para que ele tivesse uma visão mais completa de seu desastre, declarando repetidamente, que ele nunca havia sido tão agradado em toda a sua vida.

A fúria de Madame Duval era indizível; ela arremessou a vela da mão dele, pisou forte no chão e, finalmente, cuspiu em seu rosto.

Esta ação pareceu imediatamente acalmar os dois, visto que a alegria do Capitão foi convertida em ressentimento e a fúria de Madame Duval em medo; posto que ele colocou suas mãos em seus ombros, e lhe deu uma tão violenta sacudidela, que ela gritou por ajuda; assegurando a ela, ao mesmo tempo, que se ela havia sido em algum momento menos velha, ou menos feia, ela deveria ter tudo devolvido em seu próprio rosto.

Monsieur Du Bois, que havia se sentado muito calmamente próximo ao fogo, se aproximou deles, e censurou muito calorosamente o Capitão; mas não foi compreendido nem respeitado; e Madame Duval não foi liberada até que chorasse com paixão.

Quando foram separados, sugeri que ela permitisse que a mulher encarregada das capas das damas lhe ajudasse a secar suas roupas; ela consentiu, e fizemos o possível para evitar que ela pegasse um resfriado. Fomos obrigados a esperar nesta desagradável situação por quase uma

hora até que um coche usado pudesse ser encontrado; e então nos dispusemos na mesma maneira que antes de nosso acidente.

Vou esta manhã ver a pobre Madame Duval e perguntar sobre sua saúde, que acho que deve ter sofrido pelos infortúnios da noite passada; embora, de fato, ela pareça ser naturalmente forte e calorosa.

Adieu, meu caro senhor, até amanhã.

CARTA XVII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Sexta-Feira De Manhã, 15 De Abril.

Sir Clement Willoughby apareceu aqui ontem ao meio-dia e o Capitão Mirvan o convidou para o jantar. Por minha parte passei o dia da maneira mais desconfortável imaginável.

Encontrei Madame Duval tomando café na cama, embora Monsieur Du Bois estivesse no quarto; de tão atônita que fiquei, involuntariamente, me retirei, sem considerar quão estranha aparência a minha retirada teria, quando Madame Duval me chamou de volta, e riu muito amorosamente de minha ignorância dos costumes estrangeiros.

A conversa, contudo, muito logo tomou ares mais sérios; posto que ela começou, com muita armagura, a injuriar contra a bárbara brutalidade daquele indivíduo, o Capitão, e da horrível má-criação dos Ingleses em geral, declarando que ela aprontaria sua fuga com toda rapidez de uma nação tão bestial. Mas nada pode ser mais estranhamente absurdo que ouvir polidez recomendada em uma linguagem tão repugnante quanto aquela de Madame Duval.

Ela lamentou, muito lugubremente, o destino de sua seda Lyons; e protestou que preferia se separar do resto de seu guarda-roupa, porque era o primeiro vestido que ela havia comprado para usar após seu luto de viúva. Ela está muito resfriada, e Monsieur Du Bois está tão rouco, mal pode falar.

Ela insistiu que eu ficasse com ela todo o dia; já que pretendia, ela disse, me apresentar a alguns de meus parentes. Eu teria de muito bom grado recusado, mas ela não me permitiu escolha alguma.

Até a chegada desses parentes, uma continua série de perguntas do lado dela, e de respostas do meu, preencheram todo o tempo que passamos juntas. Sua curiosidade era insaciável; ela perguntou sobre cada ação de minha vida, e cada detalhe que houvesse caído em minha observação nas vidas de todos que eu conhecia. Novamente, ela foi tão cruel a ponto de confessar o mais inveterado rancor contra o único benfeitor que sua filha e

neta encontraram; e tal foi a indignação que sua ingratidão elevou, que eu realmente teria saído de sua presença e de sua casa, não houvesse ela, de maneira mais peremptória, me proibido absolutamente. Mas o quê, bom Deus!, pode induzi-la a tal chocante injustiça? Ó, meu amigo e pai! Não tenho comando de mim mesma quando este assunto é iniciado.

Ela falou muito sobre me levar a Paris e disse que eu adoraria grandemente o requinte de uma educação Francesa. Ela lamentou que eu tivesse sido criada no país, o que, ela observou, havia me dado um ar muito rústico. Contudo, ela pediu que eu não me desesperasse, posto que ela conhecia muitas garotas muito piores que eu, que haviam se tornado damas muito finas após alguns anos de residência no exterior; e ela particularmente exemplificou uma Miss Polly Moore, filha de uma mulher de merceeiro, que, por um acidente não digno de menção, aconteceu de ser enviada a Paris, onde, de uma estranha e malcriada menina, ela tanto melhorou, que tem sido desde então tomada por uma mulher de qualidade.

Os parentes a quem ela estava feliz de me apresentar consistiam em um Mr. Branghton, que é seu sobrinho e três de seus descendentes, sendo o mais velho um filho e as duas mais novas são filhas.

Mr. Branghton parece ter aproximadamente quarenta anos de idade, mas é muito enrugado. Ele não parece ter um entendimento comum, pois é bastante preconceituoso; ele passou todo seu tempo na cidade, e creio que ele sinta grande desdém por todos que residam fora dela.

Seu filho parece mais fraco em seu entendimento e mais alegre no temperamento; mas sua alegria é aquela de um tolo, de um colegial crescido, cuja alegria consiste em barulho e perturbação. Ele desdenha seu pai por ter sua atenção voltada aos negócios e amor por dinheiro; embora ele pareça não ter nenhum talento, ânimo ou generosidade para torná-lo superior a um ou outro. Seu deleite maior parece ser perturbar e ridicularizar suas irmãs; que, em troca, mais sinceramente o desprezam.

Miss Branghton, a filha mais velha, não é de jeito nenhum feia; mas parece orgulhosa, mal-humorada e convencida. Ela odeia a cidade, embora não saiba a razão; posto que é fácil descobrir que ela nunca viveu em qualquer outro lugar.

Miss Polly Branghton é bem bonita, muito tola, muito ignorante, muito frívola, e, creio eu, de muito boa natureza.

A primeira meia hora foi alocada em fazê-los confortáveis; posto que eles reclamaram de ter feito uma caminhada muito ruim, já que vieram a pé de Snow Hill, onde Mr. Branghton mantém uma loja como prateiro; e as jovens damas não tinham apenas seus casacos para escovar, e seus sapatos para secar, mas também ajustar seus cabelos, que suas toucas haviam totalmente descomposto.

A maneira pela qual Madame Duval ficou feliz em me apresentar àquela família me chocou extremamente. “Aqui, meus queridos,” disse ela, “aqui está uma parente sobre quem vocês pouco pensaram; mas devem saber, minha pobre filha Caroline teve esta menina depois que fugiu de mim — embora eu nunca tenha sabido disto, não eu, por muito tempo depois; posto que cuidaram para que isto fosse escondido de mim, embora a pobre criança nunca tenha tido um amigo no mundo além de mim.”

“Miss parece muito gentil, tia,” disse Miss Polly; “e pode ter certeza de que ela não teve culpa da desobediência da mãe, posto que ela não pôde evitar.”

“Deus, não,” respondeu ela, “e eu nunca apontei isso para ela: posto que, de fato, quanto a isso, minha pobre filha não podia ser culpada disso como você pode pensar; posto que ela nunca teria seguido pelo mau caminho, não tivesse sido por aquele pastor velho e metido de que lhe falei.”

“Se a tia quiser,” disse o jovem Mr. Branghton, “falamos de outra coisa, posto que Miss parece muito inquieta.”

O próximo assunto que foi escolhido foi a idade dos três jovens Branghtons e a minha própria. O filho tem vinte; as filhas ao ouvirem que eu tinha dezessete, disseram que eu tinha a idade de Miss Polly; mas o irmão delas, após uma longa discussão, provou que ela era dois anos mais velha, para grande ira de ambas as irmãs, que concordaram que ele era muito mal-humorado e rancoroso.

Quanto este ponto foi resolvido, outra questão foi colocada: qual era mais alto? Desejavam que fôssemos medidos, já que os Branghtons todos tinham opiniões diferentes. Nenhum deles, contudo, disputavam comigo para serem o mais alto da comitiva; mas, em relação um ao outro, eles eram extremamente conflituosos: o irmão insistia em fazer uma medida justa, e não com cabeças e saltos; mas elas não iriam de modo algum consentir perderem aqueles privilégios do nosso sexo; e, portanto, o jovem

homem foi designado, como menor; embora ele apelara a todos os presentes sobre a injustiça do decreto.

Esta cerimônia acabada, as jovens damas começaram, muito livremente, a examinar meu vestido e a interrogar-me sobre ele. “Este avental foi feito por você, suponho, Miss? Mas esses raminhos não estão na moda agora! Rogo, se não for muito impertinente, como pôde Miss dar uma jarda por esta faixa? — Miss faz seus próprios chapéus?” e muitas outras perguntas igualmente interessantes e bem formuladas.

Então elas me perguntaram se havia gostado de Londres. E se eu não deveria achar o interior muito monótono, quando voltasse pra lá. “Miss pode tentar se não conseguir um bom marido,” disse Mr. Branghton, “e então ela pode ficar e morar lá.”

O próximo assunto foram os locais públicos, ou melhor, os teatros, posto que eles não conheciam nenhum outro; e os méritos e defeitos de todos os atores e atrizes foram discutidos: o jovem rapaz aqui assumiu a liderança, e parecia ser muito conhecido do assunto. Mas durante este tempo, qual era minha preocupação, e, permita-me acrescentar, minha indignação, quando descobri, por algumas palavras que ocasionalmente ouvi, que Madame Duval estava entretendo Mr. Branghton com todos os mais secretos e cruéis particulares de minha situação! A filha mais velha logo foi atraída a eles pelo recital; a mais nova e o filho ainda ficaram em seus lugares; pretendendo, creio eu, me divertir, embora a conversa fosse só deles.

Em poucos minutos, Miss Branghton, aproximando-se repentinamente de sua irmã, exclamou: “Deus, Polly, pense só! Miss nunca viu seu pai!”

“Deus, que estranho!” gritou a outra; “por que, então, Miss, suponho que não o conheça?”

Isto era demais para mim; levantei apressadamente e saí correndo do quarto: mas logo me arrependi de ter tão pouco comando sobre mim mesma, posto que as duas irmãs me seguiram e insistiram em me confortar, não obstante meus mais sérios esforços para ser deixada sozinha.

Logo que voltei à comitiva, Madame Duval disse, “Ora, minha querida, qual foi o seu problema? Por que fugiu assim?”

Esta pergunta quase me fez correr novamente, posto que eu não sabia como respondê-la. Mas, não é muito extraordinário, que ela possa me colocar em situações tão chocantes, e depois querer saber por que estou sensível a qualquer assunto?

Mr. Branghton júnior agora perguntava a mim, se eu havia visto a Torre, ou a igreja de St. Paul? E com minha resposta negativa, eles propunham montar uma comitiva para mostrar as coisas a mim. Entre outras questões, também perguntaram se eu havia visto coisa como a ópera? Eu disse que havia. "Bem," disse Mr. Branghton, "nunca vi nenhuma na vida, desde que moro em Londres; e nunca desejo ver uma, se for viver aqui por mais tanto tempo."

"Deus, papai," gritou Miss Polly, "por que não? O senhor pode ao menos uma vez, pela curiosidade das coisas. Além disso, Miss Pomfret viu uma, e ela disse que foi um espetáculo muito bonito."

"Miss vai nos achar muito vulgares," disse Miss Branghton, "morar em Londres, e nunca ter ido a uma ópera; mas não é minha culpa, lhe asseguro, Miss, só papai não gosta de ir."

O resultado foi, que uma comitiva foi proposta, e acordada, para alguma oportunidade próxima. Não ousei contradizê-los; eu disse que meu tempo, enquanto permanecesse na cidade, estava à disposição de Mrs. Mirvan. Contudo, estou certa de que não irei acompanhá-los, se me for possível evitar.

Quando nos separamos, Madame Duval desejava me ver no dia seguinte; e os Branghtons disseram, que a primeira vez que eu fosse a Snow Hill, eles ficariam muito felizes se eu os visitasse.

Desejo que nunca mais nos encontremos até que este dia chegue.

Estou certa de que não terei muita ambição de ser conhecida por mais nenhum de meus parentes, se tiverem qualquer semelhança àqueles a quem já fui apresentada.

CARTA XVIII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Eu havia acabado de terminar minha carta ao senhor esta manhã, quando um violento vociferar à porta me fez correr para o andar de baixo; e quem eu deveria ver na sala de visitas, senão — Lord Orville!

Ele estava sozinho, posto que a família ainda não havia se reunido para o desjejum. Ele perguntou primeiro por mim, depois pela saúde de Mrs. e Miss Mirvan, com um grau de preocupação que muito me surpreendeu, até que disse que havia acabado de ser informado do acidente que tivemos em Ranelagh. Ele expressou seu pesar sobre a ocasião com máxima polidez e lamentou que não tivesse sido tão afortunado de saber disso a tempo para oferecer seus serviços. "Mas acho," ele acrescentou, "que Sir Clement Willoughby teve a honra de assisti-los?"

"Ele estava com o Capitão Mirvan, meu Lord."

"Eu havia ouvido que ele esteve com sua comitiva."

Espero que aquele homem volúvel não esteja contando a Lord Orville que ele assistiu apenas a mim! Contudo, ele não prosseguiu com o assunto, mas disse: "Este acidente, embora extremamente infortunado, não irá, espero, ser o meio para assustar a senhorita de agraciar Ranelagh com sua presença no futuro?"

"Nosso tempo, meu Lord, para Londres, já está quase expirado."

"De fato! A senhorita deixará a cidade tão em breve?"

"Ó sim, meu Lord, nossa estadia já excedeu nossas intenções."

"A senhorita está, então, tão particularmente parcial ao interior?"

"Meramente viemos à cidade de Londres, meu Lord, para encontrar o Capitão Mirvan."

"E Miss Anville não sente qualquer preocupação com a ideia de quantos enlutados sua ausência ocasionará?"

"Ó, meu Lord, estou certa de que o senhor não ache —" parei aí; posto que, de fato, eu mal sabia o que iria dizer. Meu tolo embaraço, suponho, foi a causa do que se seguiu; posto que ele veio a mim e pegou a minha mão, dizendo: "Realmente penso que, qualquer um que tenha visto

Miss Anville uma vez, deve ter recebido uma impressão nunca a ser esquecida."

Este elogio — de Lord Orville — tanto me surpreendeu que não pude falar; mas senti que mudei de cor, e fiquei por alguns momentos em silêncio, olhando para baixo: contudo, no instante em que me dei conta de minha situação, eu puxei minha mão e disse a ele que veria se Mrs. Mirvan não estava vestida. Ele não se opôs — então eu fui.

Encontrei todos nas escadas e voltei com eles para o desjejum.

Desde então tenho estado extremamente irritada comigo mesma por negligenciar uma oportunidade tão excelente para me desculpar por meu comportamento no *ridotto*. Mas, para confessar a verdade, este assunto não me ocorreu uma vez sequer durante o curto *tete-e-tete* que tivemos. Mas, se algum dia estivermos na mesma situação, certamente mencioná-la-ei; posto que estou indizivelmente preocupada com o pensamento de ele nutrir uma opinião de que eu seja atrevida ou impertinente, e eu poderia quase me matar por ter-lhe dado sombra de razão para uma ideia tão chocante.

Mas não era muito estranho que ele fizesse tal elogio? Eu não esperava isso dele; mas galantaria, creio, é comum a todos os homens como quaisquer outras qualidades que eles possam ter em particular.

Nosso desjejum foi a refeição mais agradável, se puder ser chamada de refeição, que tivemos desde que viemos à cidade. De fato, não fosse por Madame Duval, eu teria gostado extremamente de Londres.

A conversação de Lord Orville é realmente encantadora. Seus modos são tão elegantes, tão gentis, tão despretensiosos, que, imediatamente, engajam estima e difundem complacência. Longe de ser indolentemente satisfeito com suas próprias realizações, que já observei que muitos homens daqui são, embora sem quaisquer pretensões a seu mérito, ele é mais assiduamente atento a agradar e servir todos que estiverem em sua companhia, e, embora seu sucesso seja invariável, ele nunca manifesta o menor grau de consciência.

Eu queria que o senhor, meu mais querido Senhor, conhecesse Lord Orville, porque estou certa de que o senhor o amaria; e não senti este desejo por mais ninguém que vi desde que vim a Londres. Eu, às vezes, imagino que quando sua juventude fluir, sua vivacidade se abater e sua vida for devota ao retiro, ele irá, talvez, lembrar aquele quem mais amo e

honro. Sua presente doçura, polidez e modéstia, parecem prometer no futuro a mesma benevolência, dignidade e bondade. Mas, não devo dissertar sobre este assunto.

Quando Lord Orville se foi — e ele fez uma visita muito curta — eu estava me preparando, muito relutantemente, para esperar por Madame Duval; mas, Mrs. Mirvan propôs ao Capitão, que ela fosse convidada para jantar em Queen Ann Street; e ele prontamente consentiu, posto que ele disse que desejava perguntar pelo seu *negligée* Lyons.

O convite foi aceito e esperamos que ela chegue a qualquer momento. Mas, para mim, é muito estranho que uma mulher que seja a mestra incontrolada de seu tempo, fortuna e ações, deva escolher se expor voluntariamente à rudeza de um homem que é abertamente determinado a fazer dela seu passatempo. Mas ela tem muito poucos conhecidos; e, imagino, pouco sabe como empregar a si mesma.

Quão importante é meu dever a Mrs. Mirvan por conceder seu tempo de maneira tão desagradável para ela mesma, meramente para promover minha felicidade! Toda contenda na qual seu indigno marido engaja é produtiva de dor e desconforto a ela mesma; disso sou tão sensível, que até supliquei que ela não convidasse Madame Duval; mas, ela declarou que não poderia suportar me ter passando todo meu tempo, enquanto na cidade, com ela apenas. De fato ela não podia ser mais gentil comigo, fosse eu sua filha.

CARTA XIX

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Sábado De Manhã, 16 De Abril.

Madame Duval foi acompanhada de Monsieur Du Bois. Estou surpresa de que ela fosse escolher apresentá-lo onde ele é tão indesejado: e, de fato, é estranho que eles estejam tão constantemente juntos, embora devesse ter prestado atenção nisso, mas aquele Capitão Mirvan está perpetuamente me chamando atenção sobre o *beau* de minha avó.

Ambos foram recebidos por Mrs. Mirvan com sua usual boa educação; mas o Capitão, mais provocantemente, a atacou imediatamente, dizendo: “Agora, Madame, a senhora que já morou no exterior, por favor me diga isto aqui: qual a senhora mais gostou, o salão quente em Ranelagh, ou o banho frio em que entrou depois? Embora eu lhe assegure, a senhora parece tão bem, que eu a aconselharia a tomar outro mergulho.”

“*Ma foi*, Senhor,” gritou ela, “ninguém pediu seu conselho, então é melhor que o senhor o mantenha consigo, ademais, não é tão grande piada ser esparramada e pegar um resfriado, estragar todas as coisas de alguém, o que quer que pense o senhor disto.”

“Esparramada, qual o quê! — ora, eu pensei que a senhora estivesse toda encharcada. Venha, venha, não diminua o assunto, nunca estrague uma boa história; a senhora sabe que não tinha nem um fio seco na senhora. — Por George![7] Nunca pensarei nisso sem gargalhar! Tão pobre desamparada doce senhora da cauda suja! E pobre Monsiê Francês, aqui, como um rato afogado, em seu lado!”

“Bem, por pior que fosse a situação em que ele se encontrasse, foi muito pior de sua parte não nos ajudar; posto que o senhor sabia onde estávamos, porque, enquanto eu estive na lama, tenho certeza de que ouvi seu riso abafado. Então é praticamente como se o senhor mesmo tivesse nos derrubado; posto que Monsieur Du Bois diz, que ele tem certeza de que teve uma grande sacudidela aplicada a ele, ou ele não teria caído.”

O Capitão ria tão imoderadamente que também me deu a suspeita de que ele não era inteiramente inocente da acusação: contudo, ele negou

muito peremptoriamente.

"Ora então," continuou ela, "se não fez isso, por que não veio nos ajudar?"

"Quem, eu? — Ora, a senhora supõe que eu tenha esquecido que eu era um Inglês, um imundo, bestial Inglês?"

"Muito bem, Senhor, muito bem; mas fui uma tola de esperar o melhor, posto que é só uma parte do resto; o senhor sabe, o senhor queria me jogar pela janela do coche a primeira vez que lhe vi; mas nunca irei a Ranelagh com o senhor novamente, isso já decidi; posto que ouso dizer, se os cavalos tivessem passado por cima de mim, enquanto eu estava caída na lama, o senhor nunca teria dado um passo para me salvar."

"Deus, não, tenha certeza, Madame, nem pelo mundo! Sei sua opinião de nossa nação bem demais para afrontar a senhora supondo que um Francês quereria a minha assistência para protegê-la. A senhora acha que o Monsiê aqui, e eu mudamos de corpo, e que ele jogaria a senhora na lama, e eu a ajudaria a sair dela? Ha, ha, ha!"

"Ó muito bem, Senhor, continue rindo, é comum de seus modos; contudo, se o pobre Monsieur Du Bois não houvesse tido aquele infeliz acidente eu não teria querido ajuda de ninguém."

"Ó, lhe prometo, Madame, a senhora nunca teria tido a minha; eu soube manter minha distância: e quanto à senhora estar um pouco molhada, ou coisa assim, ora, certamente, Monsiê e a senhora resolveram isso entre vocês; então não era da minha conta."

"O quê, então, suponho que o senhor queira me fazer acreditar que Monsieur Du Bois me serviu aquele truque de propósito?"

"De propósito! Sim, certamente; quem duvidaria disso? A senhora acha que um Francês algum dia tropeçaria? Se ele fosse um indivíduo Inglês dos pés atrapalhados, de fato, poderia ter sido acidental. Mas, que diabo significam todos esses pulos e cambalhotas dos seus mestres da dança se não podem se equilibrar de pé?"

No meio deste diálogo, Sir Clement Willoughby fez sua aparição. Ele finge entrar na casa com a liberdade de um antigo conhecido; e essa grande facilidade, que, para mim, é assustadora é o que mais particularmente o recomenda ao Capitão. De fato, ele parece estudar muito bem todas as brincadeiras daquele cavalheiro.

Após muito calorosamente tê-lo recebido, “Você chegou bem a tempo, meu rapaz,” disse ele, “de resolver um pequeno assunto de uma discussão entre esta dama aqui e eu; você sabe que ela tem tentado me persuadir, que ela não gostou nem mais ou menos do mergulho que o Monsiê a fez dar na outra noite.”

“Eu teria esperado,” disse Sir Clement, com máxima seriedade, “que a amizade subsistente entre a dama e o cavalheiro protegê-los-ia de quaisquer ações professadas desagradáveis um ao outro, mas, provavelmente, eles podem não haver discutido o assunto anteriormente; neste caso o cavalheiro, devo confessar, parece ter sido culpado de negligência, já que, em minha humilde opinião, era seu dever primeiro ter perguntado se a dama preferia chão suave ou duro, antes que a deixasse cair.”

“Ó muito bem, senhores, muito bem,” gritou Madame Duval, “vocês podem tentar nos grudar pelos ouvidos quanto quiserem; mas eu não sou uma pessoa tão ignorante a ponto de ser feita de tola tão facilmente; então não precisam falar mais sobre isso, posto que este parece ser seu plano.”

Monsieur Du Bois, que havia sido capaz de descobrir o assunto para o qual a conversa mudou, fez sua defesa, em Francês, com grande solenidade. Ele esperava, ele disse, que a comitiva ao menos reconhecesse que ele não veio de uma nação de brutos; e, consequentemente, que deliberadamente ofender qualquer dama, era, para ele, completamente impossível; mas isso, ao contrário, ao se esforçar, como era seu dever, para salvá-la e protegê-la, ele mesmo havia sofrido, em uma maneira que ele se recusava a relatar, mas que, ele muito percebeu, deveria sentir os efeitos nocivos do incidente por muitos meses. E então, com um semblante excessivamente alongado, ele acrescentou, que esperava que isso não seria atribuído a ele como preconceito nacional, quando ele confessou que deve, pelo melhor de sua memória, declarar, que esta infortuna queda foi devida a um repentino, porém violento empurrão, que, ele estava chocado em dizer, alguma pessoa malévola, com desígnio de lhe machucar, deve, certamente, ter lhe dado; mas, ou com vista a humilhá-lo, por fazê-lo deixar a dama cair, ou meramente para estragar suas roupas, ele não podia fingir determinar.

Esta discussão foi, finalmente, concluída pela proposta de Mrs. Mirvan de que deveríamos todos ir ao Museu Cox. Ninguém objetou e

carruagens foram imediatamente pedidas.

Em nosso caminho para o andar de baixo, Madame Duval, de maneira muito apaixonada, disse, "*Ma foi*, se eu não daria cinquenta guinéus apenas para saber quem nos deu aquele empurrão!"

Este Museu é muito espantoso e muito esplêndido; ainda assim me proporcionou pouco prazer, posto que é uma mera exibição, embora maravilhoso.

Sir Clement Willoughby, nos acompanhou em nossa caminhada ao redor do salão, perguntou a mim qual era a minha opinião deste brilhante espetáculo!

"É muito bom, e muito engenhoso," respondi; "e ainda assim, não sei o que é — me parece faltar alguma coisa."

"Excelentemente respondido!" gritou ele; "a senhorita definiu exatamente meus próprios sentimentos, embora de uma maneira a qual eu nunca teria chegado. Mas, eu estava certo de que seu gosto era muito bem formado, para ser agradado à custa de seu entendimento."

"*Pardi*," gritou Madame Duval, "confio que vocês dois são difíceis o suficiente! Estou certa de que se vocês não gostam disso não gostam de nada; posto que é a maior, a mais linda, mais bela vista que já vi na Inglaterra."

"O quê?" gritou o Capitão com escárnio, "suponho que isto seja de seu gosto Francês? Deve ser o suficiente, posto que é tudo uma bagatela. Mas, rogo-te, amigo," virando-se para a pessoa que explicava os dispositivos, "pode me dizer a utilidade de tudo isso? Posto que não sou um mágico bom o suficiente para descobrir."

"Utilidade, de fato!" repetiu Madame Duval, desdenhosamente; "Deus, se toda coisa for para ser útil!"

"Ora, Senhor, quanto a isso, Senhor," disse nosso condutor, "a engenhosidade do mecanismo, a beleza do acabamento — indubitavelmente, senhor, qualquer pessoa de gosto pode facilmente discernir a utilidade de tão extraordinárias performances."

"Ora então, Senhor," respondeu o Capitão, "sua pessoa de gosto deve ser ou um janota ou um Francês; embora, para este assunto, sejam a mesma coisa."

Logo então nossa atenção foi atraída para um abacaxi; que, abrindo-se repentinamente, mostrava um ninho de pássaros que imediatamente

começou a cantar. “Bem,” gritou Madame Duval, “isto é mais bonito que todo o resto! Declaro, em todas as minhas viagens, nunca vi nada mais elegante.”

“Ouve, amigo,” disse o Capitão, “já tiveste outro abacaxi?”

“Senhor?”

“Porque, se tiveres, rogo-te que nos dê um sem os pássaros; posto que, vês, não sou nenhum Francês e devo apreciar algo mais substancial.”

Este entretenimento terminou com um concerto de música mecânica; não posso explicar como ele foi produzido, mas o efeito foi agradável. Madame Duval estava em êxtases; e o Capitão se jogou em tantas distorções ridículas, imitando-a, que atraiu a atenção de toda a comitiva; e, em meio à performance do Hino da Coroação, enquanto Madame Duval estava comovida a bater o tempo, e exclamando muitas expressões de deleite, ele repentinamente pediu sais, que uma moça, percebendo alguma aflição, polidamente entregou a ele, e que, instantaneamente, aplicando nas narinas da pobre Madame Duval, ela involuntariamente inalou tal quantidade que a dor e a surpresa a fizeram gritar alto. Quando se recuperou, ela o recriminou com sua usual veemência; mas ele protestou dizendo que tomou aquela medida por pura amizade, como ele concluiu, por seus arroubos, que ela estava entrando em um ataque de nervos. Esta desculpa de modo algum a apaziguou, e eles tiveram uma briga violenta; mas o único efeito que a raiva dela tinha sobre o Capitão, era aumentar a sua diversão. De fato, ele ri e fala tão terrivelmente alto em público que ele, frequentemente, nos envergonha de estarmos em sua companhia.

Madame Duval, não obstante sua fúria, não hesitou por um momento sequer em voltar para jantar em Queen Ann Street. Mrs. Mirvan havia reservado lugares para a peça no Teatro Drury-Lane, e, embora sempre inquieta em sua companhia, ela muito educadamente convidou Madame Duval para estar em nossa comitiva; contudo, ela estava muito resfriada e escolheu se recolher. Lamentei sua indisposição; mas eu não sabia como expressar o fato de ela não nos ter acompanhado, posto que ela é — não devo dizer o quê, mas muito diferente das outras pessoas.

CARTA XX

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Nossos lugares eram na fileira da frente de um camarote lateral. Sir Clement Willoughby, que sabia da nossa intenção, estava na porta do teatro, e nos ajudou a descer da carruagem.

Não havíamos nós sentado por cinco minutos antes que Lord Orville, quem vimos no camarote do palco, viesse até nós; ele nos honrou com sua companhia toda a noite; Miss Mirvan e eu nos regozijamos que Madame Duval estivesse ausente, já que esperávamos pelo prazer de conversar, ininterruptas por suas brigas com o Capitão. Mas, logo descobri que sua presença teria feito muito pouca alteração; posto que tão longe quanto eu estava de ousar falar, eu não sabia para onde sequer olhar.

A peça era Amor por Amor; e, embora plena de sagacidade e entretenimento, eu espero nunca vê-la representada novamente, posto que é tão extremamente indelicada — para usar a palavra mais suave que posso — que Miss Mirvan e eu ficamos perpetuamente sem compostura, e não podíamos fazer quaisquer observações por nós mesmas, ou sequer ouvir as de outrem. Isto foi o mais provocante, já que Lord Orville estava em excelentes ânimos e excessivamente divertido.

Quando a peça acabou, me lisonjeei achando que poderia olhar em volta com menos restrições, já que pretendíamos permanecer para a sátira; mas a cortina mal havia caído, quando a porta do camarote abriu e entrou Mr. Lovel, o homem por cujo janotismo e impertinência fui tão provocada no primeiro baile quando vi Lord Orville.

Virei minha cabeça e comecei a falar com Miss Mirvan, posto que eu estava desejosa de evitar falar com ele — mas em vão; posto que, tão logo ele fez seus cumprimentos a Lord Orville e a Sir Clement Willoughby, que o responderam muito friamente, ele curvou sua cabeça para frente e disse a mim: “Espero, Madame, que sua saúde tenha sido a melhor desde que tive a honra — peço dez mil perdões, mas, protesto e ia dizer a honra de dançar com a senhorita — embora, devo dizer a honra de vê-la dançar?”

Ele falava com uma autocomplacência que me convenceu de que ele houvesse estudado sua abordagem, por meio de fazer represálias por

minha conduta no baile; eu, portanto, me curvei ligeiramente, mas não dei resposta.

Após um curto silêncio ele novamente chamou minha atenção, dizendo, de maneira confortável, negligente: “Penso, Madame, nunca esteve na cidade antes?”

“Não, Senhor.”

“Assim presumi. Indubitavelmente, Madame, cada coisa deve ser infinitamente original para a senhorita. Nossos costumes, nossos modos e *les* étiquettes *de nous autres*[8], podem ter muito pouca similaridade com aqueles aos quais a senhorita deve estar acostumada. Imagino, Madame, que seu retiro fica a não muito pouca distância da capital.”

Fiquei tão desconcertada com este discurso zombeteiro, que eu não disse uma palavra; embora eu tenha, desde então, achado que minha vexação tanto o estimulou quanto o encantou.

“O ar que respiramos aqui, contudo, Madame,” continuou ele, muito convencidamente, “embora alheio ao que a senhorita tem estado acostumada, não tem, espero, estado em desacordo com sua saúde?”

“Mr. Lovel,” disse Lord Orville, “seus olhos não poderiam ter poupado esta pergunta?”

“Ó, meu Lord,” respondeu ele, “se a saúde fosse a única causa do rubor de uma dama, meus olhos, admito, haveriam sido infalíveis desde o primeiro relance; mas —”

“Vamos, vamos,” disse Mrs. Mirvan, “devo implorar que não façam insinuações deste tipo: a cor de Miss Anville, como o senhor já julgou com sucesso, pode, o senhor vê, estar intensificada; mas, lhe garanto, estaria além de sua habilidade diminuí-la.”

“Com honra, Madame,” respondeu ele, “a senhora me julga mal; não presumo inferir que o *rouge* fosse o único sucedâneo para saúde; mas, realmente, tenho sabido de tantas causas diferentes para a cor de uma dama, como rubor — raiva — *mauvaise honte*[9] — e assim por diante, que nunca ouso decidir a qual deve ser devida.”

“Quanto a tais causas como essas,” gritou o Capitão, “elas devem pertencer àqueles a quem acompanham.”

“Bem verdade, Capitão,” disse Sir Clement; “a cútis natural nada tem a ver com ocasionais acessos das paixões ou quaisquer causas acidentais.”

“Não, sinceramente,” respondeu o Capitão; “posto que agora aqui estou eu, ora pareço um homem como qualquer outro; só agora; e ainda assim, se você fosse me colocar em cólera, por George, você logo me teria em tão bela e alta cor como qualquer Jezebel pintada em todo este lugar, seja ela nunca tão borrada.”

“Mas,” disse Lord Orville, “a diferença da cor natural e artificial parece ser muito facilmente discernida; aquela da natureza é sarapintada e variada; aquela da arte, e muito suave; quer aquela animação, aquele brilho, aquela coisa indescritível, que, até agora que vejo, completamente ultrapassa todos os meus poderes de expressão.”

“Vossa Senhoria,” disse Sir Clement, “é universamente reconhecido como um perito em beleza.”

“E o senhor, Sir Clement,” respondeu ele, “um entusiasta.”

“Tenho orgulho em reconhecer,” bradou Sir Clement; “em tal causa e ante tais assuntos, entusiasmo é simplesmente a consequência de não ser cego.”

“Rogo-lhes, uma trégua com todo esse palavreado,” gritou o Capitão: “as mulheres já são vãs o suficiente; não há razão para que as envaideçam mais.”

“Todos devemos nos submeter ao comandante,” disse Sir Clement: “portanto, vamos chamar outro assunto. Rogo, damas, como têm sido entretidas com a peça?”

“Falta de entretenimento,” disse Mrs. Mirvan, “é a menor das faltas; mas confesso ter objeções a ela, que muito me deveriam agradar ver removidas.”

“Eu poderia ter tomado a liberdade de responder pelas damas,” disse Lord Orville, “já que estou certo de que esta não seja uma peça que possa ser honrada com sua aprovação.”

“O quê, suponho que não seja sentimental o suficiente!” gritou o Capitão, “ou então é boa demais para elas; posto que mantenho a posição de que é uma das melhores comédias em nossa língua e tem mais perspicácia em uma cena que em todas as novas peças juntas.”

“Por minha parte,” disse Mr. Lovel, “confesso que raramente escuto os atores; há tanto a fazer, procurar e encontrar conhecidos, que, realmente, não há tempo para se importar com o palco. Rogo,” mais

afetadamente fixando seus olhos em um anel de diamante em seu dedo mínimo, “rogo-o, de que foi a peça hoje?”

“Ora, que diabos,” gritou o Capitão, “você vem à peça sem saber sobre o que é?”

“Ó sim, Senhor, sim, muito frequentemente; não tenho tempo para ler os programas; só se vem aqui para encontrar amigos e mostrar que é ainda vivo.”

“Ha, ha, ha! — e então,” gritou o Capitão, “lhe custa cinco xelins a noite só para mostrar que está vivo! Bem, fé, meus amigos todos me achariam morto e enterrado antes que eu estivesse a essas custas para eles. De qualquer forma — isso aqui você pode levar de mim — eles descobrirão rápido o suficiente se você tem algo para dar a eles. — E então você tem estado aqui todo esse tempo, e não sabe o que a peça foi?”

“Ora, realmente Senhor, uma peça requer tanta atenção, mal é possível manter-se acordado e escutar; posto que, de fato, quando já é noite, já se está tão cansado com jantar, ou vinho, ou a casa, ou estudos — que é — é perfeitamente uma impossibilidade. Mas, agora pensando nisso, creio que tenho um programa em meu bolso. Ó, sim, aqui está: Amor por Amor, sim, verdade, ha, ha! Como pude ser tão estúpido!”

“Ó, fácil o suficiente, quanto a isso, lhe garanto,” disse o Capitão; “mas, por minha alma, esta é uma das melhores piadas que já ouvi! — Vir a uma peça e não saber o que ela é! — Ora, suponho que não teria que descobrir, se eles não lhe metessem no bolso um resto de papel de violinistas, ou uma ópera? Ha, ha, ha! Ora, agora, eu poderia pensar que você teria prestado atenção em um Mr. Tattle, que está na peça!”

Este sarcasmo, que causou risada geral, o fez corar. Mas, virando-se ao Capitão com olhar convencido, o que implicava que ele tinha uma réplica pronta, disse: “Rogo, senhor, dê-me licença para perguntar — O que o senhor pensa de um Mr. Ben, que também está nesta peça?”

O Capitão, tratando-o com o máximo desprezo, respondeu em voz alta: “Pensar dele! Ora, eu acho que ele é um homem!” E então, olhando de cheio em seu rosto, ele bateu sua bengala no chão com uma violência que o fez sobressaltar. Ele, contudo, escolheu não dar atenção a isso, mas, tendo roído suas unhas alguma vez em confusão manifesta, ele se virou muito rapidamente para mim, e em um tom jocoso de voz, disse: “Por

minha parte, fui mais atingido pela jovem dama do interior, Miss Prue; rogo o que a senhorita achou dela, Madame?"

"De fato, Senhor," falei, muito irritada, "Eu acho — isto é, não acho nada dela."

"Bem, realmente, Madame, a senhorita me surpreende prodigiosamente! — *Mais, apparemment ce n'est qu'une façon de parler*? [10] — Embora eu deva pedir seu perdão, posto que provavelmente a senhorita não entende Francês?"

Não dei resposta, posto que achei sua rudeza intolerável; mas Sir Clement, com grande fervor, disse: "estou surpreso de que o senhor possa supor que um assunto como Miss Prue engajaria a atenção de Miss Anville mesmo que por um momento."

"Ó, Senhor," respondeu este janota, "é a primeira personagem na peça! Tão bem desenhada! Tão a coisa! Tão verdadeira criação no campo, tão ruralmente ignorante! Ha, ha, ha! — É o acerto mais admirável, com honra!"

Eu poderia ter quase chorado, que tal impertinência fosse nivelada a mim; e ainda assim, mortificada como estava, eu nunca poderia olhar para Lord Orville e para este homem ao mesmo tempo, e sentir qualquer arrependimento pela causa que lhe dei de desprazer.

"A única mulher na peça" disse Lord Orville, "que vale a pena ser mencionada a estas damas é Angelica."

"Angelica," gritou Sir Clement, "é uma garota nobre; ela põe seu amante severamente a prova, mas o recompensa generosamente."

"Ainda assim, em uma prova tão longa," disse Mrs. Mirvan, "parece haver muita consciência de seu poder."

"Já que minha opinião tem a sanção de Mrs. Mirvan," acrescentou Lord Orville, "ousarei dizer que Angelica concede sua mão mais com ares de uma benfeitora que com a ternura de uma amante. Generosidade sem delicadeza, como inteligência sem julgamento, geralmente dá tanta dor quanto prazer. A incerteza na qual ela mantém Valentine, e sua maneira de tripudiar com seu temperamento, não deu uma ideia muito favorável sobre si própria."

"Bem, meu Lord," disse Mr. Lovel, "deve-se, contudo, ser reconhecido que incerteza não é o tom entre nossas damas no presente; mais que isso, de fato, acho que dizem — embora confesso," tomando uma

pitada de rapé, “espero que não seja verdade — mas dizem, que nós agora somos mais tímidos e acanhados.”

A cortina então subiu e nossa conversa cessou. Mr. Lovel, achando que escolhemos assistir aos atores, deixou o camarote. Como é estranho, senhor, que este homem, não contente com a grande parte de janotice e tolice que já tem por natureza, deveria achar apropriado empregar ainda mais! Posto que o que ele disse de Tattle e de Miss Prue me convenceu de que ele, realmente, havia escutado a peça, embora tenha sido tão ridículo e tolo a ponto de fingir ignorância.

Mas, quão maliciosa e impertinente é esta criatura para falar comigo de tal maneira! Estou certa de que espero nunca vê-lo novamente. Eu deveria tê-lo desprezado sinceramente como um janota, nunca houvesse ele falado comigo de modo algum; mas agora, que ele considera apropriado guardar rancor de seu suposto mau uso, estou realmente com bastante medo dele.

O entretenimento foi, O Diabo está Nele; que Lord Orville observou ser a mais perfeita e elegante *petit* peça a ter sido escrita em Inglês.

Em nosso caminho para casa, Mrs. Mirvan me colocou em alguma consternação ao falar, era evidente, do ressentimento que este Mr. Lovel nutre de minha conduta, que ele consideraria isso uma provocação suficientemente importante para um duelo, se sua coragem igualasse sua ira.

Estou amedrontada apenas com a ideia. Bom Deus! Que um homem tão fraco e frívolo fosse tão vingativo! Contudo, se coragem o teria excitado para afrontar Lord Orville, quanta razão tenho eu de regozijar que a covardia o contente ao desafogar sua melancolia em cima de mim! Mas devemos deixar a cidade logo, e, eu espero, não vê-lo nunca mais.

Foi para mim de algum consolo ouvir de Miss Mirvan, que, enquanto ele estava falando comigo de forma tão cavalheiresca, Lord Orville olhava-o com grande indignação.

Mas, realmente, acho que deveria haver um livro das leis e dos costumes à-la-mode, apresentado a todos os jovens quando fossem se apresentar pela primeira vez em companhia pública.

Hoje vamos à ópera, onde espero grande prazer. Devemos ter a mesma comitiva que na peça, posto que Lord Orville disse que estaria lá e procuraria por nós.

CARTA XXI

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Tenho um volume a escrever sobre as aventuras de ontem. Pela tarde — em Berry Hill eu deveria ter dito começo da noite, posto que eram quase seis horas — enquanto Miss Mirvan e eu nos vestíamos para a ópera, e em altos ânimos pela expectativa de grande entretenimento e prazer, ouvimos uma carruagem parar na porta, e concluímos que Sir Clement Willoughby, com sua usual assiduidade, havia vindo para nos acompanhar até Haymarket; mas, em poucos momentos, qual foi a nossa surpresa ao ver a porta de nosso quarto ser escancarada e as duas Miss Branghtons entrarem no cômodo! Elas avançaram a mim com grande familiaridade, dizendo: "Como vai, Prima? — então lhe pegamos sem roupa! — bem, estou determinada a contar isso a meu irmão!"

Miss Mirvan, que nunca as havia visto, e não pôde imaginar inicialmente quem elas fossem, parecia tão atônita, que eu estava pronta para rir, até que a mais velha disse: "Viemos levá-las para a ópera, Miss; papai e meu irmão estão lá embaixo e vamos pegar sua vovó no caminho."

"Sinto muito," respondi, "que vocês tenham tido tanto trabalho, já que já estou compromissada."

"Compromissada! Deus, Miss, não se importe com isso," gritou a mais nova; "esta jovem dama fará suas desculpas ouso dizer; é só fazer como se deve ser feito, você sabe."

"De fato Madame," disse Miss Mirvan, "eu por mim mesma devo ficar muito triste de ser privada da companhia de Miss Anville esta noite."

"Bem, Miss, isso não é muito bom de você," disse Miss Branghton, "considerando que só viemos para dar prazer à nossa prima; é inútil para nós; é tudo por sua conta; posto que viemos, eu não sei o quanto desviamos para pegá-la."

"Estou extremamente agradecida a vocês," disse eu, "e lamento muito que tenham perdido tanto tempo; mas não posso evitar, posto que me compromissei sem saber que vocês viriam."

"Deus, o que significa isso?" disse Miss Polly, "você não é uma velha e então não precisa ser tão formal assim. Além disso ouso dizer que

aqueles com quem você se compromissou não são nem metade relacionados a você como nós somos."

"Devo implorar que não me pressionem mais, posto que lhes asseguro que não está em meu poder lhes acompanhar."

"Ora, nós saímos da cidade de propósito; além disso, sua vovó a espera; — e, rogo, o que deveremos dizer a ela?"

"Digam a ela, por favor, que muito me importo — mas que me compromissei anteriormente."

"E com quem?" exigiu saber a abrupta Miss Branghton.

"Com Mrs. Mirvan — e uma grande comitiva."

"E, rogo, o que todos vocês vão fazer, que seria um tão grande assunto para que você não venha conosco?"

"Todos nós vamos a — à ópera."

"Ó céus, se isso for tudo, por que não podemos ir todos juntos?"

Fiquei extremamente desconcertada com este comportamento adiantado e ignorante, e ainda assim a rudeza delas muito diminuiu minha preocupação em recusá-las. De fato, seus vestidos eram tais que teriam tornado seu esquema de acompanhar nosso grupo impraticável, mesmo que eu houvesse desejado; e isto, já que elas mesmas não descobriram, fui obrigada, nos termos menos arrasadores que eu pudesse pensar, a contar a elas.

Elas ficaram muito desgostosas e perguntaram onde eu sentaria.

"Na cova," respondi.

"Na cova," repetiu Miss Branghton; "bem, realmente, devo confessar, eu nunca teria suposto que meu vestido não fosse bom o suficiente para a cova; mas venha, Polly, vamos; se Miss não nos acha bom o suficiente para ela, ora com certeza ela deve escolher."

Surpresa com esta ignorância, eu teria me explicado a elas, que a cova em uma ópera requeria o mesmo vestido que os camarotes; mas elas ficaram tão afrontadas que não me ouviriam; e, em grande desprazer, deixaram o quarto dizendo que elas não teriam me perturbado, apenas pensavam que eu não seria tão orgulhosa com meus próprios parentes, e que elas tinham pelo menos o direito de minha companhia como os estranhos.

Esforcei-me para pedir desculpas e teria enviado uma longa mensagem a Madame Duval, mas elas se apressaram em sair sem me

ouvir; e eu não podia segui-las escada abaixo, porque não estava vestida. As últimas palavras que ouvi-las dizer foram: “Bem, sua vovó entrará em grande cólera, essa é uma coisa boa!”

Embora eu estivesse extremamente furiosa com esta visita, ainda assim tão sinceramente regozijei com a ida delas, que eu não me permitiria pensar seriamente sobre o assunto.

Pouco depois, Sir Clement realmente veio e todos nós descemos. Mrs. Mirvan pediu chá; e ficamos engajados em uma conversa muito vivaz, quando o serviçal anunciou Madame Duval, que imediatamente o seguiu adentrando o cômodo.

Seu rosto era da cor de escarlate e seus olhos brilhavam com fúria. Ela veio a mim com passos rápidos, dizendo: “Então, Miss, você recusa vir a mim, é isso? E rogo quem é você para ousar me desobedecer?”

Eu estava muito assustada; — não dei resposta; — até tentei levantar-me, mas não consegui, permaneci sentada, muda e imóvel.

Todos menos Miss Mirvan pareciam totalmente atônitos; e o Capitão levantando-se e se aproximando de Madame Duval, com uma voz de autoridade, disse: “Ora, como agora, Mrs. Peru-galo, o que lhe colocou nessa afobação?”

“Não é de sua conta,” respondeu ela, “então o senhor pode segurar sua língua, posto que não irei ser chamada a prestar contas pelo senhor, lhe asseguro.”

“Aí é que a senhora se engana, Madame Fúria,” respondeu ele; “posto que a senhora deve saber, eu nunca permito que ninguém entre em cólera em minha casa, além de mim mesmo.”

“Mas o senhor permitirá,” gritou ela, em grande fúria; “posto que estarei em tão grande cólera quanto eu quiser, sem pedir sua deixa. Então não se dê mais ares sobre isso. E quanto a você Miss,” novamente avançando-se a mim, “eu lhe ordeno que me siga neste momento, ou então lhe farei se arrepender disso por toda sua vida.” E, com estas palavras, ela saiu correndo do cômodo.

Eu estava em tão extremo terror, ao ser abordada e ameaçada em uma maneira à qual estou tão completamente desacostumada, que quase pensei que haveria desmaiado.

“Não se alarme, meu amor,” disse Mrs. Mirvan, “mas fique onde está e seguirei Madame Duval e tentarei trazê-la de volta à razão.”

Miss Mirvan pegou minha mão, e mais gentilmente se esforçou para levantar meus ânimos. Sir Clement, também, se aproximou de mim, com um ar tão interessado em minha aflição, que eu não podia evitar me sentir agradecida a ele; e, tomando minha outra mão, disse: “Pelo amor de Deus, minha cara Madame, componha-se. Certamente a violência de tal desgraça deve meramente comover seu desprezo; ela não pode ter direitos, imagino, de colocar seus comandos sobre a senhorita, e só desejo que a senhorita me permita falar com ela.”

“Ó não! Não pelo mundo! De fato, creio — receio — que seja melhor segui-la.”

“Segui-la! Bom Deus, minha cara Miss Anville, a senhorita se confiaria a uma mulher louca? Posto que o que mais pode chamar uma criatura, cujas paixões são tão insolentes? Não, não; mande dizer de uma vez por todas que ela deixe a casa, e diga a ela que deseja que ela nunca mais a veja novamente.”

“Ó, Senhor! O senhor não sabe do que fala! — Seria o mal sobre mim, enviar a Madame Duval tal mensagem.”

“Mas por quê?” vozeou ele, (parecendo muito inquisitivo) “por que a senhorita hesita em tratá-la como ela merece?”

Eu então observei que seu objetivo era descobrir a natureza da ligação dela comigo; mas senti tanta vergonha de minha relação próxima com ela, que eu não me pude persuadir a respondê-lo e apenas aconselhei que ele a deixasse para Mrs. Mirvan, que só então entrou no salão.

Antes que ela pudesse falar comigo, o Capitão bradou: “Bem, Bombom, o que você fez com a Madame Francesa? Ela esfriou um pouco? Porque se não tiver, eu acabei de pensar em um dispositivo mais que excelente para trazer a ela.”

“Minha querida Evelina,” disse Mrs. Mirvan, “tenho em vão me esforçado para apaziguá-la; pleiteei seu compromisso e prometi seu comparecimento futuro, mas lamento dizer, meu amor, que temo que sua fúria vá terminar em total ruptura (o que acho melhor você evitar) se ela for mais contrariada.”

“Então irei a ela, Madame,” chorei eu; “e, de fato, agora não importa, posto que não devo ser capaz de recuperar meus ânimos suficientemente para desfrutar de algum prazer em qualquer lugar esta noite.”

Sir Clement começou uma muito calorosa admoestação e súplica, que eu não fosse; mas o implorei que desistisse e disse a ele, muito honestamente, que, se minha complacência não era indispensavelmente necessária eu não deveria requerer persuasão para ficar. Ele então tomou minha mão, para me levar ao andar de baixo; mas o Capitão queria que ele ficasse quieto, dizendo que ele mesmo me escuderia, "porque" ele acrescentou, (exultantemente esfregando suas mãos) "tenho uma bordoada pronta para a velha dama, que pode servi-la para remoer durante seu trajeto."

Encontramo-na na sala de espera, "Ó você finalmente veio, Miss, não é? — Grandes ares você se dá, de fato! — *Ma foi*, se você não tivesse vindo, poderia ter ficado, lhe asseguro, e ter sido uma pedinte, por suas dores."

"Auge, Madame," gritou o Capitão, (curveteando-se para frente, com um olhar de grande júbilo) "o quê? A senhora não saiu de sua cólera ainda? Ora então, lhe direi o que fazer para se esfriar; chame aquele seu velho amigo, Monsiê Escorregadiço, que estava com a senhora em Ranelagh e dê meu serviço a ele, diga a ele, se ele tiver qualquer receio quanto à sua saúde, que desejo que ele lhe dê outro banho como aquele que deu antes; ele saberá o que quero dizer e lhe garanto que ele fará por meu intento."

"Deixe ele, se ele ousa!" gritou Madame Duval; "mas não ficarei para lhe responder mais; o senhor é um indivíduo vulgar; e assim sendo, criança, vamos deixá-lo com ele mesmo."

"Ouça, Madame," gritou o Capitão, "é melhor que a senhora não chame nomes; porque, a senhora vê, se fizer isso, deverei tomar a liberdade de lhe mostrar a porta."

Ela mudou de cor, e dizendo: "*Pardi*, eu posso chegar a ela sozinha," saiu apressadamente da sala e eu a segui entrando em seu coche usado. Mas antes que saíssemos, o Capitão, olhando para fora pela janela da sala, gritou: "A senhora está ouvindo, Madame, não se esqueça da minha mensagem para o Monsiê."

O senhor acreditará que nosso trajeto não foi o mais agradável no mundo; de fato, seria difícil dizer quem estava menos satisfeita, Madame Duval ou eu, embora as razões de nosso descontentamento fossem tão diferentes. Contudo, Madame Duval logo começou a falar comigo; posto

que havíamos mal saído de Queen Ann Street, quando um homem, correndo a toda velocidade, parou o coche. Ele veio à janela, e vi que ele era um serviçal do Capitão. Ele tinha um sorriso largo no rosto e arfava para respirar. Madame Duval exigiu saber o que ele queria: “Madame,” respondeu ele, “meu mestre deseja que a senhora receba seus cumprimentos, e — e ele diz que deseja o que mais quer sobre a senhora. He! He! He! —”

Madame Duval imediatamente se lançou para frente e lhe deu um violento golpe no rosto: “Leve isto de volta como resposta, mariola,” gritou ela, “e aprenda a não sorrir de quem lhe é superior novamente. Cocheiro, dirija!”

O serviçal estava em violenta cólera e a xingou terrivelmente; mas logo estávamos fora de alcance.

A ira de Madame Duval era maior do que nunca e ela investiu contra o Capitão com tanta fúria, que eu estava até apreensiva que ela houvesse de retornar a sua casa, propositadamente para repreendê-lo, o que ela repetidamente ameaçou fazer; nem ela teria, creio eu, hesitado um momento sequer, mas isso, não obstante a sua violência, ele realmente a deixou com medo dele.

Quando chegamos em seu alojamento encontramos todos os Branghtons na passagem, impacientemente esperando por nós com a porta aberta.

“Veja só, aqui está Miss!” gritou o irmão.

“Bem, declaro que eu já pensava que isso aconteceria!” disse a irmã mais nova.

“Ora, Miss,” disse Mr. Branghton, “Eu acho que a senhorita poderia ter vindo com seus primos de uma vez; é jogar dinheiro por terra, pagar dois coches para uma corrida.”

“Deus, pai,” gritou o filho, “não fale sobre isso; posto que eu pagarei pelo coche que trouxe Miss.”

“Ó, eu sei muito bem,” respondeu Mr. Branghton, “que você sempre está mais pronto para gastar que para trabalhar para ganhar.”

Eu então interferi e implorei que poderia eu mesma ser permitida a pagar a corrida, já que o gasto foi por minha conta; todos eles disseram não e propuseram que o mesmo coche nos levasse à ópera.

Enquanto isso se passava, as Miss Branghtons estavam examinando meu vestido, que, de fato, era muito inapropriado para minha comitiva; e, como eu estava extremamente relutante de ser tão conspícua entre eles, pedi a Madame Duval que me emprestasse um chapéu ou uma touca das pessoas da casa. Mas ela mesma não usa nem um nem outro, e os acha muito Ingleses e bárbaros; então ela insistiu que eu fosse inteiramente vestida, já que eu havia me preparado para a cova, embora eu fizesse muitas objeções.

Fomos então todos amontoados na mesma carruagem; mas quando chegamos no teatro da ópera, eu maquinava pagar o cocheiro. Eles fizeram muitos discursos; mas a reflexão de Mr. Branghton havia determinado que eu não ficasse em dívida com ele.

Se eu não estivesse muito aflita para rir, eu teria sido extremamente divertida com sua ignorância de qualquer coisa que pertencesse a uma ópera. Em primeiro lugar, eles não sabiam dizer em que porta deveríamos entrar e nós ficamos divagando por algum tempo, sem saber que caminho tomar. Eles escolheram não solicitar a mim, embora eu fosse a única pessoa da comitiva que havia ido a uma ópera; porque eles não estavam dispostos a supor que sua prima do interior, como lhes agradava tanto me chamar, devesse ser mais familiarizada com qualquer lugar público de Londres que eles mesmos. Eu estava muito indiferente e desatenta a este assunto; mas não um pouco desconfortável em descobrir que meu vestido, tão diferente daqueles da comitiva à qual eu pertencia, atraía atenção geral e observação.

Em pouco tempo, contudo, chegamos a uma das grades dos porteiros. Mr. Branghton exigiu saber para qual parte da casa eles tomaram o dinheiro? Eles responderam, a cova; e se dirigiram a nós com grande seriedade. O filho então avançando, disse “Senhor, se me permite, rogo que possa conduzir Miss.”

“Resolveremos isso outra hora,” respondeu Mr. Branghton, e deu um guinéu.

Dois bilhetes de admissão foram dados a ele.

Mr. Branghton, por sua vez, agora encarava o porteiro, e exigia saber o que ele queria dizer dando apenas dois bilhetes por um guinéu.

“Apenas dois, senhor!” disse o homem; “ora, o senhor não sabe que os bilhetes são meio guinéu cada?”

“Meio guinéu cada!” repetiu Mr. Branghton, “ora, nunca ouvi tal coisa em minha vida! E rogo, senhor, quantas pessoas cada bilhete admite?”

“Como de costume, senhor, uma pessoa cada.”

“Mas uma pessoa por meio guinéu! — ora, eu só quero sentar na cova, amigo.”

“Não prefeririam as damas sentarem na galeria, senhor; posto que elas raramente escolhem ir para a cova usando seus chapéus?”

“Ó, quanto a isso,” gritou Miss Branghton, “se nossos chapéus são muito altos os tiraremos quando entrarmos. Não me importarei, posto que fiz meu cabelo de propósito.”

Outra comitiva então se aproximou, o porteiro não podia mais atender Mr. Branghton; que, pegando o guinéu, disse a ele que demoraria o suficiente até que ele o visse novamente, e foi embora.

As jovens damas, em alguma confusão, expressaram sua surpresa que seu papai não soubesse os preços da ópera, que, por suas partes, elas leram no jornal mil vezes.

“O preço das ações,” disse ele, “é o suficiente para eu procurar; e eu tomei por certo que fosse a mesma coisa aqui que no teatro.”

“Eu sabia bem qual era o preço,” disse o filho; “mas eu não falaria, porque eu pensei, talvez, que eles cobrariam menos, já que somos um grupo tão grande.”

As irmãs ambas riram muito desdenhosamente desta ideia e perguntaram a ele se ele alguma vez ouviu de pessoas abaterem qualquer coisa em um lugar público? “Eu não sei se já ouvi ou não,” respondeu ele; “mas estou certo de que se fizessem, vocês gostariam tanto quanto pior.”

“Bem verdade, Tom,” gritou Mr. Branghton; “diga a uma mulher que qualquer coisa é razoável e ela certamente odiará.”

“Bem,” disse Miss Polly, “espero que a tia e Miss estejam do nosso lado, posto que papai sempre toma partido de Tom.”

“Vamos, vamos,” gritou Madame Duval, “se vocês ficarem conversando aqui, não conseguiremos lugar algum.”

Mr. Branghton então perguntou qual era o caminho para a galeria; e, quando chegamos ao porteiro, exigiu o que era a ser pago.

“O preço usual, Senhor,” disse o homem.

“Então me dê o troco,” gritou Mr. Branghton, novamente entregando seu guinéu.

“Para quantos, Senhor?”

“Ora — vejamos — para seis.”

“Para seis, Senhor? Ora, o senhor só me deu um guinéu.”

“Mas, um guinéu! Ora, quanto você queria? Suponho que não seja meio guinéu por cabeça aqui também?”

“Não, Senhor, apenas cinco xelins[11].”

Mr. Branghton novamente tomou seu infeliz guinéu e protestou dizendo que não submeter-se-ia a tal imposição. Então propus que voltássemos para casa, mas Madame Duval não consentiria; e fomos conduzidos, por uma mulher que vende livros da ópera, à porta de outra galeria, onde, após alguma discussão, Mr. Branghton finalmente pagou e todos nós subimos.

Madame Duval reclamou muito do transtorno de subir tão alto, mas Mr. Branghton queria que ela não considerasse o lugar muito reles; “posto que, o que quer que você pense,” gritou ele, “eu lhe asseguro que você pagou preço de cova; então não espere que eu chegue aqui para economizar meu dinheiro.”

“Bem, certamente,” disse Miss Branghton, “não há como julgar um lugar pelo lado de fora, ou então, eu preciso dizer, não há nada muito extraordinário na escadaria.”

Mas quando entramos na galeria seu espanto e desapontamento tornaram-se gerais. Por alguns instantes, eles olharam uns para os outros sem falar, e então todos eles quebraram o silêncio de uma vez só.

“Deus, papai!” exclamou Miss Polly, “ora, o senhor nos trouxe para a galeria de um xelim!”

“Eu ficaria feliz em lhe dar dois xelins, contudo,” respondeu ele, “para pagar. Eu nunca fui tão enganado para me tirarem dinheiro antes, desde a casa em que nasci. Ou o porteiro é um patife, ou esta é a maior imposição que já foi colocada sobre o público.”

“*Ma foi*,” gritou Madame Duval, “eu nunca sentei em um lugar tão mesquinho em toda a minha vida; ora, é tão alto quanto — não veremos nada.”

“Eu pensei, na hora,” disse Mr. Branghton, “que três xelins era um preço exorbitante para um lugar na galeria, mas como nos pediram tanto

dinheiro nas outras entradas, ora eu paguei sem muitas palavras; mas, então, para ter certeza, penso eu, não pode nunca ser como qualquer outra galeria, deveremos ver alguma firula ou outra por nosso dinheiro; mas acho que nunca encontrei um embuste tão completo como este."

"Ora, é como a galeria de doze pence[12] em Drury Lane," gritou o filho, "como duas ervilhas são uma para a outra. Nunca vi papai tão restrito antes."

"Deus," disse Miss Branghton, "eu pensava que seria um lugar bem bonito — todo ele, não sei o quê — e feito com bom gosto."

Desta maneira eles continuaram a expressar suas insatisfações até que as cortinas se levantaram; depois do que suas observações foram muito curiosas.

Eles não fizeram qualquer concessão para os figurinos, ou até para a língua de outro país; mas, formaram todas as suas observações em cima de comparações com o teatro Inglês.

Não obstante minha vexação em ter sido forçada a juntar-me a uma comitiva tão extremamente desagradável, e por alguém, também, tão desagradável quanto — tão pelo contrário — ainda assim, permitissem-me eles escutar, eu haveria esquecido todo aborrecimento e sentido nada além de deleite ao ouvir a doce voz de Signor Millico, o primeiro cantor; mas, eles me atormentaram com fala contínua.

"Que grasnado eles fazem!" gritou Mr. Branghton, "não tem como saber uma palavra do que eles dizem. Rogo, qual é a razão de eles não poderem cantar em Inglês? — mas eu suponho que o pessoal fino não gostaria, se eles pudessem entender."

"Como a ação deles é antinatural!" disse o filho: "ora, agora, quem alguma vez viu um Inglês se colocar em posturas tão aberrantes?"

"Por minha parte," disse Miss Polly, "eu acho muito bonito, só que eu não sei o que quer dizer."

"Deus, o que isto significa?" gritou sua irmã; "não se pode gostar de uma coisa sem ser tão específico? — Vocês podem ver que Miss gosta e eu não suponho que ela saiba mais do assunto que nós."

Um cavalheiro, logo depois, estava tão compelido a ponto de conseguir espaço na fila em frente a Miss Branghton e eu. Nós mal havíamos nos sentado, que Miss Branghton exclamou: "Santo Deus! Veja

só! — Ora, Polly, todas as pessoas na cova estão sem chapéus, vestidas como qualquer coisa!"

"Deus, estão mesmo!" gritou Miss Polly; "bem, eu nunca vi algo assim! — Vale à pena vir à ópera, se não se visse outra coisa."

Fui então capaz de distinguir a feliz comitiva que havia deixado; e vi que Lord Orville havia se sentado ao lado de Mrs. Mirvan. Sir Clement tinha seus olhos perpetuamente lançados à galeria de cinco xelins onde, suponho que ele concluiu que estivéssemos sentados; contudo, antes que a ópera terminasse, tenho razões para crer que ele me descobriu, alto e distante que eu estava dele. Provavelmente ele me distinguiu pelo adorno em minha cabeça.

Ao fim do primeiro ato, quando a cortina verde caiu para prepararem para a dança, eles imaginaram que a ópera havia terminado; Mr. Branghton expressou grande indignação que ele houvesse sido enganado para lhe tirarem dinheiro por tão pouco trabalho. "Agora, se qualquer Inglês fosse fazer uma coisa tão despudorada como essa," disse ele, "ora, ele teria a pele arrancada; — mas aqui, um destes forasteiros nobres pode fazer o que lhe agrada, e vai lá, e guinche uma canção ou duas, e depois embolse seu dinheiro sem mais cerimônias."

Contudo, tão determinado ele estava em permanecer insatisfeito, que, antes da conclusão do terceiro ato, encontrou ainda mais faltas com a ópera por ser longa demais; e se perguntou se eles achavam que o canto deles era bom o suficiente para nos servir para a ceia.

Durante a sinfonia de uma canção de Signor Millico, no segundo ato, o jovem Mr. Branghton disse: "É de minha crença que aquele indivíduo irá cantar outra música! — Ora, não há nada além de canto! Eu me pergunto quando eles irão falar."

Esta canção, que foi lenta e patética, capturou toda a minha atenção, e eu inclinei minha cabeça para frente para evitar ouvir suas observações, para que eu pudesse ouvir sem interrupções; mas, ao me virar, quando a canção terminou, descobri que eu era o objeto de diversão geral para toda a comitiva; posto que as Miss Branghtons estavam rindo e os dois cavalheiros fazendo gestos e caretas para mim, implicando seu desprezo por minha afetação.

Esta descoberta determinou-me parecer tão desatenta quanto eles mesmos; mas fiquei muito irritada em ser, por conseguinte, obstada de

apreciar o único prazer, que, em tal comitiva, estava em meu poder.

"Então Miss," disse Mr. Branghton, "você está bem na moda, percebo — então, gosta de óperas? Bem, eu não sou tão polido; não posso gostar de besteira, espero que eu nunca tenha esse gosto."

"Mas rogo, Miss," disse o filho, "o que faz aquele indivíduo parecer tão tristonho enquanto canta?"

"Provavelmente porque a personagem que ele representa está em aflição."

"Ora, então, eu acho que ele poderia cantar menos até que esteja em melhor disposição: é fora de toda natureza para um homem ficar sibilando quando está aflito. Por minha parte, eu nunca canto a não ser que esteja alegre; ainda assim eu gosto de uma canção como a maioria das pessoas."

Quando a cortina subiu todos eles regozijaram.

"Gostou disso?" — e "Gostou disso?" passou de um a outro com olhares de máximo desprezo. "Quanto a mim," disse Mr. Branghton, "eles me pegaram uma vez; mas se eles tentarem novamente, eu lhes darei deixa para me cantarem a Bedlam por minhas dores; posto que tal pilha de coisa eu nunca ouvi: não há uma onça de sentido na ópera inteira, nada além de chiadeira e guinches do começo ao final."

"Se eu estivesse na cova," disse Madame Duval, "eu teria gostado vastamente, posto que música é minha paixão; mas sentar em um lugar como este é bastante insuportável."

Miss Branghton, olhando para mim, declarou, que ela não era distinta o suficiente para admirar isso.

Miss Polly confessou, que, se eles cantassem em Inglês, ela teria gostado muito.

O irmão queria poder levantar um motim na casa, porque assim ele conseguiria reaver seu dinheiro.

E, finalmente, eles todos concordaram que era monstruoso e caro.

Durante a última dança eu percebi que Sir Clement Willoughby estava próximo à porta da galeria. Eu estava extremamente vexada e teria dado o mundo para ter evitado ser vista por ele: minha maior objeção era da apreensão de que ele ouviria Miss Branghton me chamar de prima. — Temo que o senhor pense que esta jornada a Londres tenha me tornado muito orgulhosa; mas, de fato, esta família é tão grosseira e vulgar que eu deveria estar igualmente envergonhada de tal conexão no país ou em

qualquer lugar. E, realmente, eu já havia sido tão mortificada que Sir Clement tivesse sido uma testemunha do poder de Madame Duval sobre mim, que eu não poderia suportar ser exposta a qualquer outra humilhação.

Enquanto os assentos se esvaziavam, pelas comitivas indo embora, Sir Clement se aproximou mais de nós. As Miss Branghtons observaram com surpresa, que fino cavalheiro havia entrado na galeria; e elas me deram grande razão para esperar que elas esforçar-se-iam para atrair sua atenção, por familiaridade comigo, no momento em que ele se juntasse a nós; e então eu formei uma espécie de plano para evitar qualquer conversa. Temo que o senhor irá pensá-lo errado; e assim penso agora; — mas, na hora, apenas considerei como eu poderia evitar mais uma humilhação imediata.

Logo que ele ficou a dois assentos de nós, falou comigo: “Estou muito feliz, Miss Anville, de ter lhe encontrado, posto que as damas lá embaixo têm cada uma um humilde acompanhante e, portanto, vim oferecer meus serviços aqui.”

“Ora então,” disse eu, (não sem hesitar) “se lhe agrada — juntar-me-ei a eles.”

“A senhorita me permitirá a honra de conduzi-la?” gritou ele, avidamente; e, tomando minha mão no mesmo instante ele teria ido embora comigo, mas me virei para Madame Duval, e disse: “Como a nossa comitiva é tão grande, Madame, se a senhora me der permissão, descerei a Mrs. Mirvan para que eu não lhes amontoe no coche.”

E então, sem esperar por uma resposta, permiti que Sir Clement me conduzisse para fora da galeria.

Madame Duval, não duvido, ficará muito raivosa; e assim também estou comigo mesma agora, e, portanto, eu não posso me surpreender: mas Mr. Branghton, estou certa, irá facilmente confortar a si mesmo de ter escapado do custo adicional do coche para me levar a Queen Ann Street. Quanto a suas filhas, elas não tiveram tempo para falar; mas vi que elas estavam em absoluto espanto.

Minha intenção era me juntar a Mrs. Mirvan e acompanhá-la para casa. Sir Clement estava em altos ânimos e bom humor; e todo o caminho que ele foi, fui tola o suficiente para regozijar-me em segredo pelo sucesso de meu plano; tampouco foi até que eu chegasse ao andar de baixo, e entre

os serviçais, que qualquer dificuldade ocorreu a mim de encontrar meus amigos.

Eu então perguntei a Sir Clement, como eu deveria planejar comunicar a Mrs. Mirvan que eu havia deixado Madame Duval?

“Temo que será quase impossível encontrá-la,” respondeu ele; “mas, a senhorita não pode ter qualquer objeção em permitir-me que lhe entregue a salvo em casa.”

Ele então ordenou seu serviçal, que estava esperando, que pedisse que sua biga se aproximasse.

Isto muito me assustou; virei-me para ele apressadamente e disse que eu não poderia pensar em ir embora sem Mrs. Mirvan.

“Mas como podemos nos encontrar com ela?” bradou ele; “a senhorita não irá escolher entrar na cova; eu não posso enviar um serviçal lá; e é impossível que eu vá e lhe deixe sozinha.”

A verdade disso era indisputável e totalmente me silenciou. Ainda assim, no momento em que consegui me recuperar, eu decidi que não entraria em sua biga e disse a ele que acreditava que seria melhor voltar à minha comitiva no andar de cima.

Ele não quis saber disso; e, avidamente, suplicou que eu não retirasse a confiança que havia repousado sobre ele.

Enquanto ele falava, vi Lord Orville, com muitas damas e cavalheiros, vindo da passagem da cova; infelizmente ele também me viu, e, deixando a sua comitiva, avançou no mesmo instante em minha direção e, com ares e voz de surpresa, disse: “Bom Deus, vejo Miss Anville!”

Eu agora mais severamente senti a insensatez do meu plano e a estranheza da minha situação. Contudo, me apressei para lhe contar, embora de maneira hesitante, que estava esperando por Mrs. Mirvan; mas, qual foi meu desapontamento, quando ele me comunicou que ela já havia ido para casa!

Eu estava inexpressivelmente angustiada de fazer Lord Orville pensar-me satisfeita com a simples proteção de Sir Clement Willoughby; eu não poderia suportar; ainda assim eu estava mais que oposta a retornar a uma comitiva que eu temia que ele visse. Fiquei uns momentos em incerteza e não pude evitar exclamar: “Santo Deus, o que posso fazer!”

“Ora, minha cara Madame,” clamou Sir Clement, “a senhorita deveria estar desconfortável assim? — é evidente que chegará a Queen

Ann Street quase tão logo quanto Mrs. Mirvan, e estou certo que a senhorita não pode duvidar que estará tão segura quanto."

Não dei resposta e Lord Orville então disse: "Meu coche está aqui; e meus serviçais estão prontos para atenderem a qualquer comando que Miss Anville honre a mim. Hei eu mesmo para casa em uma liteira, e portanto —"

Quão grata me senti por uma proposta tão considerada e feita com tanta delicadeza! Eu teria com muito prazer aceito, se me fosse permitido, mas Sir Clement não o deixaria sequer terminar sua fala; ele o interrompeu com evidente desprazer e disse: "Meu Lord, minha própria biga está agora à porta."

E só então o serviçal veio e disse a ele que a carruagem estava pronta. Ele implorou para ter a honra de me conduzir a ela e teria tomado minha mão; mas, a puxei, dizendo: "Não posso — de fato, não posso! Rogo vá sozinho, e quanto a mim, deixe-me ter uma liteira."

"Impossível," gritou ele com veemência, "não posso pensar em lhe confiar a encarregados — não posso responder por Mrs. Mirvan; venha, cara Madame, devemos estar em casa em cinco minutos."

Novamente fiquei em suspense. Com que alegria teria eu comprometido meu orgulho, para estar mais uma vez com Madame Duval e os Branghtons, contato que não houvesse me encontrado com Lord Orville! Contudo, me favoreço que ele não só me viu, mas se apiedou de meu embaraço; posto que ele disse em um tom de voz incomumente suavizado: "Oferecer meus serviços na presença de Sir Clement Willoughby seria supérfluo; mas espero não precisar assegurar, Miss Anville, quão feliz me faria ser da menor utilidade para a senhorita."

Prestei meu agradecimento. Sir Clement, com grande seriedade, me pressionou para ir; e enquanto eu estava desta forma desconfortavelmente deliberando o que fazer, a dança, suponho, terminou, posto que as pessoas encheram o andar de baixo. Houvesse Lord Orville então repetido sua oferta, eu teria aceitado não obstante a repugnância de Sir Clement; mas, imaginei que ele pensaria que seria impertinente. Em muito poucos minutos ouvi a voz de Madame Duval, enquanto ela descia da galeria. "Bem," falei apressadamente, "se eu devo ir —" e parei; mas Sir Clement imediatamente me ajudou a entrar na biga, gritou: "Queen Ann Street," e

depois pulou para dentro ele mesmo. Lord Orville, com uma inclinação de cabeça e um meio sorriso, desejou-me boa noite.

Minha preocupação foi tão grande em ser vista e deixada por Lord Orville em tão estranha situação, que eu deveria ter estado melhor se tivesse permanecido completamente em silêncio durante o trajeto para casa; mas Sir Clement cuidou de evitar isso.

Ele começou fazendo muitas queixas de minha relutância em me confiar a ele e implorou para saber qual seria a razão. Esta pergunta tanto me envergonhou, que eu não soube o que responder; mas apenas disse, que eu lamentava muito por ter tomado tanto de seu tempo.

"Ó Miss Anville," bradou ele, tomando minha mão, "se a senhorita soubesse com que transporte eu dedicaria à senhorita não apenas o presente, mas todo o tempo futuro que me fosse alocado, a senhorita não me magoaria pedindo tais desculpas."

Não pude pensar em uma palavra para dizer sobre isso, nem para muitos outros discursos igualmente finos com os quais ele continuou; embora eu haveria de bom grado retirado minha mão, e fiz contínuas tentativas; mas em vão, posto que ele realmente a agarrou entre as suas sem qualquer consideração à minha resistência.

Pouco depois, ele disse que acreditava que o cocheiro estava indo para o caminho errado; e ele chamou seu serviçal e lhe deu instruções. Então, se dirigindo a mim novamente: "Quantas vezes, quão assiduamente busquei uma oportunidade de falar com a senhorita sem a presença daquele bruto, Capitão Mirvan! A sorte agora gentilmente me favoreceu com uma; e me permita," novamente tomando a minha mão, "me permita usá-la para dizer à senhorita que eu a venero."

Fiquei bastante estupefata com esta abrupta e inesperada declaração. Por alguns momentos, fiquei em silêncio; mas quando me recuperei de minha surpresa, disse: "De fato, Senhor, se o senhor esteve determinado a fazer-me arrepender de ter deixado minha própria comitiva tão tolamente, o senhor tem obtido muito sucesso."

"Minha mais cara vida," disse ele, "é possível que a senhorita possa ser tão cruel? Podem sua natureza e seu semblante serem tão totalmente opostos? Pode o doce rubor nessas encantadoras bochechas, que parece ser tanto resultado de bom humor quanto de beleza —"

“Ó, Senhor,” gritei, interrompendo-o, “isto é muito belo, mas eu tinha esperanças de que tivéssemos tido o suficiente deste tipo de conversa no *ridotto*, e eu não esperava que o senhor tão logo a retomasse.”

“O que eu então disse, minha doce censora, foi efeito de uma equivocada, uma profana ideia, que seu entendimento não representava concorrência à sua beleza; mas agora, agora que lhe considero igualmente incomparável em ambos, todas as palavras, todos os poderes da fala, são demasiado débeis para expressar a admiração que sinto por suas excelências.”

“De fato,” falei, “se seus pensamentos possuíam qualquer conexão com sua fala, o senhor nunca suporia que eu pudesse dar crédito a elogio tão acima assim de meu deserto.”

Esta fala, que proferi muito seriamente, ocasionou protestos ainda mais fortes; que ele continuou a despejar, e eu continuei a rejeitar, até que comecei a me perguntar se não estávamos em Queen Ann Street, e implorei que ele ordenasse que o cocheiro conduzisse mais rápido.

“E este pequeno momento,” gritou ele, “que é o primeiro de felicidade que já conheci, ele já parece tão longo assim para a senhorita?”

“Receio que o homem se equivocou quanto ao caminho,” respondi, “ou então antes de agora já estaríamos ao fim de nossa jornada. Devo implorar que o senhor vá falar com ele.”

“E a senhorita pode me considerar tão inimigo de mim mesmo? Se meu bom gênio inspirou o homem com um desejo de prolongar minha felicidade, a senhorita pode esperar que eu contrarie sua indulgência?”

Eu agora comecei a perceber que ele mesmo havia ordenado que o homem fosse para um caminho errado; e eu estava tão agitada com a ideia, que, no mesmo instante em que isso me ocorreu, abaixei o vidro e fiz um súbito esforço para abrir a porta da biga eu mesma com vista a pular na rua; mas ele conseguiu me pegar, bradando, “Pelo amor de Deus, qual é o problema?”

“Eu — eu não sei,” gritei (bastante sem fôlego), “mas estou certa de que o homem está no caminho errado; e se o senhor não falar com ele, estou decidida a sair eu mesma.”

“A senhorita me espanta,” respondeu ele (ainda me segurando), “não posso imaginar o que a senhorita compreende. Certamente a senhorita não tem dúvidas sobre minha honra?”

Ele me puxou em direção a ele enquanto falava. Eu estava terrivelmente apavorada e mal pude dizer: “Não, senhor, não — de modo algum: apenas Mrs. Mirvan — penso que ela ficará apreensiva.”

“De onde vem este alarme, meu mais querido anjo? O que pode temer? Minha vida está à sua devoção e pode a senhorita, então, duvidar de minha proteção?”

E dizendo isto ele, apaixonadamente, beijou a minha mão.

Nunca, em toda a minha vida, me senti tão aterrorizada. Separei-me à força dele, e, colocando minha cabeça para fora da janela, gritei alto para que o homem parasse. Onde então estávamos, não sei; mas não vi um ser humano ou teria pedido por ajuda.

Sir Clement, com grande seriedade, esforçou-se para me apaziguar e me recompor: “Se o senhor não pretende me assassinar,” gritei, “por piedade, pelo amor de Deus, deixe-me sair!”

“Componha seus ânimos, minha mais querida vida,” gritou ele, “e farei tudo o que a senhorita desejar que eu faça.” E, então, ele mesmo foi até o homem e ordenou que ele fosse depressa para Queen Ann Street. “Este indivíduo estúpido,” continuou ele, “certamente se equivocou quanto às minhas ordens, mas espero que a senhorita agora esteja inteiramente satisfeita.”

Não dei resposta, mas mantive minha cabeça na janela assistindo o caminho que o homem tomava, mas sem nenhum conforto a mim mesma, já que eu era bastante desconhecida tanto com o certo quanto com o errado.

Sir Clement agora proferia abundantes protestos de honra e garantias de respeito, suplicando meu perdão por ter me ofendido e rogando que eu nutrisse boa opinião dele. Mas fiquei em silêncio, estando muito apreensiva para fazer reprimendas e muito raivosa para falar sem elas.

Desta maneira passamos por várias ruas, até que, finalmente, para meu grande terror, ele repentinamente ordenou ao homem que parasse e disse: “Miss Anville, estamos agora a vinte jardas[13] de sua casa; mas não posso suportar me separar da senhorita até que generosamente me perdoe pela ofensa que recebeu e prometa não torná-la sabida pelos Mirvan.”

Eu hesitava entre medo e indignação.

“Sua relutância em falar redobra minha contrição por ter-lhe desagradado, visto que mostra a confiança que eu poderia ter em uma

promessa que a senhorita não dará sem consideração.”

“Estou muito, muito atordoada,” gritei; “o senhor pede uma promessa que o senhor deve sentir que eu posso não fornecer e ainda assim não ouso recusar.”

“Dirija!” gritou ele ao cocheiro — “Miss Anville, não irei lhe compelir; não extorquirei nenhuma promessa, mas confio totalmente em sua generosidade.”

Isto muito me abrandou; que vantagem ele nem bem recebeu, que decidiu beneficiar-se dela; posto que ele se atirou ao chão de joelhos e implorou com tanta submissão, que eu fui realmente obrigada a perdoá-lo, porque sua humilhação me deixou bastante envergonhada; e, após isso, ele não me permitira descansar até que eu lhe desse minha palavra que eu não reclamaria dele para Mrs. Mirvan.

Minha própria tolice e orgulho, que me colocaram em poder dele, eram súplicas que eu não pude deixar de atender em seu favor. Contudo, deverei tomar um cuidado muito especial para nunca estar sozinha novamente com ele.

Quando, finalmente, chegamos em nossa casa, eu estava tão radiante, que certamente o teria perdoado então, se não houvesse antes. Enquanto ele me conduziu escada acima, ralhou com seu serviçal em voz alta, e muito raivosamente, por ter saído tanto do caminho. Miss Mirvan correu para me ver; e quem eu deveria ver atrás dela, senão Lord Orville!

Toda a minha alegria agora sumiu, e deu lugar a vergonha e confusão; posto que eu não poderia tolerar que ele soubesse por quanto tempo Sir Clement e eu ficamos juntos, desde que eu não tinha liberdade para atribuir nenhuma razão a isso.

Todos eles expressaram grande satisfação em me ver; e disseram que haviam estado extremamente ansiosos e surpresos que eu estivesse demorando tanto a vir para casa, visto que eles ouviram de Lord Orville que eu não estava com Madame Duval. Sir Clement, em cólera afetada, disse, que o pateta do seu serviçal havia entendido mal suas ordens e estava nos levando ao extremo mais alto de Piccadilly. Por minha parte, apenas ruborizei; posto que, embora eu não fosse omitir minha palavra, ainda assim desdenhei confirmar um conto no qual eu mesma não depositava crença.

Lord Orville, com grande polidez, me parabenizou, que os tumultos da noite houvessem terminado tão felizmente; e disse, que ele havia descoberto ser impossível voltar para casa antes de inquirir sobre minha segurança.

Em muito pouco tempo ele tomou sua deixa e Sir Clement o seguiu. Tão logo eles se foram, Mrs. Mirvan, embora com muita suavidade, me culpou por ter deixado Madame Duval. Eu lhe assegurei, e com verdade, que no futuro eu seria mais prudente.

As aventuras da noite tanto me desconcertaram, que não pude dormir a noite toda. Estou sob as mais cruéis apreensões com receio de que Lord Orville suponha que estar nas escadarias da galeria com Sir Clement foi um esquema acordado, e até nossa permanência por tanto tempo juntos em sua biga foi com minha aprovação, visto que eu não disse uma palavra sobre o assunto, nem expressei minha insatisfação com o fingido tropeço do cocheiro.

Ainda assim, sua vinda até aqui para aguardar nossa chegada, embora pareça implicar alguma dúvida, mostra também alguma ansiedade. De fato, Miss Mirvan diz, que ele aparentava estar extremamente ansioso, mais que isso, inquieto e impaciente por meu retorno. Se eu não temesse me lisonjear, eu deveria achar que não é impossível que ele tivesse uma suspeita dos desígnios de Sir Clement e estava, portanto, preocupado com minha segurança.

Que longa carta é esta! Contudo, não devo escrever muito mais de Londres; posto que o Capitão disse esta manhã, que deixaria a cidade na Quinta-feira próxima. Madame Duval jantará aqui hoje e então a ela será contada sobre esta intenção.

Estou muito espantada que ela aceitou o convite de Mrs. Mirvan, visto que estava em tanta ira ontem. Receio que hoje serei eu mesma o principal objeto de seu desprazer; mas devo me submeter pacientemente, posto que não posso me defender.

Adieu, meu mais caro Senhor. Caso esta carta seja produtiva de qualquer inquietação ao senhor, mais que nunca deverei me arrepender da estouvada imprudência que ela recita.

CARTA XXII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Segunda-Feira De Manhã, 18 De Abril.

Mrs. Mirvan acaba de me comunicar uma anedota concernindo Lord Orville que muito me surpreendeu, meio me agradou e meio me entristeceu.

Enquanto eles estiveram sentados juntos durante a ópera, ele disse a ela que havia estado grandemente preocupado com a impertinência que a jovem dama sob proteção dela havia sofrido de Mr. Lovel; mas que ele tinha o prazer de lhe assegurar que a dama não teria perturbações futuras a receber dele.

Mrs. Mirvan, com grande avidez, implorou que ele se explicasse; e disse que ela esperava que ele não pensasse que um assunto tão insignificante fosse digno de sua séria atenção.

"Não há nada," respondeu ele, "que requeira maior atenção imediata que a impertinência, posto que ela sempre invade quando é tolerada." Ele então acrescentou, que acreditava que devesse se desculpar pela liberdade que havia tomado ao interferir; mas isso, como ele mesmo se considerava sob a luz de uma comitiva preocupada, de haver tido a honra de dançar com Miss Anville, ele não poderia de forma alguma congraçar a ele mesmo uma paciente neutralidade.

Ele então prosseguiu a lhe contar, que havia esperado por Mr. Lovel na manhã seguinte à peça; que a visita havia se provado cordial, mas os particulares não eram interessantes nem necessários. Ele a assegurou que Miss Anville pode ser perfeitamente acessível, pois Mr. Lovel havia comprometido sua honra a nunca mais mencionar, ou sequer dar a entender sobre o que se passou na reunião de Mrs. Stanley.

Mrs. Mirvan expressou sua satisfação com esta conclusão e o agradeceu por sua polida atenção à sua jovem amiga.

"Seria desnecessário," disse ele, "requerer que este assunto nunca possa transpirar, já que Mrs. Mirvan não pode senão ver a necessidade de mantê-lo inviolavelmente secreto; mas pensei que a incumbência coubesse

a mim, já que a jovem dama está sob sua proteção, de assegurar ambas, a senhora e ela, do futuro respeito de Mr. Lovel."

Houvesse eu sabido desta visita antes que Lord Orville a fizesse, que temível ansiedade teria me custado! Ainda assim que ele devesse se interessar tanto em me proteger de ofensas, me dá, devo confessar, um prazer interno maior do que eu possa expressar; posto que temi que ele tivesse uma opinião demasiado desdenhosa de mim, para ter qualquer problema por minha conta. Embora, afinal, esta interferência possa ser mais para satisfazer sua própria delicadeza, do que por pensar bem de mim.

Mas quão fria, quão quieta é a verdadeira coragem! Quem, que ao ver Lord Orville na peça, teria imaginado que seu ressentimento teria arriscado sua vida? Ainda assim seu desprazer era evidente, embora sua real bravura e sua polidez igualmente protegeram-no de entrar em qualquer discussão em nossa presença.

Madame Duval, como eu esperava, esteve muito terrivelmente irritada ontem: ela me xingou por, creio eu, duas horas, por ter lhe deixado; e protestou por ter estado tão surpresa com minha ida, sem tê-la dado tempo para responder, que ela mal soube se estava acordada ou adormecida. Mas ela me assegurou de que se eu fizesse algo assim novamente, ela nunca mais me levaria a público. E ela expressou um semelhante grau de desprazer contra Sir Clement, porque ele sequer havia falado com ela e porque ele sempre estava do lado do Capitão em uma discussão. O Capitão, como compelido em honra, calorosamente o defendeu, e então se seguiu uma discussão no estilo costumeiro.

Após o jantar, Mrs. Mirvan introduziu o assunto de sairmos de Londres. Madame Duval disse que ela ficaria por mais um mês ou dois. O Capitão disse que ela era bem-vinda, mas que ele e sua família deveriam ir ao interior na Terça-feira de manhã.

Uma cena mais desagradável se seguiu. Madame Duval insistiu em me manter com ela; mas Mrs. Mirvan disse que, como eu estava na verdade comprometida com uma visita a Lady Howard, que havia apenas consentido que eu a deixasse por alguns dias, ela não poderia pensar em retornar sem mim.

Talvez, se o Capitão não houvesse interferido, a boa criação e brandura de Mrs. Mirvan poderiam ter tido algum efeito sobre Madame

Duval; mas ele não deixa passar nenhuma oportunidade de provocá-la; e, portanto, fez tantos discursos grosseiros e rudes, todos os quais ela retaliou, que, em conclusão, ela jurou que iria antes à lei pelo direito de seu parentesco, se eu fosse levada para longe dela.

Ouvi esta narrativa de Mrs. Mirvan, que foi tão gentilmente considerada a ponto de me dar o pretexto para me retirar da sala, assim que esta discussão começou, a menos que Madame Duval devesse se referir, a mim e insistir em minha sujeição.

O resultado final da conversa foi, que, para abrandar as questões pelo presente, Madame Duval deveria juntar-se à comitiva para Howard Grove, onde devemos ir terminantemente na próxima Quarta-feira. E, embora estejamos nenhum de nós satisfeitos com este plano, não sabemos como formar um melhor.

Mrs. Mirvan está agora escrevendo a Lady Howard para se desculpar por estar levando esta inesperada convidada, e evitar a desagradável surpresa que, de outra forma deve trazer sua recepção. Esta cara dama parece, eternamente, tomar em consideração minha felicidade e benefício.

Hoje vamos ao Pantheon, que é a última diversão de que tomaremos parte em Londres; posto que amanhã —

****

Neste momento, meu mais caro Senhor, recebi sua gentil carta.

Se o senhor nos pensou muito difusos na primeira semana, quase temo saber o que o Senhor irá pensar de nós nesta segunda. Contudo, o Pantheon esta noite irá provavelmente ser o último lugar público que deverei ver.

A certeza de seu apoio e proteção em respeito a Madame Duval, embora algo que eu nunca duvidara, incita minha máxima gratidão. Quão, de fato, benquista sob seu teto, o feliz objeto de sua constante indulgência, como poderia eu suportar me tornar uma escrava de seus tirânicos humores? Perdoe-me por falar tão asperamente sobre ela; mas sempre que a ideia de passar meus dias com ela ocorre a mim, a comparação que naturalmente se segue, tira de mim toda a tolerância que, acredito, eu deva a ela.

O Senhor já está contrariado com Sir Clement: certamente, então, seu comportamento após a ópera não o apaziguará com o senhor. De fato, quanto mais reflito sobre isso, mais raivosa fico. Eu estava inteiramente em seu poder e foi cruel da parte dele causar-me tanto terror.

Ó, meu mais caro Senhor, fosse eu digna das preces e dos desejos que o senhor me oferece, a maior ambição de meu coração seria inteiramente satisfeita! Mas grandemente temo que o senhor me considerará, agora que estou fora do alcance de sua acólita prudência, mais fraca e imperfeita que o senhor poderia haver esperado.

Agora não tenho tempo para escrever mais uma palavra, posto que devo imediatamente me apressar para me vestir para a noite.

CARTA XXIII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Queen Ann Street, Terça-Feira, 19 De Abril.

Existe um pouco de melancolia em mim ao escrever um relato de nossas últimas aventuras em Londres. Contudo, como este dia é meramente apropriado a fazer malas e preparativos para nossa jornada, e como deverei em pouco tempo não ter mais aventuras para escrever, acho melhor completar meu diário da cidade de uma vez: e, quando o senhor tiver tudo junto, espero meu caro Senhor, o senhor me enviará suas observações e pensamentos sobre ele a Howard Grove.

Aproximadamente às oito horas fomos ao Pantheon. Fiquei extremamente chocada com a beleza do prédio, que grandemente excedeu qualquer coisa que eu pudesse haver esperado ou imaginado. Ainda assim tem mais a aparência de uma capela que um lugar de diversão; e, embora eu estivesse bastante encantada com a magnificência do salão, sinto que eu não poderia ser alegre e estouvada lá como em Ranelagh; posto que lá há algo que mais inspira reverência e solenidade, que júbilo e prazer. Contudo, talvez deva ter apenas este efeito sobre tal novata como eu.

Eu deveria ter dito, que nossa comitiva consistia do Capitão, Mrs. e Miss Mirvan, já que Madame Duval passou o dia na cidade; o que confesso que não pude lamentar.

Havia uma grande comitiva; mas a primeira pessoa que vimos foi Sir Clement Willoughby. Ele nos abordou com sua usual intimidade e juntou-se a nós por toda a noite. Senti-me muito inquieta em sua presença; posto que eu não podia olhar para ele, ou ouvi-lo falar, sem rememorar a aventura do coche; mas, para meu grande espanto, observei que ele olhava para mim sem o menor desalinho aparente, embora, certamente, ele não devesse pensar em seu comportamento sem ruborizar. Realmente desejei não tê-lo perdoado para que ele não se arriscasse a falar comigo novamente.

Havia um concerto excessivamente bom, mas muita conversa para ouvi-lo bem. De fato estou bastante atônita em descobrir quão pouco a

música é apreciada em silêncio; posto que, embora todos pareçam admirar, quase ninguém ouve.

Não vimos Lord Orville até que entrássemos na sala de chá, que é grande, baixa, e no subsolo, e serve meramente como um despiste para os apartamentos acima; ele, então, sentou-se próximo de nós. Ele parecia pertencer a uma grande comitiva, composta principalmente por mulheres; mas, entre os cavalheiros que dela participavam, percebi Mr. Lovel.

Eu estava extremamente irresoluta se deveria ou não fazer quaisquer agradecimentos a Lord Orville por sua generosa conduta em me proteger da futura impertinência daquele homem; e pensei, que, como ele parecia haver permitido que Mrs. Mirvan me familiarizasse acerca da situação, embora mais ninguém, das medidas que ele houvera tomado, ele deve talvez supor-me ingrata se eu silencio: contudo, eu deveria ter me poupado do trabalho de deliberar, já que eu nunca, uma vez sequer, tivera a sombra de uma oportunidade de falar sem ser ouvida por Sir Clement. Pelo contrário, ele estava tão excessivamente oficioso e avançado, que eu não poderia dizer uma palavra a ninguém sem que, no mesmo instante, ele inclinasse sua cabeça para frente, com ares de profunda atenção, como se eu houvesse me dirigido inteiramente a ele; e ainda assim não olhei para ele nenhuma vez, e não teria falado com ele por nada.

De fato, a própria Mrs. Mirvan, embora desconhecida ao comportamento de Sir Clement após a ópera, diz que não é certo para uma jovem mulher ser vista tão frequentemente em público com o mesmo cavalheiro; e, se sua permanência na cidade fosse ser estendida, ela esforçar-se-ia para representar para o Capitão a impropriedade de permitir sua constante presença; posto que Sir Clement com toda sua intimidade, não poderia ser tão eternamente de nossas comitivas, se o Capitão fosse menos afeiçoado a sua companhia.

Na mesma mesa de Lord Orville, sentou-se um cavalheiro — o chamo assim apenas porque ele estava à mesma mesa — que, quase a partir do momento em que sentei, fixou seus olhos firmemente em meu rosto e em nenhum momento o moveu a qualquer outro objeto durante o chá, não obstante meu desgosto de seu encarar deve, estou certa, ter sido muito evidente. Eu estava bastante surpresa, que um homem, cuja ousadia fosse tão ofensiva, teria ganho admissão a uma comitiva de que Lord Orville fizesse parte; posto que eu naturalmente o concluí ser algum

malcriado, ignorante homem; e pensei que minha ideia estivesse indubitavelmente confirmada, quando o ouvi dizer a Sir Clement Willoughby, em um audível sussurro — que é um modo de fala muito aflitivo e desagradável a espectadores —"Pelo amor de Deus, Willoughby, quem é aquela adorável criatura?"

Mas qual foi meu espanto, quando, ouvindo atentamente pela resposta, embora minha cabeça estivesse virada para outro lado, ouvi Sir Clement dizer: "Lamento que não possa informar a vossa Senhoria, pois eu mesmo sou ignorante disso."

Senhoria! Quão extraordinário!, que um nobre, acostumado, em toda probabilidade, à primeira posição de companhia no reino, desde sua mais precoce infância, possa ser possivelmente deficiente de boas maneiras, embora defeituoso em morais e princípios! Até Sir Clement Willoughby pareceu modesto em comparação com esta pessoa.

Durante o chá, uma conversa foi iniciada sobre épocas, modas e lugares públicos, em que as comitivas de ambas as mesas se juntaram. Começou com o inquérito de Sir Clement a Miss Mirvan e a mim, se o Pantheon havia correspondido às nossas expectativas.

Ambas prontamente concordamos que havia grandemente as excedido.

"Sim, com certeza," disse o Capitão, "ora, você não supõe que elas confessariam que não gostaram, supõe? Qualquer que seja a moda, elas devem gostar, é claro; — ou então, eu seria amarrado por isso, elas confessariam, que nunca houve um lugar tão tedioso quanto este aqui inventado."

"E tem, então, este lugar," disse Lord Orville, "nenhum mérito que possa servir para mitigar sua censura? Seus olhos não irão, Senhor, falar algo em seu favor?"

"Olhos!" gritou o tal Lord, (não sei seu nome) "e há algum olho aqui, que pode encontrar prazer em olhar para paredes ou estátuas mortas, quando tal divino objeto vivo como agora vejo demanda tanta admiração?"

"Ó, certamente," disse Lord Orville, "a simetria sem vida da arquitetura, contudo belos o desenho e a proporção, nenhum homem seria tão louco a ponto de colocar em competição com os animados encantos da natureza; mas quando, como esta noite, o olho possa ser regalado ao mesmo tempo, e em uma vista, com toda a excelência da arte e toda a

perfeição da natureza, não posso pensar que nenhum deles sofra por serem vistos juntos."

"Admito, meu Lord," disse Sir Clement, "que o frio olho da desapaixonada filosofia pode ver ambos com igual atenção e igual segurança; mas, onde o coração não está tão bem protegido, está apto a interferir, e tornar, até ao olho, todos os objetos menos um insípidos e desinteressantes."

"Sim, sim," gritou o Capitão, "você pode falar o que quiser do seu olho aqui, e seu olho ali, e, sobre este assunto, certamente que tem dois — mas todos nós sabemos que os dois envesgam para um caminho só."

"Longe de mim," disse Lord Orville, "disputar o magnético poder da beleza, que irresistivelmente arrasta e atrai qualquer coisa que tenha alma e empatia; e fico feliz em reconhecer que, embora não tenhamos agora deuses para ocupar uma mansão professamente construída para eles, ainda que tenhamos protegido suas melhores metades, posto que temos deusas a quem nós todos mais voluntariamente nos curvamos." E, então, com um ar muito gracejador, ele fez uma profunda reverência às damas.

"Elas precisariam ser deusas com uma vingança," disse o Capitão, "posto elas são adoráveis mortais para se olhar. De qualquer forma, eu deveria ser feliz de saber o que você pode ver em qualquer rosto entre eles que valha meio guinéu para ser visto."

"Meio guinéu!" exclamou o tal Lord, "Eu daria metade do que valho para ver apenas um, contanto que eu faça a minha própria escolha. E, rogo-lhe, como dinheiro pode ser melhor empregado que ao serviço de finas mulheres?"

"Se as damas desta mesma comitiva puderem perdoar o discurso do Capitão," disse Sir Clement, "acho que ele tem um justo direito ao perdão de todos."

"Então o senhor depende muito, como não duvido senão que possa," disse Lord Orville, "da doçura geral do sexo; mas quanto às damas da comitiva do Capitão, elas podem facilmente perdoar, posto que não podem ser feridas."

"Mas elas devem ter um conceito diabolicamente bom delas mesmas, sem embargo," disse o Capitão, "para acreditar em tudo isso. De qualquer modo, se sim ou não, eu devo estar grato por ser informado por alguns de vocês, que parecem conhecer as coisas, que tipo de diversão

pode ser encontrada em lugar tal como este aqui, posto que um tem estado, há muito, cheio de caçar rostos?”

Todos riram, mas ninguém falou.

“Ora, olhem vocês aí agora,” continuou o Capitão, “vocês todos estão mortos de pé! — Nem um homem entre vocês pode responder a esta pergunta. Ora, então, eu devo ousar concluir que todos vocês vêm aqui por nenhum propósito senão o de encarar os rostos bonitos uns dos outros; embora, por este assunto, metade deles são incomodamente feios; e, quanto à outra metade — acredito que não seja da manufatura de Deus.”

“Para que as damas vêm para cá, senhor,” disse Mr. Lovel, (acariciando seus babados e olhando para baixo) “seria errado a nós determinar; mas quanto a nós homens, indubitável que não temos nenhuma outra vista que não admirá-las.”

“Se eu não estou equivocado,” gritou o Capitão, (olhando seriamente para seu rosto) “o senhor é a mesma pessoa que vimos em Amor por Amor noutra noite; não é o senhor?”

Mr. Lovel se curvou.

“Ora, então, cavalheiros,” continuou ele, com um riso alto, “Devo contar-lhes a mais excelente piada; quando tudo acabou, tão certo quanto estou de estarmos vivos, ele perguntou o que a peça era! Ha, ha, ha!”

“Senhor,” disse Mr. Lovel, corando, “se o senhor fosse tão acostumado com a vida na cidade como sou — o que, presumo, não é precisamente o caso — julgo que o senhor não encontraria tanta diversão em uma circunstância tão comum.”

“Comum! Ora, é comum?” repetiu o Capitão; “por que então, por George, tais rapazes são mais aptos a serem enviados à escola, e bem disciplinados com um gato de nove caudas[14], que enfiar as suas cabeças em um teatro. Ora, uma peça é a única coisa que resta hoje em dia, que tem um grão de sentido em si; posto que quanto a todo o resto dos seus lugares públicos, o senhor vê, se eles fossem colocados todos juntos, eu não daria isso por eles!” (estalando os dedos) “E agora estamos falando desse tipo de coisa, as suas óperas, eu gostaria de saber, agora, o que qualquer um de vocês pode dizer delas.”

Lord Orville, que era o mais hábil a ter respondido, parecia de modo algum pensar que o Capitão valesse uma discussão, concernindo um assunto sobre o qual ele não tinha nem conhecimento nem sentimento;

mas, virando-se para nós, ele disse: “As damas estão silenciosas e nós parecemos ter absorto a conversa para nós mesmos, na qual somos muito mais nossos inimigos do que delas. Mas,” se dirigindo a Miss Mirvan e eu, “sou muito desejoso de ouvir as opiniões destas jovens damas, a quem todos os lugares públicos devem, ainda, ser novos.”

Nós duas, e com avidez, declaramos que havíamos recebido tanto, se não mais prazer, na ópera que em qualquer outro lugar; mas era melhor que tivéssemos ficado em silêncio; posto que o Capitão, bem contrariado, disse: “O que significa perguntar a elas, as meninas? O senhor acha que elas já conhecem suas próprias mentes? Pergunte-as sobre qualquer coisa que seja chamada diversão, e esteja certo de que dirão que é grandemente bom — elas são um conjunto de papagaios e falam de cor, posto que todas elas dizem a mesma coisa: mas pergunte a elas se elas gostam de fazer pudins e tortas, e eu lhe garanto que elas farão pose. Quanto às óperas, eu desejo não ouvi-las dizerem mais que gostam de tal disparate; e por você, Moll” (à sua filha,) “eu lhe cobro, já que você valoriza minha permissão, que você nunca será novamente tão impertinente a ponto de ter um gosto próprio em minha frente. Já há tolos demais no mundo, sem você se somando ao número. Não terei filha minha afetando este tipo de asneira. É uma vergonha que elas não sejam degradadas; e se eu fizesse a minha vontade, não há um magistrado nesta cidade que não devesse levar uma pancada na cabeça por aguentá-las. Se você tem uma mente para louvar alguma coisa, ora você pode louvar uma peça, e seja grata, posto que eu mesmo gosto.”

Esta reprimenda efetivamente nos silenciou as duas pelo resto da noite. Mais que isso, de fato, por alguns minutos, pareceu ter silenciado a todos os outros; até que Mr. Lovel, não propenso a perder uma oportunidade de responder ao sarcasmo do Capitão, disse: “Ora, realmente, senhor, é nada além de natural estar mais agradado com o que se é mais familiar; e, eu penso, de todas as nossas diversões, não há uma tão comum entre nós e o interior como uma peça. Não há uma vila que não tenha seus alardes e comediantes; e, quanto aos negócios do palco, ora pode ser executado igualmente bem em qualquer lugar; e até com respeito a nós, e ao *canaille*[15], confinados como todos estamos dentro do mesmo semicírculo de um teatro, não há lugar onde a distinção seja menos óbvia.”

Enquanto o Capitão parecia considerar a explicação de Mr. Lovel, Lord Orville, provavelmente com vista a evitar que ele descobrisse a ofensa, mudou o assunto para o Museu Cox, e perguntou a ele o que ele havia achado.

"Achar!" disse ele, "ora eu acho que não vale a pena pensar sobre isso. Não aprecio tais futilidades. Só é digna, em minha mente, de macacos; embora, pelo que sei, eles também podem torcer seus narizes para isso."

"Podemos perguntar a opinião de sua Senhoria?" disse Mrs. Mirvan.

"O mecanismo," respondeu ele, "é maravilhosamente engenhoso: lamento que seja destinado a nada melhor que isso; mas sua finalidade é tão frívola, tão grandemente remota de todo intento de instrução ou utilidade, que a vista de tão bela mostra deixa um arrependimento na mente, que tanto trabalho e tanta engenhosidade, não deveriam ser melhor aplicados."

"A verdade é," disse o Capitão, "que em toda essa enorme cidade, tão cheia que é de indivíduos de todos os tipos, não há algo como um lugar público, além da casa de peças, onde um homem, quero dizer, um homem que é um homem, não deva ter vergonha de mostrar seu rosto. Outro dia me levaram para um *ridotto*; mas, creio eu, levará tempo suficiente até que me levem a outro. Eu não sabia mais o que fazer comigo mesmo, não mais do que se a comitiva de meu navio fosse metamorfoseada em Franceses. Então, novamente, aí está seu famoso Ranelagh, sobre o que vocês fazem tanto espalhafato — ora que lugar estólido é aquele! É o pior de todos."

"Ranelagh estólido!" — "Ranelagh estólido!" — foi ecoado de boca em boca; e todas as damas, como se em comum acordo, fitaram o Capitão com olhares do mais irônico desprezo.

"Quanto a Ranelagh," disse Mr. Lovel, "mais indubitavelmente, embora o preço seja plebeu, não é de modo algum adaptado ao gosto plebeu. Requer uma certa familiaridade com a alta vida, e — e — e algo de — de — algo *d'un vrai gout*[16], para ser realmente sensível ao seu mérito. Aqueles cujas conexões, e assim por diante, não estão entre *les gens comme il faut*[17], podem sentir nada além de *ennui*[18] em um lugar como Ranelagh."

“Ranelagh!” gritou o outro tal Lord. “Ó, é o mais divino lugar sob o céu — ou, de fato, de qualquer coisa que eu conheça.”

“Ó criatura!” bradou uma bonita, porém afetada jovem dama, batendo nele com seu leque, “não deve falar assim; sei o que o senhor irá dizer; mas, certamente, não sentar-me-ei a seu lado, se o senhor for tão perverso.”

“E como se pode sentar a seu lado, e ser bom?” disse ele, “quando apenas olhar para a senhora é suficiente para tornar-se perverso, ou querer sê-lo?”

“Homessa, meu Lord!” respondeu ela, “o senhor realmente é insuportável. Não acho que falarei com o senhor novamente pelos próximos sete anos.”

“Que metamorfose,” falou Lord Orville, “fosse a senhora fazer um patriarca de sua Senhoria.”

“Sete anos!” disse ele, “cara Madame, esteja contente em me dizer que não falará comigo após sete anos e esforçar-me-ei para me submeter.”

“Ó, muito bem, meu Lord,” respondeu ela, “rogo a data do fim de não falarmos um com o outro quão cedo o senhor desejar, prometerei concordar com seu tempo.”

“A senhora sabe, cara Madame,” disse ele, bebericando seu chá, “a senhora sabe que eu apenas vivo em suas vistas.”

“Ó sim, meu Lord, há muito já sei disso. Mas, começo a temer que devemos estar muito atrasados para Ranelagh esta noite.”

“Ó não, Madame,” disse Mr. Lovel, olhando para seu relógio, “acaba de passar das dez.”

“Não mais!” gritou ela, “Ó então havemos de ir muito bem.”

Todas as damas agora começaram a se levantar e declararam que não tinham tempo a perder.

“Ora, o que diabo,” gritou o Capitão, projetando-se para frente com ambos os braços na mesa,”vocês vão a Ranelagh a esta hora da noite?”

As damas olharam umas para as outras e sorriram.

“A Ranelagh?” gritou o tal Lord — “sim, e espero que o senhor também vá; posto que não podemos de forma alguma dispensar as damas.”

“Eu ir a Ranelagh? Se eu for, estarei —”

Todos agora se levantaram; e o estranho Lord, aproximando-se de mim, disse, “A senhorita vai, espero?”

“Não, meu Lord, creio que não.”

“Ó a senhorita não pode, não deve ser tão bárbara.” E ele tomou minha mão e continuou proferindo tão belos discursos e elogios que eu poderia quase ter-me suposto uma deusa, e ele um pagão me prestando adoração. Tão logo pude, puxei minha mão de volta; mas ele, frequentemente, no curso da conversa, tornava a tomá-la novamente, embora fosse extremamente desagradável a mim; e tanto mais, já que vi que Lord Orville tinha os olhos fixos em nós, com uma seriedade de atenção que me pôs inquieta.

E, certamente, meu caro Senhor, foi de uma grande liberdade deste senhor, não obstante sua posição, tratar-me tão espontaneamente. Quanto a Sir Clement, ele parecia em angústia.

Todos eles se esforçaram para prevalecer sobre o Capitão para reunir a comitiva de Ranelagh; e este Lord me disse, em uma voz baixa, que estava dilacerando seu coração ir sem mim.

Durante esta conversa Mr. Lovel se pronunciou, e assumindo um olhar de surpresa, me prestou reverência, e inquiriu como eu estava, protestando sob sua honra, que ele não havia me visto antes, ou teria mais cedo prestado seus respeitos a mim.

Embora sua polidez era evidentemente forçada, ainda assim eu estava muito satisfeita de estar assim assegurada de não ter nada a temer dele.

O Capitão, longe de ouvir suas persuasões de acompanhá-los a Ranelagh, ficou bastante encolerizado com a proposta, e jurou que ele antes iria ao Buraco Negro em Calcutá.

“Mas,” disse o Lord, “se estas damas tomarem seus chás em Ranelagh, o senhor pode deixar a nosso encargo fazer com que elas cheguem seguras em casa; posto que devemos ser orgulhosos pela honra de acompanhá-las.”

“Pode ser,” disse o Capitão, “mas eu lhe direi isto, se um desses lugares não for o suficiente para elas esta noite, ora amanhã elas nunca mais irão a lugar algum.”

No mesmo instante nos declaramos prontas para ir para casa.

“Não é por nós mesmos que peticionamos,” disse o tal Lord. “Mas por nós; se o senhor tem qualquer caridade, não será tão cruel a ponto de nos negar; apenas lhe imploramos que prolongue nossa felicidade por

poucos minutos — o favor é pequeno para o senhor nos conceder, contudo é tão grande para nós recebermos."

"Para lhe dizer um pouco do que penso," disse o Capitão, rispidamente, "eu acho que o senhor pode muito bem não dar às meninas tanto desta adulação; elas tomarão como o evangelho. Quanto a Moll, ora ela está bem o suficiente, mas nada extraordinária; embora, talvez, o senhor possa persuadi-la de que seu nariz de cachorro pug está na moda; e quanto à outra, ora ela está bem branca e vermelha para ser sincero; mas que tem isso? — Garantirei que ela se desmanche tão rápido quanto seus vizinhos."

"Há," gritou o Lord, "algum outro homem neste lugar, que, vendo tais objetos, poderia fazer tal discurso?"

"E quanto a isso aí," respondeu o Capitão, "eu não sei se há ou não, e, por mim, eu não me importo; posto que eu não devo procurar me modelar a partir desses sujeitos que só lhes acompanham em tempos bons, que não ousam tanto ao dizer que suas almas são suas próprias, e, por qualquer coisa que eu saiba, não mais o são. Sou quase tão envergonhado de meus concidadãos como se eu fosse um Francês, e acredito que em meu coração não há um prego a escolher entre eles; e, tão logo, havemos de ouvir os próprios marinheiros falarem esse dialeto, e nunca ver um limpador sem uma bolsa e uma espada."

"He, he, he! Bem, por honra," gritou Mr. Lovel, "vocês cavalheiros do oceano têm a mais severa maneira de julgar."

"Severa! Por George, isso é impossível; posto que, para encurtar o assunto, os homens, como eles gostam de se chamar, não são melhores que macacos; e quanto às mulheres, ora elas são meras bonecas. Então agora o senhor tem minha opinião sobre este assunto; e eu também lhes desejo boa noite."

As damas, que estavam muito impacientes para saírem, prestaram suas cortesias, e saíram saltitando, seguidas por todos os cavalheiros de sua comitiva, exceto o cavalheiro antes mencionado, e, Lord Orville, que ficou para fazer inquéritos a Mrs. Mirvan concernindo nossa saída da cidade; e então dizendo, com sua usual polidez, algo cortês a cada uma de nós, com um ar muito solene ele nos deixou.

O tal Lord permaneceu por mais alguns minutos, que ele passou fazendo uma profusão de elogios a mim; através do qual ele impediu que

eu ouvisse distintamente o que Lord Orville disse, para minha grande vexação, especialmente enquanto ele olhava — pensei eu, pelo menos — como se desagradado de sua peculiaridade de comportamento para comigo.

Ao irmos para uma sala externa, para esperar pela carruagem, andei, e não pude de modo algum evitar, entre este nobre e Sir Clement Willoughby, e, quando o serviçal disse que o coche estava esperando, embora o último me oferecesse a sua mão, que eu teria muito preferido, este tal Lord, sem qualquer cerimônia, tomou ele mesmo a minha; e Sir Clement, com um olhar extremamente afrontado, conduziu Mrs. Mirvan.

Em todas as categorias e todas as posições da vida, quão estranhamente personalidades e modos diferem! Lord Orville, com uma polidez que não conhece intermissão, e não faz distinção, é singelo e modesto como se nunca houvesse se misturado aos grandes, e era totalmente ignorante de toda qualificação que possui; este outro senhor, embora generoso de elogios e belos discursos, parece a mim um completo estranho à real boa criação; quem quer que atinja sua afeição, monopoliza sua total atenção. Ele é adiantado e ousado; tem um ar de altivez dirigido a homens, e um olhar de libertinagem dirigido às mulheres; e sua qualidade consciente parece ter-lhe dado uma liberdade em seu modo de falar a qualquer um dos sexos, que é muito pouco aquém da rudeza.

Quando voltamos para casa, estávamos todos sem ânimos. O entretenimento da noite havia desagradado o Capitão; e seu desprazer, creio eu, desconcertou a nós todos.

E aqui eu achava haver concluído minha carta; mas, para minha grande surpresa, agora mesmo tivemos uma visita de Lord Orville. Ele visitava, disse, para prestar seus respeitos a nós antes que deixássemos a cidade, e fez muitos inquéritos concernindo nosso retorno; e, quando Mrs Mirvan disse a ele que estávamos indo para o interior sem qualquer vista de novamente deixá-lo, ele expressou preocupação em tais termos — tão polido, tão lisonjeiro, tão sério — que eu mal podia tolerar sentir pesar por mim mesma. Estivesse eu a ir imediatamente para Berry Hill, estou certa que não sentiria nada além de alegria; mas, agora uniu-se a nós este Capitão, e Madame Duval, devo confessar que espero muito pouco prazer em Howard Grove.

Antes que Lord Orville fosse, Sir Clement Willoughby apareceu. Ele estava mais sério que eu já o havia visto; e fez diversas tentativas de falar comigo em uma voz baixa, e para me assegurar que seu arrependimento sobre a ocasião de nossa jornada fora inteiramente sob minha conta. Mas eu não tinha ânimos e não podia suportar ser provocada por ele. Contudo, ele tem tão bem prestado sua corte ao Capitão Mirvan, que ele lhe deu um convite muito caloroso ao Grove. Com isso ele se abrilhantou — e logo assim então Lord Orville se despediu.

Sem dúvidas senão que ele estivesse enojado com esta parcialidade mal temporizada, mal criada; posto que certamente foi muito errado fazer um convite ante Lord Orville no qual ele não fosse incluído! Fiquei tão desgostosa, que, tão logo ele foi, saí da sala; e não hei de descer até que Sir Clement se vá.

Lord Orville não pode deixar de observar os esforços assíduos de Sir Clement de congraçar-se em meu favor; e esta extravagante civilidade do Capitão Mirvan não lhe dá razão de supor que vá de encontro a nossa geral aprovação? Não posso pensar sobre este assunto sem inexprimíveis inquietudes; e ainda assim não consigo pensar sobre outra coisa.

Adieu, meu mais caro Senhor. Rogo escreva-me imediatamente. Quantas longas cartas têm produzido nesta curta quinzena! Mais do que posso provavelmente escrever novamente. Temo que devo ter lhe cansado com a leitura delas; mas o senhor agora terá tempo para descansar, posto que eu devo ter senão pouco a dizer no futuro.

E agora, mais honrado Senhor, com todas as tolices e imperfeições que tenho desta forma recontado, pode o senhor, e com incansável bondade, permitir-me assinar a mim mesma Sua dócil e mais afetuosa

EVELINA?

CARTA XXIV

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 22 De Abril.

Quanto regozijo que posso novamente endereçar minhas cartas a Howard Grove! Minha Evelina teria sofrido se houvesse sabido da ansiedade de minha mente durante sua residência no grande mundo. Minhas apreensões têm sido inexprimivelmente alarmantes; e seu diário, de uma vez só excitando e aliviando meus medos, tem quase totalmente me ocupado desde o tempo de sua datação de Londres.

Sir Clement Willoughby deve ser um homem astuto e artificioso; estou extremamente irritado com sua conduta. A paixão que ele finge ter por você não tem sinceridade ou honra; a maneira e as oportunidades que ele escolheu para declará-la são limítrofes do insulto.

O comportamento indigno dele após a ópera me convence que, não houvesse sua veemência o assustado, Queen Ann Street teria sido o último lugar até onde ele teria enviado sua biga. Ó, minha criança, quão agradecido sou por sua fuga! Não preciso agora, estou certo, delongar sobre sua indiscrição e desejo de pensamento, em tão precipitadamente confiar em si mesma com um homem tão pouco conhecido a você, e cujo contentamento e volubilidade deveriam ter lhe posto em guarda.

O nobre que você conheceu no Pantheon, ousado e avançado como você o descreveu, não me dá apreensão; um homem que parece tão abertamente licencioso, e que faz seu ataque com tão pouco respeito ao decoro, é um que, a uma mente como a de minha Evelina, pode nunca ser visto senão com o nojo que seus modos devem incitar.

Mas, Sir Clement, embora ele busque ocasião para dar real ofensa, maquina evitar toda aparência de mal intencional. Ele é muito mais perigoso, porque é mais ardiloso: mas estou feliz de observar que ele parece não ter feito impressão em seu coração; e, portanto, muito pouco cuidado e prudência podem lhe proteger desses desígnios que temo que ele tenha formado.

Lord Orville aparenta ser de uma melhor ordem de seres. A espirituosa conduta dele com o torpemente impertinente Lovel e a ansiedade dele por você após a ópera, provou-lhe um homem de razão e sentimento. Indubitavelmente ele pensou haver muita razão para se abalar por sua segurança enquanto exposta ao poder de Sir Clement; e agiu com respeito à real honra, que irá sempre inclinar-me a pensar bem dele, em tão imediatamente familiarizar a família Mirvan com sua situação. Muitos homens da idade dele, de falsa e fingida delicadeza a um amigo, haveriam quietamente perseguido seus próprios assuntos, e pensaria ser mais honroso deixar uma insuspeita jovem criatura à mercê de um libertino, que arriscar seu desprazer tomando medidas para sua segurança.

Sua evidente preocupação em deixar Londres é muito natural, e ainda assim me aflige. Sempre temi você estivesse muito satisfeita com uma vida de dissipação, que a juventude e a vivacidade tornam muito sedutoras; e quase me arrependo da permissão de sua jornada, que não tive a decisão de recusar.

Lamentavelmente, minha criança, a astúcia de sua natureza e a simplicidade de sua educação, igualmente lhe incapacitam para os espinhosos caminhos do grande e ocupado mundo. A suposta obscuridade de seu nascimento e situação lhe tornam sujeita a mil aventuras desagradáveis. Não apenas minhas vistas, mas minhas esperanças por sua vida futura têm sempre sido centradas no interior. Posso confessar-lhe, que, embora eu possa diferir do Capitão Mirvan em outros respeitos, ainda assim minha opinião sobre a cidade, seus modos, habitantes e diversões, está muito em nível com a dele própria? De fato é o geral abrigo de fraude e de tolice, de duplicidade e de impertinência; e desejo poucas coisas mais fervorosamente, que você possa ter tirado uma licença duradoura dela.

Lembre-se, contudo, que apenas falo em respeito a uma vida pública e dissipada; em famílias privadas podemos indubitavelmente encontrar tanta bondade, honestidade e virtude, em Londres quanto no interior.

Se contenta com uma posição erma, ainda espero que possa viver para ver minha Evelina o ornamento de sua vizinhança, e o orgulho e deleite de sua família; e dando e recebendo alegria de tal sociedade como pode melhor merecer sua afeição, e empregando-se em tão úteis e inocentes ocupações como podem proteger e merecer o mais tenro amor de seus amigos, e a mais digna satisfação de seu próprio coração. Tais são

minhas esperanças e tais têm sido minhas expectativas. Não as desaponte, minha amada criança; mas alegre-me com poucas linhas, que possam me assegurar, esta pequena quinzena passada na cidade não tenha desfeito o trabalho de dezessete anos passados no interior.

ARTHUR VILLARS.

CARTA XXV

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, 25 De Abril.

Não, meu caro Senhor, não: o trabalho de dezessete anos permanece tal como era, sempre indigno de seu tempo e de seu trabalho; mas não tão mais agora — pelo menos espero que não — que antes daquela quinzena que tem tanto lhe alarmado.

E ainda assim devo confessar, que não estou metade feliz aqui no presente como estava antes de ter ido à cidade de Londres; mas a mudança está no lugar, não em mim. Capitão Mirvan e Madame Duval arruinaram Howard Grove. A harmonia que reinava aqui está perturbada, nossos esquemas estão desfeitos, nosso modo de vida está alterado e nosso conforto está destruído. Mas não suponha que Londres seja a fonte desses males; posto que, houvesse nossa excursão sido em qualquer outro lugar, tão desagradável adição à nossa casa deve ter causado a mesma mudança com nosso retorno.

Eu tinha certeza de que o senhor seria desagradado com Sir Clement Willoughby, e, portanto, não estou de modo algum surpresa com o que o senhor diz dele; mas por Lord Orville — devo confessar que temia grandemente que meu fraco e imperfeito relato não houvesse atribuído a ele a boa opinião que ele tão bem merece, e que estou encantada de descobrir que o senhor parece ter dele. Ó, Senhor, pudesse eu ter feito justiça ao mérito que creio que ele possua; — pudesse eu tê-lo esboçado ao senhor como ele pareceu a mim; — então, de fato, o senhor poderia ter alguma ideia do direito que ele tem de sua aprovação!

Após a última carta que escrevi na cidade, nada mais se passou antes de nossa jornada até aqui, exceto uma discussão muito violenta entre o Capitão Mirvan e Madame Duval. Já que o Capitão pretendia viajar a cavalo, ele havia estabelecido que nós quatro mulheres deveríamos fazer uso de seu coche. Madame Duval não veio a Queen Ann Street até que a carruagem houvesse esperado por algum tempo à porta; e então, acompanhada por Monsieur Du Bois, ela fez sua aparição.

O Capitão, impaciente para ir embora, não os convidou a entrar na casa, mas insistiu que deveríamos entrar no coche imediatamente. Obedecemos; mas tão logo sentamos, Madame Duval disse: “Venha, Monsieur Du Bois, estas moças podem abrir um bom espaço para o senhor; sentem-se mais perto, crianças.”

Mrs. Mirvan parecia bastante desconcertada; e M. Du Bois, após proferir algumas desculpas por nos ter apertado, realmente entrou no coche ao lado de Miss Mirvan e eu. Mas, tão logo ele se sentou, o Capitão, que havia observado esta transação muito calmamente, andou até a porta do coche, e disse: “O quê, nem com sua permissão, nem por ela também?”

M. Du Bois parecia muito chocado, e começou a dizer uma abundância de desculpas: mas o Capitão nem o entendeu nem o considerou, e, muito rudemente, disse: “Olha aqui, Monsiê, isso aqui pode ser uma moda Francesa pelo que eu sei — mas a reciprocidade é bela em todas as nações; e então agora, o senhor vê, terei a ousadia de lhe mostrar uma moda Inglesa.”

E então, tomando seu pulso, ele o fez pular para fora do coche.

M. Du Bois, imediatamente, levou sua mão à espada e ameaçou se ressentir com esta indignidade. O Capitão, segurando seu bastão, ordenou que ele a recolhesse imediatamente para que ele não sofresse perigo. Mrs. Mirvan, enormemente alarmada, saiu do coche, e, se posicionando entre eles, suplicou que seu marido entrasse novamente na casa.

“Pare de tagarelar!” gritou ele, raivosamente; “que diabo? Você supõe que eu não consiga dar conta de um Francês?”

Enquanto isso, Madame Duval gritou para M. Du Bois, “*Eh, laissez-le, mon ami, ne le corrigez pas; c’est une villaine bete qui n’en vaut pas la peine*.”[19]

“*Monsieur le Capitaine*,” gritou M. Du Bois, “*voulez-vous bien ne demander pardon?*” [20]

“Ó ho, o senhor pede perdão, não é?” disse o Capitão,”imaginei que sim; pensei que o senhor voltaria ao juízo; — então o senhor perdeu seu encanto pela saudação Inglesa, não é?” empertigando-se a ele com olhares de desafio.

Uma multidão agora se juntava e Mrs. Mirvan, novamente, suplicou que seu marido entrasse na casa.

“Ora, de que praga a mulher tem medo? Você já conheceu um Francês que não respondesse a uma afronta? — Garanto que Monsiê sabe o que cabe a ele; não sabe Monsiê?”

M. Du Bois, sem entendê-lo, apenas disse: “*plait-il, Monsieur*[21]?”

“Não, nem vai pôr-me prato também,” respondeu o Capitão; “mas, seja como for, o que significa nossa parleação aqui? Se o senhor tem qualquer coisa a propor, fale de uma vez; se não, ora nos deixe continuar nossa jornada sem mais delongas.”

“*Parbleu, je n’entends rien, moi*[22]!” gritou M. Du Bois, encolhendo seus ombros, e parecendo muito abatido.

Mrs. Mirvan então avançou a ele, e disse em Francês, que ela tinha certeza de que o Capitão não tinha qualquer intenção de afrontá-lo e implorou que ele desistisse de uma disputa que poderia apenas ser produtiva de mútuo desentendimento, já que nenhum deles sabia a língua do outro.

Esta sensível admoestação teve o efeito desejado; M. Du Bois, se curvando a todos, exceto ao Capitão, muito sabiamente desistiu do ponto, e se retirou.

Nós então esperávamos proceder calmamente com nossa jornada; mas o turbulento Capitão não ainda nos permitiria. Ele se aproximou de Madame Duval com um ar exultante, e disse: “Ora, como é isso, Madame? O quê, seu defensor a desertou? Ora, eu pensei que a senhora tivesse me dito que vocês senhoras velhas faziam tudo às suas maneiras entre suas fagulhas Francesas?”

“Quanto a isso, Senhor,” respondeu ela, “não é sem consequência o que o senhor pensou; posto que uma pessoa que pode se comportar de maneira tão baixa, pode pensar o que quiser de mim, posto que não me importarei.”

“Ora então, Senhora, já que a senhora deve trazer tudo às claras,” gritou ele, “por favor me conte a razão pela qual a senhora tomou a liberdade de pedir a qualquer de seus seguidores que entrasse em meu coche sem minha permissão?”

“Ora, então, rogo, Senhor,” respondeu ela, “diga-me a razão pela qual o senhor tomou a liberdade de tratar o cavalheiro de maneira tão impolida, a ponto de segurá-lo e puxá-lo pelo pescoço e pés? Estou certa de que ele nada havia feito para afrontar o senhor, nem ninguém mais; e

não sei que maior mal ele teria feito ao senhor, por apenas sentar-se imóvel no coche; ele não o teria comido."

"Ora, a Senhora acha então que meus cavalos nada têm a fazer senão carregar seus Franceses choramingões? Se sim, Madame, devo ter a ousadia de lhe contar, a senhora está fora, posto que os terei enforcados primeiro."

"Mais bruto o senhor, então! Posto que eles nunca carregaram ninguém com metade da bondade."

"Ora, olhe aqui, Madame, se a senhora deve me provocar, lhe darei um pouco da minha opinião; a senhora deve saber, eu consigo enxergar tão longe em um mó de moinho como qualquer homem; e então, se a senhora pensou em me ludibriar com algum outro de seus filhotinhos Franceses sorridentes para que um deles virasse um genro, ora a senhora irá acabar mancando, é só isso."

"Senhor, o senhor é um — mas não direi isso — mas protesto que eu não tinha tal pensamento, nem o tinha também Monsieur Du Bois."

"Meu querido," disse Mrs. Mirvan, "chegaremos muito tarde."

"Bem, bem," respondeu ele, "saia do caminho então; saia daqui o mais rápido que puder, é chegada a hora. Quanto a Molly, ela é uma fina dama o suficiente em consciência; não quero nenhum dos seus rapazes Franceses tornando-a pior."

E assim dizendo, ele montou em seu cavalo, e saímos. E não pude senão pensar, com arrependimento, dos diferentes sentimentos que experimentamos em deixar Londres, comparados aos que haviam pertencido à nossa chegada.

Durante a jornada Madame Duval era tão extremamente violenta contra o Capitão, que ela obrigou Mrs. Mirvan a dizer-lhe que, quando em sua presença, ela deve-lhe implorar que escolha outro assunto de discurso.

Tivemos a recepção mais afetuosa de Lady Howard, cuja bondade e hospitalidade não conseguem falhar em tornar todos felizes se assim dispostos estiverem.

Adieu, meu mais caro Senhor. Espero, embora eu tenha até agora negligenciado mencionar, que o senhor tenha sempre se lembrado de mim a quem quer que fizesse qualquer inquérito concernindo a mim.

CARTA XXVI

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, 27 De Abril.

Ó meu caro Senhor, agora escrevo na maior inquietude! Madame Duval me fez uma proposta que me aterroriza até a morte, e que foi tão inesperada quanto é chocante.

Ela havia estado ocupada por algumas horas esta tarde lendo cartas de Londres; e, bem perto da hora do chá, me chamou em seu quarto, e disse, com um olhar de grande satisfação: "Venha cá, criança, tenho algumas notícias muito boas para lhe contar: algo que irá lhe surpreender, dar-lhe-ei minha palavra, posto que você não possuía a menor noção disso."

Implorei que ela se explicasse; e então, em termos que não consigo repetir, ela disse que estava refletindo sobre a vergonha de ver-me em tão pobre interior, coisa rebaixada, quando eu deveria ser uma fina dama; e que ela havia há muito, e em várias ocasiões, menosprezado a mim, embora ela devesse confessar que a culpa não era minha; posto que nada melhor poderia ser esperado de uma menina que houvesse sido tão enclausurada. Contudo, ela me assegurou que havia, a contento, acertado um plano que faria de mim uma outra criatura.

Esperei, sem muita paciência, para ouvir ao que este prefácio levaria; mas eu fui logo despertada para sensações mais vivazes, quando ela me familiarizou que sua intenção era provar meu direito de nascimento e exigir, por lei, a herança de minha real família!

Seria impossível expressar a minha consternação extrema quando ela assim revelou seu esquema. Minha surpresa e terror foram igualmente enormes; não consegui dizer nada: a escutei com um silêncio que eu não tinha o poder de quebrar.

Ela então discorreu muito calorosamente sobre as vantagens que eu deveria colher de seu plano; falou do alto estilo de meu futuro esplendor; assegurou-me de quão sinceramente eu deveria desprezar quase todos e tudo que eu havia até então visto; predisse meu casamento com uma

família de primeira posição no reino; e, finalmente, disse que eu deveria passar alguns meses em Paris, onde minha educação e modos devem receber sua polida final.

Ela discorreu também sobre o deleite que deveria ter, em comum comigo mesma, de mortificar o orgulho de certas pessoas, e mostrando-lhes que ela não seria menosprezada com impunidade.

Em meio a este discurso, fui aliviada por um chamado para o chá. Madame Duval estava em grandes ânimos; mas minha emoção era muito dolorosa para esconder e todos perguntaram a causa. Eu de bom grado haveria abandonado o assunto, mas Madame Duval estava determinada a torná-lo público. Ela lhes contou que tinha em sua cabeça fazer algo de mim e que eles deveriam, em breve, chamar-me por outro nome que Anville; e ainda assim ela disse que não permitiria que eu me casasse também.

Eu não podia suportar ouvi-la prosseguir e estava saindo da sala; o que, quando Lady Howard percebeu, implorou que Madame Duval deferisse sua inteligência a alguma outra oportunidade; mas ela estava tão ávida a comunicar seu esquema, que não podia tolerar adiamento; e, portanto, eles me deixaram ir sem oposição. De fato, sempre que minha situação ou assuntos são mencionados por Madame Duval, ela fala deles com tanto embotamento e severidade, que não posso ser intimada a uma tarefa mais cruel que a de ouvi-la.

Fui depois familiarizada com alguns particulares da conversa por Miss Mirvan; que me disse que Madame Duval informou-lhes de seu plano com máxima complacência, e pareceu se considerar muito afortunada em ter sugerido; mas, logo depois, ela acidentalmente se traiu, que havia sido instigada ao esquema por seus parentes, os Branghtons, cujas cartas, que ela recebeu hoje, primeiro mencionaram a proposta. Ela declarou que não teria nada com arrodeios, mas iria abertamente e imediatamente à lei, com fins de provar meu nascimento, nome real e título ao patrimônio de meus ancestrais.

Quão impertinentes e oficiosos estes Branghtons, de interferirem dessa forma em meus assuntos! O senhor mal pode imaginar que perturbação este plano trouxe à família. O Capitão, sem inquirir sobre qualquer particular do assunto, tem peremptoriamente declarado-se contra ele, meramente porque foi proposto por Madame Duval; e eles tem

batalhado o assunto juntos com grande violência. Mrs. Mirvan disse que nem irá pensar nisso até que ouça a opinião do senhor. Mas, Lady Howard, para minha grande surpresa, abertamente admite sua aprovação da intenção de Madame Duval; contudo, ela irá escrever suas razões e sentimentos sobre o assunto ao senhor.

Quanto a Miss Mirvan, ela é meu segundo eu, e nem tem esperanças e medos senão os que tenho. E, quanto a mim — não sei o que dizer, nem o que desejar; tenho frequentemente considerado meu destino particularmente cruel, ter apenas um genitor e dele ser banida para sempre — enquanto, por outro lado, eu tenha muito bem conhecido e sentido a propriedade da separação. E ainda assim, o senhor deve muito bem imaginar, que sou capaz de expressar, a angústia interna que por vezes oprime meu coração, quando reflito sobre a estranha indiferença que deve ocasionar a um pai nunca fazer o menor inquérito sobre a saúde, o bem estar, ou até a vida de sua criança!

Ó Senhor, para mim a perda é nada! — grandemente, docemente e mais benevolentemente tem o senhor me protegido de senti-la; mas, por ele, de fato, sofro! Devo ser desvestida, não meramente de toda piedade filial, mas de toda humanidade, pudesse eu pensar sobre este assunto e não ser ferida até a alma.

Novamente devo repetir, não sei o que desejar; pense por mim, portanto, meu mais caro Senhor, e faça com que minha hesitante mente, que não sabe a que caminho dirigir suas esperanças, seja guiada por sua sabedoria e inerrável conselho.

EVELINA.

CARTA XXVII

LADY HOWARD AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove.

Caro Senhor,

Não posso dar maior prova da alta opinião que possuo de sua candura que, pela liberdade que irei agora tomar, de presumir lhe oferecer conselho, sobre um assunto concernindo algo que o senhor tenha tão apenas o direito de agir por si mesmo; mas sei que o senhor tem também sincero amor por justiça, para ser parcialmente tenaz de seu próprio julgamento.

Madame Duval tem proposto um esquema que nos tem posto todos em comoção, de início, em comum com o restante de minha família, exclamei-me contra: mas, sobre mais madura consideração, confesso que minhas objeções têm quase totalmente desaparecido.

Este esquema é não outro que dar início a um processo legal contra Sir John Belmont para provar a validade de seu casamento com Miss Evelyn; a necessária consequência da prova será assegurar sua fortuna e propriedades para sua filha.

E por que, meu caro Senhor, isto não deveria ser? Eu sei que, ao ouvir de início, tal plano carrega ideias que devem lhe chocar; mas sei, também, que sua mente é superior para ser governada por preconceitos, ou para se opor a qualquer causa importante por conta de algumas circunstâncias presentes desagradáveis.

Sua adorável incumbência, agora entrando pela primeira vez na vida, tem mérito que não deve ser enterrado na obscuridade. Ela parece nascida para ser um ornamento para o mundo. A natureza tem sido generosa a ela do que quer que ela tenha para conceder; e a peculiar atenção que o senhor tem dado à sua educação tem formado a mente dela a um grau de excelência, que, em alguém tão jovem tenho raramente visto igualada. A sorte apenas tem até agora lhe poupado de seus presentes; e ela, também, agora abre o caminho que leva a tudo que resta a se desejar para ela.

Quais devam haver sido suas razões, meu bom Senhor, para tão cuidadosamente ocultar o nascimento, nome e pretensões desta amável garota, e abster-se de fazer qualquer reivindicação sobre Sir John Belmont, a mim são totalmente estranhas; mas, sem saber, as respeito, da alta opinião que tenho de seu caráter e julgamento: mas espero que elas não sejam insuperáveis; posto que não posso senão pensar, que nunca foi designado para alguém que parece destinada ao mundo, ter sua vida devotada à reclusão.

Certamente Sir John Belmont, desgraçado como tem se mostrado, nunca pôde ver sua realizada filha, e não ser orgulhoso de possuí-la, e impaciente para assegurá-la com a herança de sua fortuna. A admiração que ela experimentou na cidade, embora meramente o efeito dos atrativos externos que ela possui, foi tal, que Mrs. Mirvan me assegura, ela haveria tido as mais esplêndidas ofertas, não parecesse haver algum mistério a respeito de seu nascimento, que, ela foi bem informada estava assiduamente, embora em vão, esforçando-se para ser descoberto.

Pode ser certo, meu caro Senhor, que esta jovem promissora criatura deva ser privada da fortuna e posição de vida à qual legalmente tem direito, e à qual o senhor tem preparado-a para manter e usar tão nobremente? Desprezar a opulência pode, de fato, ser filosófico; mas gastá-la dignamente deve, certamente, ser mais benéfico à humanidade.

Talvez alguns poucos anos, ou de fato um tempo muito mais curto, possam tornar este esquema impraticável: Sir John, embora ainda jovem, leva uma vida muito difusa para longa duração; e quando muito tarde, poderemos nos arrepender que algo não tenha sido feito mais cedo; posto que será quase impossível, após ele ter se ido, estabelecer ou provar qualquer coisa com seus herdeiros e executores.

Perdoe a diligência com que escrevo minha acepção desta questão; mas sua encantada protegida tem me feito tão calorosamente sua amiga, que não posso ser indiferente sobre um assunto de tal importância à sua vida futura.

Adieu, meu caro Senhor; envie-me rapidamente uma resposta a esta admoestação, e creia que sou, etc[23].

M. HOWARD.

CARTA XXVIII

MR VILLARS A LADY HOWARD

Berry Hill, 2 De Maio.

Sua carta, Madame, tem aberto uma fonte de ansiedade, à qual anseio com temor, e que, para ver fechada, dificilmente ouso esperar. Estou relutante em opor minha opinião à de sua Senhoria; nem, de fato, posso eu, senão por argumentos que acredito que irão mais me colocar como um hermitão ignorante do mundo, e ajustado apenas à minha cela, que um guardião apropriado, em uma idade como esta, para uma mulher jovem realizada. Ainda assim, desta forma convocado, convinha-me explicar, e me esforçar para vindicar, as razões pelas quais tenho sido até agora guiado.

A mãe desta querida criança — que foi levada à destruição por sua própria imprudência, pela dureza de coração de Madame Duval e pela vilania de Sir John Belmont — foi um dia, o que sua filha é agora, a melhor amada de meu coração: e sua memória, enquanto a minha própria se sustentar, hei de amar, lamentar e honrar! No fatal dia que sua gentil alma deixou sua morada, e não muitas horas até que ela cessasse de respirar, solenemente empenhei minha fé que, se sua criança sobrevivesse, não deveria conhecer outro pai que não eu mesmo ou seu reconhecido marido.

A senhora não pode, Madame, supor que encontrei muita dificuldade em devotar-me a esta promessa, e me abstive de fazer qualquer reivindicação sobre Sir John Belmont. Poderia eu sentir uma afeição mais paterna por esta pobre sofredora e não abominar seu destruidor? Poderia eu desejar entregar a ele, que havia de modo tão vil traído a mãe, a indefesa e inocente prole, que, nascida em tanta mágoa, parecia merecedora de toda ternura compassiva de piedade?

Por muitos anos, apenas o nome daquele homem, acidentalmente falado a meus ouvidos, quase me desvestiu da Cristandade, e raramente pude evitar execrá-lo. Ainda assim não solicitei, ainda assim não desejei privá-lo de sua criança, houvesse ele com qualquer aparência de contrição,

ou, de fato, de humanidade, esforçado-se para tornar-se menos indigno de tal bênção; — mas ele é um estranho a todos os sentimentos parentais e tem, com sensibilidade selvagem, abstido-se de inquirir até sobre a existência de sua doce órfã, embora a situação de sua ferida esposa fosse muito bem conhecida por ele.

A senhora deseja ser familiarizada com minhas intenções. Devo reconhecer que elas eram tais como agora percebi não serem honradas com a aprovação de sua Senhoria; posto que, embora eu tenha por vezes pensado em apresentar Evelina a seu pai, e exigido a justiça que a ela cabe, ainda assim, em outras épocas, tanto desdenhei quanto temi a execução; desdenhei com receio de que fosse recusada; e temi, com receio de que fosse aceita!

Lady Belmont, que foi firmemente persuadida da dissolução de sua aproximação, frequentemente e seriamente me suplicou que, se sua criança fosse uma menina, eu não a abandonasse à direção de um homem tão completamente inapto para se encarregar de sua educação: mas, fosse ela inoportunamente exigida, que eu recolher-me-ia com ela para fora do país e cuidadosamente ocultá-la-ia de Sir John, até que alguma mudança aparente em seus sentimentos e conduta devessem anunciá-lo menos impróprio para tal confiança. E muito frequentemente ela diria: “Deva o pobre bebê ter quaisquer sentimentos correspondentes com os de sua mãe, não sentirá qualquer falta enquanto sob sua proteção.” Ai de mim! Não antes desistiu disso ela mesma, que foi tragada para um abismo de angústia, que engoliu sua paz, reputação, e vida.

Durante a infância de Evelina, sugeri mil planos para a seguridade de seu direito de nascimento; mas tantos quanto foram, eu os rejeitei. Eu estava em perpétuo conflito, entre o desejo de que ela deveria ter justiça feita a ela e a apreensão que, enquanto eu melhorava sua sina, deveria pôr sua mente em perigo. Contudo, enquanto seu caráter começou a ser formado e sua disposição a ser demonstrada, minha perplexidade se abateu; a estrada à minha frente pareceu menos espinhosa e intrincada e eu pensava que poderia distinguir o caminho certo do errado; posto que quando observei a ignorante abertura da ingênua simplicidade de sua natureza; quando vi que sua alma inocente e sem malícia imaginavam que todo o mundo fosse puro e desinteressado como ela mesma, e que seu coração estava aberto a toda impressão com a qual amor, piedade, ou

astúcia pudessem atacá-lo — então me lisonjeei, que seguir minha própria inclinação e assegurar seu bem-estar, fossem a mesma coisa; desde que, expô-la às armadilhas e perigos inevitavelmente cercando uma casa de quem o mestre é dissipado e sem princípios, sem a orientação de uma mão, ou qualquer mulher prudente e sensível, parecia a mim não menos que fazê-la tropeçar para dentro de algum abismo medonho, quando o sol está em seu meridiano. Meu plano, portanto, não era meramente educar e estimá-la como minha própria, mas adotá-la como herdeira de minha pequena fortuna e concedê-la a algum homem digno, com quem ela poderia passar seus dias em tranquilidade, alegria e bom humor, imaculada de vício, tolice ou ambição.

Tanto pelo tempo que passou. Tantos têm sido os motivos pelos quais tenho sido governado; espero que a eles seja permitido, não meramente prestar contas, mas também justificar a conduta que deles resultou. Agora resta falar do tempo a vir.

E aqui, de fato, sou sensível às dificuldades que quase me desespero para sobrepujar de acordo com meus desejos. Pago a mais alta deferência à opinião de sua Senhoria, com a qual me é extremamente doloroso não concordar; — Ainda assim estou tão bem familiarizado com sua bondade, que presumo ter esperança de que não seja absolutamente impossível a mim oferecer tais argumentos como podem lhe levar a pensar comigo, que a chance de felicidade desta jovem criatura parece menos duvidosa em isolamento, do que seria no mundo alegre e difuso. Mas por que eu deveria enlear sua Senhoria com raciocínio que pode ser tão pouco levado em conta? Posto que, ai de mim!, de que argumentos, de que persuasões, posso eu fazer uso, com qualquer prospecto de sucesso, para tal mulher como é Madame Duval? Seu caráter e a violência de sua disposição intimidam-me de fazer a tentativa: ela é demasiado ignorante para instrução, muito obstinada para súplica e muito fraca para razão.

Não irei, portanto, entrar em uma disputa da qual nada tenho a esperar senão altercação e impertinência. Tão logo iria eu discutir o efeito do som com o surdo, ou a natureza das cores com o cego, como almejar iluminar com convicção uma mente tão deformada pelo preconceito, tão escrava de indisciplinadas e iliberais paixões. Desacostumada como ela está a controle, persuasão iria senão endurecê-la e a oposição lisonjeá-la. Submeto-me, portanto, à necessidade que compele minha relutante

aquiescência; e devo agora voltar todos os meus pensamentos em considerar tais métodos para a condução desta empreitada, como puder ser mais conducente à felicidade de minha criança e menos passível de ferir sua sensibilidade.

O procedimento legal, portanto, eu totalmente e absolutamente desaprovo.

Irá a senhora, minha cara Madame, perdoar a liberdade de um velho homem, se eu me confessar enormemente surpreso, que a senhora pudesse, sequer por um momento, ouvir um plano tão violento, tão público, tão totalmente repugnante a toda delicadeza feminina? Estou satisfeito que sua Senhoria não tenha ponderado este projeto. Houve um tempo, de fato, quando asseverar a inocência de Lady Belmont, e proclamar ao mundo os agravos, não culpa, pelos quais ela sofreu, eu propus, mais que isso, tentei, um plano similar: mas então toda assistência e encorajamento foram negados. Quão cruel à recordação que suporto de suas desgraças é este tardio ressentimento de Madame Duval! Ela foi surda à voz da Natureza, embora houvesse ouvido àquela da Ambição.

Nunca posso consentir a ter esta querida e tímida garota apresentada à atenção do mundo por tal método; um método que irá sujeitá-la a toda a impertinência da curiosidade, os escárnios da conjectura e as ferroadas do ridículo. E para quê? — A obtenção de riqueza que ela não quer e a gratificação da vaidade que ela não sente. Uma criança a aparecer contra um pai! — Não, Madame, velho e enfermo como estou, eu ainda assim antes até transportá-la-ia eu mesmo a alguma remota parte do mundo, embora tivesse certeza de que morreria durante a expedição.

Muito diferentes têm sido os motivos que haveriam estimulado sua infeliz mãe a tal procedimento; toda sua felicidade nesse mundo foi irrecuperavelmente perdida; sua vida se tornara um fardo a ela; e sua bela fama, que ela havia sido desde cedo ensinada a prezar acima de todas as outras coisas, havia recebido uma ferida mortal; portanto, limpar sua própria honra e protegê-la de desonrar o nascimento de sua filha, era todo o bem que sua sorte havia se reservado o poder de conceder. Mas, até esta última consolação foi retida dela!

Deixe que medidas mais brandas sejam adotadas; e — já que deve ser assim — deixe que a solicitação seja feita a Sir John Belmont, mas

quanto a um processo judicial, espero, sobre este assunto, nunca mais ouvir menção.

Com Madame Duval, todas as súplicas de delicadeza seriam inefetivas; seu esquema deve ser oposto por argumentos melhor adequados ao seu entendimento. Não falarei, portanto, da impropriedade dele, mas esforçar-me-ei para provar sua inutilidade. Tenha a bondade, então, de lhe dizer, que suas próprias intenções seriam frustradas por seu plano; desde que, fosse o processo legal iniciado, e até fosse a causa ganha, Sir John Belmont teria ainda em si o poder — e, se irritado, sem dúvida em sua inclinação — de cortar fora sua neta com um xelim.

Ela não pode fazer melhor por si só que permanecer inativa na questão; a longa e mútua animosidade entre ela e Sir John irá tornar sua interferência meramente produtiva de debates e má vontade. Nem eu teria apresentado Evelina até que convocada. E quanto a mim mesmo, devo totalmente recusar-me a agir; embora eu vá, com fatigado zelo, devotar todos os meus pensamentos a aconselhar; mas, em verdade, não tenho inclinação nem ânimos adequados para engajar pessoalmente com este homem.

Minha opinião é, que ele prestaria mais respeito a uma carta de sua Senhoria sobre este assunto, que de qualquer outra pessoa. Eu, portanto, aconselho e espero, que a senhora tome para si o trabalho de escrever para ele, a fim de revelar a questão. Quando ele estiver inclinado a ver Evelina, tenho para ele uma carta póstuma, que sua muito ferida dama deixou para ser apresentada a ele, se algum dia tal encontro fosse acontecer.

Os objetivos dos Branghtons, ao sugerir este esquema, são obviamente interesseiros. Eles esperam, assegurando a Evelina a fortuna de seu pai, induzir Madame Duval a deixar a dela própria para eles mesmos. Nisto, contudo, eles provavelmente estariam equivocados; posto que pequenas mentes têm sempre uma propensão a outorgar sua riqueza sobre aqueles que já estão em afluência; e, portanto, quanto menos sua neta requeira sua assistência, mais alegremente ela lhe dará.

Tenho apenas mais uma coisa a adicionar, da qual, contudo, não posso de modo algum retroceder: minha palavra tão solenemente dada a Lady Belmont, que sua filha nunca deveria ser reconhecida, senão com ela, deve ser inviolavelmente cumprida.

Sou, cara Madame, com grande respeito,

O mais obediente servo de sua Senhoria,
ARTHUR VILLARS.

CARTA XXIX

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 2 De Maio.

Quão sinceramente simpatizo com a inquietude e preocupação que minha amada Evelina tem tanta razão para sentir! O cruel esquema em agitação é igualmente repugnante para meu julgamento e minha inclinação; — ainda assim opor-me a ele parece impraticável. Para seguir os ditames do meu próprio coração, eu deveria imediatamente revogá-la a mim mesmo e nunca mais consentir que você seja separada de mim; mas as maneiras e as opiniões do mundo demandam uma diferente conduta. Espero, contudo, pelo melhor, e esteja contente de que você não encontrará indignidade; se você não é recebida por sua própria família como deve ser e com a distinção que lhe cabe, você há de deixá-la para sempre; e mais uma vez restaurada à minha proteção, há de assegurar sua própria tranquilidade e fazer, como você tem feito até agora, toda a felicidade da minha vida.

ARTHUR VILLARS.

CARTA XXX

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Howard Grove, 6 De Maio.

O dado está lançado e eu compareço ao evento em tremores! Lady Howard escreveu a Paris, e enviou sua carta à cidade de Londres, para ser encaminhada no volume do embaixador; e, em menos de uma quinzena, portanto, ela espera uma resposta. Ó, Senhor, com que ansiosa impaciência hei de esperar esta chegada! Sobre ela parece depender o destino de minha vida futura. Minha solicitude é tão grande, e minha expectativa tão dolorosa, que não posso descansar um momento em paz, ou voltar meus pensamentos para qualquer outro canal.

Profundamente interessada como agora estou no evento, mais sinceramente me arrependo de que o plano fora sequer proposto. Acho que não possa acabar em minha satisfação: posto que, ou devo ser arrancada dos braços de meu mais que pai — ou devo ter a infelicidade de estar, finalmente, convencida de que sou cruelmente rejeitada por ele, que tem o natural direito daquele caro título, sobre o qual escrever, mencionar ou pensar, preenche minha alma inteira com filial ternura.

O assunto é discutido aqui eternamente. Capitão Mirvan e Madame Duval, como de costume, brigam sempre que ele é iniciado: mas estou tão inteiramente absorta por minhas próprias reflexões, que nem posso ouvi-los. Minha imaginação muda o cenário perpetuamente: um momento, sou embalada por um bom e compadecido pai, que me tira daquele coração do qual tenho até agora sido banida, e suplica, através de mim, paz e perdão das cinzas de minha mãe! — Em outro, ele me trata com detestação, considera-me como a viva imagem de um santo ferido e me repudia com horror! — Mas não lhe afligirei com os fantasmas melancólicos de meu cérebro; esforçar-me-ei para recompor minha mente a um estado mais tranquilo e evitarei escrever novamente até que eu tenha em alguma medida obtido sucesso.

Que o Paraíso lhe abençoe, meu mais caro Senhor! E por muito, muito tempo lhe permita continuar na terra, para abençoar

Sua mais grata
EVELINA.

CARTA XXXI

LADY HOWARD A SIR JOHN BELMONT, BART

Howard Grove, 5 De Maio.

Sir,

O senhor, indubitavelmente, ficará surpreso ao receber uma carta de alguém que teve por tão curto período a honra de lhe conhecer, e isso a tamanha distância de tempo; mas o motivo que tem me induzido a tomar esta liberdade é de tão delicada natureza, que fosse eu começar a formar desculpas por minha importunação, temo que minha carta seria muito longa para sua paciência.

O senhor já deve, provavelmente, haver conjecturado o assunto sobre o qual pretendo tratar. Minha consideração por Mr. Evelyn e sua amável filha era muito conhecida ao senhor: nem posso eu cessar interessar-me por qualquer coisa que pertença às suas memórias ou família.

Devo confessar-me um tanto angustiada em que maneira introduzir o significado de meu escrito; ainda assim ao pensar que, em assuntos deste tipo, franqueza é o primeiro requisito para um bom entendimento entre as partes envolvidas, não irei nem perturbar ao senhor nem a mim mesma com meticulosas cerimônias, mas procederei imediata e abertamente ao assunto que me ocasiona a lhe dar este aborrecimento.

Presumo, Senhor, que seria supérfluo lhe dizer, que sua filha reside ainda em Dorsetshire e está ainda sob a proteção do Reverendo Mr. Villars, em cuja casa nasceu; posto que, embora nenhum inquérito acerca dela tenham alcançado seus ouvidos, ou os meus, não posso nunca supor possível que o senhor tenha se abstido de fazê-los. Resta apenas, portanto, informá-lo, que sua filha está agora crescida; que ela tem sido educada com o máximo cuidado e o máximo sucesso; e que ela é agora a mais benemérita, realizada e amável jovem mulher.

Qualquer que seja seu desígnio para o futuro destino na vida dela, parece hora de declará-lo. Ela é grandemente admirada, e, não duvido, será muito solicitada: é apropriado, portanto, que expectativas futuras dela, e sua vontade concernindo a ela, devam ser conhecidas.

Creia-me, Senhor, ela merece sua máxima atenção e consideração. O senhor não poderia vê-la e conhecê-la, e permanecer impassível daquelas sensações de afeição que pertencem a um relacionamento tão próximo e terno. Ela tem uma adorável semelhança com sua adorável mãe; — perdoe, Senhor, a liberdade que tomo em mencionar aquela infortunada dama; mas, acho que me convinha, nesta ocasião, mostrar a estima que eu sentia por ela: permita-me, portanto, dizer, e não seja ofendido por minha liberdade, que a memória daquela excelente dama tem por muito tempo estado sob as aspersões da calúnia; certamente é tempo de vindicar sua fama; — e como pode isso ser feito em uma maneira mais elegível, mais grata aos seus amigos, ou mais honrosa ao senhor, que por abertamente receber como sua filha, a filha da finada Lady Belmont?

O venerável homem que tem tido o cuidado de sua educação, merece seus mais calorosos reconhecimentos, pelas incessantes dores que ele tem tido, e a atenção que ele tem mostrado na descarga de sua confiança. De fato ela tem sido peculiarmente afortunada em encontrar tal amigo e guardião; um homem mais digno, ou um, cujo caráter pareça mais próximo à perfeição, não existe.

Permita-me lhe assegurar, Senhor, ela irá amplamente recompensar qualquer consideração ou favor que o senhor possa ulteriormente demonstrar a ela, pelo conforto e felicidade que o senhor não pode falhar em encontrar em sua afeição e dedicação. Ser reconhecida apropriadamente pelo senhor é o primeiro desejo de seu coração; e, estou certa, que merecer sua aprovação será o primeiro estudo de sua vida.

Temo que o senhor pensará este escrito impertinente; mas devo contar com a bondade de minha intenção para pleitear minha desculpa.

Sou, Senhor, Sua mais obediente humilde serva,
M. HOWARD.

VOLUME II

CARTA I

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Bristol Hotwells, 12 De Setembro.

A primeira quinzena que passei aqui foi tão quieta, tão serena, que deu-me razão para esperar uma estável calma durante a minha estadia; mas se eu puder agora julgar o tempo a vir, pelo meu presente estado de espírito, a calma será sucedida por uma tempestade, da qual temo a violência!

Esta manhã, no caminho para a sala de vapores com Mrs. Selwyn, fomos ambas demasiado incomodadas por três cavalheiros que estavam deambulando às margens do rio Avon, rindo e conversando muito alto, e vagueando tão desagradavelmente, que não sabíamos como não passar por eles. Todos os três fixaram seus olhos muito ousadamente sobre mim, alternadamente olhando sob meu chapéu e cochichando uns com os outros. Mrs. Selwyn assumiu um ar de comum austeridade e disse: "Vocês irão por favor, senhores, ou prosseguirem vocês mesmos ou permitirem-nos."

"Oh! Madame," gritou um deles, "nós permitiremos com o maior prazer na vida."

"Vocês permitirão a nós duas," respondeu ela, "ou estou bastante equivocada: vocês fariam melhor, portanto, em abrir caminho calmamente; posto que eu lamentaria dar ao meu criado o trabalho de lhes ensinar melhores modos."

O ar comandante dela os espantou, ainda assim todos eles escolheram rir; e um deles desejou que o indivíduo começasse sua lição, que ele teria o prazer de rolá-lo para dentro do Avon; enquanto outro, avançando a mim com uma liberdade que me fez sobressaltar, disse: "Por

minha alma, eu não lhe conhecia? Mas estou certo de que não posso estar equivocado; não tive eu a honra de lhe ver uma vez no Pantheon?"

Então lembrei do nobre, que, naquele lugar, houvera tanto me envergonhado. Curvei-me sem falar. Eles se curvaram, e, embora de maneira muito livre, pedindo desculpas a Mrs. Selwyn, nos permitiram continuar, mas escolheram nos acompanhar.

"E onde," continuou este Lord, "pode a senhorita por tanto tempo haver se escondido? A senhorita sabia que tenho estado à sua procura esta era? Eu não conseguia nem lhe descobrir, nem ouvir sobre a senhorita, nenhuma criatura podia informar-me o que se havia feito da senhorita. Não posso imaginar onde a senhorita poderia estar enclausurada. Eu estava em dois ou três lugares públicos todas as noites, em esperanças de encontrá-la. Rogo, a senhorita deixou a cidade?"

"Sim, meu Lord."

"Tão cedo na temporada! O que poderia haver lhe induzido a ir embora antes do aniversário[24]?"

"Eu nada tinha, meu Lord, a ver com o aniversário."

"Por minha alma, todas as mulheres que tinham, possam regozijar que a senhorita estivesse fora. A senhorita está aqui há muito tempo?"

"Não mais que uma quinzena, meu Lord."

"Uma quinzena! Quão infortunado que eu não tenha lhe encontrado mais cedo! Mas tenho tido uma onda de má sorte desde que vim. Por quanto tempo ficará?"

"De fato, meu Lord, não sei."

"Seis semanas, espero; posto que preferirei o diabo quando a senhorita for."

"O senhor, então, se lisonjeia, meu Lord," disse Mrs. Selwyn, que havia até então escutado em silencioso desprezo, "que o senhor vá ver lugar tão lindo como este, quando o senhor visitar os domínios do diabo?"

"Ha, ha, ha! Fé, meu Lord," disse um de seus companheiros, que ainda caminhava conosco, embora o outro houvesse se retirado, "a dama é bastante dura com você."

"De modo algum," respondeu Mrs. Selwyn; "posto que já que não posso duvidar senão que a posição e o interesse de sua Senhoria irão assegurar um lugar lá, seria uma reflexão ao entendimento dele, supor que ele não deva ampliar e embelezar tal morada."

Muito como eu estava repugnada com este Lord, devo confessar que a severidade de Mrs. Selwyn muito me surpreendeu: mas o senhor, que tem tão frequentemente observado-a, não espantar-se-á de ela ter tomado tão justa oportunidade de indulgir seu próprio humor.

"Quanto a lugares," respondeu ele, totalmente incólume: "Sou tão indiferente a eles, que o diabo me carregue se eu me importar por qual caminho eu vá! Objetos, de fato, sobre eles não sou tão fácil; e, portanto, espero, que aqueles anjos com cuja beleza sou tão extasiado neste mundo, terão a bondade de custear-me uma pouca consolação no outro."

"O quê, meu Lord!" gritou Mrs. Selwyn, "o senhor desejaria degradar a habitação de seu amigo, admitindo nele a insípida companhia das regiões mais elevadas?"

"O que a senhorita faz consigo mesma esta noite?" perguntou sua Senhoria, dirigindo-se a mim.

"Deverei estar em casa, meu Lord."

"Ó, *à-propos*, onde a senhorita está?"

"Jovens damas, meu Lord," disse Mrs. Selwyn, "estão em nenhum lugar."

"Rogo-lhe," sussurrou sua Senhoria, "essa estranha mulher é sua mãe?"

Bom Deus, Senhor, que palavras para tal pergunta!

"Não, meu Lord."

"Sua tia solteira então?"

"Não."

"Quem quer que ela seja, eu queria que ela se importasse com seus próprios assuntos; não sei para que diabo uma mulher vive após os trinta: ela fica apenas no caminho dos outros rapazes. A senhorita estará na reunião?"

"Creio que não, meu Lord."

"Não! Ora então, como nesse mundo a senhorita planeja passar seu tempo?"

"Em uma maneira que sua Senhoria achará muito extraordinária," gritou Mrs. Selwyn, "posto que a jovem dama lê."

"Ha, ha, ha! Ai, Deus! Meu Lord," gritou o faceto companheiro, "você agora está em más mãos!"

“A senhora já ganhou, Madame,” respondeu ele, “ataque Jack Coverley aqui, posto que a senhora não fará nada de mim.”

“Do senhor, meu Lord,” gritou ela, “Deus proíba que eu deva algum dia entreter tão inútil expectativa! Apenas falo, como uma mulher boba, pelo prazer de falar, mas não tenho, de forma alguma, tão baixa opinião de sua Senhoria quanto a supor-lhe vulnerável à censura.”

“Por favor, rogo, Madame,” gritou ele, “dirija-se a Jack Coverley; ele é o homem perfeito para a senhora; ele mesmo seria um espertalhão se não fosse muito modesto.”

“Rogo-lhe, meu Lord, fique quieto,” respondeu o outro; “se a dama está contente a conceder todos os seus favores sobre você, por que você deveria fazer tanta questão de que eu vire merenda?”

“Não fiquem apreensivos, cavalheiros,” disse Mrs. Selwyn, secamente, “não sou romântica; não tenho sequer o menor desígnio de fazer o bem a qualquer um de vocês.”

“A senhorita não tem estado doente desde que a vi?” disse sua Senhoria, novamente dirigindo-se a mim.

“Sim, meu Lord.”

“Pensei que sim; a senhorita está mais pálida do que era, e suponho que essa tenha sido a razão pela qual não me lembrei da senhorita novamente.”

“Não tem sua Senhoria muita galantaria,” gritou Mrs. Selwyn, “para descobrir a doença de uma jovem dama pela aparência dela?”

“O diabo, não posso falar uma palavra com essa mulher,” disse ele, em uma voz baixa; “vá, rogo-lhe, Jack, tome-a pela mão.”

“Com licença, meu Lord,” respondeu Mr. Coverley.

“Quando deverei lhe ver novamente?” continuou sua Senhoria; “a senhorita vai para a sala de vapores toda manhã?”

“Não, meu Lord.”

“A senhorita monta?”

“Não, meu Lord.”

Apenas então chegamos à sala de vapores, e um fim foi posto à nossa conversação, se não é um abuso de palavras dar tal termo a uma corrente de rudes perguntas e livres elogios.

Ele não teve oportunidade para dizer muito mais a mim, já que Mrs. Selwyn juntou-se a uma grande comitiva e andei até a casa entre duas

damas. Ele teve, contudo, a curiosidade de nos acompanhar até a porta.

Mrs. Selwyn estava muito ansiosa para saber como eu havia conhecido este nobre, cujas maneiras tão evidentemente anunciavam o caráter de um confirmado libertino. Pude dá-la muito pouca satisfação, já que era ignorante até ao nome dele: mas, na tarde, Mr. Ridgeway, o apotecário, deu-nos muito ampla informação.

Como a pessoa dele era facilmente descrita, posto que ele é memoravelmente alto, Mr. Ridgeway nos contou que ele era Lord Merton, um nobre que tem senão tarde vindo a seu título, embora ele tenha já dissipado mais da metade de sua fortuna; um professo admirador da beleza, mas um homem de muito licencioso caráter; que entre os homens, seus acompanhantes consistiam principalmente em apostadores e jóqueis e entre mulheres ele era raramente admitido.

"Bem, Miss Anville," disse Mrs. Selwyn, "estou feliz que não fui mais civil com ele. Você pode depender de mim para mantê-lo à distância."

"Ó, Madame," disse Mr. Ridgeway, "ele pode agora ser admitido em qualquer lugar, posto que ele irá se reformar."

"Ele, sob esta noção, persuadiu qualquer tola a casar-se com ele?"

"Ainda não, Madame, mas um casamento é esperado acontecer em breve: tem estado há algum tempo em agitação; mas os amigos da dama a têm obrigado a esperar até que ela esteja na idade: contudo, o irmão dela, que tem principalmente se oposto à parelha, agora que ela está perto de estar à própria mercê, está toleravelmente quieto. Ela é muito bonita e terá uma grande fortuna. Esperamos ela em Wells todos os dias."

"Qual o nome dela?" perguntou Mrs. Selwyn.

"Larpent," respondeu ele: "Lady Louisa Larpent, irmã de Lord Orville."

"Lord Orville!" repeti eu, toda espanto.

"Sim, Madame; sua Senhoria está vindo com ela. Tenho recebido certa informação. Eles estão para ficar na casa da Honorável Mrs. Beaumont. Ela é parente de meu Lord, e tem uma casa muito boa sobre Clifton Hill."

Sua Senhoria está vindo com ela! Bom Deus, que emoção essas palavras me dão! Quão estranho, meu caro Senhor, que, justamente neste tempo, deveríamos visitar Bristol! Será-me impossível evitar vê-lo, já que

Mrs. Selwyn é muito bem familiarizada com Mrs. Beaumont? De fato, tenho escapado de estar sob o mesmo teto com ele, posto que Mrs. Beaumont nos convidou à sua casa imediatamente assim que chegamos; mas a inconveniência de estar tão distante da casa de vapores fez com que Mrs. Selwyn recusasse a civilidade dela.

Oh que o primeiro encontro acabasse! — Ou que eu pudesse deixar Bristol sem vê-lo! Indizivelmente temo uma entrevista! Deva a mesma impertinente liberdade ser expressa pelos olhares dele, que ditaram esta cruel carta, não deverei saber como suportar ou a ele ou a mim mesma. Houvesse eu senão a respondido, eu deveria estar mais tranquila, posto que meus sentimentos por ela seriam então conhecidos dele; mas agora, ele pode apenas supô-los por meu comportamento; e tremo com receio de que ele confunda minha indignação com confusão! — Com receio de que ele interprete mal minha reserva com embaraço! Posto que como, meu mais caro Senhor, como deverei eu ser capaz totalmente de despir-me do respeito com o qual tenho sido acostumada a pensar sobre ele? O prazer com o qual eu tenho sido acostumava a vê-lo?

Certamente ele, tão bem quanto eu, deve se lembrar da carta no momento de nosso encontro; e ele irá, provavelmente, pretender apreender meus pensamentos sobre ela dos meus olhares; — oh que eles pudessem senão transmitir a ele minha real detestação de impertinência e vaidade! Então ele veria quanto houvera equivocado minha disposição quando imaginou-lhes meus próprios.

Houve um tempo quando a mera ideia de que tal homem como Lord Merton deveria, sequer, estar ligado a Lord Orville haveriam tanto me surpreendido quanto me chocado; e ainda assim estou agradada em ouvir da repugnância dele ao casamento.

Mas quão estranho, que um homem de tão abandonado caráter deveria ser a escolha de uma irmã de Lord Orville! E quão estranho, que, quase no momento da união, ele deva ser tão inoportuno em galantaria à outra mulher! Que mundo é este em que vivemos! Quão degenerado! Bem devo eu estar contente em ver não mais dele! Se descubro que os olhos de Lord Orville concordam com a pena dele — devo então pensar, que de toda a humanidade, o único indivíduo virtuoso reside em Berry Hill.

CARTA II

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Bristol Hotwells, 16 De Setembro.

Oh, Senhor, Lord Orville é ainda ele mesmo! Ainda aquilo, do momento em que o contemplei, eu acreditava que ele fosse: tudo o que é amável em um homem! E sua feliz Evelina, restaurada de uma vez a ânimos e tranquilidade, não está mais afundada em sua própria opinião, nem descontente com o mundo; não mais, com abatidos olhos, vê o prospecto de passar seus futuros dias em tristeza, dúvida e suspeita! Com reviva coragem ela agora olha adiante, e espera encontrar bondade, até entre a humanidade — embora ela ainda sinta, tão fortemente quanto nunca, a tolice de esperar, em qualquer segunda instância, encontrar a perfeição.

Sua conjectura, Senhor, estava certamente correta; Lord Orville, quando escreveu aquela carta, não podia estar em seus sentidos. Oh que a intemperância devesse ter poder para degradar tão baixo, um homem tão nobre!

Esta manhã acompanhei Mrs. Selwyn até Clifton Hill, onde, lindamente situada, está a casa de Mrs. Beaumont. Mais desconfortáveis eram minhas sensações durante nossa caminhada, que foi muito curta; posto que a agitação de minha mente me fez mais que o comum sensível a quão fraca ainda continuo. Ao entrarmos na casa, convoquei toda minha resolução a meu auxílio, determinada antes a morrer que a dar a Lord Orville razão para atribuir minha fraqueza a uma equivocada causa. Eu estava felizmente aliviada de minha perturbação, quando vi que Mrs. Beaumont estava sozinha. Sentamo-nos com ela por, creio eu, uma hora sem interrupção; e então nós vimos um faetonte dirigir-se até o portão e uma dama e um cavalheiro apearam dele.

Eles entraram no salão com a facilidade de pessoas que estivessem em casa. O cavalheiro, logo vi, era Lord Merton. Ele veio pondo a sala em desordem, vestindo botas, e com o chicote dele em sua mão; e havendo feito algo como uma reverência a Mrs. Beaumont, se virou em direção a

mim. A surpresa dele era muito evidente; mas ele não tomou qualquer forma de nota comigo. Ele esperou, creio, para descobrir, primeiro, que acaso houvera me trazido até aquela casa onde ele não parecia muito regozijado em me encontrar. Sentou-se muito calmamente à janela, sem falar com ninguém.

Neste meio tempo a dama, que parecia muito jovem, coxeando mais que caminhando salão adentro, fez uma reverência de passagem a Mrs. Beaumont, dizendo, "Como vai a senhora, Madame?" e então, sem notar qualquer pessoa além, com um ar de langor, ela se afundou sobre um sofá, protestando, em uma voz mais afetada, e falando tão suavemente que mal podia ser ouvida, que estava fatigada até a morte. "Realmente, Madame, as estradas são tão monstruosamente poeirentas, a senhora não pode imaginar quão trabalhosa a poeira é aos olhos de alguém! E o sol, também, é monstruosamente desagradável! Ouso dizer que hei de ficar tão tostada, não haverei de estar adequada a ser vista por esta era. De fato, meu Lord, não sairei mais com o senhor, posto que o senhor não se importa onde leva alguém."

"Por minha honra," disse Lord Merton, "levei-lhe para o passeio mais agradável da Inglaterra, a culpa foi do sol, não minha."

"Sua Senhoria está em seu direito," disse Mrs. Selwyn, "de transferir a falta ao sol, porque ele tem tantas excelências para contrabalancear parciais inconveniências que um pouco de culpa não irá feri-lo em nossa estima."

Lord Merton parecia de nenhuma forma agradado com este ataque; que creio que ela não haveria tão prontamente feito, senão para vingar a negligência dele a nós.

"Você encontrou seu irmão, Lady Louisa?" perguntou Mrs. Beaumont.

"Não, Madame. Ele saiu para montar esta manhã?"

Então descobri, o que houvera antes suspeitado, que esta dama era irmã de Lord Orville. Quão estranho, que tão próximas relações devam ser tão diferentes uma à outra! Há, de fato, alguma semelhança em feições; mas, em seus modos, nem a menor.

"Sim," respondeu Mrs. Beaumont, "e creio que ele desejava ver você."

“Meu Lord dirigiu tão monstruosamente rápido,” disse Lady Louisa, “que talvez tenhamos passado dele. Ele me assustou além de meus sentidos; declaro que minha cabeça está bastante tonta. A senhora sabe, Madame, que não temos feito nada além de brigar toda a manhã? A senhora não pode pensar em quanto o repreendi; não foi, meu Lord?” e ela sorriu expressivamente para Lord Merton.

“Você tem sido, como sempre é,” disse ele, torcendo seu chicote com seus dedos, “toda doçura.”

“Homessa, meu Lord,” disse ela, “sei que o senhor não pensa assim; sei que o senhor me considera muito malcriada; não é, meu Lord?”

“Não, por minha honra; como pode sua Senhoria fazer tal pergunta? Rogo como vai o tempo? Meu relógio está parado.”

“São quase três,” respondeu Mrs. Beaumont.

“Deus, Madame, a senhora me assuta!” bradou Lady Louisa; e então, virando para Lord Merton, “ora agora, o senhor sua criatura perversa, o senhor não me disse que era senão uma?”

Mrs. Selwyn então levantou para se retirar; mas Mrs. Beaumont perguntou se ela iria olhar a plantação de arbustos. “Eu deveria gostar muito,” respondeu ela, “mas temo fatigar Miss Anville.”

Lady Louisa, então, levantando sua cabeça de sua mão, na qual havia se escorado, virou-se para olhar para mim; e havendo inteiramente satisfeito sua curiosidade, sem qualquer consideração à confusão que me deu, virou de volta, e, novamente escorando-se em sua mão, não tomou mais nota de mim.

Declarei-me muito capaz de caminhar e implorei que pudesse acompanhá-las. “O que diz, Lady Louisa,” perguntou Mrs. Beaumont, “vamos a um passeio no jardim?”

“Eu, Madame! Declaro que não posso andar um passo; o calor está tão excessivo, iria me matar. Já estou meio morta com ele; ademais, devo estar sem tempo para me vestir. Alguém estará aqui hoje, Madame?”

“Creio que não, a menos que Lord Merton nos favoreça com sua companhia.”

“Com grande prazer, Madame.”

“Bem, declaro que o senhor não mereça ser convidado,” disse Lady Louisa, “o senhor sua criatura perversa! Devo lhe dizer uma coisa, Madame, a senhora não pode pensar em quão abominável ele foi! A

senhora sabe que encontramos Mr. Lovel em seu novo faetonte, e meu Lord foi tão cruel a ponto de dirigir contra ele? Nós realmente voamos. Eu declaro que não conseguia respirar. Por minha palavra, meu Lord, nunca me confiarei com o senhor novamente — não, de fato."

Então entramos no jardim, deixando-os a discutir o ponto a seu prazer.

O senhor se lembra de uma bonita, mas afetada jovem dama que mencionei ter visto na festa com Lord Orville, no Pantheon? Quão pouco então a pensei ser irmã dele! Ainda Lady Louisa Larpent é a mesma pessoa. Agora posso entender a maneira irritada com que ela falava com Lord Merton aquela noite, e posso agora imaginar o ar de desprazer com o qual Lord Orville marcou a indevida atenção de seu futuro cunhado a mim.

Não havíamos caminhado muito, até que, a uma distância, percebi Lord Orville, que parecia ter acabado de desmontar de seu cavalo, entrando no jardim. Toda minha perturbação voltou com a visão dele! Ainda assim me esforcei para reprimir todo sentimento, senão ressentimento. Ao aproximar-se de nós, ele curvou-se para toda a comitiva; mas virei minha cabeça para evitar tomar qualquer parte em sua civilidade. Dirigindo-se imediatamente a Mrs. Beaumont, ele estava começando a inquirir sobre sua irmã, mas, ao ver meu rosto, ele repentinamente exclamou: "Miss Anville!" e então ele avançou, e fez seus cumprimentos a mim, não com um ar de vaidade ou impertinência, nem ainda com um olhar de consciência ou vergonha; mas com uma compostura aberta, masculina e encantadora! Com um sorriso que indicava prazer e olhos que brilhavam com deleite! Em meu lado estava toda aquela consciência, posto que por ele, eu realmente acredito, a carta fora, àquele momento, inteiramente esquecida.

Com que polidez ele se dirigiu a mim! Com que doçura ele olhou para mim! O próprio tom de sua voz parecia lisonjeiro! Ele se parabenizou por sua boa sorte em encontrar-se comigo; esperava que eu devesse passar algum tempo em Bristol, e inquiriu, até com ansiedade inquiriu, se minha saúde era a causa de minha jornada; em qual caso sua satisfação seria convertida em apreensão.

Ainda assim, atingida como fiquei por seus modos, e encantada ao descobri-lo tal como era afeito a ser, não imagine, meu caro Senhor, que esqueci o ressentimento que devo a ele, ou a causa que ele tem me dado de

desprazer; não, meu comportamento foi qual, como espero, houvesse o senhor visto, o senhor não haveria desaprovado: fui séria e distante; mal olhei para ele quando ele falava, ou o respondi quando silenciava.

Como ele deve haver certamente observado esta alteração em minha conduta, penso que ela não falharia em fazê-lo tanto relembrar e arrepender-se da provocação que ele houvera tão injustamente me dado; posto que, certamente, ele não estava tão inteiramente perdido à razão, a ponto de ser agora ignorante de sequer haver-me ofendido.

O momento em que, sem absoluta rudeza, fui capaz, virei-me completamente contra ele, e perguntei a Mrs. Selwyn se não deveríamos chegar tarde em casa? Como Lord Orville pareceu não sei, posto que evitei encontrar seus olhos; mas ele não falou outra palavra enquanto prosseguíamos para a porta do jardim. De fato, creio eu, minha abrupteza o surpreendeu, posto que ele não parecia esperar que eu tivesse tanto ânimo. E, para confessar a verdade, convencida como eu estava da propriedade, ou melhor, necessidade, de mostrar meu desprazer, ainda quase odiei-me por receber sua polidez tão ingraciosamente.

Quando estávamos nos retirando, meus olhos acidentalmente encontrando os dele, não pude senão observar que sua seriedade igualava-se à minha própria; posto que havia tomado totalmente o lugar dos sorrisos e bom humor com os quais ele havia me encontrado.

“Temo que esta jovem dama,” disse Mrs. Beaumont, “esteja muito fraca para outra longa caminhada até que ela esteja novamente descansada.”

“Se as damas confiarem em minha direção,” disse Lord Orville, “e não tiverem medo de um faetonte, o meu deverá estar pronto em um momento.”

“O senhor é muito bom, meu Lord,” disse Mrs. Selwyn, “mas meu aval ainda não foi concedido, e não escolho arriscar-me em um faetonte com um jovem homem enquanto for esse o caso.”

“Ó,” bradou Mrs. Beaumont, “você não precisa ter medo de meu Lord Orville, posto que ele é memoravelmente cuidadoso.”

“Bem, Miss Anville,” respondeu ela, “o que diz você?”

“De fato,” disse eu, “muito mais prefiro caminhar.” Mas então, olhando para Lord Orville, percebi em seu rosto uma surpresa tão séria

com minha abrupta recusa, que eu não pude evitar acrescentar: “posto que eu deveria lamentar ocasionar tanto trabalho.”

Lord Orville, brilhando com essas palavras, avançou e apressou sua oferta de maneira a não ser negada; — então o faetonte foi requisitado! E, de fato, meu caro Senhor, não sei como foi; mas, daquele momento, minha frieza e reserva insensivelmente esvaneceram! O senhor não deve ficar raivoso — foi minha intenção, ou melhor, meu esforço, suportá-las com firmeza, mas quando formei o plano, pensei apenas sobre a carta, não sobre Lord Orville! E como é possível para ressentimento subsistir sem provocação? Ainda assim, creia-me, meu mais caro Senhor, houvesse ele sustentado o papel que começou a desempenhar esta sempre-a-ser-lastimada carta, sua Evelina não haveria abandonado o título dela à sua estima, contentamente submetendo-se a ser tratada com indignidade.

Continuamos no jardim até que o faetonte estivesse pronto. Quando nos separamos de Mrs. Beaumont, ela repetiu o convite a Mrs. Selwyn para aceitar um apartamento em sua casa; mas a razão que já tenho mencionado a fez novamente declinar.

Lord Orville dirigiu muito devagar, tão cuidadosamente, que, não obstante a altura do faetonte, medo haveria sido ridículo. Não tomei parte na conversação; mas Mrs. Selwyn extremamente bem supriu o lugar de duas. O próprio Lord Orville não falou muito; mas o excelente senso e refinada criação que acompanham cada palavra que ele profere, dão valor e peso a qualquer coisa que ele diga.

“Suponho, meu Lord,” disse Mrs. Selwyn, quando paramos em nossos alojamentos, “que o senhor haveria estado extremamente confuso houvéssemos conhecido qualquer cavalheiro que tenha a honra de conhecê-lo.”

“Se eu houvesse,” respondeu ele, galantemente, “haveria sido por mera compaixão com a inveja deles.”

“Não, meu Lord,” respondeu ela, “haveria sido por mera vergonha, que, em uma era tão atrevida, o senhor sozinho seria tal covarde a ponto de evitar assustar mulheres.”

“Ó,” disse ele, rindo, “quando um homem está em medos por si mesmo, as damas não podem senão estar em segurança; posto que vocês não hão tido metade da apreensão pela segurança de suas pessoas, que tenho por aquela de meu coração.” Ele então desmontou, nos conduziu

para fora, despediu-se, e novamente montando no faetonte, estava fora de vista em um minuto.

"Certamente," disse Mrs. Selwyn, quando ele foi embora, "deve haver tido algum equívoco no nascimento desse jovem rapaz; ele era, indubitavelmente, designado para a era passada; posto que ele é realmente polido!"

E agora, meu caro Senhor, o senhor não acha, de acordo com a presente situação dos assuntos, que eu deva desistir de meus ressentimentos, sem imprudência ou impropriedade? Espero que o senhor não me culpe. De fato, houvesse o senhor, como eu, visto o respeitoso comportamento, o senhor haveria estado convencido da impraticabilidade de suportar qualquer indignação.

CARTA III

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Bristol Hotwells, 19 De Setembro.

Ontem pela manhã Mrs. Selwyn recebeu um cartão de Mrs. Beaumont, para convidá-la para jantar com ela hoje: e uma outra, com o mesmo propósito, veio a mim. O convite foi aceito e acabamos de chegar de Clifton Hill.

Encontramos Mrs. Beaumont sozinha no salão. Escreverei ao senhor o caráter dessa dama, nas palavras de nossa satírica amiga Mrs. Selwyn. "Ela é uma absoluta fanática do Calendário da Corte; posto que, sucedendo-se de haver nascido de uma nobre e antiga família, ela considera apropriado ser de opinião, que nascimento e virtude são uma só e a mesma coisa. Ela tem algumas boas qualidades; mas elas mais se originam de orgulho que princípio, já que ela se aborrece sobre ser muito bem-nascida para ser capaz de uma ação indigna, e considera incumbente sobre ela suportar a dignidade de sua linhagem. Felizmente pelo mundo em geral, ela tem tomado em sua cabeça que a condescendência é a mais distinta virtude da alta vida; de forma que o mesmo orgulho da família que torna outrem imperiosos, é com ela o motivo de afabilidade. Mas sua civilidade é demasiado formal para ser confortável e muito mecânica para ser lisonjeira. Que ela faz-me a honra de tanta atenção é meramente devido a um acidente, que, estou certa, é muito doloroso para sua lembrança; posto que assim aconteceu, que eu uma vez fiz a ela algum serviço, a respeito de um apartamento em Southampton; e tenho desde então sido informada, que, à época em que ela aceitou minha assistência, pensava que eu era uma mulher de qualidade; e não tenho dúvidas de que ela ficou miserável quando descobriu que eu era uma mera dama do interior. Contudo, suas boas noções de decoro têm-na feito acumular mais favores sobre mim desde então. Mas não sou muito lisonjeada por suas civilidades, já que estou convencida de que não as devo nem por laço nem gratidão; mas somente a um desejo de cancelar uma obrigação, sob a qual

ela não pode tolerar estar, a alguém cujo nome não está em nenhum lugar a ser encontrado no Calendário da Corte."

O senhor bem sabe, meu caro Senhor, o deleite que esta dama toma em dar vazão a seu satírico humor.

Mrs. Beaumont nos recebeu muito graciosamente, embora de alguma forma perturbou-me com perguntas que fez concernindo minha família; tais como, se eu estava relacionada aos Anvilles no Norte? Se alguém de meu nome não viva em Lincolnshire? E muitos outros inquéritos que muito me envergonharam.

A conversação a seguir virou-se sobre o pretendido casamento em sua família. Ela tratou o assunto com reserva; mas, era evidente que desaprovava a escolha de Lady Louisa. Ela falou em termos de mais alta estima sobre Lord Orville, chamando-o, nas palavras de Marmontel, "*Un jeune homme comme il y en a peu*."[25]

Não considerei esta conversação muito agradavelmente interrompida pela entrada de Mr. Lovel. De fato estou sinceramente pesarosa de que ele esteja agora em Hot Wells. Ele fez seus cumprimentos com o mais obsequioso respeito a Mrs. Beaumont, mas não tomou qualquer tipo de atenção a qualquer outra pessoa.

Em poucos minutos Lady Louisa Larpent fez sua aparição. Os mesmos modos prevaleceram; posto que, curvando-se, com "Espero que a senhora esteja bem, Madame," a Mrs. Beaumont, ela passou direto até seu assento no sofá; onde, apoiando sua cabeça em sua mão, ela correu seus lânguidos olhos pelo salão, com um olhar vacante, como se determinada, embora olhasse, a não ver quem estava nele.

Mr. Lovel, imediatamente aproximando-se dela, com a reverência mais profunda, esperava que sua Senhoria não estivesse indisposta.

"Mr. Lovel!" disse ela, levantando sua cabeça, "declaro que não o vi. O senhor está aqui há muito?"

"Por meu relógio, Madame," disse ele, "apenas cinco minutos — mas pela ausência de sua Senhoria há tantas horas."

"Ó! agora que penso nisso," gritou ela, "estou com muita raiva do senhor; então vá embora, por favor; posto que não devo falar com o senhor o dia todo."

"Deus proíba que o desprazer de sua Senhoria deva durar tanto tempo! Em tais cruéis circunstâncias, um dia pareceria uma era. Mas em

que tenho sido tão infortunado a ponto de ofendê-la?”

“Ó, o senhor quase me matou outra manhã, de terror! Não tenho ainda me recuperado de meu susto. Como pôde o senhor ser tão cruel a ponto de dirigir seu faetonte contra o de meu Lord Merton?”

“Por minha honra, Madame, sua Senhoria me julga mal; foi tudo devido aos cavalos — não havia como refreá-los. Protesto que sofri mais que sua Senhoria, pelo terror de lhe alarmar.”

Logo então entrou Lord Merton; alinhando-se com Mrs. Beaumont, a quem somente se curvou, ele esperava não havê-la feito esperar; e então, avançando a Lady Louisa, disse, de maneira descuidada: “Como está sua Senhoria esta manhã?”

“Nada bem,” respondeu ela; “tenho estado morrendo com dor de cabeça desde que levantei.”

“De fato!” gritou ele, com um semblante totalmente imóvel. “Estou muito infeliz em ouvir isto. Mas não deveria sua Senhoria procurar conselho?”

“Estou bastante cansada de conselho,” respondeu ela, “Mr. Ridgeway acaba de me deixar, mas ele não me fez bem nenhum. Ninguém aqui sabe qual o problema comigo, ainda assim eles todos veem quão indiferente estou.”

“A constituição de sua Senhoria,” disse Mr. Lovel, “é infinitamente delicada.”

“De fato é,” disse ela, em baixa voz, “sou toda nervos!”

“Estou feliz, contudo,” disse Lord Merton, “que você não tomou ar esta manhã, posto que Coverley tem dirigido contra mim como se estivesse louco: ele tem dois dos melhores cavalos intrépidos que já vi.”

“Rogo meu Lord,” gritou ela, “por que não trouxe Mr. Coverley com o senhor? Ele é uma gracejadora criatura; eu o gosto monstruosamente.”

“Ora, ele prometeu estar aqui tão logo quanto eu. Suponho que venha antes que o jantar termine.”

Em meio a esta trivial conversa Lord Orville fez sua aparição. Ó quão diferente foi sua abordagem! Quão superior ele parecia e se movia, a tudo sobre ele! Havendo prestado seus respeitos a Mrs. Beaumont, e então a Mrs. Selwyn, ele veio a mim, e disse: “Espero que Miss Anville não tenha sofrido da fadiga de segunda de manhã?” Então, dirigindo-se a Lady

Louisa, que parecia muito surpresa com ele falar comigo, acrescentou: “Permita-me, irmã, apresentar Miss Anville a você.”

Lady Louisa, semilevantada, disse, muito friamente, que ela deveria estar feliz com a honra de me conhecer; e então, abruptamente virando-se para Lord Merton e Mr. Lovel, continuou, em meio sussurro, sua conversação.

Por minha parte, eu havia levantado e me curvado, e agora, sentindo-me muito tola, sentei-me novamente; primeiro corei com a inesperada polidez de Lord Orville, e imediatamente em seguida com a desdenhosa falha disso em sua irmã. Como pode aquela jovem dama ver seu irmão tão universamente admirado por seus modos e conduta, e ainda assim ser tão desagradavelmente oposta a ele, como ela é! Mas enquanto a mente dele, ampla e nobre, levanta-se superiormente aos pequenos preconceitos de posição, a dela, débil e instável, afunda abaixo da influência deles.

Lord Orville, estou certa, ficou magoado e desgostoso: ele mordeu os lábios, e, virando-se contra ela, dirigiu-se inteiramente a mim, até que fôssemos convocados ao jantar. O senhor acha que não fui grata pela atenção dele? Sim, de fato, e cada raivosa ideia que eu havia entretido foi totalmente obliterada.

Enquanto estávamos nos sentando à mesa, Mr. Coverley entrou no salão; ele pediu mil desculpas em um só fôlego por estar tão atrasado, mas disse que ele havia sido retardado por um pequeno acidente, posto que havia virado seu faetonte, e quebrado-o todo em pedaços. Lady Louisa gritou com esta informação, e, olhando para Lord Merton, declarou que nunca entraria em um faetonte novamente.

“Ó,” gritou ele, “não se importe com Jack Coverley; posto que ele não sabe como dirigir.”

“Meu Lord,” gritou Mr. Coverley, “dirigirei contra o senhor por mil libras.”

“Feito!” respondeu o outro; “diga seu dia, e iremos cada um escolher um juiz.”

“Quanto mais cedo melhor,” gritou Mr. Coverley; “amanhã, se a carruagem puder ser reparada.”

“Estas empreitadas,” disse Mrs. Selwyn, “são muito próprias para homens de posição, já que é de um milhão para um, mas ambas as partes estarão incapacitadas para qualquer melhor ocupação.”

“Pelo amor de Deus,” gritou Lady Louisa, mudando de cor, “não seja tão chocante! Rogo, meu Lord, rogo, Mr. Coverley, não me alarmem dessa maneira.”

“Componha-se, Lady Louisa,” disse Mrs. Beaumont, “os cavalheiros pensarão melhor sobre o esquema; nenhum deles está com pressa.”

“A mera menção a tal esquema,” disse Lady Louisa, puxando seus sais, “me faz tremer inteira! De fato, meu Lord, o senhor me assustou até a morte! Não devo comer um naco sequer no jantar.”

“Permitam-me,” disse Lord Orvile, “propor algum outro assunto para o momento e discutiremos esta questão alguma outra hora.”

“Rogo, irmão, com licença; meu Lord deve-me dar sua palavra de largar o projeto — posto que declaro que me deixou doente até a morte.”

“Para harmonizar o assunto,” disse Lord Orville, “suponha, se ambas as partes estiverem indispostas a desistir da aposta, que, para tranquilizar as damas, mudemos o objeto para algo menos perigoso?”

Esta proposta foi tão fortemente apoiada por toda a comitiva, que ambos Lord Merton e Mr. Coverley foram obrigados a aquiescer com ela; e foi então concordado que a questão seria finalmente decidida de tarde.

“Devo agora ser inteiramente desprovida de vaidade com faetontes novamente,” disse Mrs. Selwyn, “embora Lord Orville houvera quase reconciliado-me com eles.”

“Meu Lord Orville!” gritou o chistoso Mr. Coverley, “ora, meu Lord Orville é tão cuidadoso — meu Deus, tão cuidadoso como uma velha senhora! Ora, eu dirigiria uma sege de apenas um cavalo contra o faetonte[26] de meu Lord por cem guinéus!”

Este gracejo ocasionou muito riso; posto que Mr. Coverley, vejo eu, é considerado um homem de infinito humor.

“Talvez, Senhor,” disse Mrs. Selwyn, “o senhor não tenha descoberto a razão pela qual meu Lord Orville é tão cuidadoso?”

“Ora, não, Madame; devo confessar que nunca ouvi qualquer razão particular para isso.”

“Ora, então, Senhor, contar-lhe-ei; e creio que o senhor confessará ser muito particular; os amigos de sua Senhoria ainda não estão cansados dele.”

Lord Orville riu e se curvou. Mr. Coverley, um pouco confuso, virou para Lord Merton, e disse: “Nada de jogadas sujas, meu Lord! Lembro-me

que sua Senhoria me recomendou atenção a esta dama outra manhã, e, meu Deus, acredito que o senhor tenha estado prestando-me o mesmo ofício hoje."

"Dar-lhe alegria, Jack!" gritou Lord Merton, com uma alta risada.

Após isto a conversação dirigiu-se apenas sobre comer, um assunto que foi discutido com o máximo deleite; e, houvesse eu não sabido que eles eram homens de posição e moda, eu deveria haver imaginado que Lord Merton, Mr. Lovel e Mr. Coverley, haviam sido todos professos cozinheiros; posto que demonstravam tanto conhecimento de molhos e pratos feitos, e dos vários métodos arranjar as mesmas coisas, que estou persuadida de que devem haver tomado muito tempo, e muito estudo, para fazerem-se tais adeptos desta arte. Seria muito difícil determinar, se eles eram mais para serem distintos como glutões ou gastrônomos; posto que eram, de uma vez só, elegantes e vorazes, entendiam o certo e o errado de cada prato e tanto esgotavam-se sobre um e o outro. Eu deveria haver estado bastante nauseada com seus comentários, não houvesse eu sido entretida ao ver que Lord Orville, quem, estou certa, estava igualmente enojado, não apenas lia meus sentimentos, mas, por seu semblante, comunicava a mim seu próprio.

Quando o jantar terminou, Mrs. Beaumont recomendou os cavalheiros ao cuidado de Lord Orville e então acompanhou as damas à sala de visitas.

A conversação, até a hora do chá, foi extremamente insípida; Mrs. Selwyn reservou-se para os cavalheiros, Mrs. Beaumont estava séria e Lady Louisa lânguida.

Mas, ao chá, todos reviveram; os cavalheiros se juntaram a nós e a alegria tomou o lugar do embotamento.

Já que eu, como Mr. Lovel diz, sou Ninguém, sentei-me quietamente a uma janela e não muito próxima a ninguém. Lord Merton, Mr. Coverley e Mr. Lovel, muitas vezes passaram por mim sem nota, e cercavam a cadeira de Lady Louisa Larpent. Devo confessar, fiquei bastante irritada com o comportamento de Mr. Lovel, já que ele havia me conhecido anteriormente. É verdade, eu mais sinceramente mereço sua janotice; ainda assim eu deveria estar pesarosa de receber desprezo de qualquer pessoa. Mas não lamentei de forma alguma descobrir que Lord Merton estava determinado a não me reconhecer ante Lady Louisa, já que sua

negligência aliviou-me de muito embaraço. Quanto a Mr. Coverley, sua atenção ou desdém eram igualmente indiferentes a mim. Ainda assim, de todo, sinto-me extremamente desconfortável em me encontrar considerada em uma luz muito inferior ao restante da companhia.

Mas quando Lord Orville apareceu, a cena mudou: ele subiu as escadas por último; e, vendo-me sentada sozinha, não apenas falou comigo diretamente, mas puxou uma cadeira ao lado da minha e honrou-me com sua inteira atenção.

Ele inquiriu muito particularmente sobre minha saúde e esperava que eu já houvesse encontrado benefício do ar de Bristol. "Quão pouco imaginei eu," acrescentou ele, "quando tive o último prazer de ver-lhe na cidade, que má saúde haveria em tão pouco tempo lhe trazido até aqui! Estou envergonhado de mim mesmo pela satisfação que sinto ao lhe ver — ainda assim, como posso evitá-lo?"

Ele então perguntou pela família Mirvan e falou de Mrs. Mirvan em termos do mais justo louvor. "Ela é gentil e amável," disse ele, "um verdadeiro caráter feminino."

"Sim, de fato," respondi eu: "e sua doce filha, para dizer tudo sobre ela de uma vez só, é apenas a filha que tal mãe merece."

"Estou feliz por isso," disse ele, "pelo bem das duas, já que tão próximas relações devem sempre refletir crédito, ou desgraça uma à outra."

Após isto ele começou a falar das belezas de Clifton; mas, em poucos momentos, foi interrompido por uma chamada da companhia, para discutir o assunto da aposta. Lord Merton e Mr. Coverley, embora houvessem estado discursando sobre o assunto há algum tempo, não conseguiam fixar sobre coisa que os satisfizesse a ambos.

Quando eles pediram a assistência de Lord Orville, ele propôs que todos os presentes deveriam votar por alguma coisa; e que os dois cavalheiros deveriam recolher quinhões que, a partir dos vários votos, devem decidir a aposta.

"Devemos então começar com as damas," disse Lord Orville; e solicitou Mrs. Selwyn.

"Com todo meu coração," respondeu ela, com sua usual prontidão; "e, já que os cavalheiros não podem arriscar seus pescoços, suponho que decidamos a aposta por suas cabeças?"

“Por nossas cabeças?” gritou Mr. Coverley. “Meu Deus, não compreendo a senhora!”

“Irei então explicar-me mais inteiramente. Como não duvido senão que os senhores sejam excelentes clássicos, suponham que, pelo bem de suas próprias memórias, e o entretenimento e surpresa da companhia, as mil libras devem cair ao quinhão daquele que possa repetir de cor a mais longa ode de Horácio?”

Ninguém pôde evitar rir, os dois cavalheiros solicitados excetuados; que pareciam, cada um deles, bastante perdidos em que maneira receber esta inesperada proposta. Finalmente Mr. Coverley, curvando-se baixo, disse, “Sua Senhoria teria a bondade de começar?”

“O Diabo me leve se eu começar!” respondeu ele, virando-se pelos calcanhares, e indo em direção à janela.

“Venham, cavalheiros,” disse Mrs. Selwyn, “por que hesitam? Estou certa de que vocês não podem estar com medo de uma fraca mulher? Ademais, se acontecer de vocês esquecerem, Mr. Lovel, devo ousar dizer, terá a bondade de lhes assistir.”

A risada agora virou-se contra Mr. Lovel, cuja mudança de semblante não manifestava grande prazer com a transição.

“Eu, Madame!” disse ele, corando; “não, realmente devo rogar ser dispensado.”

“Por que isso, Senhor?”

“Por que isso, Madame! Ora, realmente — quanto a isso — por honra, Madame, a senhora é muito — um pouco severa; posto que como é possível para um homem que esteja na casa, estudar os clássicos? Asseguro-lhe, Madame, (com um afetado encolher de ombros) já tenho ocupação suficiente para minha pobre cabeça estudando política.”

“Mas, o senhor estudou política na escola, e na universidade?”

“Na universidade!” repetiu ele, com um olhar envergonhado; “ora, quanto a isso, Madame — não, não posso dizer que estudei; mas então, com que tempo, — e — e — e outras coisas, realmente, não se tem muito tempo, até na universidade, para mera leitura.”

“Mas, certamente, Senhor, o senhor leu os clássicos?”

“Ó céus, sim, Madame! Muito frequentemente, mas não muito — não muito recentemente.”

“Qual das Odes o senhor recomenda a estes cavalheiros para começar?”

“Qual das Odes? Realmente, Madame, quanto a isso, não tenho escolha particular; posto que, para confessar a verdade, aquele Horácio nunca foi um grande favorito comigo.”

“Em verdade acredito no senhor!” disse Mrs. Selwyn, muito secamente.

Lord Merton, novamente, avançando círculo adentro, com um aceno e um riso, disse: “Dar-lhe alegria, Lovel!”

Lord Orville então solicitou Mrs. Beaumont por seu voto.

“Muito agradavelmente me lembraria de tempos passados,” disse ela, “quando curvar-se estava em voga, se a aposta fosse depender sobre a melhor feita reverência.”

“Meu Deus, meu Lord,” gritou Mr. Coverley, “aí eu deveria lhe vencer seco, posto que sua Senhoria nunca se curva de modo algum.”

“E rogo, Senhor, o senhor se curva?” disse Mrs. Selwyn.

“Eu, Madame?” gritou ele; “ora, apenas veja!”

“Protesto,” gritou ela, “eu deveria haver tomado isso como um dar de ombros, se o senhor não houvesse me dito que era uma reverência.”

“Meu lord,” gritou Mr. Coverley, “vamos praticar;” e então, mais ridiculamente, eles pavonearam-se pela sala, fazendo reverências.

“Devemos agora,” disse Lord Orville, virando-se para mim, “solicitar Miss Anville.”

“Ó não, meu Lord,” murmurei eu; “de fato nada tenho a propor.” Ele, contudo, não seria recusado; mas urgiu-me tanto a dizer algo, que finalmente, para não fazê-lo esperar mais, arrisquei-me a propor uma copla improvisada sobre algum dado assunto. Mr. Coverley imediatamente curvou-se a mim, ou, de acordo com Mrs. Selwyn, deu de ombros, gritando: “Obrigado, Madame; meu Deus, este é meu forte! Ora, meu Lord, os destinos parecem contra o senhor.”

Lady Louisa foi então solicitada; e todos pareciam ansiosos para ouvir sua opinião. “Não sei o que dizer, declaro,” gritou ela, afetadamente; “não podem me passar?”

“De modo algum,” disse Lord Merton.

“É possível que sua Senhoria possa fazer tão cruel pedido?” disse Mr. Lovel.

“Meu Deus,” gritou Mr. Coverley, “se sua Senhoria não nos ajuda neste dilema, deveremos ser forçados a retornar aos nossos faetontes.”

“Oh!” clamou Lady Louisa, gritando; “sua temerosa criatura, o senhor, como pode ser tão abominável?”

Creio que esta frivolidade durou quase meia hora; quando, finalmente, todos estando cansados, desistiram, e ela disse que ela faria considerações outra hora.

Lord Orville agora solicitou Mr. Lovel; quem, após deliberação de dez minutos, propôs, com um rosto mais importante, determinar a aposta por quem devesse puxar o canudo mais longo!

Tive muita dificuldade para evitar rir deste esquema sem sentido; mas vi, para minha grande surpresa, nem a menor mudança de semblante em qualquer outra pessoa: e, desde que viemos para casa, Mrs. Selwyn tem me informado, que puxar canudos é uma moda de aposta de modo algum incomum. Bom Deus! Meu caro Senhor, não parece que o dinheiro tenha valor ou serviço, já que aqueles que o possuem, desperdiçam-no em uma maneira tão infinitamente absurda?

Agora apenas faltava Lord Orville falar; e a atenção da companhia mostrava as expectativas que ele havia elevado; ainda assim, creio eu, eles de forma alguma evitaram que a proposta dele fosse ouvida com espanto; posto que não foi outra, senão que o dinheiro deveria ser devido àquele, quem, de acordo com a opinião dos juízes, devesse trazer o mais valioso sujeito com quem dividi-lo!

Eles todos encaravam, sem falar. De fato, creio que cada um, por um momento pelo menos, experimentaram algo como vergonha, por haver ou proposto ou demonstrado uma extravagância tão inútil e frívola. Por minha parte, fui tão atingida e afetada por uma reprimenda tão nobre a estes perdulários, que senti meus olhos cheios de lágrimas.

O curto silêncio e momentânea reflexão na qual a companhia foi surpreendida, Mr. Coverley foi o primeiro a dissipar, dizendo: “Meu Deus, meu Lord, sua Senhoria tem um mais memorável modo estranho de tomar as coisas.”

“Fé,” disse o incorrigível Lord Merton, “se este esquema toma, devo trazer meu Suíço para dividir comigo; posto que não conheço um indivíduo vivo mais digno.”

Após algumas mais destas tentativas de esperteza, os dois cavalheiros concordaram que definiriam o assunto na manhã seguinte.

A conversação então tomou um caminho diferente; mas não dei atenção suficiente para escrever qualquer relato sobre ela. Não muito depois, Lord Orville, retomando seu assento próximo ao meu, disse: “Por que está Miss Anville tão pensativa?”

“Lamento, meu Lord,” disse eu, “considerar-me entre aqueles que têm tão justamente incorrido em sua censura.”

“Minha censura? A senhorita me espanta!”

“De fato, meu Lord, o senhor me fez bastante envergonhada de mim mesma por haver dado meu voto tão tolamente, quando uma oportunidade se ofereceu, se, como sua Senhoria, eu houvesse tido o senso de utilizá-la, de mostrar alguma humanidade.”

“A senhoria trata isto muito seriamente,” disse ele, sorrindo; “e mal sei se a senhorita não pretende fazer uma reprimenda contra mim.”

“Contra o senhor, meu Lord!”

“Ou melhor, aqueles que são mais merecedores disso; aqueles que adaptam sua conversação à companhia, ou aqueles que afetam ser superiores a ela?”

“Ó, meu Lord, quem mais lhe faria tão pouca justiça?”

“Eu me lisonjeio,” respondeu ele, “que, de fato, sua opinião e a minha, neste ponto, sejam a mesma, embora a senhorita dignou-se a aquiescer com o humor da companhia. Cabe a mim, portanto, desculpar-me por tão impensável seriedade, que, senão pelo particular interesse que agora tomo nos assuntos de Lord Merton, eu não deveria haver sido tão oficioso à demonstração.”

Tal elogio como este não poderia falhar em reconciliar-me comigo mesma; e com revivos espíritos, entrei em uma conversação, que ele manteve comigo até que a carruagem de Mrs. Selwyn fosse anunciada e voltássemos para casa.

Durante nosso trajeto, Mrs. Selwyn muito me surpreendeu, perguntando, se eu pensava que minha saúde agora me permitiria desistir de minhas caminhadas matinais à sala de vapores, pelo propósito de passar uma semana em Clifton? “Posto que esta pobre Mrs. Beaumont,” acrescentou ela, “está tão ansiosa para dar uma descarga inteira de sua dívida comigo, que de mera compaixão, sou induzida a ouvi-la. Ademais,

ela tem sempre uma casa cheia de pessoas; e, embora eles sejam principalmente tolos e peralvilhos, ainda assim existe algum prazer em cortá-los."

Implorei que eu não devesse, de modo algum, preveni-la de seguir sua inclinação, já que minha saúde estava agora muito bem estabelecida. E assim, meu caro Senhor, amanhã estamos para ser realmente convidadas de Mrs. Beaumont.

Não estou muito agradada por este esquema; posto que, tão grandemente quanto estou lisonjeada pela atenção de Lord Orville, não é muito confortável ser negligenciada por todos os outros. Ademais, já que estou certa de que devo a particularidade de sua civilidade a um generoso sentimento por minha situação, não posso esperá-lo que mantenha isso por tanto tempo quanto uma semana.

Quão frequentemente desejo, desde que estou ausente do senhor, que eu estivesse sob a proteção de Mrs. Mirvan! É verdade, Mrs. Selwyn é muito solícita, e, em todo respeito, trata-me como uma igual; mas ela se contenta em comportar-se bem ela mesma, e não, com uma polidez distinta, me eleva e mantém com os outros. Ainda assim não pretendo culpá-la, posto que sei que ela é sinceramente minha amiga; mas o fato é, ela própria está tão ocupada em conversação, quando em companhia, que não tem nem tempo livre nem pensamento para comparecer aos silenciosos.

Bem, devo correr este risco! Mas eu não sabia, até agora, quão requeridos são nascimento e fortuna à consecução de respeito e civilidade.

CARTA IV

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Clifton, 20 De Setembro.

Aqui estou, meu caro Senhor, sob o mesmo teto, e uma ocupante da mesma casa que Lord Orville! De fato, não fosse este o caso, minha situação seria muito desagradável, como o senhor irá facilmente acreditar, quando eu lhe contar a luz sob a qual sou geralmente considerada.

"Minha cara," disse Mrs. Selwyn, "você já encontrou antes com aquele egrégio janota, Lovel?"

Eu muito prontamente a satisfiz quanto à minha familiaridade com ele.

"Ó, então," disse ela, "estou a menos surpresa com a má índole dele, já que ele já lhe feriu."

Implorei a ela que se explicasse; e ela então me disse, que enquanto Lord Orville falava comigo, Lady Louisa disse a Mr. Lovel, "O senhor sabe quem é aquela?"

"Ora, Madame, não, por minha honra," respondeu ele, "não posso de modo algum dizer que sei; apenas sei que ela é algum tipo de bajuladora. Ela fez sua primeira aparição naquela reunião última primavera quando ela acompanhou Miss Mirvan, uma jovem dama de Kent."

Quão cruel é, meu caro Senhor, ser assim exposta às impertinentes sugestões de um homem que está determinado a fazer-me maus ofícios! Lady Louisa pode muito bem desprezar um bajulador; mas, graças aos Céus, seu irmão não ouviu, ou não credita, a mortificante apelação. Mrs. Selwyn disse, ela aconselhar-me-ia a prestar minha corte a este Mr. Lovel; "posto que," disse ela, "embora ele seja malicioso, ele é elegante, e pode lhe fazer algum mal no grande mundo." Mas eu deveria desdenhar a mim mesma tanto quanto a ele, fosse eu capaz de tal duplicidade a ponto de lisonjear um homem a quem desdenho e desprezo.

Fomos recebidos por Mrs. Beaumont com grande civilidade e por Lord Orville com algo mais. Quanto a Lady Louisa, ela mal percebeu que estávamos na sala.

Tem havido comitivas aqui o dia todo, parte das quais passei mais felizmente: posto que após o chá, quando as damas jogavam cartas, Lord Orville, que não joga, e eu, que não sei jogar, estávamos consequentemente às nossas próprias disposições; e então sua Senhoria entrou em conversação comigo, que durou até a hora da ceia.

Quase insensivelmente, descubro que a restrição, a reserva, que tenho me afeito a sentir em sua presença, esvanecem; a polidez, a doçura, com as quais ele fala comigo, restauram toda minha natural alegria e fazem-me quase tão confortável como ele mesmo o é; — e tanto mais, já que, se posso julgar por seus olhares, estou mais elevada, que afundada ultimamente em sua opinião.

Perguntei-lhe como a aposta estava, finalmente, a ser decidida? Ele contou-me que, para sua grande satisfação, as partes haviam concordado em diminuir a soma de mil para cem libras; e então eles haviam acordado que deveria ser determinada por uma corrida entre duas velhas mulheres, que haveriam de ser escolhidas uma de cada lado, e ambas haveriam que provar ter mais que oitenta anos de idade, embora, em outros respeitos fossem fortes e saudáveis quanto possível.

Quando expressei minha surpresa com este extraordinário método de gastar tanto dinheiro, “Estou encantado,” disse ele, “com a novidade de conhecer alguém tão original ao mundo, a ponto de não ser ainda influenciada pelo costume de esquecer o uso da razão: posto que certo é, que a prevalência da moda faz as maiores absurdidades passarem sem censura e a mente naturalmente se acomoda até às mais ridículas impropriedades, se elas ocorrem frequentemente.”

“Eu deveria haver esperado,” disse eu, “que a proposta humana feita ontem por sua Senhora, haveria tido mais efeito.”

“Ó,” gritou ele, rindo, “eu estava tão distante de esperar qualquer sucesso, que devo pensar-me muito fortunado se escapar da esperteza de Mr. Coverley em uma pasquinada! Ainda assim falei abertamente, porque não desejo ocultar que não sou amigo à jogatina.”

Após isso, ele tomou o Novo Guia de Banho e o leu comigo até a hora da ceia. Em nosso caminho ao andar de baixo, Lady Louisa disse, “Pensei, irmão, que você estivesse compromissado esta tarde?”

“Sim, irmã,” respondeu ele, “e tenho estado com meu compromisso.” E ele se curvou a mim com um ar de galantaria que

bastante me confundiu.

23 De Setembro.

Quase insensivelmente têm três dias planado desde a última vez que escrevi, e tão serenamente, que, senão por sua ausência, eu não poderia haver formado um desejo. Minha residência aqui é muito mais feliz que o que eu havia ousado esperar. A atenção com a qual Lord Orville me honra, é tão uniforme quanto é lisonjeira, e parece resultar de uma benevolência de coração que o prova muito estranho tanto ao capricho quanto ao orgulho; posto que, já que suas particulares civilidades surgiram de um generoso ressentimento ao ver-me negligenciada, assim continuarão elas, confio eu, enquanto eu dever, em qualquer grau, merecê-las. Estou agora não meramente confortável, mas até alegre em sua presença: tal é o efeito da verdadeira polidez, que bane toda restrição e embaraço. Quando caminhamos, ele condescende-se a ser minha companhia e mantém-se a meu lado por todo o caminho. Quando lemos, marca as passagens mais dignas de nota, tira meus sentimentos e favorece-me com seu próprio. À mesa, onde sempre se senta ao meu lado, me confere mil inomináveis atenções; enquanto a distinta boa criação com a qual ele me trata, previne que eu lamente a visivelmente sentida superioridade do restante da companhia. Mil encontros ocasionais não poderiam haver-nos trazido a esse grau de liberdade social, de que quatro dias passados sob o mesmo teto têm, insensivelmente, sido produtivos; e, como minha única amiga nesta casa, Mrs. Selwyn, está muito absorta em perpétua conversação para acompanhar-me, Lord Orville parece considerar-me como uma estranha desamparada, e, como tal, pensar-me no direito de seus bons ofícios e proteção. De fato, meu caro Senhor, tenho razão para esperar, que a depreciativa opinião que ele anteriormente entretinha de mim seja sucedida por uma infinitamente mais parcial. — Pode ser que eu me lisonjeie; mas ainda assim seus olhares, suas atenções, seu desejo de me atrair para conversação e sua solicitude para agradar-me, todos conspiram para fazer-me esperar que não. Em suma, meu mais caro Senhor, estes últimos quatro felizes dias me recompensariam por meses de pesar e dor!

CARTA V

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Clifton, 24 De Setembro.

Esta manhã desci as escadas muito cedo; e supondo que a família não se reuniria por algum tempo, passeei, pretendendo fazer uma longa caminhada da maneira como eu era afeita em Berry Hill antes do desjejum: mas eu mal havia fechado os portões para o jardim, antes que fosse encontrada por um cavalheiro, que, imediatamente curvando-se a mim, lembrei ser o infeliz Mr. Macartney. Muito surpresa, me curvei, e parei até que ele viesse a mim. Ele estava ainda em luto, mas parecia melhor que a última vez que o vi, embora tivesse o mesmo ar de melancolia que tanto me atingiu da primeira vez que o vi. Abordando-me com máximo respeito: "Estou feliz, Madame," disse ele, "de tê-la encontrado tão logo. Vim a Bristol senão ontem e não tenho tido qualquer dificuldade de localizar-lhe em Clifton."

"O senhor sabia, então, que eu estava aqui?"

"Sim, Madame; o único motivo de minha jornada era ver a senhorita, tenho estado em Berry Hill e lá tive meu conhecimento, e, ao mesmo tempo, a indesejada informação de sua má saúde."

"Bom Deus! Senhor — e o senhor pode haver tido todo este trabalho?"

"Trabalho! Ó, Madame, poderia haver algum, para retribuí-la, no momento em que eu tivesse poder, meus pessoais reconhecimentos por sua bondade?"

Então inquiri sobre Madame Duval e a família de Snow Hill. Ele me contou que todos estavam bem e que Madame Duval propunha logo retornar a Paris. Quando o congratulei por parecer melhor: "É a si própria, Madame," disse ele, "que a senhorita deveria congratular; posto que à sua humanidade apenas pode ser devido que eu exista de todo." Ele então me contou, que seus assuntos estavam agora em uma menos desesperada situação; e que ele esperava, pela assistência do tempo e da razão, acomodar sua mente a uma mais alegre submissão a seu destino. "O

interesse que a senhorita tão generosamente tomou em minha aflição," acrescentou ele, "assegura-me de que a senhorita não ficará desagradada ao saber de minha melhor sorte; eu estava portanto ansioso para familiarizá-la com ela." Então contou-me que seu amigo, no momento em que recebera sua carta, deixou Paris, e voou para dar-lhe sua pessoal assistência e consolação. Com um pesado coração, ele reconheceu e as aceitou; "mas ainda," acrescentou ele, "tênho-lo aceitado; e, portanto, como atado igualmente por dever e honra, meu primeiro passo era apressar-me à benfeitora de minha angústia, e devolver" (apresentando-me algo em um papel) "a única parte de minhas obrigações que podem ser devolvidas; posto que de resto, nada tenho senão minha gratidão a oferecer e devo estar sempre contente em considerar-me seu devedor."

Eu o congratulei mais sinceramente sobre sua despontada prosperidade, mas implorei que ele não me privasse do prazer de ser sua amiga; e declinei receber o dinheiro, até que seus assuntos estivessem mais estabelecidos.

Enquanto este ponto estava em agitação, ouvi a voz de Lord Orville inquirindo ao jardineiro se ele havia me visto. Imediatamente abri o portão do jardim; e sua Senhoria, avançando a mim com rapidez, disse: "Bom Deus! Miss Anville, a senhorita saiu sozinha? O desjejum tem estado pronto há algum tempo e eu tenho estado por todo o jardim à sua procura."

"Sua Senhoria tem sido muito bom," disse eu; "mas espero que o senhor não tenha esperado."

"Não tenha esperado!" repetiu ele, sorrindo: "A senhorita acha que poderíamos sentar calmamente para o desjejum com a ideia de que a senhorita havia fugido de nós? Mas, venha," (oferecendo-me a mão) "se não retornarmos, eles suporão que eu também fugi; e muito naturalmente o podem, já que sabem da atração do ímã que me chama."

"Irei, meu Lord," disse eu, bastante embaraçada, "em dois minutos." Então, virando-me para Mr. Macartney, com ainda mais embaraço, o desejei um bom dia.

Ele avançou em direção ao jardim, com o papel ainda em sua mão.

"Não, não," gritei eu, "alguma outra hora."

"Posso então, Madame, ter a honra de ver-lhe novamente?"

Não ousei tomar a liberdade de convidar ninguém à casa de Mrs. Beaumont, nem ainda tinha eu a presença de espírito de dar uma desculpa;

e, portanto, não sabendo como recusá-lo, eu disse: “Talvez o senhor possa vir aqui novamente amanhã de manhã — e creio que devo caminhar antes do desjejum.”

Ele se curvou, e saiu; enquanto eu, virando-me novamente para Lord Orville, vi seu semblante tão alterado que eu estava assustada com o que tão apressadamente houvera dito. Ele não me ofereceu novamente sua mão; mas andou, silencioso e vagarosamente, a meu lado. Bom Deus! Pensei eu, o que ele não deve supor desta aventura? Não deve ele, por meu desejo de encontrar Mr. Macartney amanhã, imaginar que fora planejado que eu saísse para encontrá-lo hoje? Atormentada por esta apreensão, decidi me beneficiar com a liberdade que seu comportamento, desde que vim até aqui, tem encorajado; e, já que ele não faria qualquer pergunta, comecei eu mesma uma explicação. Portanto, diminuí meu ritmo para ganhar tempo; e então disse: “Sua Senhoria não ficou surpreso ao ver-me falar com um estranho?”

“Um estranho?” repetiu ele; “é possível que aquele cavalheiro seja um estranho à senhorita?”

“Não, meu Lord,” disse eu, gaguejando, “não a mim — mas apenas que poderia parecer, ele poderia parecer —”

“Não, acredite em mim,” disse ele, com um sorriso forçado, “eu nunca poderia supor que Miss Anville marcaria um compromisso com um estranho.”

“Um compromisso, meu Lord?” repeti eu, corando violentamente.

“Perdoe-me, Madame,” respondeu ele, “mas pensei haver ouvido um.”

Eu estava tão desconcertada que não podia falar: ainda assim, vendo que ele continuava a caminhar em silêncio, eu não podia suportar que ele deveria fazer sua própria interpretação de meu silêncio; e, portanto, tão logo me recuperei de minha surpresa, eu disse: “De fato, meu Lord, o senhor está muito equivocado, Mr. Macartney tinha negócios específicos comigo, e eu não podia — eu não sabia como recusar vê-lo; mas, de fato, meu Lord, eu não havia — ele não havia —” Eu gaguejava tão terrivelmente que não podia continuar.

“Lamento muito,” disse ele, gravemente, “que eu tenha sido tão infortunado a ponto de lhe angustiar; mas eu não deveria haver-lhe

seguido não houvera eu imaginado que a senhorita estava meramente caminhado para tomar ares."

"E assim eu estava!" gritei eu, ansiosamente, "de fato, meu Lord, eu estava! Meu encontro com Mr. Macartney foi bastante acidental; e, se sua Senhoria pensa que há alguma impropriedade em vê-lo amanhã, estou pronta para desistir desta intenção."

"Se eu penso!" disse ele, em um tom de surpresa; "certamente Miss Anville não pode deixar a arbitragem de um ponto tão delicado a alguém que seja tão ignorante de todas as circunstâncias que o cercam."

"Se," disse eu, "fosse digno do tempo de sua Senhoria ouvi-las, o senhor não deveria ser ignorante das circunstâncias que o cercam."

"A doçura da disposição de Miss Anville," disse ele, em uma voz amena, "tenho há muito admirado; e a oferta de uma comunicação, que faz-me tanta honra, é muito grata a mim para não ser ansiosamente agarrada."

Logo então Mrs. Selwyn abriu a janela do salão e nossa conversação acabou. Fui repreendida por minha paixão por caminhadas solitárias; mas nenhuma pergunta me foi feita.

Quando o desjejum acabou, esperei ter alguma oportunidade de falar com Lord Orville; mas Lord Merton e Mr. Coverley entraram e insistiram em sua opinião do ponto que eles haviam fixado para a corrida das senhoras. As damas declararam que fariam parte da comitiva; e de acordo todos fomos.

A corrida está para ser feita no jardim de Mrs. Beaumont; os dois cavalheiros estão tão ansiosos, como se suas vidas conjuntas dependesse disso. Eles têm finalmente determinado os sujeitos; mas têm encontrado grande dificuldade em persuadi-las a praticar a corrida a fim de testar suas forças. Este grande assunto está para ser decidido quinta-feira próxima.

Quando retornamos à casa, a entrada de mais companhia ainda prevenia-me de ter qualquer conversa com Lord Orville. Fiquei bastante irritada, já que sabia que ele estava compromissado com Hotwells pela tarde. Vendo, portanto, nenhuma probabilidade de falar com ele antes que a hora de meu encontro com Mr. Macartney chegasse, decidi que, antes de arriscar sua má opinião, eu deixaria Mr. Macartney às suas próprias sugestões.

Ainda assim, quando refleti sobre a peculiar situação dele, sua pobreza, sua tristeza, e, mais que todo o restante, a ideia que eu sabia que ele entretinha do que ele chama de suas obrigações para comigo, eu não poderia resolver sobre uma quebra de promessa, que poderia ser atribuída a causas, de todas as outras as mais ofensivas a alguém, cujo infortúnio tem feito extremamente suspeito de desfeitas e desprezo.

Após a mais desconfortável consideração, finalmente decidi sobre escrever uma desculpa, que iria, de uma vez só, salvar-me de ou encontrá-lo ou afrontá-lo. Portanto, implorei a permissão de Mrs. Selwyn para enviar seu homem a Hotwells, o que ela imediatamente permitiu; e então escrevi a seguinte nota:

"Para Mr. Macartney.

"SENHOR,

"Como não estará em meu poder sair para caminhar amanhã pela manhã, eu não lhe daria de modo algum o trabalho de vir a Clifton. Espero, contudo, ter o prazer de ver o senhor antes que deixe Bristol.

"Sou, Senhor, sua obediente serva,

"EVELINA ANVILLE."

Desejei que o servo inquirisse na sala de vapores onde morava Mr. Macartney e retornei ao salão.

Tão logo a companhia dispersou, as damas se retiraram para vestirem-se. Então, inesperadamente, me vi sozinha com Lord Orville; que, o momento em que levantei para seguir Mrs. Selwyn, avançou a mim e disse: "Miss Anville perdoará minha impaciência, se eu lhe lembrar da promessa que foi tão boa em me fazer esta manhã?"

Parei, e haveria retornado ao meu assento; mas antes que eu tivesse tempo, os servos vieram deitar a toalha. Ele recuou, e foi para a janela; e, enquanto eu considerava de que maneira começar, não pude evitar perguntar a mim mesma que direito eu tinha de comunicar os assuntos de Mr. Macartney: e duvidei se, para me livrar de um ato de imprudência, eu não havia cometido outro.

Angustiada com esta reflexão, pensei ser melhor deixar a sala, e dar-me mais um tempo para consideração antes que falasse; e, portanto, apenas dizendo que eu deveria me apressar para me vestir, corri para o

andar de cima, bastante abruptamente, confesso; e assim, temo eu, Lord Orville, deve pensar. Ainda assim o que poderia eu fazer? Desacostumada às situações nas quais me encontro e envergonhada pelas menores dificuldades, eu raramente, até que seja demasiado tarde, descubro como devo agir.

Assim que estávamos todos reunidos para o jantar, o homem de Mrs. Selwyn, entrando no salão, apresentou-me uma carta e disse: "Não consigo encontrar Mr. Macartney, Madame; mas as pessoas do correio irão lhe informar se ouvirem dele."

Fiquei extremamente envergonhada com esta mensagem pública; e, encontrando os olhos de Lord Orville, que estavam seriamente fixados em mim, minha confusão redobrou, e eu não sabia para onde olhar. Todo o tempo do jantar ele passou tão calado quanto eu mesma; e o momento que estava em meu poder deixei a mesa, e fui para meu próprio quarto. Mrs. Selwyn logo me seguiu; e suas perguntas obrigaram-me a confessar quase todos os particulares de minha familiaridade com Mr. Macartney, com fins de justificar minha escrita a ele. Ela disse que era um assunto mais romântico, e falou de seus sentimentos com grande severidade; declarando que ela não tinha dúvidas senão de que ele fosse um aventureiro e um impostor.

E agora, meu caro Senhor, estou totalmente sem saber o que deveria fazer; quanto mais reflito, mais sensível sou da absoluta impropriedade, ou melhor, traição, de revelar a história e publicar os infortúnios e pobreza de Mr. Macartney; que tem um indubitável direito a meu segredo e discrição, cuja carta encarrega-me a considerar sua comunicação como sagrada. E ainda assim, a aparência de mistério — talvez algo pior, que este assunto deva ter para Lord Orville — a seriedade dele — e a promessa que o fiz, são induzimentos para mal serem resistidos por confiá-lo com a abertura que ele tem razão de esperar de mim.

Estou igualmente angustiada, também, se devo ou não ver Mr. Macartney amanhã de manhã.

Oh, Senhor, pudesse eu agora ser iluminada por seu conselho, de qual ansiedade e perplexidade deveria ser aliviada!

Mas agora — não devo trair Mr. Macartney, e não renunciarei uma confiança que nunca haveria sido repousada sobre mim, senão por uma confiança em minha honra, da qual eu deveria corar ao ver-me indigna.

Desejosa como sou da boa opinião de Lord Orville, esforçar-me-ei para agir como se eu fosse guiada por seu conselho; e, fazendo meu único objetivo merecê-lo, deixo para o tempo e para o destino meu sucesso ou desapontamento.

Desde que formei esta resolução, minha mente está mais tranquila. Mas não terminarei minha carta até que o assunto esteja decidido.

25 De Setembro.

Levantei muito cedo esta manhã; e, após mil diferentes planos, não sendo capaz de resolver-me sobre dar ao pobre Mr. Macartney licença para supor que eu o neglienciei, pensei incumbente a mim manter minha palavra, já que ele não havia recebido minha carta; eu, portanto, decidi fazer minhas próprias justificativas, não ficar com ele dois minutos e evitar de encontrá-lo outra vez.

Ainda assim, incerta se eu estava errada ou correta, foi com temor e tremor que abri a porta do jardim; julgue então, meus sentimentos, quando o primeiro objeto que vi foi Lord Orville! Ele, também, parecia extremamente desconcertado e disse, em hesitante maneira: “Perdoe-me, Madame, não pretendi — não imaginei que a senhorita haveria estado aqui tão cedo ou — ou eu não haveria vindo.” E então, com um rápido aceno, ele passou por mim, e prosseguiu para o jardim.

Eu mal era capaz de ficar de pé, tão grandemente senti-me chocada; mas, ao dizer, quase involuntariamente: “Oh, meu Lord!” ele virou-se, e, após uma curta pausa, disse: “A senhorita falou comigo, Madame?”

Eu não podia responder imediatamente; parecia sufocada, e fui até forçada a me apoiar no portão do jardim.

Lord Orville, logo recuperando sua dignidade, disse: “Não sei como me desculpar por estar, logo agora, neste lugar; e não posso, imediatamente — se algum dia — livrar-me da imputação da impertinente curiosidade, à qual temo que a senhorita a atribuirá. Contudo, no momento, apenas lhe suplico seu perdão, sem deter-lhe um momento mais.” Novamente ele se curvou e me deixou.

Por alguns momentos permaneci fixa no mesmo ponto, e na mesma posição, imóvel, como se houvesse sido transformada em uma pedra. Meu primeiro impulso foi chamá-lo de volta e imediatamente contar-lhe todo o assunto; mas examinei este desejo, embora eu haveria dado o mundo para

havê-lo indulgido; algo como orgulho acudiu o que eu pensava devido a Mr. Macartney, e decidi não apenas manter seu segredo, mas adiar qualquer tipo de explicação até que Lord Orville condescendesse requerê-lo.

Vagarosamente ele caminhou; e, antes que entrasse na casa, ele olhou para trás, mas rapidamente recolheu seus olhos, ao descobrir que eu o observava.

De fato, meu caro Senhor, o senhor não pode facilmente imaginar uma situação mais desconfortável que a minha era aquela hora; ser suspeita por Lord Orville de quaisquer ações clandestinas feria minha alma; eu estava demasiado descomposta para esperar por Mr. Macartney, nem em verdade, poderia eu suportar ter o desígnio de ficar tão bem conhecida. Ainda assim eu estava tão extremamente agitada, que podia mal me mover; e tenho razão para crer que Lord Orville, da janela do salão, me viu oscilando; posto que, antes que eu houvesse dado cinco passos, ele saiu, e, apressando-se em minha direção, disse: "Temo que a senhorita não esteja bem; rogo, permita-me (oferecendo seu braço) assisti-la."

"Não, meu Lord," disse eu, com toda resolução que podia assumir; ainda assim fui afetada por uma atenção, àquela hora tão pouco esperada, e forçada a virar minha cabeça para ocultar minha emoção.

"A senhorita não deve," disse ele, com seriedade, "de fato não deve — estou certo de que não está bem — recusar-me a honra de assisti-la;" e, quase forçosamente, tomou a minha mão, e, puxando-a para seu braço, obrigou-me a encostar-me sobre ele. Que me submeti foi em parte o efeito da surpresa, com uma seriedade tão incomum em Lord Orville, e, em parte, que eu não poderia àquela hora confiar minha voz a fazer qualquer objeção.

Quando entramos na casa, ele me levou ao salão, e a uma cadeira, e implorou saber se eu não gostaria de um copo de água.

"Não, meu Lord, lhe agradeço," disse eu, "estou perfeitamente recuperada;" e, levantando-me, andei até a janela, onde, por algum tempo, fingi estar ocupada em olhar para o jardim.

Determinada como eu estava para agir honoravelmente com Mr. Macartney, ainda assim mais ansiosamente desejei ser restaurada à boa

opinião de Lord Orville; mas seu silêncio, e a reflexão do ar dele, desencorajaram-me de falar.

Minha situação logo ficou desagradável e embaraçosa, e resolvi retornar a meus aposentos até que o desjejum estivesse pronto. Permanecer por mais tempo poderia parecer pedir por seus inquéritos; e eu estava certa que o mal seria feito de mim por estar mais ansiosa para falar, que ele estava para ouvir.

Logo que alcancei a porta, virando-se para mim apressadamente, ele disse: “A senhorita já vai, Miss Anville?”

“Vou, meu Lord,” respondi eu; ainda assim parei.

“Talvez para voltar ao — mas peço seu perdão!” Ele falava com um grau de agitação que me fez prontamente compreender que ele quis dizer ao jardim; e eu imediatamente disse: “Para meu próprio quarto, meu Lord.” E novamente eu haveria ido; mas, convencido por minha resposta de que eu o entendi, creio que ele lamentou a insinuação: ele se aproximou de mim com um ar muito sério, embora ao mesmo tempo forçasse um sorriso, e disse: “Eu não sei que mau gênio me persegue esta manhã, mas pareço destinado a fazer ou dizer algo que não devia. Estou tão envergonhado de mim mesmo, que eu mal posso solicitar seu perdão.”

“Meu perdão, meu Lord?!” gritei eu, atrapalhada, mais que exultada por sua condescendência; “certamente o senhor não pode — o senhor não fala a sério!”

“De fato, nunca o fui tanto! Ainda assim, se posso ser meu próprio intérprete, o semblante de Miss Anville pronuncia meu perdão.”

“Não sei, meu Lord, como qualquer pessoa pode perdoar sem que nunca tenha sido ofendida.”

“A senhorita é muito boa; ainda assim eu não poderia esperar menos de uma doçura de disposição que desorienta qualquer comparação: a senhorita não me pensaria um invasor, e que eu tomasse vantagem de sua bondade, fosse eu uma vez mais lembrar-lhe da promessa que a senhorita me outorgou ontem?”

“Não, de fato; pelo contrário hei de estar muito feliz de desobrigar-me na opinião de sua Senhoria.”

“De desobrigação a senhorita não necessita,” disse ele, levando-me novamente à janela; “ainda assim confesso que minha curiosidade está fortemente incitada.”

Quando me sentei, descobri-me bastante sem saber o que dizer; ainda assim, após um curto silêncio, assumindo toda a coragem em meu poder, “O senhor não me pensará, meu Lord,” disse eu, “frívola e caprichosa, fosse eu confessar que tenho me arrependido da promessa que fiz e, devesse eu suplicar a sua Senhoria que não insista sobre minha estrita performance da mesma?” Falei tão apressadamente, que eu não, ao momento, considerei a impropriedade do que disse.

Como ele ficou inteiramente em silêncio, e profundamente atento, continuei a falar sem interrupção.

“Se sua Senhoria, por quaisquer outros modos, soubesse das circunstâncias cercando minha familiaridade com Mr. Macartney, estou mais certa de que o senhor mesmo iria desaprovar que eu me relacionasse com ele. Ele é um cavalheiro e tem sido muito infortunado; mas não estou — penso eu — em liberdade para dizer mais. Ainda assim estou certa, se ele soubesse que sua Senhoria desejava ouvir quaisquer particulares dos assuntos dele, ele prontamente consentiria meu reconhecimento deles; devo eu, meu Lord, pedir a permissão dele?”

“Assuntos dele!” repetiu Lord Orville; “de modo algum, não tenho a menor curiosidade sobre eles.”

“Peço o perdão de sua Senhoria, mas de fato eu havia entendido o contrário.”

“É possível, Madame, que a senhorita pudesse supor que os assuntos de um absoluto estranho possam incitar minha curiosidade?”

A gravidade e frieza com a qual ele me fez esta pergunta muito me desconcertaram. Mas Lord Orville é o mais delicado dos homens! E, no momento recuperando-se, ele acrescentou: “não pretendo falar com indiferença de qualquer amigo seu — longe disso; qualquer um deles sempre exige meus bons desejos: ainda assim confesso estar bastante desapontado; e, embora eu não duvide da justiça de sua razão, à qual eu implicitamente me submeto, a senhorita não deve imaginar, que, quando sobre o ponto de ser honrado com sua confiança, eu deveria sentir o maior arrependimento em descobri-lo recusado.”

O senhor pensa, meu caro senhor, que eu não, àquele momento, requeri toda minha resolução para guardar-me de francamente contar a ele o que quer que ele desejasse ouvir? Ainda assim regozijo que não o fizera; posto que, adicionado ao real erro que eu deveria haver feito, o próprio

Lord Orville, quando ouvisse, iria, estou certa, culpar-me. Felizmente, este pensamento me ocorreu; e eu disse: “Sua Senhoria deve o senhor mesmo ser meu juiz; a promessa que fiz, embora voluntária, era precipitada e impensada; ainda assim, houvesse eu mesma me preocupado, não haveria hesitado em cumpri-la; mas o cavalheiro, com cujos assuntos devo ser obrigada a me relacionar —”

“Perdoe-me,” disse ele, “por interromper-lhe; ainda assim permita-me assegurar-lhe, não tenho o menor desejo de estar familiarizado com os assuntos dele, além do que pertença aos motivos que a induziram na manhã de ontem —” ele parou; mas não havia ocasião para dizer mais.

“Isso, meu Lord,” gritei eu, “contar-lhe-ei honestamente. Mr. Macartney tinha algum negócio particular comigo e eu não podia tomar a liberdade de chamá-lo até cá.”

“E por que não? Mrs. Beaumont, estou certo —”

“Eu não poderia, meu Lord, pense em entremeter a complacência de Mrs. Beaumont; e assim, com a mesma apressada tolice que prometi sua Senhoria, muito mais imprudentemente prometi encontrar-me com ele.”

“E a senhorita foi?”

“Não, meu Lord,” disse eu, corando, “retornei antes que ele viesse.”

Novamente, por algum tempo, ficamos ambos em silêncio; ainda assim, indisposta a deixá-lo a reflexões que não poderiam senão ser para minha desvantagem, invoquei coragem suficiente para dizer: “Não há jovem criatura, meu Lord, que tão grandemente quer, ou tão avidamente deseja, o conselho e a assistência de seus amigos, como eu: sou nova ao mundo e desacostumada a agir por mim mesma; minhas intenções nunca são deliberadamente culpáveis, ainda que eu erre perpetuamente! Tenho até aqui sido abençoada com os mais afetuosos amigos, e, de fato, o mais hábil dos homens, para guiar e instruir-me sobre toda ocasião — mas ele está demasiado distante agora, para ser solicitado no momento em que quero o auxílio dele — e aqui, não há um ser humano cujo conselho eu possa pedir.”

“Quiseram os Céus,” gritou ele, com um semblante do qual toda a frieza e gravidade foram banidos e sucedidos pela mais gentil benevolência, “que eu fosse digno — e capaz — de suprir o lugar de tal amigo para Miss Anville!”

“O senhor faz-me senão muita honra,” disse eu, “ainda assim espero que a candura de sua Senhoria — talvez eu deva dizer indulgência — me faça alguma permissão, por conta de minha inexperiência, por comportamento tão desconsiderado. Devo eu, meu Lord, esperar que o senhor faça?”

“Devo eu,” pediu ele, “esperar que a senhorita perdoe a má graça com que tenho me submetido a meu desapontamento? E que a senhorita permita-me (beijando a minha mão) desta forma selar minha paz?”

“Nossa paz, meu Lord!” disse eu, com revivos ânimos.

“Isto, então,” disse ele, novamente levando-a contra seus lábios, “por nossa paz: e agora — não somos amigos?”

Logo então a porta abriu e tive apenas tempo para recolher minha mão, antes que as damas entrassem para o desjejum.

Tenho sido, o dia todo, o mais feliz dos seres humanos! Estar assim reconciliada com Lord Orville e ainda assim aderir à minha resolução — o que mais poderia desejar? Ele também tem estado muito alegre e mais atencioso, mais compelido a mim que nunca. Ainda assim que os Céus proíbam que eu deva novamente estar em uma similar situação, posto que não posso expressar quanto desconforto tenho sofrido pelo medo de incorrer a má opinião dele.

Mas o que o pobre Mr. Macartney pensará de mim? Feliz como estou, muito me arrependo da necessidade sob a qual tenho estado de desapontá-lo.

Adieu, meu mais caro Senhor.

CARTA VI

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 28 De Setembro.

Morto para o mundo, igualmente insensível a seus prazeres ou suas dores, há muito dei *adieu* a toda alegria, e provocação a todo pesar, mas o que deveria saltar de minha Evelina — fonte única, para mim, de toda terrena felicidade. Quão estranho, então, é, que a carta na qual ela me diz que é a mais feliz dos seres humanos, deveria dar-me a mais mortal inquietude!

Ai de mim, minha criança!, que a inocência, a primeira, melhor presente dos Céus, deveria, de todos os outros, ser a mais cega aos seus próprios perigos — a mais exposta a traição — e a menos capaz de defender-se, em um mundo onde é pouco conhecida, menos valorizada, e perpetuamente enganada!

Quisera os Céus que você estivesse aqui! Então, por graus, e com gentileza, eu deveria entrar em um assunto demasiado delicado para discussão distante. Ainda assim é demasiado interessante, e a situação demasiado crítica, para permitir adiamento. Oh, minha Evelina, sua situação é crítica de fato! Sua paz de espírito está em risco e toda chance de sua futura felicidade deve depender sobre a conduta do presente momento.

Até aqui tenho evitado falar com você sobre a mais importante de todas as preocupações, o estado de seu coração: ai de mim, não preciso de informação! Tenho estado em silêncio, de fato, mas não tenho estado cego.

Há muito, e com o mais profundo arrependimento, percebi a ascendência que Lord Orville tem ganhado em sua mente. Você se sobressaltará com a menção de seu nome — tremerá com cada palavra que ler; lamento dar dor à minha gentil Evelina, mas não ouso poupá-la mais.

Seu primeiro encontro com Lord Orville foi decisivo. Vivaz, destemido, livre de todas as outras impressões, tal homem como você o descreve não poderia falhar em incitar sua admiração; e mais perigosamente, porque ele parecia tão inconsciente do poder dele quanto

você de sua fraqueza; e, portanto, você não teve nenhum alarme, nem da vaidade dele nem de sua própria prudência.

Jovem, animada, inteiramente fora de sua guarda e imprudente de consequências, Imaginação tomou as rédeas; e Razão, a passos lentos, embora certeiros, era desigual à corrida de tão excêntrica e volúvel companheira. Quão rápido foi então o progresso de minha Evelina através daquelas regiões de fantasia e paixão até onde seu novo guia a conduziu! Ela viu Lord Orville em um baile — e ele era o mais amável dos homens! Ela o encontrou novamente em outro — e ele tinha toda virtude sob os Céus!

Não pretendo depreciar o mérito de Lord Orville, que, exceto por uma misteriosa instância, parece haver merecido a ideia que você formou do caráter dele; mas não foi o tempo, não foi o reconhecimento de seu valor, que obtiveram sua consideração: seu novo camarada não tinha a paciência de esperar qualquer julgamento; sua brilhante pena, mergulhada nas vívidas cores de suas criativas ideias, pintaram a você, no momento da primeira vez que o conheceu, todas as excelências, todas as boas e raras qualidades, que uma grande duração de tempo e intimidade poderiam apenas haver realmente descoberto.

Você se lisonjeou de que sua parcialidade fosse o efeito da estima, fundada sobre um amor geral pelo mérito, e um princípio de justiça; e seu coração, que sentiu o sacrifício de seu erro, havia totalmente se ido antes que você esperasse que ele estivesse em perigo.

Mil vezes tenho eu estado sobre o ponto de mostrar-lhe os perigos de sua situação; mas a mesma inexperiência que ocasionou seu erro, eu esperava, com a assistência do tempo e da ausência, efetuariam uma cura: eu estava, de fato, mais indisposto a destruir sua ilusão, enquanto ousava esperar que ela mesma devesse contribuir à restauração de sua tranquilidade; já que sua ignorância do perigo e força de seu laço, pudessem possivelmente prevenir que o abatimento com o qual os jovens, em similares circunstâncias, estão aptos a persuadirem eles mesmos, que o que é apenas difícil, seja absolutamente impossível.

Mas, agora, já que vocês novamente se encontraram e têm se tornado mais íntimos que nunca, toda minha esperança de silêncio e parecer ignorante chega a um fim.

Desperte então, minha cara, minha iludida criança, desperte para o senso de seu perigo, e exerta-se para evitar os males com o qual ele lhe ameaça: males que, a uma mente como a sua, são para serem mais temidos; secreto lamento, e oculto, ainda assim destrutivo arrependimento! Faça um nobre esforço para a recuperação de sua paz, que agora, com pesar o vejo, depende inteiramente da presença de Lord Orville. Este esforço pode de fato ser doloroso; mas confie em minha experiência, quando lhe asseguro que é indispensável.

Você deve deixá-lo! A visão dele é funesta a seu descanso, sociedade com ele é a morte para sua futura tranquilidade! Creia-me, minha amada criança, meu coração dói por seu sofrimento, enquanto dita sua necessidade.

Poderia eu me lisonjear que Lord Orville seria, de fato, sensível de seu valor, e agiria com uma nobreza de espírito que deveria provar-se conveniente ao seu próprio, então deixaria eu minha Evelina ao desaborrecido desfrute da alegre sociedade, e crescente consideração, de um homem que ela tão grandemente admira: mas esta não é uma era na qual devemos confiar em aparências; e a imprudência é antes arrependida que reparada. Sua saúde, você me diz, está muito recuperada: pode você então consentir deixar Bristol? Não abruptamente, isso não desejo, mas em poucos dias a partir do tempo em que receber isto? Escreverei a Mrs. Selwyn e contar-lhe-ei quanto desejo seu retorno; Mrs. Clinton pode tomar cuidado suficiente de você.

Tenho meditado sobre todo possível expediente que possa tender à sua felicidade, antes que me fixasse sobre exigir de você uma complacência que estou convencido será mais dolorosa a você; mas não consigo satisfazer-me com nenhum. Isto pelo menos será seguro; e quanto ao sucesso — devemos deixá-lo ao tempo.

Estou muito feliz por ouvir do bem estar de Mr. Macartney.

Adieu, minha mais cara criança! Que os Céus preservem e fortaleçam você! A.V.

CARTA VII

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Clifton, 28 De Setembro.

Docemente, tão docemente, têm mais de dois dias passados desde que escrevi: mas tenho estado muito compromissada para ser exata em meu relato.

Hoje tem sido menos tranquilo. Foi destinado à decisão da importante aposta e tem sido produtivo de geral confusão por toda a casa. Foi estabelecido que a corrida devesse ser feita às cinco horas da tarde. Lord Merton desjejuou aqui e ficou até ao meio-dia. Ele queria engajar as damas a apostar a favor dele, no verdadeiro espírito da jogatina, sem que elas vissem as corredoras. Mas ele pôde apenas prevalecer sobre Lady Louisa, já que Mrs. Selwyn disse que ela nunca fez uma aposta contra seus próprios desejos, e Mrs. Beaumont não tomaria partido de ninguém. Quanto a mim, não fui solicitada. É impossível para a negligência ser mais apontada que aquela de Lord Merton a mim, na presença de Lady Louisa.

Mas, logo antes do jantar, aconteci de estar sozinha na sala de visitas, quando sua Senhoria repentinamente retornou; e, entrando com sua usual familiaridade, ele estava começando: “A senhorita vê, Lady Louisa —” mas, interrompendo-se: “Rogo, aonde foi todo mundo?”

“De fato não sei, meu Lord.”

Ele então fechou a porta; e, com uma grande alteração em sua face e modos, avançou ansiosamente em minha direção e disse: “Como estou feliz, minha doce menina, de encontrar-lhe, finalmente, sozinha! Por minha alma comecei a pensar que havia um complô contra mim, posto que nunca fui capaz de ter-lhe por um minuto para mim.” E muito livremente agarrou a minha mão.

Fiquei tão surpresa com esta abordagem, após haver sido por tanto tempo totalmente negligenciada, que não pude dar outra resposta, senão olhar para ele com verdadeiro espanto.

“Ora agora,” continuou ele, “se a senhorita não é o anjinho mais cruel no mundo, a senhorita haveria me ajudado a obter algum expediente,

posto que vê como sou vigiado aqui; os olhos de Lady Louisa nunca estão fora de mim. Ela me dá um encantador antegosto dos prazeres de uma esposa! Contudo, não durará muito."

Enojada ao maior grau, tentei puxar minha mão; mas creio que não deveria haver obtido sucesso se Mrs. Beaumont não houvesse feito sua aparição. Ele virou-se contra mim com a maior arrogância e disse: "Como você está, Madame? Como está Lady Louisa? A senhora vê, não posso viver um momento fora da casa."

Poderia o senhor, meu mais caro Senhor, haver crido possível tal descaramento estar em um homem?

Antes do jantar veio Mr. Coverley, e, antes das cinco horas, Mr. Lovel e algumas outras pessoas. O lugar marcado para a corrida era uma trilha de cascalho no jardim de Mrs. Beaumont, e o comprimento do campo era vinte jardas. Quando fomos convocados ao percurso, as duas pobres senhoras fizeram suas aparições. Embora parecessem muito saudáveis para essa época de suas vidas, ainda assim pareciam tão fracas, tão enfermas, tão débeis, que eu não podia sentir nenhuma sensação, senão àquela de piedade ao vê-las. Contudo, este não era o senso geral da companhia; posto que elas tão logo se apresentaram, que foram recebidas com um riso de cada espectador, com exceção de Lord Orville, que parecia muito sério durante toda a transação. Indubitavelmente ele deve estar grandemente descontente com a dissipada conduta e extravagância de um homem, com quem ele está prestes a ser tão proximamente ligado.

Por algum tempo, a cena foi verdadeiramente ridícula: a agitação das partes concernentes e as apostas que foram feitas sobre as senhoras, eram absurdas além da medida. "Por quem você é?" e "Do lado de quem você está?" era ecoado de boca em boca por toda a companhia. Lord Merton e Mr. Coverley estavam ambos tão excessivamente alegres e barulhentos, que logo descobri que eles haviam tomado a liberdade de beber ao sucesso deles. Eles conduziram, com altos gritos, as senhoras ao local da corrida, e encorajavam-nas com promessas liberais para exertarem-se.

Quando o sinal foi dado para elas partirem, as pobres criaturas, débeis e assustadas, correram uma contra a outra: e, nenhuma delas foi capaz de suportar o choque, e ambas caíram ao chão.

Lord Merton e Mr. Coverley voaram à assistência delas. Assentos foram trazidos para elas; e cada uma delas tomou uma taça de vinho. Elas reclamaram de estarem muito machucadas; posto que, pesadas e desamparadas, elas não haviam sido capazes de salvarem-se, mas caíram com todo seu peso sobre o cascalho. Contudo, como elas pareciam iguais sofredoras, ambas as partes estavam muito ansiosas para ter o assunto deferido.

Novamente, portanto, elas partiram e coxearam adiante, quase empatadas uma com a outra, por algum tempo; ainda assim, frequentemente, à inexpressível diversão da companhia, elas tropeçavam e cambaleavam; e a confusa incitação de "Agora, Coverley!" "Agora, Merton!" corria de lado a lado durante todo o evento.

Não muito depois, o pé de uma das pobres mulheres escorregou, e com grande força ela veio novamente ao chão. Involuntariamente, corri para assisti-la; mas Lord Merton, a quem ela não pertencia, me parou, gritando: "Nada de jogo sujo! Nada de jogo sujo!"

Mr. Coverley, então, repetindo as mesmas palavras, foi ele mesmo ajudá-la, e insistiu que a outra parasse. Um debate se seguiu; mas, a pobre criatura estava demasiado ferida para se mexer e declarou sua absoluta inabilidade para fazer outra tentativa. Mr. Coverley foi bastante brutal: ele praguejou contra ela com inumana fúria, e parecia mal ser capaz de conter o impulso de golpeá-la.

Lord Merton então, em grande arroubo, disse que era uma coisa vazia; mas Mr. Coverley afirmou, que a queda fora acidental, e que um tempo deveria ser permitido para a mulher se recuperar. Contudo, toda a companhia estando contra ele, ele foi pronunciado o perdedor.

Nós então fomos à sala de visitas, para o chá. Após o qual, a noite estando memoravelmente quente, todos caminhamos no jardim. Lord Merton estava bastante tumultuoso, e Lady Louisa em bons ânimos; mas Mr. Coverley esforçou-se, em vão, para ocultar sua irritação.

Já que Lord Orville estava pensativo, e caminhava sozinho, eu esperava que, como de costume, eu deveria passar despercebida, e ser deixada às minhas próprias meditações: mas este não foi o caso; posto que Lord Merton, inteiramente de guarda baixa, frívolo igualmente pelo vinho e pelo sucesso, foi muito trabalhoso para mim; e, indiferente à presença de Lady Louisa, que até aqui havia o restringido até da comum civilidade, ele

anexou-se a mim, durante a caminhada, com uma liberdade de galantaria que me colocou extremamente fora de compostura. Ele me prestava os mais altos elogios; e frequentemente e forçosamente tomava-me minha mão, embora eu repetidamente, e com indissimulada raiva, puxasse-a de volta. Lord Orville, vi, nos assistia com ansiedade; e os sorrisos de Lady Louisa foram convertidos em olhares de desdém.

Não pude suportar estar assim situada; e reclamando de estar cansada, apressei meu passo, com intenção de retornar à casa; mas Lord Merton, rapidamente seguindo, agarrou minha mão, e dizendo que o dia pertencia a ele, jurou que não me largaria.

"O senhor deve, meu Lord," gritei eu, extremamente perturbada.

"A senhorita é a garota mais encantadora no mundo," disse ele, "nunca pareceu melhor que neste momento."

"Meu Lord," disse Mrs. Selwyn, avançando-se a nós, "o senhor não considera, que quanto melhor Miss Anville parece maior é o contraste com sua Senhoria; portanto, por seu próprio bem, eu o aconselharia a não segurá-la."

"Ah meu Deus," gritou Mr. Coverley, "não sei que direito você tem com a melhor mulher velha, e a melhor nova também, no mesmo dia."

"Melhor mulher nova!" repetiu Mr. Lovel; "por minha honra, Jack, você me fez o mais infortunado discurso; contudo, se Lady Louisa pode lhe perdoar — e sua Senhoria é toda bondade — estou certo de que ninguém mais poderá; posto que você cometeu um ultrajante solecismo em boas maneiras."

"E rogo, Senhor," disse Mrs. Selwyn, "sob que denominação pode seu próprio discurso passar?"

Mr. Lovel, virando em outro caminho, afetou não tê-la ouvido: e Mr. Coverley, curvando-se a Lady Louisa, disse: "Sua Senhoria é bem familiarizada com minha devoção; mas, ah meu Deus, não sei o que é — sempre tive uma infortunada virada em um epigrama e nunca pude resistir um sagaz jogo de palavras em minha vida."

"Rogo, meu Lord," gritei eu, "solte minha mão! Rogo, Mrs. Selwyn, fale por mim."

"Meu Lord," disse Mrs. Selwyn, "ao deter Miss Anville por mais tempo o senhor apenas perde seu tempo; posto que já estamos tão

convencidos de seu valor e sua força, como se o senhor fosse segurá-la por uma era."

"Meu Lord," disse Mrs. Beaumont, "devo pedir licença para interferir: não sei se Lady Louisa pode lhe perdoar; mas já que jovem dama está em minha casa, não escolho fazê-la desconfortável."

"Eu o perdoo!" gritou Lady Louisa. "Declaro que estou monstruosamente feliz por livrar-me dele."

"Ah meu Deus," gritou Mr. Coverley, "enquanto você agarra uma sombra, perderá uma substância; é melhor fazer as pazes enquanto pode."

"Rogo, Mr. Coverley, fique quieto," disse Lady Louisa, impertinentemente; "posto que declaro que não falarei com ele. Irmão," tomando o braço de Lord Orville, "você caminhará comigo?"

"Quisera os Céus," gritei eu, assustada ao ver quanto Lord Merton estava sob efeito de bebida, "que eu também tivesse um irmão! E então eu não deveria ser exposta a tal tratamento."

Lord Orville, imediatamente deixando Lady Louisa, disse: "Miss Anville me permitirá a honra de tomar este título?" e então, sem esperar por qualquer resposta, ele me soltou de Lord Merton; e, conduzindo-me a Lady Louisa: "Permitam-me," acrescentou ele, "tomar igual cuidado com minhas duas irmãs;" e então, desejando que ela, tomasse um braço e implorando-me para fazer uso do outro, alcançamos a casa em um momento. Lord Merton, perturbado como estava, não tentou nos parar.

Tão logo entramos na casa, puxei meu braço, e me curvei em agradecimento, posto que meu coração estava muito cheio para fala. Lady Louisa, evidentemente ferida com a condescendência de seu irmão, e irritada extremamente com o comportamento de Lord Merton, silenciosamente retirou o dela; e mordendo seus lábios, com um olhar de infinita vexação, ela caminhou solenemente corredor acima.

Lord Orville perguntou se ela não entraria no salão.

"Não," respondeu ela, altivamente, "deixo você e sua nova irmã juntos:" e então ela subiu as escadas.

Eu estava bastante desconcertada com o orgulho e rudeza deste discurso. O próprio Lord Orville pareceu atingido: virei-me dele e entrei no salão; ele me seguiu, dizendo: "Devo eu agora me desculpar com Miss Anville pela liberdade de minha interferência? Ou deveria me desculpar, que não interferi, como desejei, mais cedo?"

“Ó, meu Lord,” disse eu, com uma emoção que não pude reprimir: “é apenas do senhor que encontro qualquer respeito; todos os outros tratam-me com impertinência ou desprezo!”

Lamento que não tive mais controle sobre mim mesma, já que ele tinha razão logo então para supor que particularmente me referi à irmã dele; que, estou certa, deve muito machucá-lo.

“Bom Deus,” disse ele, “que tanta doçura e mérito possam falhar em incitar o amor e admiração tão justamente devidos! Não posso — não ouso expressar à senhorita metade da indignação que sinto neste momento!”

“Lamento, meu Lord,” disse eu, mais calmamente, “havê-la elevado; mas ainda assim — em uma situação que clama por proteção, encontrar apenas mortificações — de fato, mas sou mal formada para suportá-las!”

“Minha cara, Miss Anville,” bradou ele, calorosamente, “permita-me ser seu amigo; pense em mim como se eu fosse de fato seu irmão; e permita-me suplicar-lhe que aceite meus melhores serviços, se há qualquer coisa na qual eu possa ser tão feliz a ponto de mostrar minha consideração — meu respeito pela senhorita!”

Antes que eu tivesse tempo para falar, o restante da comitiva entrou no salão; e, como eu não desejava mais ver nada de Lord Merton, pelo menos antes de ele haver dormido, determinei deixá-lo. Lord Orville, vendo meu desígnio, disse, enquanto passei por ele: “A senhorita irá?” “Não seria melhor, meu Lord?” perguntei eu. “Temo,” disse ele, sorrindo, “já que devo agora falar como seu irmão, temo que sim; entenda que pode confiar em mim, já que posso aconselhar contra meu próprio interesse.”

Então deixei o cômodo e tenho escrito desde então. E, penso eu, não posso nunca lamentar a rudeza de Lord Merton, já que mais que nunca ela confirmou a mim a estima de Lord Orville.

CARTA VIII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

30 De Setembro.

Ó senhor, que estranho incidente tenho eu para recitar! Que campo de conjectura a abrir!

Ontem à noite todos fomos a uma reunião. Lord Orville apresentou tíquetes para toda a família; e fez-me a honra, para não pequena surpresa de todos aqui, creio eu, de dançar comigo. Mas todo dia abunda em frescas instâncias da condescendente polidez dele; e ele agora toma toda oportunidade de chamar-me sua amiga e sua irmã.

Lord Merton ofereceu um tíquete a Lady Louisa; mas ela estava tão incensada contra ele, que recusou com máximo desdém: nem podia ele prevalecer sobre ela para dançar com ele; ela permaneceu sentada durante toda a noite, e não dignou-se a olhar ou falar com ele. Comigo o comportamento dela é quase o mesmo: posto que ela é fria, distante e altiva, e seus olhos expressam o maior desprezo. Senão por Lord Orville, quão miserável minha residência aqui me tornaria!

Juntaram-se a nós no salão do baile Mr. Coverley, Mr. Lovel e Lord Merton, que aparentava como se estivesse fazendo penitência, e sentou-se toda a noite ao lado de Lady Louisa, esforçando-se em vão para apaziguar a raiva dela.

Lord Orville começou os minuetos: ele dançou com uma jovem dama que parecia engajar a atenção geral, já que ela não havia sido vista aqui antes. Ela é bonita, e parece amena e bem-humorada.

"Rogo, Mr. Lovel," disse Lady Louisa, "quem é aquela?"

"Miss Belmont," respondeu ele, "a jovem herdeira: ela veio a Wells ontem."

Atingida com o nome, involuntariamente o repeti; mas ninguém me ouviu.

"Qual é a família dela?" perguntou Mrs. Beaumont.

"A senhora não ouviu falar dela, Madame?" bradou ele; "ela é a única filha e herdeira de Sir John Belmont."

Bom Deus, como me sobressaltei! O nome atingiu meu ouvido como um raio. Mrs. Selwyn, que imediatamente olhou para mim, disse: “Fique calma, minha querida, saberemos a verdade de tudo isto.”

Até então eu nunca sequer havia imaginado que ela estivesse familiarizada com minha história; mas ela então contou-me que havia conhecido a minha infeliz mãe, e fora bem informada sobre todo o assunto.

Ela fez a Mr. Lovel uma multitude de perguntas; e apreendi das respostas dele, que esta jovem dama havia acabado de chegar do exterior com Sir John Belmont, que estava agora em Londres; que ela estava sob o cuidado da irmã dele, Mrs. Paterson, e que ela herdaria uma considerável propriedade.

Não posso expressar os estranhos sentimentos com os quais fui agitada durante este recital. O que, meu mais caro Senhor, pode isso significar? O senhor alguma vez já ouviu falar de qualquer pós-casamento? Ou devo eu supor, que, enquanto a filha legítima é recusada, uma outra é adotada? — Não sei o que pensar! Estou aturdida com uma contrariedade de ideias!

Quando voltamos para casa, Mrs. Selwyn passou mais de uma hora em meu quarto conversando sobre este assunto. Ela diz, que eu deveria imediatamente ir à cidade, descobrir meu pai, e ter o assunto esclarecido. Ela me assegura que tenho muito forte semelhança com minha cara, embora desconhecida, mãe, para permitir a menor hesitação em eu ser tomada, uma vez que seja vista. Por minha parte, não tenho desejo senão de agir sob sua direção.

Não posso dar qualquer relato da noite; tão perturbada, tão ocupada estou eu por este assunto, que não posso pensar sobre outro. Tenho suplicado que Mrs. Selwyn observe o mais estrito segredo, e ela tem prometido que irá. De fato, ela tem muito senso para ser futilmente comunicativa.

Lord Orville tomou nota de eu estar ausente e silenciosa; mas não arrisquei confiar-lhe com a causa. Fortunadamente, ele não estava na comitiva no momento em que Mr. Lovel fez a descoberta.

Mrs. Selwyn diz que, se o senhor aprovar minha ida à cidade, ela mesma me acompanhará. Eu preferiria mil vezes pedir a proteção de Mrs. Mirvan, mas, após esta oferta isso não será possível.

Adieu, meu mais caro Senhor. Estou certa de que o senhor escreverá imediatamente, e hei de ser toda impaciência até que sua carta chegue.

CARTA IX

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

1º De Outubro.

Bom Deus, meu caro Senhor, que conto maravilhoso tenho eu novamente para relatar! Ainda assim, não estou recuperada de minha extrema surpresa.

Ontem de manhã, tão logo eu havia terminado minha apressada carta, fui convocada a comparecer a uma comitiva a pé para Hot Wells. Consistia apenas em Mrs. Selwyn e Lord Orville. O último caminhou ao meu lado todo o percurso; e sua conversação dissipava meu desconforto, e insensivelmente restaurava minha serenidade.

Na sala de vapores vi Mr. Macartney; eu me curvei a ele duas vezes antes que ele falasse comigo. Quando ele foi, comecei a me desculpar por havê-lo desapontado; mas descobri não ser muito fácil me desculpar, já que os olhos de Lord Orville, com uma expressão de ansiedade que me angustiavam, iam dele para mim, e de mim para ele, a cada palavra que eu falava. Convencido, então, que eu havia realmente falhado com Mr. Macartney, não hesitei em pedir o perdão dele. Ele ficou então não meramente apaziguado, mas até grato.

Ele pediu-me que o encontrasse amanhã; mas não tive a tolice de ser novamente culpada de uma indiscrição; que já havia me causado tanto desconforto; e, portanto, eu o disse francamente que não estava em meu poder no momento vê-lo senão por acidente; e, para evitar que ele se ofendesse, eu o indiquei a razão pela qual eu não podia recebê-lo como desejava fazer.

Quando eu havia satisfeito a ele e a mim mesma com este assunto, virei-me para Lord Orville, e vi, com preocupação, a seriedade de seu semblante. Eu haveria falado com ele, mas não sabia como; creio, contudo, que ele leu meus pensamentos; posto que, em pouco tempo, com um tipo de sorriso sério, ele disse: “Mr. Macartney não reclama por desapontamento?”

“Não muito, meu Lord.”

“E como a senhorita o apaziguou?” Vendo que eu hesitava em responder: “Não sou seu irmão?” continuou ele, “e não devo inquirir sobre seus assuntos?”

“Certamente, meu Lord,” disse eu, rindo. “Eu apenas gostaria que eles fossem mais dignos do tempo de sua Senhoria.”

“Permita-me, então, fazer imediato uso de meu privilégio. Quando a senhorita verá Mr. Macartney novamente?”

“De fato, meu Lord, não sei dizer.”

“Mas — a senhorita sabe que não permitirei que minha irmã marque um compromisso privado?”

“Rogo, meu Lord,” gritei eu seriamente, “não mais use esta palavra! De fato o senhor me choca extremamente.”

“Isso eu não faria pelo mundo,” disse ele, “ainda a senhorita não sabe quão calorosamente, quão profundamente estou interessado, não apenas em todas as suas preocupações, mas em todas as suas ações.”

Este discurso — o mais particular que Lord Orville já fez para mim, terminou nossa conversa àquela hora; posto que fui muito atingida para formar qualquer resposta.

Logo depois, Mr. Macartney, em voz baixa, suplicou-me que não lhe negasse a gratificação de devolver o dinheiro. Enquanto ele estava falando, a jovem dama que vi ontem na reunião, com a grande comitiva, entrou na sala de vapores. Mr. Macartney ficou pálido como a morte, sua voz lhe falhou, e ele parecia não saber o que havia dito. Eu mesma estava quase igualmente perturbada, pela multidão de confusas ideias que ocorriam a mim. Bom Deus!, pensei eu, por que deveria ele ficar assim agitado? É possível que esta seja a jovem dama que ele amou?

Em poucos minutos deixamos a sala de vapores; e, embora eu tenha desejado um bom dia a Mr. Macartney duas vezes, ele estava tão ausente que não me ouviu.

Não retornamos a Clifton imediatamente, já que Mrs. Selwyn tinha negócios em uma loja de panfleto. Enquanto ela estava olhando alguns novos poemas, Lord Orville novamente me perguntou quando eu deveria ver Mr. Macartney.

“De fato, meu Lord,” bradei, “não sei, mas eu daria o universo por uma conversa de poucos momentos com ele!” Falei isso com uma simples sinceridade e não fui ciente da força de minhas próprias palavras.

“O universo!” repetiu ele, “Bom Deus, Miss Anville, a senhorita diz isso a mim?”

“Eu diria isso,” respondi eu, “a qualquer pessoa, meu Lord.”

“Imploro seu perdão,” disse ele, em uma voz que o mostrava desagradado, “fui respondido.”

“Meu Lord,” disse eu, “o senhor não deve me julgar duramente. Falei inadvertidamente; mas se o senhor soubesse do doloroso suspense que sofro neste momento, o senhor não estaria surpreso com o que eu disse.”

“E iria um encontro com Mr. Macartney aliviar-lhe deste suspense?”

“Sim, meu Lord, duas palavras deveriam ser suficientes.”

“Quiseram os Céus,” disse ele, após uma curta pausa, “que eu fosse digno de saber sua importância!”

“Digno, meu Lord! Ó, se isso fosse tudo, sua Senhoria nada poderia perguntar que eu não devesse estar pronta para responder! Se eu estivesse senão em liberdade para falar, eu deveria estar orgulhosa dos inquéritos de sua Senhoria. Mas, de fato, não estou — não tenho qualquer direito de comunicar os assuntos de Mr. Macartney; sua Senhoria não pode supor que eu tenha.”

“Confessarei à senhorita,” respondeu ele, “não sei o que supor; ainda assim parece haver uma franqueza até em seu mistério — e tal ar de abertura em seu semblante, que estou disposto a esperar —” Ele parou um momento, e então acrescentou: “Este encontro, a senhorita diz, é essencial a seu repouso?”

“Eu não disse isso, meu Lord; mas ainda assim tenho as mais importantes razões para desejar falar com ele.”

Ele pausou por poucos minutos; e então disse, com calor: “Sim, a senhorita há de falar com ele! Eu mesmo irei assisti-la! Miss Anville, estou certo, não pode formar um desejo contra propriedade: não farei perguntas, confiarei apenas em sua própria pureza, e, desinformado, vendado como estou, servi-la-ei com todo meu poder!” E então ele entrou na loja, deixando-me tão estranhamente afetada por este generoso comportamento, que eu quase desejei segui-lo com meus agradecimentos.

Quando Mrs. Selwyn havia transacionado seus assuntos, voltamos para casa.

No momento em que o jantar terminou, Lord Orville saiu, e não voltou até que fôssemos convocados à ceia. Este é o tempo mais longo que ele tem passado fora da casa desde que tenho estado em Clifton; e o senhor não pode imaginar, meu caro Senhor, quanto senti falta dele. Eu mal sabia antes quão infinitamente devo apenas a ele a felicidade de que tenho desfrutado desde que tenho estado na casa de Mrs. Beaumont.

Como geralmente desço as escadas por último, ele veio a mim, no momento em que as damas passaram, e disse: "A senhorita estará em casa amanhã pela manhã?"

"Creio que sim, meu Lord."

"E a senhorita receberá um visitante para mim?"

"Para o senhor, meu Lord?"

"Sim: tenho me tornado conhecido de Mr. Macartney e ele prometeu comparecer por mim amanhã aproximadamente às três horas."

E então, tomando a minha mão, ele me conduziu escada abaixo.

Ó, Senhor! Já houve algum dia tal homem como Lord Orville? — Sim, um outro que agora reside em Berry Hill!

Esta manhã tem havido uma grande quantidade de pessoas aqui; mas à hora apontada por Lord Orville, indubitável com essa consideração, o salão está quase sempre vazio, já que todos estão se vestindo.

Mrs. Beaumont, contudo, não havia subido quando Mr. Macartney enviou seu nome.

Lord Orville imediatamente disse: "Imploro o favor dele que entre. Veja, Madame, que considero-me como se estivesse em casa."

"Espero que sim," respondeu Mrs. Beaumont, "ou deveria eu estar muito desconfortável."

Mr. Macartney então entrou. Creio que ambos nos sentíamos muito conscientes quanto a quem era feita a visita: mas Lord Orville o recebeu como seu próprio convidado; e não meramente o entreteve como tal enquanto Mrs. Beaumont permaneceu no salão, mas por algum tempo após ela haver saído, uma delicadeza que salvou-me do embaraço que eu deveria haver sentido, houvesse ele imediatamente nos deixado.

Em poucos minutos, contudo, ele deu a Mr. Macartney um livro — posto que eu, também, por maneira de pretexto para continuar no salão, fingi estar lendo — e o implorei que ele fosse tão bom a ponto de folheá-

lo, enquanto ele respondia uma nota, que despacharia em poucos minutos, e retornaria a ele.

Quando ele saiu, ambos nos separamos de nossos livros; e Mr. Macartney, novamente obtendo o papel com o dinheiro, suplicou-me que o aceitasse.

"Rogo," disse eu, ainda recusando-o, "o senhor conhecia a jovem dama que entrou na sala de vapores ontem de manhã?"

"Conhecê-la?" repetiu ele, mudando de cor, "Oh, mas muito bem!"

"De fato!"

"Por que, Madame, a senhora pergunta?"

"Devo suplicar-lhe que satisfaça-me mais sobre este assunto; rogo, conte-me quem ela é."

"Inviolavelmente como eu pretendia manter meu segredo, eu nada posso recusar-lhe, Madame, nada; aquela dama é a filha de Sir John Belmont! De meu pai!"

"Meu Santo Deus!" gritei eu, involuntariamente levando minha mão sobre seu braço, "o senhor é então —" meu irmão, eu haveria dito, mas minha voz falhou-me, e rompi em lágrimas.

"Oh, Madame," clamou ele, "o que significa isto? O que pode perturbá-la assim?"

Eu não podia responder, mas estendi minha mão a ele. Ele parecia grandemente surpreso, e falou em altos termos de minha condescendência.

"Poupe-se," disse eu, limpando meus olhos, "poupe-se deste equívoco — o senhor tem direito a tudo que eu puder fazer pelo senhor; a similaridade de nossas circunstâncias —"

Fomos então interrompidas pela entrada de Mrs. Selwyn; e Mr. Macartney, encontrando nenhuma probabilidade de sermos deixados a sós, foi obrigado a se retirar, embora, creia eu, muito relutantemente, enquanto em tal suspense.

Mrs. Selwyn, então, por força de interrogatórios, retirou de mim o estado deste assunto. Ela é tão penetrante, que não há possibilidade de evadir dá-la satisfação.

Não é este um estranho evento? Bom Deus! Quão pouco pensei que as visitas que eu prestava tão indispostamente à casa de Mr. Branghton haveriam-me apresentado a tão próxima relação! Nunca me arrependerei

novamente do tempo em que passei na cidade este verão: uma circunstância tão fortunada sempre me fará pensar sobre isso com prazer.

****

Acabo de receber sua carta — e ela quase partiu meu coração! Oh, Senhor! A ilusão acabou, de fato! Quão em vão tenho eu me lisonjeado, quão miseravelmente enganado a mim mesma! Há muito, duvidosa da situação de meu coração, eu temia um escrutínio; mas agora, agora que tenho há tanto escapado, comecei, de fato, a considerar minha segurança certa; a esperar que meus medos fossem sem causa e a crer que minha boa opinião e estima de Lord Orville pudessem ser devidas sem suspeita, e sentidas sem perigo; miseravelmente enganada, de fato! A visão dele é funesta a meu repouso; a sociedade com ele é morte à minha futura tranquilidade! Oh, Lord Orville! Pudesse eu haver crido que uma amizade tão grata a meu coração, tão calmante a minhas perturbações, uma amizade, que, em todo respeito, fez-me tanta honra, poderia apenas servir para amargar todos os meus futuros momentos! — Que estranha, que infeliz circunstância, que minha gratidão, embora tão justamente incitada, deveria ser tão fatal à minha paz!

Sim, Senhor, deixá-lo-ei; quiseram os Céus que eu pudesse neste momento! Sem vê-lo novamente — sem confiar em minha agora cônscia emoção! Oh, Lord Orville, quão pouco o senhor conhece os males que devo ao senhor! Quão pouco supõe que, quando mais dignificada por sua atenção, eu era mais para ser apiedada — quando mais exaltada por sua nota, o senhor era mais meu inimigo!

O senhor confiou em minha ignorância, Senhor; e eu, ai de mim!, em sua experiência; e, onde quer que eu duvidasse da fraqueza de meu coração, a ideia de que o senhor não suspeitasse, tranquilizava-me — restaurava minha coragem, e confirmava meu erro! Ainda assim sou mais sensível à bondade de seu silêncio.

Oh, Senhor! Por que eu algum dia o deixei? Por que fui exposta a perigos aos quais sou tão desigual?

Mas deixarei este lugar, deixarei Lord Orville — deixá-lo-ei, talvez, para sempre! Não importa; seu conselho, sua bondade, podem ensinar-me como recuperar a paz e a serenidade com a qual minha desprotegida tolice

tem me iludido. Apenas no senhor confio — apenas com o senhor me abro, por toda futura esperança que eu possa formar.

Quanto mais considero afastar-me de Lord Orville, menos fortitude sinto para suportar a separação; a amizade que ele tem me mostrado — sua polidez, sua doçura de modos, sua preocupação com meus assuntos, sua solicitude para me agradar — tudo, tudo prestes a ser abandonado!

Não, não posso contar a ele que estou indo — não ouso confiar em mim mesma para deixá-lo — fugirei sem vê-lo: implicitamente seguirei seu conselho, evitar sua visão, e esquivar-se de sociedade com ele!

Amanhã de manhã partirei para Berry Hill. Mrs. Selwyn e Mrs. Beaumont deverão apenas elas saber de minha intenção. E o dia de hoje — passarei em meu próprio quarto. A prontidão de minha obediência é a única reparação que posso oferecer pela fraqueza que clama por sua exerção.

Pode o senhor, irá o senhor, mais honrado, mais caro Senhor!, único esteio pelo qual a pobre Evelina é suportada — pode o senhor, sem reprimenda, sem desprazer, receber a criança que o senhor tem tão cuidadosamente erguido — de cuja educação melhor fruto poderia ter sido esperado, e quem, corando por sua indignidade, teme encontrar os olhos pelos quais ela tem sido querida? Oh, sim, estou certa de que o senhor irá! Os erros de sua Evelina são aqueles de julgamento; e o senhor, eu bem sei, perdoa todos senão aqueles do coração!

CARTA X

EVELINA EM CONTINUAÇÃO.

Clifton, 1º De Outubro.

Tenho apenas tempo, meu mais caro Senhor, para três palavras, para alcançar minha última carta e preveni-lo de esperar-me imediatamente; posto que, quando comuniquei minha intenção a Mrs. Selwyn, ela não me ouviria, e declarou que me seria altamente ridículo ir antes que eu recebesse uma resposta à minha informação concernindo a jornada de Paris. Ela tem, portanto, insistido que eu espere até que sua próxima carta chegue. Espero que o senhor não seja desagradado com minha complacência, embora seja bastante contra meu próprio julgamento: mas Mrs. Selwyn muito me subjugou com a força de seus argumentos. Verei, contudo, muito pouco de Lord Orville; nunca descerei as escadas antes do desjejum; desistirei de todas as minhas caminhadas no jardim; sentar-me-ei ao lado de Mrs. Selwyn; e não meramente evitarei conversar com ele, mas esquivar-me-ei de sua presença. Exertarei toda a prudência e toda a resolução em meu poder, para evitar que este curto atraso lhe dê qualquer maior desconforto.

Adieu, meu mais caro Senhor. Não devo deixar Clifton até ter suas instruções.

CARTA XI

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

2 De Outubro.

Ontem, do momento em que recebi sua bondosa, embora aflitiva carta, mantive-me em meu quarto — posto que eu estava igualmente incapaz e indisposta a ver Lord Orville; mas esta manhã, descobrindo que eu parecia destinada a passar uns poucos dias a mais aqui, esforcei-me para acalmar meus ânimos e parecer como de costume; embora eu determinara evitá-lo ao máximo de meu poder. De fato, enquanto eu entrava no salão, quando chamada ao desjejum, meus pensamentos estavam tão ocupados com sua carta, que eu senti tanta confusão ao vê-lo, como se ele mesmo houvesse sido informado de seus conteúdos.

Mrs. Beaumont fez-me um ligeiro elogio sobre minha recuperação, posto que eu havia alegado doença para justificar minha permanência em meu quarto: Lady Louisa não falou palavra; mas Lord Orville, pouco imaginando ser ele mesmo a causa de minha indisposição, inquiriu concernindo minha saúde com a mais distinta polidez. Mal dei qualquer resposta; e, pela primeira vez desde que tenho estado aqui, planejei sentar a alguma distância dele.

Não pude evitar observar que minha reserva o surpreendeu; ainda assim ele persistia com suas civilidades, e parecia desejar removê-la. Mas lhe dei muito pouca atenção; e o momento em que o desjejum terminou, em vez de tomar um livro, ou caminhar no jardim, retirei-me a meu próprio quarto.

Pouco depois, Mrs. Selwyn entrou para me contar, que Lord Orville havia estado propondo que eu tomasse ares, e a persuadiu que o deixasse dirigir para nós duas em seu faetonte. Ela entregou a mensagem com uma malícia que me fez corar; e acrescentou, que tomar ares, na carruagem de meu Lord Orville, não poderia falhar em reviver meus ânimos. Não há possibilidade de escapar o discernimento dela; ela frequentemente me tem mobilizado sobre a atenção de sua Senhoria — e, ai de mim!, sobre o

prazer com o qual a tenho recebido! Contudo, absolutamente recusei a oferta.

"Bem," disse ela, rindo, "não posso justo agora indulgir-lhe com qualquer solicitação; posto que, para lhe dizer a verdade, tenho negócios a transacionar em Wells, e estou feliz por me retirar. Eu lhe pediria para caminhar comigo — mas já que Lord Orville é recusado, não tenho a presunção de esperar por sucesso."

"De fato," disse eu, "a senhora está equivocada; acompanhar-lhe-ei com prazer."

"Ó rara coquetaria!" gritou ela, "certamente deve ser inerente a nosso sexo, ou não poderia haver sido embebida em Berry Hill."

Não tive ânimos para respondê-la, e, portanto, coloquei meu chapéu e capa em silêncio.

"Presumo," continuou, secamente, "que sua Senhoria possa caminhar conosco."

"Assim sendo, Madame," disse eu, "a senhora terá uma companhia, e ficarei em casa."

"Minha cara criança," bradou ela, "você trouxe a certidão de seu nascimento com você?"

"Cara Madame, não!"

"Ora então, nunca seremos reconhecidas novamente em Berry Hill."

Eu me sentia muito consciente para desfrutar de seu gracejo; mas creio que ela estava determinada a me atormentar, posto que perguntou-me se deveria informar Lord Orville que eu desejava que ele não fizesse parte da comitiva?

"De modo algum, Madame; mas, de fato, eu preferiria que eu mesma não caminhasse."

"Minha cara," gritou ela, "realmente não a conheço esta manhã — você certamente deve estar tomando lições com Lady Louisa."

Ela então desceu as escadas; mas imediatamente retornou, contou-me que havia familiarizado Lord Orville que eu não escolhia sair no faetonte, mas preferia uma caminhada, *tête-à-tête* com ela, como forma de variedade.

Eu nada disse, mas estava realmente vexada. Ela implorou-me para descer e disse que me seguiria imediatamente.

Lord Orville encontrou-me no corredor. “Temo,” disse ele, “que Miss Anville ainda não esteja muito bem?” e ele haveria tomado a minha mão, mas virei-me dele, e me curvando ligeiramente, entrei no salão.

Mrs. Beaumont e Lady Louisa trabalhavam: Lord Merton estava conversando com a última; posto que ele agora fez as pazes e é novamente recebido com favor.

Sentei-me, como de costume, à janela. Lord Orville, em poucos minutos, veio a mim, e disse: “Por que Miss Anville está tão séria?”

“Não grave, meu Lord,” disse eu, “apenas estúpida;” e tomei um livro.

“A senhorita irá,” disse ele, após uma curta pausa, “à reunião hoje à noite?”

“Não, meu Lord, certamente não.”

“Nem então irei eu; posto que eu deveria lamentar conspurcar a lembrança que tenho da felicidade que desfrutei na última.”

Mrs. Selwyn então entrando, inquéritos gerais foram feitos a todos menos eu, de quem iria à reunião? Lord Orville imediatamente declarou que tinha cartas para escrever em casa; mas todos os outros decidiram ir.

Então apressei Mrs. Selwyn para que saísse, embora não antes que ela houvesse dito a Lord Orville: “Rogo, sua Senhoria obteve permissão de Miss Anville para nos favorecer com sua companhia?”

“Não, Madame,” respondeu ele, “não tive a presunção de pedi-la.”

Durante nossa caminhada, Mrs. Selvyn atormentou-me impetuosamente. Ela me contou, que já que recusei qualquer adição a nossa comitiva, devo, indubitavelmente, estar cônscia de meus próprios poderes de entretenimento; e me implorou, portanto, a exertá-lo livremente. Arrependi-me mil vezes haver consentido caminhar sozinha com ela; posto que embora eu fizesse os mais dolorosos esforços para parecer com ânimos, suas galhofas muito me sobrepujaram.

Fomos primeiro à sala de vapores. Estava cheia de companhia; e no momento em que entramos, ouvi um murmúrio de: “Aquela é ela!” e, para minha grande confusão, vi todo olho virado em minha direção. Puxei meu chapéu sobre meu rosto, e, pela assistência de Mrs. Selwyn, esforcei-me para esconder-me de observação, não obstante, descobri que era tão o objeto de geral atenção, que supliquei a ela que saíssemos logo de lá. Mas infelizmente ela havia entrado em conversação, muito seriamente, com um

cavalheiro de seu conhecimento e não me ouviria; mas disse, que se eu estivesse cansada de esperar, eu poderia continuar caminhando até o modista com as Miss Watkins, duas jovens damas que eu havia visto na casa de Mrs. Beaumont, que estavam indo até lá.

Aceitei a oferta muito prontamente, e fomos. Mas não havíamos andado três jardas, antes que fôssemos seguidas por uma comitiva de jovens rapazes, que tomavam cada possível oportunidade de olhar para nós, e, enquanto caminhavam atrás de nós, falavam alto, em uma maneira de uma vez só inteligível e absurda. “Sim,” gritou um, “é certamente ela! Repare senão em sua bochecha corada!”

“E então seus olhos — seus abatidos olhos!” gritou outro.

“Verdade, ó tão verdade,” disse um terceiro, “toda a beleza é dela!”

“Mas então,” disse o primeiro, “sua mente — agora a dificuldade é, descobrir a verdade dela, posto que ela não dirá uma palavra.”

“Ela é tímida,” respondeu um outro; “repare senão seu tímido ar.”

Durante esta conversação, continuamos caminhando em silêncio e rápido; como não sabíamos a quem era particularmente dirigida, ficamos todas igualmente envergonhadas, e igualmente desejosas de evitar tais incontáveis observações.

Logo depois fomos pegas por uma queda de chuva. Apressamo-nos; e estes cavalheiros, seguindo-nos, ofereceram seus serviços da mais premente maneira, implorando-nos que fizéssemos uso de seus braços; e, enquanto quase corri, a fim de evitar esta impertinência, fui repentinamente encontrada por Sir Clement Willoughby!

Ambos nos sobressaltamos: “Bom Deus!” ele exclamou, “Miss Anville!” e então, observando meus tormentores com um ar de desprazer, ele seriamente inquiriu, se qualquer coisa me havia alarmado.

“Não, não;” gritei eu, posto que não encontrei dificuldade agora de me desengajar dessa juventude, que, provavelmente, concluindo pelo ar comandante de Sir Clement, que ele tinha o direito de proteger-me, calmamente deram espaço a ele, e inteiramente nos deixaram.

Com sua usual impetuosidade, ele então começou mil inquéritos, acompanhados com tantos outros elogios; e me contou, que ele chegou a Bristol senão esta manhã, que ele havia inteiramente devotado a esforços para descobrir onde eu me alojara.

“O senhor sabia, então,” disse eu, “que eu estava em Bristol?”

“Quiseram os Céus,” gritou ele, “que eu pudesse permanecer em ignorância de seus procedimentos com o mesmo contentamento que a senhorita faz dos meus! Então deveria eu não para sempre viajar nas asas da Esperança, para encontrar meu próprio desespero! A senhorita não pode sequer julgar a crueldade de minha sina; posto que o conforto e serenidade de sua mente lhe incapacitam de sentir pela agitação da minha!”

O conforto e serenidade de minha mente! Ai de mim, quão pouco mereço essas palavras!

“Mas,” acrescentou ele, “houvesse acidente trazido-me até aqui, houvesse eu não sabido de sua jornada, a voz da fama a haveria proclamado a mim imediatamente com minha chegada.”

“A voz da fama!” repeti eu.

“Sim, posto que o seu foi o primeiro nome que ouvi na sala de vapores. Mas houvera eu não ouvido seu nome, tal descrição não poderia haver pintado outra pessoa.”

“De fato,” disse eu, “não lhe entendo.” Mas logo então chegando ao modista nossa conversação terminou; posto que Miss Watkins chamou-me para olhar capuzes e fitas.

Sir Clement, contudo, tem a arte de estar sempre em casa; ele estava tão logo engajado, tão ocupadamente quanto nós mesmas, em olhar para babados de renda; ainda assim ele tomou uma oportunidade de dizer a mim, em uma voz baixa: “Quão encantado estou ao ver que a senhorita está tão bem! Disseram-me que a senhorita estava doente; mas nunca a vi em melhor saúde — nunca tão mais infinitamente adorável!”

Virei para o outro lado para examinar as fitas, e logo depois Mrs. Selwyn fez sua aparição. Descobri que ela estava familiarizada com Sir Clement; e sua maneira de falar com ele convenceu-me de que ele era um favorito com ela.

Quando os mútuos elogios deles terminaram, ela virou para mim, e disse: “Rogo, Miss Anville, por quanto tempo você pode viver sem nutrição?”

“De fato, Madame,” disse eu, rindo, “nunca tentei.”

“Porque por tanto tempo, e não mais,” respondeu ela, “você pode permanecer em Bristol.”

“Ora, qual é o problema, Madame?”

“O problema! Ora, todas as damas estão em guerra aberta com você — toda a sala de vapores está em confusão; e você, inocente como finge parecer, é a causa. Contudo, se tomar meu conselho, será muito cuidadosa como come e bebe durante sua estadia.”

Implorei a ela que se explicasse: e ela então me disse, que uma cópia dos versos havia sido derrubada na sala de vapores, e lida lá em voz alta: “As belezas dos Wells,” disse ela, “são todas mencionadas, mas você é a Vênus a quem o prêmio é dado.”

“É então possível,” gritou Sir Clement, “que a senhorita não tenha visto estes versos?”

“Eu mal sei,” respondi eu, “se alguém ouviu.”

“Eu lhe asseguro,” disse Mrs. Selwyn, “se a senhorita me dá a invenção deles, a senhorita me faz uma honra que eu de modo algum mereço.”

“Escrevi em minhas tabuinhas,” disse Sir Clement, “as estrofes que concernem Miss Anville esta manhã na sala de vapores; e farei eu mesmo a honra de copiá-las para ela esta noite.”

“Mas por que a parte que concerne Miss Anville?” disse Mrs. Selwyn; “O senhor alguma vez já a viu antes desta manhã?”

“Ó sim,” respondeu ele, “tenho tido essa felicidade frequentemente na casa de Capitão Mirvan. Demasiado, demasiado frequentemente!” Acrescentou ele, em uma voz baixa, enquanto Mrs. Selwyn virava-se para o modista: e tão logo ela estava ocupada em examinar algumas aparas, ele veio a mim, e quase se eu quisesse ou não, entrou em conversação comigo.

“Tenho mil coisas,” disse ele, “para dizer à senhorita. Rogo onde a senhorita está?”

“Com Mrs. Selwyn, Senhor.”

“De fato! Então, pelo menos uma vez, o acaso é meu amigo. E há quanto tempo a senhorita tem estado aqui?”

“Aproximadamente três semanas.”

“Bom Deus! Que ansiosa busca tenho eu tido para descobrir sua estadia, desde que tão repentinamente deixou a cidade! A megera, Madame Duval, recusou-me toda informação. Oh, Miss Anville, soubesse a senhorita o que tenho suportado! O agitado, desassossegado estado de

suspense com o qual tenho sido torturado, a senhorita não podia, tão cruel quanto é, não podia haver me recebido com tal frígida indiferença?"

"Recebido-o, Senhor?"

"Ora, não é uma visita para a senhorita? A senhorita pensa que eu haveria feito esta jornada, senão pela felicidade de novamente vê-la?"

"De fato é possível que eu possa — já que outros tantos pensam."

"Cruel, cruel garota! A senhorita sabe que lhe adoro! A senhorita sabe que é a senhora de minha alma, o árbitro de meu destino!"

Mrs. Selwyn então avançando a nós, ele assumiu um ar mais desengajado, e perguntou, se ele não deveria ter o prazer de vê-la à noite na reunião.

"Oh, sim," gritou ela, "certamente haveremos de estar lá; então o senhor pode trazer os versos com o senhor, se Miss Anville puder esperar por eles tanto tempo."

"Espero então," respondeu ele, "que a senhorita me fará a honra de dançar comigo?"

Eu o agradeci, mas disse que eu não deveria estar na reunião.

"Não estará na reunião?" gritou Mrs. Selwyn, "Ora, tem você, também, cartas a escrever?"

Ela olhou para mim com uma significante malícia, que fez-me corar; e eu apressadamente respondi: "Não, de fato, Madame!"

"Você não tem!" gritou ela, ainda mais secamente; "então rogo, minha querida, você fica em casa para ajudar — ou para entravar outros?"

"Para nenhum dos dois, Madame," respondi eu, em muita confusão; "então, se lhe agrada, não ficarei em casa."

"A senhorita me permite, então," disse Sir Clement, "esperar pela honra de sua mão?"

Apenas me curvei — posto que o temor da galhofa de Mrs. Selwyn fez-me não ousar recusá-lo.

Logo depois disto caminhamos para casa: Sir Clement nos acompanhou; e a conversação que passou entre Mrs. Selwyn e ele foi suportada de tão vivaz maneira, que eu deveria haver sido muito entretida, houvesse minha mente estado mais tranquila: mas, ai de mim! Eu não podia pensar em nada senão a caprichosa, a inexpressiva aparição que a alteração em minha conduta deverá fazer aos olhos de Lord Orville! E por mais que eu desejasse evitá-lo, grandemente como desejo poupar-me de

ter minha fraqueza conhecida dele — ainda assim não posso suportar incorrer sua má opinião — e, desconhecidas a ele como são as razões pelas quais sou atuada, como pode ele deixar de menosprezar uma mudança a ele tão inexplicável?

Ao entrarmos no jardim, ele foi o primeiro objeto que vimos. Ele avançou para nos encontrar; e não pude evitar senão observar, que ao verem-se um ao outro ambos ele e Sir Clement mudaram de cor.

Entramos no salão, onde encontramos a mesma comitiva que havíamos deixado. Mrs. Selwyn apresentou Sir Clement a Mrs. Beaumont; com Lady Louisa e Lord Merton ele já parecia bem familiarizado.

A conversa foi sobre assuntos gerais, do tempo, da companhia em Wells, e as notícias do dia. Mas Sir Clement, puxando sua cadeira para o lado da minha, tomou toda oportunidade de dirigir-se a mim em particular.

Não pude senão notar a impressionante diferença entre sua atenção, e aquela de Lord Orville: o ultimo tem tal gentileza de maneiras, tal delicadeza de conduta, e um ar tão respeitoso, que, quando ele mais lisonjeia, nunca angustia; e quando ele mais confere honra, parece recebê-la! O primeiro impõe sua atenção, e força a minha; é tão apontada, que sempre confunde-me, e tão pública, que atrai nota geral. De fato tenho algumas vezes pensado que ele mais desejaria, que desgostaria ter sua parcialidade por mim sabida, já que ele toma grande cuidado para prevenir que eu seja abordada por qualquer um senão ele mesmo.

Quando finalmente ele foi embora, Lord Orville tomou seu assento, e disse, com meio sorriso: “Devo chamar Sir Clement — ou a senhorita chamar-me-á um usurpador por tomar o lugar dele? A senhorita não me faz resposta? Devo eu então supor que Sir Clement —”

“É pouco digno do tempo de sua Senhoria,” disse eu, “supor qualquer coisa sobre tão insignificante ocasião.”

“Perdoe-me,” disse ele; “— a mim nada é insignificante em que a senhorita está envolvida.”

A isto não dei resposta; nem ele disse algo mais, até que as damas retiraram-se para vestirem-se: e então, quando eu as haveria seguido, ele me parou, dizendo: “Um momento, lhe suplico!”

Eu me virei e ele continuou: “Grandemente temo que tenho sido tão infortunado a ponto de lhe ofender; ainda assim tão repugnante à minha alma é a ideia, que não sei como supor possível que eu possa

involuntariamente haver feito a coisa no mundo que, intencionalmente, eu desejaria evitar.”

“Não, de fato, meu Lord, o senhor não me ofendeu,” disse eu.

“A senhorita suspira!” disse ele, tomando minha mão, “quiseram os Céus que eu fosse o compartilhador de seu desconforto, donde e sempre que surgisse! Com qual diligência eu não lutaria para aliviá-lo! Conte-me, minha cara Miss Anville — minha nova-adotada irmã, minha doce e mais amável amiga! Conte-me, lhe suplico, se posso lhe dispor qualquer assistência?”

“Nenhuma, nenhuma, meu Lord!” clamei eu, puxando minha mão, e andando em direção à porta.

“É então impossível que eu possa lhe servir? Talvez a senhorita deseje ver Mr. Macartney novamente?”

“Não, meu Lord.” E segurei a porta aberta.

“Confesso, não lamento por isso. Ainda assim, oh! Miss Anville, há uma pergunta — há uma conjectura — não sei como mencionar, porque temo o resultado! Mas vejo que a senhorita está com pressa; talvez à noite eu possa ter a honra de uma conversa mais longa. Ainda assim uma coisa, a senhorita terá a bondade de me permitir perguntar? A senhorita sabia, esta manhã, quando foi a Wells — a senhorita sabia quem deveria encontrar lá?”

“Quem, meu Lord?”

“Peço seu perdão mil vezes por uma curiosidade tão sem licença; mas não direi mais nada no momento.”

Ele se curvou, esperando que eu saísse; e então, com rápidos passos, mas um pesado coração, entrei em meu próprio quarto. Sua pergunta, estou certa, se referiu a Sir Clement Willoughby; e houvesse eu não imposto sobre mim mesma a severa tarefa de evitar, fugindo de Lord Orville, com todo meu poder, eu o haveria imediatamente satisfeito de minha ignorância da jornada de Sir Clement. E ainda mais demorei a dizer algo da reunião, já que vi que ele dependia de minha permanência à noite em casa.

Não desci as escadas novamente até que a família estivesse reunida para o jantar. Meu vestido, eu vi, atingiu Lord Orville com espanto; e eu mesma estava tão envergonhada de parecer extravagante e instável, que não podia olhar senão para baixo.

“Entendi,” disse Mrs. Beaumont, “que Miss Anville não fosse sair esta noite.”

“Sua intenção de manhã,” disse Mrs. Selwyn, “era ficar em casa; mas há um fascinante poder em uma reunião, que, após pensar duas vezes, não pode ser resistido.”

“A reunião!” gritou Lord Orville; “a senhorita então irá à reunião?”

Não dei resposta; e todos nós tomamos nossos lugares na mesa.

Não foi sem dificuldade que tentei deixar meu assento usual; mas eu estava determinada a aderir à promessa em minha carta de ontem, embora eu visse que Lord Orville parecia bastante confuso com meus visíveis esforços para evitá-lo.

Após o jantar, todos nós entramos na sala de visitas juntos, já que não havia cavalheiros para deter sua Senhoria; e então, antes que eu pudesse me colocar fora de seu caminho, ele disse: “A senhorita então realmente irá para a reunião? Posso perguntar se a senhorita irá dançar?”

“Creio que não — meu Lord.”

“Se eu não temesse,” continuou ele, “que a senhorita fosse ficar cansada do mesmo parceiro em duas reuniões seguidas, eu desistiria de escrever minhas cartas até amanhã à noite, e solicitaria a honra de sua mão.”

“Se eu chegar a dançar,” disse eu, em grande confusão, “creio que estou compromissada.”

“Compromissada!” bradou ele, com seriedade, “Posso perguntar com quem?”

“Com — Sir Clement Willoughby, meu Lord.”

Ele nada disse, mas parecia muito pouco agradado, e não se dirigiu mais a mim por toda a tarde. Oh, Senhor! Assim situada, quão desconfortáveis foram os sentimentos de sua Evelina!

Cedo da noite, com sua acostumada assiduidade, Sir Clement veio para conduzir-nos para a reunião. Ele logo planejou sentar-se a meu lado, e em uma voz baixa, prestou-me tantos elogios, que eu não sabia para onde olhar.

Lord Orville mal falou uma palavra, e seu semblante era sério e pensativo; ainda assim, sempre que eu levantava meus olhos, os dele, eu percebia, estavam dirigidos a mim, embora imediatamente, ao encontrar os meus, ele olhasse para outro lugar.

Em pouco tempo, Sir Clement, tomando de seu bolso um papel dobrado, disse, quase em um sussurro: “Aqui, mais adorável das mulheres, a senhorita verá uma débil, uma mal sucedida tentativa de pintar o objeto de toda minha adoração! Ainda assim, fracas como são as linhas para o propósito, invejo além de expressão o feliz mortal que tem ousado fazer o esforço.”

“Olhá-las-ei,” disse eu, “alguma outra hora.” Posto que, cônscia de que eu era observada por Lord Orville, eu não podia suportar que ele devesse me ver tomar um papel escrito, tão privadamente oferecido, de Sir Clement. Mas Sir Clement é um homem impraticável, e nunca obtive sucesso em qualquer tentativa de frustrar qualquer coisa que ele houvesse planejado.

“Não,” disse ele, ainda em sussurro, “a senhorita deve tomá-las agora, enquanto Lady Louisa está longe;” posto que ela e Mrs. Selwyn haviam subido para terminar seus vestidos, “já que ela não deve de modo algum vê-las.”

“De fato,” disse eu, “não tenho intenção de mostrá-las.”

“Mas a única maneira,” respondeu ele, “para evitar suspeita, é tomá-las na ausência dela. Eu havê-las-ia lido em voz alta eu mesmo, mas que elas não são apropriadas para serem vistas por qualquer pessoa nesta casa, com exceção da própria senhorita e de Mrs. Selwyn.”

Então novamente ele me apresentou o papel, que eu agora era obrigada a tomar, já que vi que recusar era em vão. Mas lamentei que esta ação devesse ser vista, e o sussurro notado, embora o propósito da conversação fosse deixado à conjectura.

Enquanto eu o segurava em minha mão, Sir Clement arreliou-me para olhá-lo imediatamente; e contou-me, a razão pela qual ele não poderia apresentar as linhas publicamente era, que entre as damas que eram mencionadas, e supostamente a serem rejeitadas, estava Lady Louisa Larpent. Estou muito preocupada com esta circunstância, já que não posso duvidar senão de que isso tornar-me-á mais desagradável a ela que nunca, se ela fosse ouvir sobre isso.

Copiarei agora os versos que Sir Clement não me deixaria descansar até que eu tivesse lido.

Vejam o último avanço, com graça pejosa,

Abatido olho, e bochecha ruborizada,
Tímido ar, e face formosa,
Anville — pelas Graças procurada.
Embora toda beleza deva a ela pertencer,
E embora preencha cada virtude sua mente,
Anville — desconhecida de seu poder,
Ingênua atinge — mata inconsciente.

Estou certa, meu caro Senhor, que o senhor não imaginará que um panegírico como este poderia, ao ler, dar-me a maior confusão; e, infelizmente, antes que eu houvesse terminado, as damas retornaram.

"O que você tem aí, minha querida?" perguntou Mrs. Selwyn.

"Nada, Madame," disse eu, apressadamente dobrando, e colocando-o em meu bolso.

"E nada tem," gritou ela, "o poder do rouge?"

Não dei resposta; um profundo suspiro, que escapou de Lord Orville aquele momento, alcançou meus ouvidos e deu-me sensações — que não ouso mencionar!

Lord Merton então conduziu Lady Louisa e Mrs. Beaumont à carruagem da última. Mrs. Selwyn abriu caminho à de Sir Clement, que me conduziu após ela.

Durante o percurso nenhuma vez falei; mas quando entrei no salão da reunião, Sir Clement cuidou que eu não preservasse meu silêncio. Ele me pediu imediatamente para dançar; eu implorei que me dispensasse, e procurasse alguma outra parceira. Mas pelo contrário, ele me disse, ele estava muito feliz de que eu sentasse, já que ele tinha um milhão de coisas para dizer a mim.

Ele então começou a me dizer, quanto ele havia sofrido por minha ausência; quão grandemente ele esteve alarmado quando ouviu que eu havia deixado a cidade; e quão cruelmente difícil ele havia descoberto ser buscar-me; o que, finalmente, ele poderia apenas fazer sacrificando outra semana ao Capitão Mirvan.

"E Howard Grove," continuou ele, "que, em minha primeira visita, eu pensava o local mais delicioso sobre a terra, agora parecia a mim o mais sombrio: a face do interior parecia alterada; as caminhadas, que eu havia pensado mais agradáveis, eram agora mais estúpidas; Lady Howard,

que havia parecido uma alegre e respeitável senhora, agora parecia ser do estilo comum de John Trot[27] de outras damas envelhecidas: Mrs. Mirvan, que eu havia estimado como uma amável parte da natureza morta, agora se tornou tão insípida, que eu mal podia manter-me acordado em companhia dela. A filha, também, que eu havia considerado bem-humorada, um tipo bonito de garota, agora parecia muito insignificante para nota; e, quanto ao Capitão, eu havia sempre pensado-o um pateta — mas agora ele parecia um selvagem!"

"De fato, Sir Clement," gritei eu, raivosamente, "eu não ouvirei o senhor falar assim de meus melhores amigos."

"Imploro seu perdão," disse ele, "mas o contraste de minhas duas visitas foi muito impressionante para não ser mencionado."

Ele então perguntou o que eu havia achado dos versos?

"Ou," disse eu, "eles são escritos ironicamente, ou por algum louco."

Tal profusão de elogios seguiu, que eu fui obrigada a propor dançar, em minha própria defesa. Quando levantamos: "Eu pretendia," disse ele, "haver descoberto o autor pelos olhares dele; mas vejo que a senhorita é tão a pedra-ímã de atenção geral, que minhas suspeitas mudam seu objeto a todo momento. Certamente a própria senhorita deve ter algum conhecimento sobre quem ele é?"

Eu lhe disse que não. Ainda assim, meu caro Senhor, devo confessar ao senhor, não tenho dúvidas de que Mr. Macartney deva ser o autor; ninguém mais falaria sobre mim tão parcialmente; e, de fato, sua veia poética o coloca, comigo, além de disputa.

Ele me fez mil perguntas concernindo Lord Orville; há quanto tempo ele tem estado em Bristol? Quanto tempo eu passei em Clifton? Se ele saía para cavalgar toda manhã? Se eu alguma vez já me confiei em um faetonte? E uma multitude de outros inquéritos, todos tentando descobrir se eu era honrada com muito da atenção de sua Senhoria e todos feitos com sua usual liberdade e impetuosidade.

Felizmente, como eu muito desejava me retirar cedo, Lady Louisa fez questão de ser a primeira a deixar o salão, e, portanto, chegamos em casa em muito tolerável tempo.

A recepção de Lord Orville a nós foi séria e fria: longe de distinguir-me, como de costume, com particulares civilidades, a própria Lady Louisa não poderia haver-me visto entrar na sala com mais frígida

despreocupação, nem haver mais escrupulosamente evitado honrar-me com qualquer nota. Mas principalmente eu estava espantada de ver, que ele permitiu que Sir Clement, que ficou para a ceia, sentasse-se entre nós, sem qualquer esforço de impedi-lo, embora até então, ele havia parecido ser até tenaz de um assento ao lado do meu.

Esta pequena circunstância afetou-me mais que eu possa expressar; ainda assim esforcei-me para regozijar com isso, já que a negligência e a indiferença dele podem ser minhas melhores amigas. Mas, ai de mim! Tão repentinamente, tão abruptamente abandonar a atenção dele! Perder sua amizade! Oh, Senhor, estes pensamentos perfuravam minha alma! Mal pude manter meu assento; posto que nem todos os meus esforços poderiam conter as lágrimas de gotejarem por minhas bochechas: contudo, já que Lord Orville não as viu, posto que a cabeça de Sir Clement estava constantemente entre nós, tentei coletar meus ânimos e obtive sucesso a ponto de conseguir manter meu assento com decência, até que Sir Clement se retirou; e então, não ousando confiar meus olhos a encontrar aqueles de Lord Orville, me retirei.

Tenho estado escrevendo desde então; posto que, certa de que eu não podia dormir, não iria para a cama. Conte-me, meu mais caro Senhor, se o senhor puder, conte-me que o senhor aprova minha mudança de conduta — conte-me que meu alterado comportamento com Lord Orville está certo — que voar longe de sua sociedade e evitar suas civilidades, são ações que o senhor haveria ditado. Conte-me isto, e os sacrifícios que tenho feito confortar-me-ão em meio a meu arrependimento — posto que nunca, nunca posso eu cessar de me arrepender que tenha perdido a amizade de Lord Orville! Oh, Senhor, tenha menosprezado — tenha rejeitado — tenha jogado-a fora! Não importa, foi uma honra que não mereci preservar; e agora vejo, que minha mente estava desigual a sustentá-la sem perigo.

Ainda assim tão forte é o desejo que o senhor tem implantado em mim para agir com retidão e propriedade, que, embora a fraqueza de meu coração possa angustiar e afligir-me, ela nunca irá, humildemente confio, render-me deliberadamente culpável. O desejo de fazer o bem governa cada outro, tanto quanto concerne minha conduta — posto que não sou sua filha? A criatura de sua própria formação! Ainda assim, Oh Senhor, amigo, pai, de meu coração! Meus sentimentos estão todos em guerra com

meus deveres! E, enquanto eu mais luto para adquirir autoaprovação, minha paz, minha felicidade, minhas esperanças — estão perdidas!

É apenas o senhor que pode compor uma mente tão cruelmente agitada: o senhor, bem sei, pode sentir piedade pela fraqueza à qual o senhor seja um estranho; e, embora o senhor culpe a aflição, ameniza e conforta o aflito.

CARTA XII

MR. VILLARS A EVELINA

Berry Hill, 3 De Outubro.

Sua última comunicação, minha mais cara criança, é de fato espantosa; que uma reconhecida filha e herdeira de Sir John Belmont deva estar em Bristol, e ainda minha Evelina carregar o nome de Anville, é a mim inexplicável; ainda assim o mistério da carta a Lady Howard preparou-me para esperar algo extraordinário sobre o retorno de Sir John Belmont à Inglaterra.

Quem quer que esta jovem dama seja, é certo que ela agora toma um lugar ao qual você tem um indisputável direito. De um pós-casamento nunca ouvi; ainda assim, supondo que tal tenha ocorrido, Miss Evelyn era certamente a primeira esposa, e, portanto, sua filha deve, pelo menos, ter direito ao nome de Belmont.

Ou há circunstâncias neste assunto no momento absolutamente incompreensíveis, ou então alguma estranha e mais atroz fraude tem sido praticada; qual destas duas é o caso que agora convinha a nós inquirir.

Minha relutância a este passo dá vazão a minha convicção da propriedade desta, já que a reputação de sua querida e muito machucada mãe deve agora ser inteira esclarecida de mácula, ou receber seu final e indelével golpe.

A pública aparição de uma filha de Sir John Belmont reviverá a lembrança da história de Miss Evelyn a todos que a têm ouvido — quem a mãe era, será universalmente exigido saber — e se qualquer outra Lady Belmont deva ser nomeada, o nascimento de minha Evelina receberá um estigma, contra o qual, honra, verdade e inocência possam parecer em vão! Um estigma, que irá eternamente dinamitar a justa fama de sua virtuosa mãe, e lançar sobre sua inocente pessoa o ódio de um título, que nem toda sua pureza possa resgatar de estabelecidas vergonha e desonra!

Não, minha cara criança, não; não permitirei calmamente que as cinzas de sua mãe sejam tratadas com ignomínia! Seu imaculado caráter

deverá ser justificado ao mundo — seu casamento há de ser reconhecido e sua criança há de carregar o nome ao qual ela tem direito por lei.

É verdade, que Mrs. Mirvan conduziria este assunto com mais delicadeza que Mrs. Selwyn; ainda assim, talvez, para poupar tempo, é de todas as considerações mais importantes, já que quanto mais tempo este mistério é permitido prosseguir, mais difícil será formar sua explicação. Quanto mais cedo, portanto, você puder partir para a cidade, menos formidável será sua tarefa.

Não permita que sua timidez, meu caro amor, deprima seus espíritos: hei, de fato, de tremer por você em um encontro tão singular e tão afetante, ainda assim não pode haver dúvidas do sucesso de sua solicitação. Anexo uma carta de sua infeliz mãe, escrita, e reservada propositadamente para esta ocasião: Mrs. Clinton também, que a acompanhou em sua última doença, deve acompanhar-lhe à cidade. Mas, sem qualquer outra certidão de seu nascimento, que aquela que você carrega em seu semblante, como não pôde ser afetada por artifício, então não pode admitir dúvida.

E agora, minha Evelina, comprometida finalmente ao cuidado de seu real pai, receba as ferventes preces, desejos e bênçãos, daquele que tão carinhosamente lhe adotou!

Possas tu, Ó criança de meu seio! Possas tu, nesta mudança de situação, experimentar nenhuma mudança de disposição! Mas receber com humildade e suportar com mansidão a elevação à qual estás erguendo-te! Possam tuas maneiras, linguagem e conduta, todas evidenciar aquela modesta equanimidade e alegre gratidão, que não meramente merece, mas dignifica prosperidade! Possas tu, até os últimos momentos de uma imaculada vida, reter tua genuína simplicidade, tua singeleza de coração, tua sinceridade sem malícia! E possas tu, estranha à ostentação, e superior à insolência, com verdadeira grandeza de alma brilhar adiante conspícua apenas em beneficência!

ARTHUR VILLARS.

CARTA XIII

LADY BELMONT A SIR JOHN BELMONT.

[Anexa à precedente Carta.]

Na firme esperança de que o momento de angústia que se aproxima provará o fim de meus sofrimentos, uma vez mais dirijo-me a Sir John Belmont, em nome da criança, que, se sobreviver à mãe, futuramente será portadora desta carta.

Ainda assim, em que termos — Oh, mais cruel dos homens!, pode a perdida Caroline dirigir-se ao senhor, e não dirigir-se ao senhor em vão? Oh, surdo à voz da compaixão, surdo à fisgada da verdade, surdo a todo laço de honra — diga, em que termos pode a perdida Caroline dirigir-se ao senhor, e não dirigir-se ao senhor em vão!

Devo eu chamá-lo pelo amado, o respeitado título de marido? Não, o senhor o renuncia! O pai de minha filha? Não, o senhor amaldiçoa-o à infâmia! O amante que me resgatou de um casamento forçado? Não, o senhor mesmo tem me traído! O amigo de quem eu esperava socorro e proteção? Não, o senhor tem-me consignado à miséria e destruição!

Oh, endurecido contra toda súplica de justiça, remorso, ou piedade! Como, e em que maneira, posso esperar comover-te? Há um método que eu tenha deixado sem tentativa? Permanece um recurso não ensaiado? Não! Tenho exaurido toda a amargura de reprimenda e drenado cada eclusa de compaixão!

Desesperançosa, e quase desesperada, vinte vezes tenho atirado longe minha pena; mas os sentimentos de uma mãe, uma mãe agonizante pelo destino de sua criança, novamente animando minha coragem, tão frequentemente a tenho eu resumido.

Talvez quando eu não existir mais, quando a medida de minhas desventuras for completa, e a imóvel, silenciosa, a encarecida poeira tiver recebido meus tristes restos — então, talvez, quando acusação não mais for para ser temida, nem detecção a ser receada, a voz da equidade e o choro da natureza possam ser ouvidos.

Ouça, Oh Belmont, os ditados destas! Não reprove sua criança, embora o senhor tenha reprovado a mãe dela. Os males que são passados, talvez, quando demasiado tardio, o senhor pode desejar recordar; a jovem criatura que o senhor tem perseguido, talvez, quando demasiado tardio, o senhor pode arrepender-se de haver destruído; o senhor pode pensar com horror nas decepções que praticou e as dores do remorso podem seguir-me ao túmulo: Oh, Belmont, todo meu ressentimento ameniza-se em piedade só de pensar! O que será de ti, bom Deus, quando, com o olho da penitência, tu revisares tua pretérita conduta!

Ouça, então, a solene, a última abordagem, com a qual a infeliz Caroline irá importunar-te.

Se quando o tempo de tua contrição chegar — posto que há de chegar! — quando o sentido de tua traição há de roubar-te de quase todos os outros, se então teu torturado coração há de suspirar para expiar tua culpa — marca as condições sobre as quais deixo-te meu perdão.

Tu sabes que sou tua esposa! — esclarece, então, ao mundo a reputação que tu tens maculado, e recebe, com tua sucessora por lei, a criança que apresentar-te-á isto, meu pedido de morte!

O mais digno, o mais benevolente, o melhor dos homens, cuja consoladora bondade devo a pouca tranquilidade que tenho sido capaz de preservar, tem comprometido a fé dele, que, sobre nenhuma outra condição, ele irá se separar de seu indefeso encargo.

Deverias tu, nas características desta desertada inocente, delinear a semelhança da desgraçada Caroline — deva sua face carregar as marcas de seu nascimento, e reviver em tua memória a imagem da mãe, não irás tu, Belmont, não irás tu portanto renunciá-la? Oh, filha de minha mais carinhosa afeição! Por quem já experimento toda a ternura de piedade materna! Não parece com tua infortunada mãe — com receio de que o pai, quem a mão da morte possa poupar, deva ser arrebatada de ti pelos mais cruéis meios de antinatural antipatia!

Não posso escrever mais. O pequeno quinhão de serenidade que tenho dolorosamente adquirido, não suportará o choque das temerosas ideias que se amontoam sobre mim.

Adieu — para sempre!

Ainda assim, Oh! Não devo eu, neste último adeus, que tu não lerás até que toda tempestuosa paixão seja extinta, e o bom jazigo tenha

acolhido todos os meus pesares — não devo eu oferecer ao homem, uma vez tão caro a mim, um raio de consolação àquelas aflições que ele tem em reserva? Permita-me, então, contar-te, que minha piedade em muito excede minha indignação — que rezarei por ti em meus últimos momentos, e que a lembrança do amor que um dia ergui por ti, deverá engolir todas as outras!

Uma vez mais, *adieu*!

CAROLINE BELMONT.

CARTA XIV

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Clifton, 3 De Outubro.

Esta manhã vi de minha janela que Lord Orville estava caminhando no jardim; mas, eu não desceria as escadas até que o desjejum estivesse pronto: e então, ele prestou-me seus cumprimentos quase tão friamente quanto Lady Louisa prestou os dela.

Tomei meu costumeiro lugar, e Mrs. Beaumont, Lady Louisa e Mrs. Selwyn, entraram em sua usual conversação. Não tanto sua Evelina: desconsiderada, silenciosa, e melancólica, ela sentou-se como uma cifra, que, a ninguém pertencendo, por ninguém foi notada.

Mal tolerando tal situação e incapaz de suportar a negligência de Lord Orville, no momento em que o desjejum terminou deixei a sala, e estava subindo as escadas; quando, muito desagradavelmente, fui interrompida por Sir Clement Willoughby, que, voando corredor adentro, evitou que eu prosseguisse.

Ele inquiriu muito particularmente sobre minha saúde e suplicou-me que eu retornasse ao salão. Indispostamente, consenti, mas pensei qualquer coisa preferível a continuar sozinha com ele; e ele nem me deixaria, nem me permitiria passar. Ainda assim, ao retornar, não me senti pouco envergonhada em parecer dessa forma tomar a visita de Sir Clement para mim mesma. E, de fato, ele se esforçou, por sua maneira de dirigir-se a mim, para dar este ar.

Ele ficou, creio eu, uma hora; nem iria ele, talvez, até então haver ido embora, não houvesse Mrs. Beaumont separado a comitiva, propondo uma saída em seu coche. Lady Louisa consentiu em acompanhá-la; mas Mrs. Selwyn, quando solicitada, disse, “Se meu Lord, ou Sir Clement, juntarem-se a nós, devo ser feliz em acompanhar-lhes; mas realmente um trio de mulheres terá nervos ao último grau.”

Sir Clement prontamente concordou em acompanhá-las; de fato, ele faz de um evidente estudo cortejar o favor de Mrs. Beaumont. Lord Orville se dispensou de sair; e eu me recolhi a meu próprio quarto. O que ele fez

consigo mesmo não sei, posto que não desci até que o jantar estivesse pronto: a frieza dele, embora minha própria mudança de comportamento houvesse-a ocasionado, tão cruelmente deprime meus ânimos, que não sei como suportar-me em presença dele.

Ao jantar, vi que Sir Clement novamente fazia parte da comitiva. De fato, ele maneja tudo de seu próprio jeito; posto que Mrs. Beaumont, embora de modo algum fácil de agradar, parece bastante à disposição dele.

O jantar, a tarde, e a noite, foram para mim o mais fastidioso imaginável: fui atormentada pela assiduidade de Sir Clement, que não apenas tomou, mas criou oportunidades para falar comigo — e fiquei magoada — Oh, quão indizivelmente magoada!, que Lord Orville não apenas absteve-se, como até então, de buscar, ele até negligenciou todas as ocasiões de falar comigo!

Começo a pensar, meu caro Senhor, que a repentina alteração em meu comportamento foi mal julgada e imprópria; posto que, como eu não havia recebido ofensa, como a causa da mudança foi sobre minha conta, não dele, eu não deveria haver assumido, tão abruptamente, uma reserva para qual ousei assinalar nenhuma razão — nem haver esquivado-me de sua presença tão obviamente, sem considerar a estranha aparência de tal conduta.

Ai de mim, meu mais caro Senhor, que minhas reflexões devam sempre ser demasiado tardias para servirem-me! Caramente, de fato, persigo experiência! E muito, temo eu, devo sofrer ainda mais severamente, da precipitada indiscrição de meu temperamento, antes que eu consiga que prudência e consideração, que, antevendo distantes consequências, possam ditar e dirigir em presentes exigências.

4 De Outubro.

Ontem de manhã todos saíram, exceto Mrs. Selwyn e eu mesma; e nós duas sentamos por algum tempo juntas no quarto dela; mas, tão logo quanto pude, a deixei, para deambular no jardim; posto que ela se diverte tão impetuosamente em galhofar-me, ou sobre minha seriedade, ou concernindo Lord Orville — que temo ter qualquer conversação com ela.

Aqui creio que passei uma hora sozinha; quando, ouvindo o portão do jardim se abrir, entrei em um caramanchão ao fim de uma longa rota, onde, ruminando, muito desagradavelmente, sobre meus futuros

prospectos, permaneci calmamente sentada senão poucos minutos, antes que fosse interrompida pela aparição de Sir Clement Willoughby.

Sobressaltei-me; e haveria deixado o caramanchão, mas ele me impediu. De fato, estou quase certa de que ele havia ouvido na casa onde eu estava, já que não é, de outra forma, provável que ele houvesse andado por todo o jardim sozinho.

"Pare, pare," gritou ele, "mais adorável e mais amada das mulheres, pare e ouça-me!"

Então, fazendo-me manter meu lugar, ele sentou a meu lado e haveria tomado minha mão, mas a puxei, e disse que não podia ficar.

"Pode a senhorita, então," gritou ele, "recusar-me a menor gratificação, embora, senão ontem, quase sofri martírio pelo prazer de lhe ver?"

"Martírio! Sir Clement."

"Sim, bela insensível! Martírio: posto que não me compeli a ser enclausurado em uma carruagem, a tediosa duração de uma manhã inteira, com as três mais fatigantes mulheres na Inglaterra?"

"Por minha palavra, as damas são muito agradadas com o senhor."

"Oh," respondeu ele, "elas têm, cada uma delas, tão copioso quinhão de sua própria estima pessoal, que não têm direito de queixar-se com a falha disso no mundo; e, de fato, elas mesmas serão as últimas a descobrirem."

"Quão pouco," gritei, "estão aquelas damas cientes de tal severidade do senhor!"

"Elas estão protegidas," respondeu ele, "tão felizmente e tão seguramente por suas próprias presunções, que não estão cientes disso por ninguém. Oh, Miss Anville, ser arrancado da senhorita, a fim de ser trancado com elas — há um humano, além de sua cruel pessoa, que poderia evitar apiedar-se de mim?"

"Creio, Sir Clement, que qualquer difícil forma que o senhor possa escolher julgá-las, sua situação, pelo mundo em geral, haveria mais sido invejada que apiedada."

"O mundo em geral," respondeu ele, "tem a mesma opinião delas que eu mesmo tenho: de Mrs. Beaumont riem em todos os lugares, Lady Louisa ridicularizada e Mrs. Selwyn odiada."

"Bom Deus, Sir Clement, que cruel força de palavras o senhor usa!"

“É a senhorita, meu anjo, que tem culpa, já que suas perfeições têm tornado as falhas delas tão flagrantes. Protesto à senhorita, durante todo nosso passeio, eu pensava que a carruagem estivesse sendo puxada por caracóis. O absurdo orgulho de Mrs. Beaumont, e o respeito que ela exige, são de uma vez só insuportáveis e estupefacientes; houvesse eu nunca antes havido estado em sua companhia, deveria haver concluído que esta havia sido a primeira saída dela de dentro do gabinete do arauto — e desejaria a ela nada pior, além de que fosse também a última. Asseguro-lhe, que senão por ganhar a liberdade de sua casa, eu voaria longe dela como faria com praga, pestilência, e fome. Mrs. Selwyn, de fato, concedeu algum alívo desta formalidade, mas a irrestrita licença de sua língua —”

“Ó, Sir Clement, o senhor objeta a isso?”

“Sim, minha doce repressora, em uma mulher o faço; em uma mulher considero intolerável. Ela tem perspicácia, reconheço, e mais entendimento que metade de seu sexo junto; mas ela mantém viva uma perpétua expectativa de sátira, que espalha um desconforto geral entre todos que estão em sua presença; e ela fala tanto, que até as melhores coisas que ela diz enfadam a atenção. Quanto à pequena Louisa, ela é um pedacinho bonito de langor, que é quase cruel falar racionalmente sobre ela — ou então eu deveria dizer, ela é um pequeno composto de afetação, impertinência e ares.”

“Estou bastante impressionada,” disse eu, “que, com tais opiniões, o senhor possa se comportar com elas com tanta atenção e civilidade.”

“Civilidade! Meu anjo, ora eu poderia venerá-las, poderia adorá-las, apenas para obter para mim mesmo um momento de sua conversação! A senhorita não me viu prestar minha corte ao grosseiro Capitão Mirvan, e à megera Madame Duval? Fora possível que uma criatura tão horrível pudesse ser formada, a ponto de partilhar das piores qualidades de todos estes caráteres — uma criatura que deveria ter a altivez de Mrs. Beaumont, a brutalidade de Capitão Mirvan, o autoconceito de Mrs. Selwyn, a afetação de Lady Louisa, e a vulgaridade de Madame Duval — até a tal monstro como aquele eu prestaria respeito, e despejaria adulação, apenas para obter uma palavra, um olhar de minha adorada Miss Anville!”

“Sir Clement,” disse eu, “o senhor está grandemente equivocado se pensa que esta duplicidade de caráter lhe recomenda à minha boa opinião.

Mas devo tomar esta oportunidade para lhe implorar que nunca mais fale comigo desta forma."

"Oh, Miss Anville, suas censuras, sua frieza, perfuram-me até a alma! Olhe para mim com menos rigor, e faça de mim o que lhe agrada; a senhorita há de governar e dirigir todas as minhas ações — a senhorita há de me reformar, me remodelar: não terei sequer um desejo senão o de sua sugestão; apenas permita-se olhar para mim com piedade — se não com favor!"

"Permita-me, Senhor," disse eu, muito gravemente, "fazer uso desta ocasião para pôr uma conclusão final a tais expressões. Suplico-lhe que nunca mais se dirija a mim em uma linguagem tão volúvel e tão indesejável. O senhor já tem me dado grande desconforto; e devo francamente lhe assegurar, que se o senhor não deseja banir-me de onde quer que o senhor esteja, adotará um muito diferente estilo e conduta no futuro."

Então me levantei, e estava saindo, mas ele se atirou a meus pés para impedir-me, exlamando, em uma mais apaixonada maneira: "Bom Deus! Miss Anville, o que a senhorita diz? É verdade, pode ser possível, que, tão impassível, que, com tão petrificante indiferença, a senhorita possa-me arrancar até a mais remota esperança?"

"Não sei, Senhor," disse eu, esforçando-me para desengajar-me dele, "a que esperança o senhor se refere, mas estou certa de que nunca pretendi dar-lhe qualquer uma."

"A senhorita me distrai," gritou ele, "não posso suportar tal escárnio; lhe imploro que tenha alguma moderação em sua crueldade, para que não me torne desesperado: diga, então, que a senhorita se apieda de mim — Ó mais bela inexorável! Mais adorável tirana! Diga, conte-me, pelo menos, que a senhorita se apieda de mim!"

Logo então, quem deveria ficar à vista, como se pretendendo passar pelo caramanchão, senão Lord Orville! Bom Deus, como me sobressaltei! E ele, no momento em que me viu, ficou pálido, e estava rapidamente se retirando; mas gritei "Lord Orville! — Sir Clement, liberte-me — solte a minha mão!"

Sir Clement, em alguma confusão, repentinamente se levantou, mas ainda agarrava minha mão. Lord Orville, que havia se virado, estava novamente indo embora; mas, ainda lutando para me desengajar, gritei:

“Rogo, rogo, meu Lord, não vá! — Sir Clement, insisto que o senhor me liberte!”

Lord Orville, então, apressadamente se aproximando de nós, disse, com grande ânimo: “Sir Clement, o senhor não pode desejar deter Miss Anville à força!”

“Nem, meu Lord,” gritou Sir Clement, orgulhosamente, “solicito a honra da interferência de sua Senhoria.”

Contudo, ele soltou minha mão, e imediatamente corri para dentro da casa.

Eu agora estava assustada até a morte, com receio de que o orgulho mortificado de sir Clement pudesse provocá-lo a afrontar Lord Orville. Eu, portanto, corri apressadamente a Mrs. Selwyn, e supliquei a ela, em uma maneira pouco a ser entendida, para caminhar até o caramanchão. Ela não fez perguntas, posto que ela é rápida como um raio para tomar uma deixa, mas imediatamente correu ao jardim.

Imagine, meu caro Senhor, quão desgraçada eu devo estar até que a vi retornar! Mal pude me conter em correr de volta: contudo, examinei minha impaciência, e esperei, embora em agonias, até que ela viesse.

E agora, meu caro Senhor, tenho uma conversação a escrever, a mais interessante a mim que já ouvi. Os comentários e perguntas com os quais Mrs. Selwyn interrompeu seu relato não devo mencionar; posto que eles são tais como o senhor pode facilmente supor.

Lord Orville e Sir Clement estavam sentados muito calmamente no caramanchão e Mrs. Selwyn, permanecendo parada, tão logo ela estava a poucas jardas deles, ouviu Sir Clement dizer: “Sua pergunta, meu Lord, me alarma, e não posso de modo algum respondê-la, a menos que o senhor permita-me propor outra.”

“Indubitavelmente, Senhor.”

“O senhor me pergunta, meu Lord, quais são minhas intenções? Eu deveria ser muito feliz de ser informado quanto às de sua Senhoria.”

“Nunca professei qualquer uma, Senhor.”

Aqui permaneceram ambos, por poucos momentos, em silêncio; e então Sir Clement disse: “A que, meu Lord, devo eu imputar seu desejo de saber as minhas?”

“A um sincero interesse no bem-estar de Miss Anville.”

“Tal interesse,” disse Sir Clement, secamente, “é de fato muito generoso; mas, exceto em um pai, um irmão, ou um amante —”

“Sir Clement,” interrompeu sua Senhoria, “conheço sua inferência; e reconheço que não tenho o direito de inquirir o que quaisquer desses três títulos conferem; e ainda assim confesso os mais calorosos desejos de servi-la e de vê-la feliz. O senhor, então, me perdoará, se eu tomar a liberdade de repetir minha pergunta?”

“Sim, se sua Senhoria perdoar minha repetição, que a penso bastante extraordinária.”

“Talvez seja,” disse Lord Orville; “mas esta jovem dama parece estar particularmente situada; ela é muito jovem, muito inexperiente, ainda assim parece ser deixada totalmente à sua própria direção. Ela não vê, creio eu, os perigos aos quais está exposta e confessarei ao senhor, sinto um forte desejo de apontá-los.”

“Não entendo corretamente sua Senhoria — mas penso que o senhor não pretenda prejudicá-la contra mim?”

“Os sentimentos dela pelo senhor são tão desconhecidos a mim, Senhor, quanto suas intenções quanto a ela. Talvez, fosse eu familiarizado com um dos dois, minha oficiosidade pudesse vir a um fim: mas, presumo não perguntar sobre quais termos —”

Aqui ele parou; e Sir Clement disse: “Sabe, meu Lord, não sou dado a desespero; não sou de modo algum tão inocente a ponto de lhe dizer que estou sobre chão certo; contudo, perseverança —”

“O senhor está, então, determinado a perseverar?”

“Estou, meu Lord.”

“Perdoe-me, então, Sir Clement, se eu falo ao senhor com liberdade. Esta jovem dama, embora pareça sozinha, e, em alguma medida, desprotegida, não está inteiramente sem amigos; ela tem sido extremamente bem-educada e acostumada a boa companhia; ela tem um amor natural por virtude e uma mente que pode adornar qualquer estação, embora exaltada: é tal jovem dama, Sir Clement, um objeto próprio com o qual galhofar? Posto que seus princípios, perdoe-me, Senhor, são bem conhecidos.”

“Quanto a isso, meu Lord, deixe Miss Anville olhar por si mesma; ela tem um excelente entendimento, e não precisa de conselheiro.”

“O entendimento dela é de fato excelente; mas ela é muito jovem para suspeição, e tem uma disposição sem malícia que nunca vi igual.”

“Meu Lord,” disse Sir Clement, calorosamente, “seus louvores fazem-se duvidar de seu desinteresse, e não existe um homem, que eu tão indispostamente teria por rival como o senhor. Mas o senhor deve dar-me licença para dizer, o senhor tem me enganado grandemente a respeito deste assunto.”

“De que forma, Senhor?” gritou Lord Orville, com igual calor.

“Agradava-lhe, meu Lord,” respondeu Sir Clement desdenhando, “sobre nossa primeira conversa concernindo esta jovem dama, falar dela em termos de modo algum apropriados a seus presentes louvores; o senhor disse que ela era uma pobre, fraca, ignorante garota, e eu tinha grande razão para crer que o senhor possuísse uma opinião mais desdenhosa dela.”

“É bem verdade,” disse Lord Orville, “que eu não, em nosso primeiro contato, fiz justiça aos méritos de Miss Anville; mas eu não sabia então quão nova ela era ao mundo; no momento, contudo, estou convencido, que o que quer que possa parecer estranho no comportamento dela, era simplesmente o efeito de inexperiência, timidez e uma educação recolhida; posto que a vejo informada, sensível e inteligente. Ela não é, de fato, como a maioria das jovens damas modernas, a serem conhecidas em meia hora: o valor de sua modéstia, e temerosa excelência, requerem tanto tempo e encorajamento para mostrarem-se. Ela não apanha, linda como é, a alma por surpresa, mas, com mais perigosa fascinação, ela a rouba quase imperceptivelmente.”

“Basta, meu Lord,” gritou Sir Clement, “sua solicitude pelo bem-estar dela está agora suficientemente explanada.”

“Minha amizade e estima,” respondeu Lord Orville, “não desejo disfarçar; mas assegure-se, Sir Clement, eu não deveria haver-lhe incomodado sobre este assunto, houvesse Miss Anville e eu apenas conversado senão como amigos. Contudo, já que o senhor não escolhe reconhecer suas intenções, devemos largar o assunto.”

“Minhas intenções,” gritou ele, “francamente confessarei, são mal conhecidas a mim mesmo. Penso Miss Anville a mais adorável de seu sexo; e, fosse eu um homem a casar, ela, de todas as mulheres que já vi, seria escolhida por esposa: mas creio que nem a filosofia de sua Senhoria

recomendar-me-ia a uma conexão desse tipo, com uma moça de nascimento obscuro, cujo único dote é sua beleza, e que está evidentemente em um estado de dependência."

"Sir Clement," gritou Lord Orville, com algum calor, "não mais discutiremos este assunto; somos ambos livres agentes e devemos agir por nós mesmos."

Aqui Mrs. Selwyn, temendo uma surpresa, e vendo que minhas apreensões de perigo eram infundadas, retirou-se apressadamente por outra trilha, e logo depois veio para dar-me este relato.

Bom Deus, que homem é este Sir Clement! Tão artificioso, embora tão fácil; tão deliberadamente malicioso, embora tão volúvel! Grandemente, contudo, está ele equivocado, todo confiante como parece; posto que a garota, obscura, pobre, dependente como ela é, longe de desejar a honra da aliança dele, iria não apenas agora, mas sempre havê-la rejeitado.

Quanto a Lord Orville — mas não confiarei minha pena a mencioná-lo — conte-me, meu caro senhor, o que o senhor pensa dele? Conte-me se ele não é o mais nobre dos homens? Se o senhor não pode ou imaginar, ou culpar minha admiração?

A ideia de ser vista imediatamente por qualquer uma das partes, após tão singular conversação, era tanto desconcertante quanto angustiante para mim; mas eu era obrigada a aparecer no jantar. Sir Clement, vi, estava ausente e inquieto; ele me observava, ele observava Lord Orville, e estava evidentemente perturbado em sua mente. Sempre que ele falava comigo, eu virava-me contra ele com evidente desdém, posto que estou muito irritada com ele, para suportar suas mal intencionadas assiduidades por mais tempo.

Mas, não uma vez — nem um momento, ousei encontrar os olhos de Lord Orville! Toda consciência eu mesma, temi a penetração dos dele; portanto, dirigi meus a todo caminho — menos no rumo dele. O resto do dia não deixei Mrs. Selwyn.

Adieu, meu caro Senhor: amanhã espero suas instruções, se estou para retornar a Berry Hill, ou mais uma vez visitar Londres.

CARTA XV

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

6 De Outubro.

E agora, meu mais caro Senhor, se a perturbação de meus ânimos permitirem-me, terminarei minha última carta de Clifton Hill. Esta manhã, embora eu não tenha descido as escadas cedo, Lord Orville foi a última pessoa no salão quando o adentrei. Não senti pouca confusão ao vê-lo sozinho, após haver por tanto tempo e com sucesso evitado tal encontro. Tão logo os usuais cumprimentos terminaram, eu haveria deixado o cômodo, mas ele me parou dizendo: "Se lhe perturbo, Miss Anville, vou embora."

"Meu Lord," disse eu, bastante envergonhada, "eu não pretendia ficar."

"Eu me lisonjeei," disse ele, "que pudesse ter a conversa de um momento com a senhorita."

Então voltei; e ele mesmo pareceu em algum grau de perplexidade: mas, após uma curta pausa: "A senhorita é muito boa," disse ele, "de indulgir meu pedido; tenho, de fato, por algum tempo, mais ardentemente desejado uma oportunidade de falar com a senhorita."

Novamente ele pausou; mas eu nada disse, então ele continuou.

"A senhorita me permitiu, Madame, já há alguns dias, a senhorita me permitiu reivindicar sua amizade — interessar-me em seus assuntos, chamar-lhe pelo afetuoso título de irmã; e a honra que a senhorita me fez, a ela nenhum homem poderia haver sido mais sensível; sou ignorante, portanto, de como tenho sido tão infortunado a ponto de perdê-la; mas, no momento, tudo está mudado! A senhorita foge de mim — seus desviados olhos esquivam-se de encontrar os meus, e a senhorita diligentemente evita minha conversação.

Eu estava extremamente desconcertada com esta séria, e senão demasiado justa acusação, e estou certa de que devo parecer muito simples; mas não dei resposta.

“A senhorita não irá, espero eu,” continuou ele, “condenar-me sem me ouvir; se há qualquer coisa que eu tenha feito — ou qualquer coisa que eu tenha negligenciado, conte-me, lhe suplico, o que, e será o completo estudo de meus pensamentos como merecer seu perdão.”

“Oh, meu Lord,” gritei eu, penetrada de uma vez só com vergonha e gratidão, “sua demasiado, demasiado grande polidez me oprime! O senhor nada tem feito — nunca sonhei com ofensa — se há qualquer perdão a ser pedido é mais por mim, que pelo senhor pedi-lo.”

“A senhorita é toda doçura e condescendência!” disse ele, “e eu me lisonjeio que a senhorita irá novamente permitir-me reclamar aqueles títulos aos quais descubro-me tão incapaz de renunciar. Ainda assim, ocupado como estou, com uma ideia que me dá o maior desconforto, espero que a senhorita não me pense impertinente, se eu ainda solicitar, ainda rogar, melhor ainda implorar, que a senhorita me diga, a que causa sua última repentina, e a mim mais dolorosa, reserva era devida?”

“De fato, meu Lord,” disse eu, gaguejando, “eu não — não posso, de fato, meu Lord —”

“Lamento angustiá-la,” disse ele, “e envergonho-me de ser tão urgente — ainda assim não sei como estar satisfeito enquanto em ignorância, e o tempo quando a mudança aconteceu, faz-me apreender — posso, Miss Anville, contar-lhe o que me faz apreender?”

“Certamente, meu Lord.”

“Conte-me, então — e perdoe uma pergunta mais essencialmente importante para mim; teve, ou não teve, Sir Clement Willoughby qualquer parte na causa de sua inquietude?”

“Não, meu Lord,” respondi eu, com firmeza, “nenhuma no mundo.”

“Mil, mil obrigados!” disse ele: “a senhorita aliviou-me de um peso de conjectura que suportei muito dolorosamente. Mas uma coisa mais; é a Sir Clement, em qualquer medida, que posso atribuir a alteração em seu comportamento a mim mesmo, que, não pude deixar de observar, começou no mesmo dia após a chegada dele em Hot Wells?”

“A Sir Clement, meu Lord,” disse eu, “atribua nada. Ele é o último homem no mundo que teria qualquer influência sobre minha conduta.”

“E a senhorita irá, então, restaurar a mim aquele quinhão de confiança e favor com os quais me honrou antes que ele viesse?”

Logo então, para meu grande alívio — posto que eu não sabia o que dizer — Mrs. Beaumont abriu a porta, e em poucos minutos, fomos ao desjejum.

Lord Orville era todo alegria; nunca eu o vi mais vivaz ou mais agradável. Muito logo depois, Sir Clement Willoughby apareceu, para prestar seus respeitos a Mrs. Beaumont. Então entrei em meu próprio quarto, onde, indulgindo minhas reflexões, que, agora amenizadas, e agora me alarmavam, permaneci muito calmamente, até que eu recebesse sua mais bondosa carta.

Oh, Senhor, quão doce são preces que o senhor oferece a sua Evelina! Quão gratas a ela são as bênçãos que o senhor despeja sobre a cabeça dela! O senhor me compromete a meu real pai — Ah, Guardião, Amigo, Protetor de minha juventude — por quem minha indefesa infância foi acalentada, minha mente formada, minha própria vida preservada — o senhor é o Pai que meu coração reconhece, e ao senhor voto meu eterno dever, gratidão e afeição!

Anseio pela entrevista que se aproxima com mais medo que esperança; mas, importante como é este assunto, estou agora totalmente absorta em outro, que devo apressar-me para comunicar.

Imediatamente familiarizei Mrs. Selwyn com o propósito de sua carta. Ela ficou encantada em descobrir que sua opinião concordava com a dela própria, e estabeleceu que deveríamos ir à cidade amanhã de manhã: e uma biga foi já ordenada para estar aqui à uma hora.

Ela então desejou que eu empacotasse minhas roupas; e disse que ela mesma deve ir fazer discursos e inventar mentiras para Mrs. Beaumont.

Quando desci as escadas para jantar, Lord Orville, que estava ainda em excelentes ânimos, repreendeu-me por ter me apartado tanto da companhia. Ele sentou a meu lado — ele sentar-se-ia a meu lado — à mesa; e ele deve, estou certa, repetir o que uma vez disse de mim antes, que ele quase se exauriu em infrutíferos esforços para entreter-me; posto que, de fato, eu não estava para ser entretida: eu estava totalmente sem ânimos e abatida; a ideia do encontro que se aproxima — Oh, Senhor, a ideia da separação que se aproxima — deu um peso a meu coração que eu não podia conquistar ou reprimir. Até me arrependi da meia explanação que havia se passado, e desejei que Lord Orville houvesse suportado sua própria reserva, e permitido-me suportar a minha.

Contudo, quando, durante o jantar, Mrs. Beaumont falou de nossa jornada, minha seriedade não mais era singular; uma nuvem imediatamente espalhou-se pelo semblante de Lord Orville, e ele se tornou quase tão pensativo e silencioso quanto eu mesma.

Todos fomos juntos à sala de visitas. Após uma curta e desinteressante conversação, Mrs. Selwyn disse que ela deveria se preparar para sua jornada, e implorou-me para procurar alguns livros que ela havia deixado no salão.

E aqui, enquanto eu procurava por eles, fui seguida por Lord Orville. Ele fechou a porta após haver entrado, e, aproximando-se de mim com um olhar de ansiedade, disse: “É verdade, Miss Anville, que a senhorita está indo?”

“Creio que sim, meu Lord,” disse eu, ainda procurando pelos livros.

“Tão repentinamente, tão inesperadamente devo eu perdê-la?”

“Não é grande perda, meu Lord,” disse eu, esforçando-me para falar animadamente.

“É possível,” disse ele seriamente, “que Miss Anville possa duvidar de minha sinceridade?”

“Não posso imaginar,” falei, “o que Mrs. Selwyn tenha feito com estes livros.”

“Quiseram os Céus,” continuou ele, “que eu pudesse lisonjear-me com sua permissão para prová-la!”

“Devo correr ao andar de cima,” gritei eu, grandemente confusa, “e perguntar o que ela tem feito com eles.”

“A senhorita está indo, então,” gritou ele, tomando minha mão, “e não me dá a menor esperança de seu retorno! A senhorita não irá, então, minha demasiado adorável amiga! A senhorita não irá, pelo menos, ensinar-me, com fortitude como a sua própria, a suportar sua ausência?”

“Meu Lord,” supliquei eu, esforçando-me para desengajar minha mão, “rogo que me solte!”

“Soltarei,” disse ele, para minha indizível confusão, caindo em um joelho, “se a senhorita desejar deixar-me!”

“Ó, meu Lord,” exclamei eu, “levante-se, lhe suplico, levante-se! Tal postura apenas para mim! Certamente sua Senhoria não é tão cruel a ponto de zombar de mim!”

“Zombar da senhorita?” repetiu ele avidamente, “não, eu a reverencio! Estimo e admiro a senhorita sobre todos os seres humanos! A senhorita é a amiga a quem minha alma está ligada como fosse sua melhor metade! É a mais amável, a mais perfeita das mulheres! E a senhorita é mais cara a mim que a linguagem tem o poder de contar.”

Tento não descrever minhas sensações naquele momento; eu mal respirava; eu duvidava que eu existisse — o sangue abandonou minhas bochechas, e meus pés recusaram-se a sustentar-me: Lord Orville, apressadamente se levantando, apoiou-me até uma cadeira, sobre a qual afundei, quase sem vida.

Por poucos minutos, nenhum de nós falou; e então, vendo-me recuperar-me, Lord Orville, embora em termos mal articulados, suplicou meu perdão por sua abrupteza. O momento que minha força retornou, tentei levantar, mas ele não me permitiria.

Não posso escrever a cena que se seguiu, embora cada palavra esteja gravada em meu coração; mas os protestos dele, suas expressões, eram muito lisonjeiras para repetição. Nem ele, apesar de meus repetidos esforços para deixá-lo, permitiria-me escapar: em suma, meu caro Senhor, eu não tinha provas contra as solicitações dele — e ele tirou de mim o mais sagrado segredo de meu coração!

Não sei por quanto tempo ficamos juntos; mas Lord Orville estava sobre seus joelhos, quando a porta foi aberta por Mrs. Selwyn! Contar-lhe, Senhor, a vergonha com a qual fui tomada, seria impossível; arranquei minha mão de Lord Orville — ele, também, assustou-se e levantou, e Mrs. Selwyn, por alguns instantes, permaneceu encarando-nos ambos em silêncio.

Finalmente, “Meu Lord,” disse ela, sarcasticamente, “o senhor tem sido tão bom a ponto de ajudar Miss Anville a procurar por meus livros?”

“Sim, Madame,” respondeu ele, tentando retomar suas forças, “e espero que sejamos logo capazes de encontrá-los.”

“Sua Senhoria é extremamente bondoso,” disse ela, secamente, “mas não posso de modo algum consentir em tomar mais de seu tempo.” Então olhando no assento da janela, ela imediatamente encontrou os livros, e acrescentou: “Vamos, aqui estão apenas três, e bem como os serviçais no Drummer, este importante assunto pode dar ocupação a nós todos.” Ela

então apresentou um deles a Lord Orville, outro a mim, e tomando ela mesma um terceiro, com um olhar mais provocante, ela deixou o salão.

Eu a haveria imediatamente seguido; mas Lord Orville, que não podia evitar rir, implorou-me que ficasse um minuto, já que ele tinha muitos assuntos importantes para discutir.

"Não, de fato, meu Lord, não posso — talvez eu já tenha ficado muito tempo."

"Miss Anville tão logo se arrependeu de sua bondade?"

"Mal sei o que faço, meu Lord — estou bastante aturtida!"

"Conversação de uma hora," disse ele, "irá, espero eu, compor seus ânimos, e confirmar minha felicidade. Quando, então, posso eu esperar ver-lhe sozinha? A senhorita deverá caminhar no jardim amanhã antes do desjejum?"

"Não, não, meu Lord; o senhor não deve, uma segunda vez, reprimir-me marcando um encontro."

"A senhorita então," disse ele, rindo, "reserva essa honra apenas para Mr. Macartney?"

"Mr. Macartney," disse eu, "é pobre, pensa-se obrigado para comigo; de outra forma —"

"Pobreza," bradou ele, "não é pretexto; mas, se ser obrigado para com a senhorita tem qualquer peso, quem deverá disputar meu título a um encontro?"

"Meu Lord, não posso ficar mais — Mrs. Selwyn perderá toda a paciência."

"Não a prive do prazer de suas conjecturas — mas conte-me, a senhorita está sob os cuidados de Mrs. Selwyn?"

"Apenas pelo presente, meu Lord."

"Não poucas são as perguntas que tenho a fazer para Miss Anville: entre elas, a mais importante é, se ela depende inteiramente dela mesma, ou se há qualquer outra pessoa por cujo interesse devo solicitar?"

"Mal sei, meu Lord, mal sei eu mesma a quem mais pertenço."

"Permita, permita-me, então," bradou ele, com calor, "apressar o tempo quando não mais será admitida uma dúvida! Quando seu grato Orville possa chamar-lhe toda para si!"

Finalmente, mas com dificuldade, separei-me dele. Fui, contudo, para meu próprio quarto, posto que eu estava demasiado agitada para

seguir Mrs. Selwyn. Bom Deus, meu caro Senhor, que cena! Certamente o encontro para o qual devo me preparar amanhã não pode tão grandemente me afetar! Ser amada por Lord Orville — ser a honrada escolha de seu nobre coração — minha felicidade parecia muito infinita para ser suportada e chorei, mesmo amargamente chorei, pelo excesso de alegria que sobrepujava-me.

Neste estado de quase dolorosa felicidade continuei até que fosse convocada para o chá. Quando reentrei na sala de visitas, muito regozijei ao encontrá-la cheia de companhia, já que a confusão com a qual encontrei Lord Orville era tornada a menos observável.

Imediatamente após o chá, a maioria da companhia jogava cartas — e então, até a hora do jantar, Lord Orville devotou-se inteiramente a mim.

Ele viu que meus olhos estavam vermelhos, e não me permitiria descansar até que fizesse-me confessar a causa; e quando, embora mais relutantemente, eu havia reconhecido minha fraqueza, pude com dificuldade reprimir chorar novamente com a gratidão que ele expressava.

Ele seriamente desejava saber se minha jornada não poderia ser adiada! E quando eu lhe disse que não, ele suplicou permissão para acompanhar-me à cidade.

“Oh, meu Lord,” gritei eu, “que pedido!”

“Tão logo,” respondeu ele, “eu fizer minha devoção à senhorita em público, tão logo posso esperar, de sua delicadeza, a senhorita convencerá o mundo a não encorajar meros galanteadores.”

“O senhor ensina-me, então, meu Lord, a inferência que posso esperar, se eu consentir.”

“E a senhorita pode imaginar que eu devesse buscar apressar o feliz tempo, quando nenhum escrúpulo, nenhuma descrição demandará nossa separação? E a mais meticulosa delicadeza irá mais promover, que opor, minha felicidade em acompanhá-la?”

A isto mantive meu silêncio e ele reurgiu seu pedido.

“Meu Lord,” disse eu, “o senhor pede o que não tenho poder para conceder. Esta jornada me privará de todo direito de agir por mim mesma.”

“O que Miss Anville quer dizer?”

“Não posso agorar explicar-me, de fato, se eu pudesse, a tarefa seria tanto dolorosa quanto tediosa.”

“Ó, Miss Anville,” implorou ele, “quando posso eu esperar datar o fim deste mistério? Quando lisonjear-me que minha prometida amiga irá de fato honrar-me com sua confiança?”

“Meu Lord,” disse eu, “não pretendi afetar qualquer mistério, mas meus assuntos são tão circunstanciados, que uma longa e mais infeliz história pode sozinha explicá-los. Contudo, se um curto suspense dará a sua Senhoria qualquer desconforto —”

“Minha amada Miss Anville,” gritou ele, ansiosamente, “perdoe minha impaciência! A senhorita não há de contar nada que deseje ocultar — esperarei seu próprio tempo para informação, e confiarei à sua bondade por sua pressa.”

“Não há nada, meu Lord, que eu deseje ocultar — adiar uma explicação é tudo o que desejo.”

Ele então pediu, que, já que eu não o permitiria acompanhar-me à cidade, que eu o permitisse escrever-me, e prometesse responder suas cartas.

Uma repentina lembrança das duas cartas que já se passaram entre nós ocorrendo a mim, apressadamente respondi: “Não, de fato, meu Lord!”

“Lamento extremamente,” disse ele, seriamente, “que a senhorita me pense muito presunçoso. Devo confessar que eu havia me lisonjeado, que, para amenizar a inquietude de uma ausência, que parece acompanhada por tantas inexplicáveis circunstâncias, não haveria sido para incorrer seu desprazer.” Esta seriedade me feriu; e não pude evitar dizer, “O senhor pode de fato desejar, meu Lord, que eu devesse, uma segunda vez, expor-me, por uma prontidão desprotegida, escrever ao senhor?”

“Uma segunda vez! Prontidão desprotegida!” repetiu ele; “a senhorita me espanta!”

“Sua Senhoria então muito esqueceu a tola carta que fui tão imprudente a ponto de enviar ao senhor quando na cidade?”

“Não tenho a menor ideia,” disse ele, “do que a senhorita está a dizer.”

“Ora então, meu Lord,” disse eu, “é melhor que deixemos o assunto de lado.”

“Impossível!” bradou ele, “não posso descansar sem uma explicação!”

E então, ele me obrigou a falar muito abertamente sobre ambas as cartas: mas, meu caro Senhor, imagine minha surpresa, quando ele me assegurou, na mais solene maneira, que, longe de haver algum dia me escrito uma única linha, ele nunca havia recebido, visto, ou ouvido de minha carta!

Este assunto, que causou mútuo espanto e perplexidade a nós dois, inteiramente absorveu-nos pelo resto da noite; e ele me fez prometer mostrar-lhe a carta que eu havia recebido em seu nome amanhã de manhã, para que ele possa esforçar-se para descobrir o autor.

Após o jantar, a conversação tornou-se geral.

E agora, meu mais caro Senhor, não posso pedir suas congratulações sobre os eventos deste dia? Um dia nunca a ser lembrado por mim senão com a mais grata alegria! Sei o quanto o senhor está inclinado a pensar bem de Lord Orville; não posso, portanto, apreender que minha franqueza para com ele irá desagradar o senhor. Talvez o tempo não esteja muito distante, quando a escolha de sua Evelina possa receber a sanção do julgamento e aprovação de seu melhor amigo — que parece agora tudo o que ela tem a desejar!

A respeito da mudança em minha situação que deve primeiro tomar lugar, certamente não posso ser culpada pelo que tem se passado! A parcialidade de Lord Orville não deve apenas refletir honra sobre mim, mas sobre tudo a quem eu faça, ou possa pertencer.

Adieu, mais caro Senhor, escreverei novamente quando chegar em Londres.

CARTA XVI

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Clifton, 7 De Outubro.

O senhor vê, meu caro Senhor, que estive equivocada que não devesse escrever mais deste lugar, onde minha residência agora parece mais incerta que nunca.

Esta manhã, durante o desjejum, Lord Orville tomou uma oportunidade para me implorar, em uma voz baixa, para permitir-lhe a conversação de um momento antes que eu deixasse Clifton; "Posso eu esperar," acrescentou ele, "que a senhorita irá passear pelo jardim após o desjejum?"

Não dei resposta, mas creio que meus olhares não deram negação; posto que, de fato, eu muito desejava ser satisfeita concernindo a carta. O momento, portanto, que eu pude deixar o salão, corri escada acima para buscar meu capuz; mas, antes que eu alcançasse meu quarto, Mrs. Selwyn chamou por mim: "Se você vai caminhar, Miss Anville, seja tão boa de pedir que Jenny traga meu chapéu, e lhe acompanharei."

Muito desconcertada, entrei na sala de visitas, sem dar qualquer resposta, e lá tentei esperar sem ser vista, até que ela se dispusesse de outra forma. Mas, em poucos minutos, a porta abriu, e Sir Clement Willoughby entrou.

Sobressaltando-me com a visão dele, ao levantar rapidamente, deixei cair a carta que havia trazido para inspeção de Lord Orville, e, antes que eu pudesse recuperá-la, Sir Clement, correndo adiante, já a tinha em sua mão. Ele estava apresentando-a a mim, e, ao mesmo tempo, inquirindo por minha saúde, quando a assinatura chamou sua atenção e ele a leu em voz alta: "Orville."

Esforcei-me, avidamente, para arrancá-la dele, mas ele não me permitira; e, segurando-a rápido, em uma apaixonada maneira exclamou: "Bom Deus, Miss Anville, é possível que a senhorita possa valorizar tal carta como esta?"

A pergunta surpreendeu e confundiu-me, e eu estava muito envergonhada para respondê-lo; mas, descobrindo que ele fazia um esforço para segurá-la, eu o impedi, e veementemente exigi-lhe que a devolvesse.

"Conte-me primeiro," disse ele, segurando-a acima de meu alcance, "conte-me se a senhorita tem desde então recebido quaisquer outras cartas da mesma pessoa?"

"Não, de fato," gritei eu, "nunca!"

"E a senhorita prometerá também, mais doce das mulheres, que nunca receberá mais alguma? Diga isso, e a senhorita me fará o mais feliz dos homens."

"Sir Clement," gritei eu, grandemente confusa, "rogo que me dê a carta."

"E a senhorita primeiro não satisfará minhas dúvidas? A senhorita não irá aliviar-me da tortura do mais distrator suspense? Conte-me senão que o detestado Orville tem-lhe escrito não mais!"

"Sir Clement," gritei eu, raivosamente, "o senhor não tem direito de fazer quaisquer condições — então rogo, dê-me a carta diretamente."

"Por que tal solicitude sobre esta odiosa carta? Pode ela merecer sua ansiedade? Conte-me, com verdade, com sinceridade conte-me, ela realmente merece a menor ansiedade?"

"Não importa, Senhor," gritei eu, em grande perplexidade, "a carta é minha, e portanto —"

"Devo concluir, então," disse ele, "que a carta merece seu máximo desprezo — mas que o nome de Orville é suficiente para fazê-la estimá-la."

"Sir Clement," gritei eu, corando, "o senhor é bem — o senhor é muito — a carta não é —"

"Ó, Miss Anville," gritou ele, "a senhorita cora! A senhorita gagueja! Grande Deus! É então tudo como eu temia!"

"Eu não sei," gritei eu, meio assustada, "o que o senhor que dizer; mas lhe suplico que me dê a carta, e que o senhor se recomponha."

"A carta," gritou ele, rangendo os dentes, "a senhorita nunca mais a verá! A senhorita deveria havê-la queimado no momento em que a leu!" E em um instante ele a partiu em mil pedaços.

Alarmada com uma fúria tão indecentemente ultrajante, eu haveria saído do cômodo correndo; mas ele agarrou meu vestido e gritou: “Não ainda, não ainda deve a senhorita ir! Ainda estou senão meio louco e a senhorita deve ficar para terminar seu trabalho. Conte-me, portanto, Orville sabe de sua fatal parcialidade? Diga que sim,” acrescentou ele, tremendo com cólera, “e eu a deixarei para sempre!”

“Pelo amor de Deus, Sir Clement,” gritei eu, “liberte-me! Se o senhor não me soltar, o senhor me forçará a gritar por ajuda.”

“Grite então,” gritou ele, “inexorável e mais insensível garota; grite, se quiser, e tenha todo o mundo testemunhando seu triunfo; mas pudessem dez palavras obedecer sua palavra, eu não me separaria da senhorita até que a senhorita me respondesse. Conte-me, então, Orville sabe que a senhorita o ama?”

Em qualquer outra hora, um inquérito tão grosseiro haveria me dado indizível confusão; mas agora, a selvageria dos modos dele me aterrorizavam, e eu apenas disse: “O que quer que o senhor deseje saber, Sir Clement, contar-lhe-ei em outra hora; mas, pelo momento, lhe suplico que me deixe ir!”

“Basta,” gritou ele, “eu lhe entendo! A arte de Orville prevaleceu: frio, inanimado, fleumático como ele é, a senhorita o tornou o mais invejado dos homens! Uma coisa mais e eu termino: ele se casará com a senhorita?”

Que pergunta! Minhas bochechas brilhavam com indignação, e eu me senti muito orgulhosa para dar qualquer resposta.

“Entendo, entendo como é,” gritou ele, após uma curta pausa, “e vejo que estou desfeito para sempre!” Então, soltando meu vestido, ele levou sua mão à testa, e andou por todo o cômodo em uma agitada maneira.

Embora agora em liberdade para ir, eu não tinha a coragem para deixá-lo: posto que sua evidente perturbação incitava toda minha compaixão. E esta era nossa situação, quando Lady Louisa, Mr. Coverley e Mrs. Beaumont entraram no cômodo.

“Sir Clement Willoughby,” disse a última, “imploro seu perdão por fazer-lhe esperar tanto tempo, mas —”

Ela não teve tempo para outra palavra; Sir Clement, muito angustiado para saber ou se importar com o que ela dizia, agarrou seu

chapéu, e, passando apressadamente por ela, voou escada abaixo e saiu da casa.

E como ele foi minha mais sincera piedade, embora eu seriamente esperasse não vê-lo mais. Mas o que, meu caro Senhor, posso eu concluir destes estranhos discursos concernindo a carta? Não parece como se ele mesmo fosse o autor dela? Como mais poderia ele ser tão bem familiarizado com o desprezo que ela merece? Nem eu conheço outro ser humano que poderia servir qualquer interesse com tal enganação. Lembro-me, também, que assim que eu havia dado a minha própria carta à serviçal, Sir Clement entrou na loja: provavelmente ele prevaleceu sobre ela, por algum suborno, para dar a carta a ele; e depois, pelos mesmos modos, para entregar-me uma resposta de sua própria escrita. De fato não posso de qualquer outra forma concluir este assunto. Oh, Sir Clement, não estivesse o senhor mesmo infeliz, não sei como poderia perdoar um artifício que tenha causado-me tanta angústia!

Sua abrupta partida ocasionou um tipo de consternação geral.

"Muito extraordinário comportamento este!" gritou Mrs. Beaumont.

"Ah meu Deus!" disse Mr. Coverley, "o baronete tem em mente nos dar um toque de heroísmo esta manhã?"

"Declaro," gritou Miss Louisa, "nunca vi nada tão monstruoso em minha vida! É bastante abominável; imagino que o homem esteja louco; estou certa de que ele me deu um chocante susto!"

Logo depois, Mrs. Selwyn subiu as escadas com Lord Merton. A primeira, avançando apressadamente a mim, disse: "Miss Anville, você tem um almanaque?"

"Eu? Não, Madame."

"Quem tem um, então?"

"Ah meu Deus!" gritou Mr. Coverley, "nunca comprei um em minha vida; tornar-me-ia bastante melancólico ter tal conta-tempos em meu bolso. Eu tão logo andaria o dia todo em frente a uma ampulheta."

"O senhor está no seu direito," disse Mrs. Selwyn, "de não contar o tempo, deve ter o receio de ser traído, por descuido, ao refletir como o senhor o emprega."

"Ah meu Deus! Madame," gritou ele, "se o Tempo não pensasse mais sobre mim que o que eu penso sobre o Tempo, creio que eu deveria

lançar desafio, por algum período, a velhice e rugas; que o diabo me carregue, se eu algum dia pensar nisso de modo algum."

"Rogo, Mr. Coverley," disse Mrs. Selwyn, "por que o senhor considera necessário contar-me isto com tanta frequência?"

"Frequência!" repetiu ele; "Oh Deus, Madame, não sei porque falei agora; mas estou certo de que não posso lembrar que já confessei tanto assim antes."

"Confessar antes!" gritou ela, "ora, meu caro Senhor, o senhor confessa isso o dia inteiro; posto que cada palavra, cada olhar, cada ação o proclama."

Não sei se ele entendeu a completa severidade da sátira dela, mas ele apenas respondeu com uma risada: e ela então solicitou Mr. Lovel e perguntou se ele tinha um almanaque.

Mr. Lovel, que sempre parecia alarmado quando ela se dirigia a ele, com alguma hesitação respondeu: "Eu lhe asseguro, Madame, não tenho qualquer maneira de antipatia por um almanaque — nenhuma mesmo, lhe asseguro; ouso dizer que tenho quatro ou cinco."

"Quatro ou cinco? Rogo, posso perguntar que uso o senhor faz de tantos?"

"Uso! Realmente, Madame, quanto a isso — não faço qualquer uso particular deles; mas deve-se tê-los para dizer a alguém o dia do mês: certamente, ou então eu deveria nunca manter isso em minha cabeça."

"E seu tempo passa tão suavemente despercebido, que, sem um almanaque, o senhor não poderia distinguir um dia do outro?"

"Realmente, Madame," gritou ele, corando, "não vejo nada tão particular em ter alguns almanaques; outras pessoas os têm, creio, tanto quanto eu."

"Não fique ofendido," gritou ela, "tenho senão feito uma pequena digressão. Tudo o que quero saber é, o estado da lua; posto que se estiver em cheia, devo ser poupada de um mundo de conjecturas, e saber de uma vez a que causa atribuir as inconsistências que tenho testemunhado esta manhã. Em primeiro lugar, ouvi Lord Orville dispensar-se de sair, porque ele tinha negócios de importância para transacionar em casa; ainda assim tenho eu visto-o deambular sozinho no jardim esta meia hora. Miss Anville, por outro lado, convidei para caminhar comigo; e, após procurá-la por todo lugar da casa, encontro-a calmamente sentada na sala de visitas.

E, senão poucos minutos atrás, Sir Clement Willoughby, com até mais que sua usual polidez, contou-me que ele havia vindo passar a manhã aqui; quando, logo agora, o encontrei descendo as escadas voando, como se perseguido pelas Fúrias; e longe de repetir seus cumprimentos, ou dar qualquer desculpa, ele nem sequer respondeu a uma pergunta que lhe fiz, mas correu por mim, com a rapidez de um ladrão de um sentinela!"

"Protesto," disse Mrs. Beaumont, "não posso pensar no que ele pretendia; tal rudeza, de um homem de qualquer família, é bastante incompreensível."

"Meu Lord," gritou Lady Louisa a Lord Merton, "o senhor sabe que ele fez o mesmo comigo? Eu estava apenas indo perguntá-lo qual era o problema; mas ele passou por mim tão rápido, que eu declaro que ele bem ofuscou meus olhos. O senhor não pode pensar, meu Lord, como ele me assustou; ouso dizer que fiquei tão pálida quanto — não pareço muito pálida, meu Lord?"

"Sua Senhoria," disse Mr. Lovel, "tão bem se torna os lírios, que as rosas podem corar ao se verem tão ultrapassadas."

"Rogo, mr. Lovel," disse Mrs. Selwyn, "se as rosas deveriam corar, como o senhor descobriria isso?"

"Ah meu Deus!" gritou Mr. Coverley, "suponho que elas devem corar, como o ditado diz, como um cão azul[28] — posto que elas já são vermelhas."

"Rogo-lhe, Jack," disse Lord Merton, "o senhor não finja falar sobre rubores, que nunca soube o que eles eram em sua vida."

"Meu Lord," disse Mrs. Selwyn, "se apenas a experiência pode justificar mencioná-los, que admirável tratado sobre o assunto não podemos esperar de sua Senhoria!"

"Ó, rogo, Madame," respondeu ele, "permaneça com Jack Coverley —ele é seu único homem; por minha parte, confesso ter uma mortal aversão a discussões."

"Homessa, meu Lord," gritou Mrs. Selwyn, "um senador da nação! Um membro do mais nobre parlamento no mundo! E ainda negligencia a arte da oratória!"

"Ora, fé, meu Lord," disse Mr. Lovel, "penso eu, em geral, que sua Casa não é muito dedicada ao estudo; nós da Casa Mais Baixa temos indubitavelmente mais aplicação; e, se eu não falasse ante um poder

superior (curvando-se a Lord Merton) eu deveria presumir acrescentar, temos outrossim os mais hábeis oradores."

"Mr. Lovel," disse Mrs. Selwyn, "o senhor merece imortalidade por essa descoberta! Mas por esta observação, e a confissão de Lord Merton, protesto que eu deveria haver suposto que um semelhante do domínio, e um hábil lógico, fossem termos sinônimos."

Lord Merton, dando meia volta, perguntou a Lady Louisa se ela tomaria ar antes do jantar?

"Realmente," respondeu ela, "não sei; temo que esteja monstruosamente quente; ademais (elevando sua mão à testa) não estou muito bem; é bastante horrível ter nervos tão fracos! A menor coisa no mundo me descompõe: declaro, a estranheza daquele homem tem me dado tal choque — não sei quando devo me recuperar dele. Mas sou uma triste e fraca criatura; o senhor não acha que sou, meu Lord?"

"Ó, de forma alguma," respondeu ele, "sua Senhoria é meramente delicada — e que o diabo me carregue que eu alguma vez tive a menor paixão por uma Amazona."

"Tenho a honra de ser bastante da opinião de sua Senhoria," disse Mr. Lovel, olhando maliciosamente para Mrs. Selwyn; "posto que tenho uma insuperável aversão a força, ou por corpo ou por mente, em uma mulher."

"Fé, também a tenho," disse Mr. Coverley; "posto que oh Deus! Eu antes preferiria ver uma mulher cortar madeira, que ouvi-la cortar lógica."

"E assim faria qualquer homem em seus sentidos," disse Lord Merton, "posto que uma mulher nada quer que a recomende senão beleza e bom humor; em todo o resto ela é ou impertinente ou antinatural. Por minha parte, que o diabo me leve se eu algum dia desejar ouvir uma palavra de sentido vindo de uma mulher tanto quanto eu viva!"

"Sempre foi acordado," disse Mrs. Selwyn, olhando ao seu redor com máximo desprezo, "que nenhum homem deva ser ligado a uma mulher cujo entendimento seja superior ao seu próprio. Agora muito temo que, para acomodar toda essa boa companhia, de acordo com tal regra, seria absolutamente impraticável, a menos que devêssemos escolher as damas do hospital de Swift para idiotas."

Quantos inimigos, meu caro Senhor, esta irrefreada severidade incita! Lord Merton, contudo, apenas assoviou; Mr. Coverley cantou; e Mr.

Lovel, após morder seus lábios, disse: “Por minha honra, essa dama — se ela não fosse uma dama — eu me veria meio tentado a observar que há algo, em tal severidade, que é muito — devo dizer, muito estranho.”

Logo então um serviçal trouxe a Lady Louisa uma nota sobre um criado de mesa, que é uma cerimônia sempre usada com sua Senhoria; e eu tomei a oportunidade desta interrupção à conversação para escapar do cômodo.

Fui imediatamente para o salão, que encontrei bastante vazio; posto que não ousei entrar no jardim, após o que Mrs. Selwyn havia dito.

Em poucos minutos um serviçal anunciou Mr. Macartney; dizendo, enquanto ele entrava no salão, que ele familiarizaria Lord Orville de que ele estava aqui.

Mr. Macartney muito regozijou ao encontrar-me sozinha. Ele me contou que havia tomado a liberdade para inquirir por Lord Orville, por forma de pretexto para vir à casa.

Então muito ansiosamente inquiri se ele havia visto seu pai.

“Sim, Madame,” disse ele, “e a generosa compaixão que a senhora tem me mostrado fizeram-me correr para lhe informar, que, ao ler a carta de minha infeliz mãe, ele não hesitou em me reconhecer.”

“Bom Deus!” gritei eu, com não pouca emoção, “quão similares são nossas circunstâncias! E ele lhe recebeu bondosamente?”

“Não pude, Madame, esperar que ele fosse; a cruel transação, que obrigou-me a voar para Paris, estava recente na memória dele.”

“E — o senhor viu a jovem dama?”

“Não, Madame,” disse ele, pesarosamente, “fui proibido de vê-la.”

“Proibido de vê-la! E por quê?”

“Em parte, talvez, por prudência — e em parte pelos resquícios de um ressentimento que não facilmente retrocederá. Eu apenas pedi licença para familiarizá-la com meu relacionamento, e ser permitido chamá-la de irmã; mas me foi negado! ‘O senhor não tem irmã,’ disse Sir John, ‘o senhor deve esquecer a existência dela.’ Duro e vão comando!”

“O senhor tem — o senhor tem uma irmã!” gritei eu, de um impulso de piedade, que não pude reprimir; “uma irmã que está mais calorosamente interessada em seu bem-estar, e que apenas quer oportunidade para manifestar sua amizade e consideração.”

“Bom Deus!” gritou ele, “o que Miss Anville quer dizer?”

“Anville,” disse eu, “não é meu nome real; Sir John Belmont é meu pai, e é o seu — e sou sua irmã! Entenda, portanto, a reivindicação que mutuamente temos pela consideração um do outro; não somos meramente ligados pelos laços da amizade, mas por aqueles de sangue. Sinto pelo senhor, já, toda a afeição de uma irmã; senti isso, de fato, antes que soubesse ser uma. Por que, meu caro irmão, você não fala? Você hesita em reconhecer-me?”

“Estou tão perdido em espanto,” gritou ele, “que não sei se ouço corretamente!”

“Tenho, então, encontrado um irmão,” gritei eu, estendendo minha mão, “e ele não me terá?”

“Ter a senhora? Oh, Madame,” gritou ele, aceitando minha mão oferecida, “é de fato possível que a senhora possa me ter? Um pobre, desgraçado aventureiro! Quem tão ultimamente não tem tido apoio senão de sua generosidade? Que sua benevolência arrancou-me de absoluta destruição? Pode a senhora — Oh, Madame, pode a senhora, de fato, e sem corar, condescender ter tal forasteiro como irmão?”

“Oh, abstenha-se, abstenha-se,” gritei eu, “esta linguagem é própria para uma irmã? Não somos reciprocamente ligados um ao outro? Você não me permitirá esperar de você todos os bons ofícios em seu poder? Mas conte-me, onde está nosso pai no momento?”

“Em Hot Wells, Madame; ele chegou aqui ontem de manhã.”

Eu haveria prosseguido com mais perguntas, mas a entrada de Lord Orville impediu-me. O momento em que ele nos viu, ele se sobressaltou, e haveria se retirado; mas, puxando minha mão de Mr. Macartney, implorei a ele que entrasse.

Por poucos momentos ficamos todos em silêncio, e, creio eu, todos em igual confusão. Mr. Macartney, contudo, recuperando-se disse: “Espero que sua Senhoria perdoará a liberdade que tomei ao fazer uso de seu nome.”

Lord Orville, bastante friamente, se curvou, mas nada disse.

Novamente ficamos todos em silêncio, e então Mr. Macartney se retirou.

“Imagino,” disse Lord Orville quando ele foi embora, “que eu tenha encurtado a visita de Mr. Macartney.”

“Não, meu Lord, de modo algum.”

“Eu havia presumido,” disse ele, com alguma hesitação, “que eu deveria ver Miss Anville no jardim; mas eu não sabia que ela estava tão melhor compromissada.”

Antes que eu pudesse responder, um serviçal veio avisar-me que a biga estava pronta, e que Mrs. Selwyn estava inquirindo por mim.

“Comparecerei imediatamente,” disse eu, e correndo eu estava; mas Lord Orville, parando-me, disse, com grande emoção: “É assim, Miss Anville, que a senhorita me deixa?”

“Meu Lord,” clamei eu, “como posso evitar? Talvez, logo, alguma melhor oportunidade possa oferecer —”

“Bom Deus!” gritou ele, “a senhorita me toma por um Estoico! Que melhor oportunidade posso eu esperar? A biga já não chegou? A senhorita já não se vai? A senhorita sequer se deu ao trabalho de dizer-me até onde?”

“Minha jornada, meu Lord, não será deferida. Mr. Macartney trouxe-me informação que a torna no momento desnecessário.”

“Mr. Macartney,” disse ele, seriamente, “parece ter grande influência; ainda assim ele é um conselheiro muito jovem.”

“É possível, meu Lord, que Mr. Macartney possa lhe dar o menor desconforto?”

“Minha mais cara Miss Anville,” disse ele, tomando minha mão, “vejo, e adoro a pureza de sua mente, superior como é a todas as pequenas artimanhas, e todas as apreensões de suspeita; e eu deveria fazer eu mesmo, tanto quanto a senhorita, injustiça, se eu fosse capaz de ancorar as menores dúvidas dessa bondade que a faz minha para sempre: não obstante, perdoe-me, se eu confessar-me surpreso, melhor ainda, alarmado, com estes frequentes encontros com tão jovem homem como é Mr. Macartney.”

“Meu Lord,” gritei eu, apressada para esclarecer-me, “Mr. Macartney é meu irmão.”

“Seu irmão? A senhorita me espanta! Que estranho mistério, então, faz seu relacionamento um segredo?”

Logo então Mrs. Selwyn abriu a porta: “Ó, você está aqui!” gritou ela: “Rogo, meu Lord é tão bom a ponto de assistir-lhe em se preparar para sua jornada, ou em retardá-la?”

“Eu deveria ser mais feliz,” disse Lord Orville, sorrindo, “se estivesse em meu poder fazer a última.”

Eu então a familiarizei com a comunicação de Mr. Macartney.

Ela imediatamente mandou a biga embora: e então levou-me ao seu próprio quarto, para considerar o que deveria ser feito.

Poucos minutos foram suficientes para determiná-la; e ela escreveu a seguinte nota.

“A Sir John Belmont, Bart.”

“MRS. SELWYN apresenta seus cumprimentos a Sir John Belmont; e, se ele está em lazer, será feliz em esperá-lo esta manhã, sobre negócios de importância.”

Ela então ordenou que o homem inquirisse na sala de vapores por uma instrução; e foi ela mesma a Mrs. Beaumont para se desculpar por deferir sua jornada.

Uma resposta foi imediatamente retornada, que Sir John ficaria feliz em vê-la.

Ela teria me feito acompanhá-la imediatamente a Hot Wells; mas supliquei-lhe que me poupasse da angústia de tão abrupta apresentação, e pavimentasse o caminho para minha recepção. Ela consentiu bastante relutantemente, e, acompanhada apenas de seu serviçal, caminhou a Wells.

Ela não ficou ausente por duas horas; ainda assim tão miseravelmente parecia o tempo se arrastar, que pensei que mil acidentes houvessem acontecido, e temi que ela nunca retornasse. Passei todo o tempo em meu próprio quarto, posto que eu estava demasiado agitada até para conversar com Lord Orville.

O instante em que, de minha janela, a vi retornando, voei escada abaixo, e a encontrei no jardim.

Caminhamos juntas até o caramanchão.

Seus olhares, nos quais ambos desapontamento e ira estavam expressados, imediatamente anunciaram-me a falha em sua embaixada. Vendo que ela não falava, perguntei-lhe, em uma voz fraca, se eu tinha ou não um pai?

“Você não tem, minha querida!” disse ela, abruptamente.

“Muito bem, Madame,” disse eu, com tolerável calmaria, “deixe que a biga então seja novamente pedida; irei para Berry Hill; lá, confio, devo ainda encontrar um!”

Foi algum tempo até que ela pudesse dar, ou eu pudesse ouvir, o relato de sua visita; e então ela a relatou de maneira apressada; ainda assim, creio que posso lembrar de cada palavra.

“Encontrei Sir John sozinho. Ele recebeu-me com máxima polidez. Não o mantive um momento em suspense quanto ao propósito de minha visita. Mas não tão logo o tornei sabido, que, com um altivo sorriso, ele disse: ‘E tem a senhora, Madame, sido sobrepujada a reviver essa ridícula velha história?’ Ridícula, eu lhe disse, era um termo do qual ele não encontraria ninguém que lhe fizesse o favor de usar, ao falar das horríveis ações pertencentes à velha história que ele tornasse tão leve; ‘ações’ continuei eu, ‘que tingiriam de ainda mais escuro os negros anais de Nero ou Calígula.’ Ele tentou em vão ralhar; posto que eu o perseguia com toda a severidade em meu poder, e não cessei em pintar a enormidade do crime dele até que eu o ferroasse ao máximo, e, em uma voz de paixão e impaciência, ele disse: ‘Não mais, Madame — este não é um assunto sobre o qual eu precise de um monitor.’ ‘Faça então,’ gritei eu, ‘a única reparação em seu poder. Sua filha está agora em Clifton; mande buscá-la até aqui; e, na face do mundo, proclame a legitimidade do nascimento dela, e limpe a reputação de sua ferida esposa.’ ‘Madame,’ disse ele, ‘a senhora está muito equivocada, se supõe que esperei pela honra desta visita antes que fizesse qual pouca justiça agora dependente de mim, à memória daquela infeliz mulher: a filha dela tem estado sob meu cuidado desde a infância; tenho-a tomado em minha casa; ela carrega meu nome; e ela será minha única herdeira.’ Por algum tempo essa assertiva pareceu tão absurda, que apenas ri dela: mas, finalmente, ele me assegurou, que eu mesma havia sido iludida; posto que a própria mulher que acompanhou Lady Belmont em sua última doença, mandou a criança a ele enquanto ele estava em Londres, antes que ela tivesse um ano de idade. ‘Indisposto,’ ele acrescentou, ‘àquela época a confirmar o rumor de eu ser casado, enviei a mulher com a criança a França: tão logo ela teve idade suficiente, coloquei-a num convento, onde ela tem sido apropriadamente educada, e agora a levei para casa. Tenho-a reconhecido por minha legítima filha, e prestei, a contento, à memória de sua infeliz mãe um tributo de fama, que tem me feito desejar esconder-me de hoje em diante de todo o mundo.’ Toda esta história soava tão improvável, que não ousei dizer que descreditei cada palavra. Ele então tocou seu sino; e, inquirindo se seu

cabeleireiro havia chegado, disse que lamentava ter que me deixar; mas que, se eu o favorecesse com minha companhia amanhã, ele mesmo me faria a honra de apresentar Miss Belmont a mim, em vez de me incomodar em apresentá-la a ele. Levantei em grande indignação; e assegurando que eu faria a conduta dele tão pública quanto infame — deixei a casa."

Bom Deus, quão estranho recital! Quão incompreensível assunto! A Miss Belmont então que está realmente em Bristol, se passa pela filha de minha infeliz mãe! Passa-se, em suma, por sua Evelina! Quem ela pode ser, ou o que este conto possa significar, não tenho qualquer ideia.

Mrs. Selwyn logo depois deixou-me a minhas próprias reflexões. De fato elas não foram muito agradáveis. Calmamente como eu havia suportado o relato dela, o momento que eu estava sozinha senti mais amargamente tanto a desgraça quanto o pesar de uma rejeição tão cruelmente inexplicável.

Não sei por quanto tempo eu poderia haver continuado nesta situação, houvesse eu não sido despertada de meu melancólico devaneio pela voz de Lord Orville: "Posso entrar," pediu ele, "ou hei de interrompê-la?"

Fiquei em silêncio, e ele sentou-se ao meu lado.

"Temo," ele continuou, "que Miss Anville pensará que eu a persigo: ainda assim tanto quanto tenho a dizer, e tanto quanto desejo ouvir, com tão poucas oportunidades para qualquer um dos dois, ela não pode imaginar — e espero que ela não fique ofendida — que agarro com tanta avidez cada momento em meu poder para conversar com ela. A senhorita está séria," acrescentou ele, tomando minha mão; "espero que o prazer que dá a mim, não seja um assunto de dor à senhorita. A senhorita permanece em silêncio! Algo, estou certo, tem lhe afligido: quiseram os Céus que eu fosse capaz de consolá-la! Quiseram os Céus que eu fosse digno de participar em seus pesares!"

Meu coração estava muito cheio para suportar esta bondade, e eu podia apenas responder com minhas lágrimas. "Bom Deus," gritou ele, "como a senhorita me alarma! Meu amor, minha doce Miss Anville, negue-me não mais ser o compartilhador de suas mágoas! Conte-me, pelo menos, que a senhorita não tenha renunciado sua estima! Que a senhorita não se arrepende da bondade que tem me mostrado! Que a senhorita ainda

me pensa o mesmo grato Orville, cujo coração a senhorita tem se dignado a aceitar!"

"Oh, meu Lord," gritei eu, "sua generosidade subjuga-me!" E eu chorava como um infante. Posto que agora, que todas as minhas esperanças de ser reconhecida parecem finalmente esmagadas, senti a nobreza da desinteressada consideração dele tão forçosamente, que mal pude respirar sob o peso da gratidão que me oprimia.

Ele parecia grandemente chocado; e, em termos os mais lisonjeiros, os mais respeitosamente tenros, ele de uma vez só amenizou minha angústia, e urgiu-me que contasse-lhe a causa.

"Meu Lord," disse eu, quando fui capaz de falar, "o senhor pouco sabe que proscrita o senhor tem honrado com sua escolha! Uma filha de doação — uma órfã desde a infância — dependente, até por subsistência, dependente, da bondade da compaixão! Rejeitada por meus naturais amigos, renegada para sempre por meu parente mais próximo. Oh, meu Lord, tão circunstanciada, posso merecer a distinção com a qual o senhor me honra? Não, não, sinto a desigualdade demasiado dolorosamente; o senhor deve deixar-me, meu Lord; o senhor deve permitir-me retornar à obscuridade; e lá, no seio de meu primeiro, meu melhor, meu único amigo, despejarei toda a mágoa de meu coração! Enquanto o senhor, meu Lord, deve procurar em outro lugar —"

Não pude prosseguir; minha inteira alma recuava contra toda a carga que eu haveria dado, e minha voz se recusou a proferi-la.

"Nunca," gritou ele, calorosamente, "meu coração é seu, e juro à senhorita uma eterna ligação! A senhorita prepara-me, de fato, para um conto de horror e estou quase sem fôlego com expectativa; mas tão firme é minha convicção, que, quaisquer que sejam seus infortúnios, havê-los merecido não convém, isso eu mesmo sinto mais fortemente, mais invencivelmente devotado à senhorita que nunca! Conte-me senão onde posso encontrar este nobre amigo, cujas virtudes a senhorita já ensinou-me a reverenciar — e voarei a ele para obter consentimento e intercessão, que daqui em diante nossos destinos possam ser indissoluvelmente unidos; e então deverá ser o único estudo de minha vida esforçar-me para amenizar seu passado — e guardar-lhe de futuros infortúnios!"

Eu acabara de levantar meus olhos para responder a este mais generoso entre os homens, quando o primeiro objeto que encontrei foi

Mrs. Selwyn.

"Então, minha cara," gritou ela, "o que, ainda cortejando os tons rurais! Eu pensava até então que você haveria agora de estar farta deste assento isolado, e tenho lhe procurado por toda a casa. Mas descubro que a única maneira de encontrar com você — é inquirir por Lord Orville. Contudo, não me deixe perturbar sua meditação; você está possivelmente planejando algum diálogo pastoral."

E, com este provocante discurso, ela saiu.

Na maior confusão eu estava deixando o caramanchão, quando Lord Orville disse: "Permita-me seguir Mrs. Selwyn; é tempo de pôr um fim a todas impertinentes conjecturas; a senhorita me permite falar com ela abertamente?"

Assenti em silêncio, e ele me deixou.

Então fui para meu próprio quarto, onde permaneci até que fui convocada para o jantar; após o qual, Mrs. Selwyn convidou-me ao dela.

O momento em que fechei a porta, "Sua Senhoria," disse ela, "sentar-se-á, espero."

"Madame!" gritei eu, sobressaltando-me.

"Ó a doce inocente! Então você não sabe o que quero dizer? Mas, minha cara, meu único intento é acostumá-la um pouco à sua dignidade eleita, com receio de que, quando você for chamada por seu título, você deva olhar para outro lugar, de uma apreensão a ouvir a um discurso que não seja para seus ouvidos."

Havendo, desta maneira, se divertido com minha confusão, até que sua galhofa fosse quase exaurida, ela congratulou-me muito seriamente sobre a parcialidade de Lord Orville, e pintou a mim, nos mais fortes termos, seu desinteressado desejo de ser casado comigo imediatamente. Ela havia contado a ele, ela disse, minha completa história, e ainda assim ele estava disposto, melhor ainda ansioso, que nossa união devesse tomar lugar de qualquer futura solicitação à minha família. "Agora, minha querida," continuou ela, "aconselho-lhe de toda maneira casar-se com ele imediatamente; nada pode ser mais precário que nosso sucesso com Sir John; e os jovens homens desta idade não podem ser confiados com muito tempo para deliberação, onde quer que seus interesses estejam concentrados."

“Bom Deus, Madame,” gritei eu, “a senhora pensa que eu apressaria Lord Orville?”

“Bem, faça o que quiser,” disse ela, “por sorte você tem um excelente sujeito para Quixotismo; de outra forma este atraso pode provar sua ruína; mas Lord Orville é quase tão romântico como se ele houvesse sido nascido e criado em Berry Hill.”

Ela então propôs, já que nenhum melhor expediente parecia provável de ser sugerido, que eu devesse acompanhá-la imediatamente em sua visita a Hot Wells amanhã de manhã.

Apenas a ideia fazia-me tremer; ainda assim ela representou tão fortemente a necessidade de perseguir este infeliz assunto com ânimo, ou desistir dele totalmente, que, faltando-me sua força de argumento, fui quase obrigada a ceder à proposta dela.

À noite todos caminhamos no jardim e Lord Orville, que nunca deixou meu lado, contou-me que ele havia estado ouvindo um conto, que embora houvesse removido as perplexidades que houveram-no há tanto atormentado, houveram-no penetrado com pesar e compaixão. Eu o familiarizei com o plano de Mrs. Selwyn para amanhã, e confessei o extremo terror que me dava. Ele então, em uma maneira quase irrespondível, suplicou-me deixar para ele a conduta da questão, consentindo que fosse dele antes que uma entrevista acontecesse.

Eu não podia senão reconhecer meu senso da generosidade dele; mas contei-lhe que eu era totalmente dependente do senhor; e que eu estava certa de que sua opinião seria a mesma minha; que era, que seria altamente impróprio que eu devesse dispor de mim mesma para sempre, tão próximo do tempo que deve finalmente decidir por cuja autoridade eu deva ser guiada. O sujeito deste temível encontro, com as mil conjecturas e apreensões às quais dá vazão, empregou toda nossa conversação então, como tem feito com todos os meus pensamentos desde então.

Apenas os Céus sabem como devo sustentar a mim mesma, quando o há muito esperado — muito desejado — embora terrível momento chegue, que irá prostrar-me aos pés da mais próxima, a mais reverenciada de todas as relações, que meu coração anseia saber, e anseia amar!

CARTA XVII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

9 De Outubro.

Não pude escrever ontem, tão violenta era a agitação de minha mente; mas não irei, agora, perder um momento até que eu tenha apressado a meu melhor amigo um relato das transações de um dia que nunca posso relembrar sem emoção.

Mrs. Selwyn decidiu sobre não enviar nenhuma mensagem, "Com receio de que," disse ela, "Sir John, fatigado sequer com a ideia de minhas reprimendas, deva esforçar-se para evitar um encontro. Ele não pode senão ver quem você é, quer ele faça justiça quer não."

Fomos cedo, e na carruagem de Mrs. Beaumont; à qual Lord Orville, proferindo palavras do mais bondoso encorajamento, conduziu-nos as duas.

Meu desconforto, durante o percurso, era excessivo; mas, quando paramos na porta, eu estava quase sem sentido com terror! O encontro, finalmente, não era tão temível quanto aquele momento! Creio que fui carregada para dentro da casa; mas mal me lembro do que foi feito comigo: contudo sei que permanecemos por algum tempo no salão antes que Mrs. Selwyn pudesse mandar qualquer mensagem ao andar de cima.

Quando eu estava de alguma forma recuperada, supliquei a ela que me deixasse voltar para casa, assegurando-lhe que eu me sentia bastante desigual a suportar a entrevista.

"Não," disse ela; "você deve ficar agora: seus medos irão senão ganhar forças com um adiamento; e não devemos ter tal choque já que isso se repetiu." Então, virando-se ao serviçal, ela mandou enviar seu nome.

Uma resposta foi trazida, que ele estava saindo com grande pressa, mas a atenderia imediatamente. Fiquei tão enjoada, que Mrs. Selwyn estava apreensiva que eu devesse desmaiar; e, abrindo uma porta que levava a um apartamento interno, ela implorou que eu lá esperasse até que estivesse de alguma forma composta, e até que ela houvesse preparado minha recepção.

Feliz com toda prorrogação do momento, dispostamente concordei com a proposta; e Mrs. Selwyn teve senão justo o tempo de me recolher, antes que sua presença fosse necessária.

A voz de um pai — Oh, caro e reverenciado nome! Que então, pela primeira vez, atingiu meus ouvidos, afetou-me de uma maneira que não posso descrever, embora fosse apenas empregada em dar ordens a um serviçal enquanto ele descia as escadas.

Então, entrando no salão, o ouvi dizer: "Lamento, Madame, que tenha a feito esperar; mas tenho um compromisso que agora me chama para longe: contudo, se a senhora tem quaisquer ordens para mim, devo ser feliz em honrar sua companhia alguma outra hora."

"Eu vim, Senhor," disse Mrs. Selwyn, "para apresentar sua filha ao senhor."

"Sou infinitamente compelido à senhora," respondeu ele; "mas tenho acabado de ter a satisfação de desjejuar com ela. Madame, seu mais obediente."

"O senhor se recusa, então, a vê-la?"

"Tenho-lhe muita dívida, Madame, por este desejo de aumentar minha família; mas, a senhora deve me desculpar se eu recusar tomar vantagem disso. Já tenho uma filha, a quem devo tudo; e não tem três dias que tive o prazer de descobrir um filho: quantos mais filhos e filhas devem ser trazidos a mim, ainda tenho a saber; mas já estou perfeitamente satisfeito com o tamanho de minha família."

"Tivesse o senhor mil filhos, Sir John," disse Mrs. Selwyn, "esta única, de quem Lady Belmont era a mãe, deve ser a mais distinta; e, longe de evitar vê-la, o senhor deveria agradecer suas estrelas, em humilde gratidão, que permanece ainda em seu poder a menor oportunidade de fazer à ferida esposa que o senhor destruiu, a pobre justiça de reconhecer sua filha!"

"Estou muito indisposto, Madame," respondeu ele, "para entrar em qualquer discussão deste ponto; mas a senhora está determinada a me compelir a falar. Não vive esta época o ser humano, que deveria falar a mim de arrependimento devido à memória daquela mulher de triste sina; ninguém pode senti-lo tão severamente quanto eu mesmo; mas permita-me, não obstante, assegurar-lhe, já tenho feito tudo o que esteve em meu poder para provar o respeito que ela merecia de mim: sua filha tenho

educado, e tomado como minha legítima herdeira. Se, madame, a senhora pode sugerir a mim quaisquer outros meios pelos quais eu possa mais inteiramente fazer-lhe justiça, e mais claramente manifestar sua inocência, nomeie-as a mim; e, embora eles devam ferir meu caráter ainda mais profundamente, performá-las-ei prontamente."

"Tudo isso soa vastamente bom," respondeu Mrs. Selwyn; "mas devo confessar que é demasiado enigmático para minhas faculdades de compreensão. O senhor não pode, contudo, ter qualquer objeção a ver esta jovem dama."

"Nenhuma no mundo."

"Venha, então, minha querida," gritou ela, abrindo a porta; "venha e veja seu pai!" Então, tomando a minha trêmula mão, ela conduziu-me adiante. Eu haveria retirado-a e recuado; mas, enquanto ele avançava imediatamente em minha direção, encontrei-me já diante dele.

Que momento para sua Evelina — um involuntário grito escapou-me, e, cobrindo minha face com minhas mãos, afundei ao chão.

Ele havia, contudo, visto-me primeiro; posto que, em uma voz mal articulada, ele exclamou: "Meu Deus! Caroline Evelyn ainda vive!"

Mrs. Selwyn disse alguma coisa, mas não pude ouvi-la; e em poucos minutos ele acrescentou: "Levanta tua cabeça — se minha vista não houver-te explodido! Levante tua cabeça, tua imagem de minha há muito perdida Caroline!"

Afetada além da medida, eu meio levantei-me, e abracei seus joelhos, enquanto ainda em meus próprios.

"Sim, sim," gritou ele, olhando avidamente para meu rosto, "vejo, vejo que tu és filha dela! Ela vive, ela respira, ela é presente à minha visão! Oh, Deus, que ela de fato viveu! Vá, criança, vá," acrescentou ele, selvagemente levantando e empurrando-me para longe dele: "leve-a para longe, Madame — não posso suportar olhar para ela!" E então, separando-se rapidamente de mim, ele correu para fora da sala.

Sem fala, eu mesma imóvel, não tentei pará-lo; mas Mrs. Selwyn, apressando-se atrás dele, agarrou seu braço: "Deixe-me, Madame," gritou ele, com rapidez, "e tome conta desta pobre criança: implore que ela não me pense mau; conte a ela, eu neste momento afundaria uma adaga em meu coração para servi-la: mas ela pôs fogo em meu cérebro; e não posso

vê-la mais!” Então, com uma violência quase frenética, ele correu escada acima.

Oh, Senhor, não tive de fato causa para temer esta entrevista? Uma entrevista tão indizivelmente dolorosa e aflitiva para ambos! Mrs. Selwyn haveria retornado imediatamente a Clifton; mas a implorei que esperasse algum tempo, na esperança de que meu infeliz pai, quando sua primeira emoção terminasse, novamente suportaria me ver. Contudo, ele logo depois enviou seu serviçal para inquirir como eu estava; e para dizer a Mrs. Selwyn que ele estava muito indisposto, mas esperaria pela honra de vê-la amanhã, a qualquer hora que ela desejasse aparecer.

Ela estabeleceu sobre dez horas da manhã; e então, com um pesado coração, entrei na carruagem. Aquelas aflitivas palavras, ‘não posso mais vê-la!’ foram nunca um momento ausentes de minha mente.

Ainda assim a visão de Lord Orville, que nos conduziu para fora da carruagem, deu algum alívio à tristeza de meus pensamentos. Não pude, contudo, entrar no doloroso assunto; mas, implorando que Mrs. Selwyn o satisfizesse, entrei em meu próprio quarto.

Tão logo comuniquei à boa Mrs. Clinton a presente situação de meus assuntos, uma ideia ocorreu a ela que parecia esclarecer todo o mistério de eu haver sido por tanto tempo renegada.

A mulher, ela diz, que acompanhou minha sempre-a-ser-lastimada mãe em sua última doença, e que amamentou-me nos primeiros quatro meses de minha vida, logo depois haver sido dispensada de sua casa, Senhor, deixou Berry Hill inteiramente, com seu bebê, que era senão seis semanas mais velho que eu mesma. Mrs. Clinton lembra-se, que ela haver deixado o lugar pareceu, à época, muito extraordinário aos vizinhos; mas, como nunca se ouviu dela depois, ela foi aos poucos sendo esquecida.

O momento que isto foi mencionado, atingiu Mrs. Selwyn, bem como a própria Mrs. Clinton, que meu pai havia sido iludido; e que a ama, que disse que ela havia trazido esta criança a ele, havia, na verdade, trazido sua própria.

O nome pelo qual eu era conhecida, o sigilo observado em relação à minha família, e o retiro em que vivi, todos conspiraram para formar este esquema, embora ousado e fraudulento, de modo algum impraticável; e, em suma, a ideia não foi logo contestada, então a convicção pareceu segui-la.

Mrs. Selwyn decidiu imediatamente descobrir a verdade ou equívoco desta conjectura; portanto, o momento em que ela havia jantado, ela caminhou a Hot Wells, acompanhada por Mrs. Clinton.

Esperei em meu quarto até seu retorno; e então ouvi o seguinte relato de sua visita:

Ela encontrou meu pobre pai em grande agitação. Ela imediatamente o informou da ocasião de seu tão rápido retorno, e de sua suspeita da mulher que havia fingido entregar a ele a filha dela. Interrompendo-a com rapidez, ele disse que havia acabado de pedir que ela se retirasse; que a certeza que eu carregava em meu semblante de meu real nascimento, faziam-no, no momento em que ele houvesse se recuperado de uma surpresa que havia quase o privado da razão, suspeitar, ele mesmo, da imposição que ela mencionara. Ele havia, portanto, mandado buscar a mulher, e questionado-a com máxima austeridade; ela ficou pálida, e estava extremamente envergonhada; mas ainda assim persistia em afirmar, que ela havia realmente trazido-lhe a filha de Lady Belmont. A perplexidade dele, ele disse, quase o distraiu: ele havia sempre observado, que sua filha não carregava semelhança com qualquer um dos pais; mas, como ele nunca havia duvidado da veracidade da ama, esta circunstância não deu à luz qualquer suspeita.

A desejo de Mrs. Selwyn, a mulher foi novamente chamada, e interrogada com igual arte e severidade; sua confusão era evidente, e suas respostas frequentemente contraditórias; ainda assim ela ainda declarava que não era impostora. “Veremos isso em um minuto,” disse Mrs. Selwyn; e ela então ordenou que Mrs. Clinton fosse chamada. A pobre desgraçada, mudando de cor, haveria fugido da sala; mas, sendo impedida, caiu de joelhos, e implorou perdão. Uma confissão de toda a questão foi então extorquida dela.

Indubitavelmente, meu caro Senhor, o senhor deve lembrar-se de Dona Green, que foi minha primeira ama. O dolo que ela havia praticado foi sugerido, ela diz, por uma conversação que ela havia ouvido secretamente; na qual minha infeliz mãe suplicava ao senhor, que, se a filha sobrevivesse a ela, o senhor tomasse total cuidado da educação da criança; e, em particular, se devesse ser uma menina, o senhor de forma alguma se separasse dela cedo em sua vida. O senhor não apenas consentiu, ela diz, mas assegurou-lhe de que o senhor mesmo até se

recolheria ao exterior comigo, se meu pai devesse importunadamente exigir-me. A filha dela própria, ela disse, estava então nos braços dela; e ela não podia evitar desejar que fosse possível dar-lhe a fortuna que parecia de tão pouco valor para mim. Este desejo uma vez incitado não foi facilmente suprimido; pelo contrário, o que a princípio parecia um mero fútil desejo, em pouco tempo parecia um factível esquema. O marido dela estava morto, e ela tinha pouca consideração por qualquer um senão sua filha; e, em suma, havendo guardado dinheiro para a viagem, ela planejou inquirir uma instrução a meu pai; e, contando a seus vizinhos que ela estava indo se estabelecer em Devonshire, saiu em expedição.

Quando Mrs. Selwyn perguntou como ela ousava perpretar tal fraude, ela protestou que não tinha maus desígnios; mas que, já que Miss nunca seria pior para isso, ela pensou que era uma pena que ninguém seria melhor.

Com o sucesso dela já estamos familiarizados. De fato tudo parecia contribuir com isso: meu pai não tinha correspondente em Berry Hill; a criança foi imediatamente enviada à França; onde, sendo criada em tal retiro como eu mesma, nada senão um acidente poderia descobrir a fraude.

E aqui deixe-me indulgir a mim mesma em observar, e regozijar em observar, que a total negligência que eu pensara haver encontrado não era o efeito de insensibilidade ou maldade, mas de enganação e erro; e que, no mesmo momento em que concluímos que eu era antinaturalmente rejeitada, meu iludido pai pretendeu mostrar-me máximos favor e proteção.

Ele reconhece que a carta de Lady Howard afundou-o em alguma perplexidade: ele imediatamente comunicou-a a Dona Green, que confessou que foi o maior choque que ela já havia recebido em sua vida; ainda assim ela teve a arte e ousadia de afirmar, que a própria Lady Howard deve haver sido enganada: já que ela havia, desde o começo de sua empreitada, declarado que havia roubado a criança sem seu conhecimento, ele concluiu que alguma farsa era então destinada a ele; e este pensamento ocasionou abrupta resposta por parte dele.

Dona Green confessou, que, do momento em que a jornada para Inglaterra foi estabelecida, ela se deu por perdida. Toda a esperança dela era haver tido sua filha casada antes que isso ocorresse; razão por qual ela havia tanto promovido as abordagens de Mr. Macartney; posto que embora

tal parelha fosse inadequada às pretensões de Miss Belmont, ela bem sabia que era bastante superior àquelas que sua filha poderia formar após a descoberta do nascimento dela.

Meu primeiro inquérito foi, se esta inocente filha já era familiarizada com o caso? “Não,” Mrs. Selwyn disse; nem estava qualquer plano estabelecido para como divulgá-lo a ela. Pobre infortunada moça! Quão infeliz é sua sina! Ela tem direito a meus mais bondosos ofícios, e hei de sempre considerá-la minha irmã.

Então perguntei se meu pai me permitira novamente vê-lo!

“Ora, não, minha querida, ainda não,” respondeu ela; “ele declara que vê-la é demais para ele: contudo, estamos para estabelecer tudo concernindo você amanhã; posto que esta mulher tomou todo nosso tempo hoje.”

Esta manhã, portanto, ela está novamente indo a Hot Wells. Estou esperando em toda impaciência pelo retorno dela; mas, como sei que o senhor ficará ansioso pelo relato que esta carta contém, não demorarei para enviá-la.

CARTA XVIII

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

9 De Outubro.

Quão agitada, meu caro Senhor, é a presente vida de sua Evelina! Cada dia parece importante, e um evento é apenas um prelúdio para outro.

Mrs. Selwyn, após retornar esta manhã de Hot Wells, entrando em meu quarto muito abruptamente, disse: “Oh, minha querida, tenho notícias terríveis para você!”

“Para mim, Madame! Bom Deus! O que agora?”

“Arme-se,” gritou ela, “com toda sua filosofia de Berry Hill; repasse toda lição de fortitude ou resignação que você já aprendeu em sua vida; posto que saiba — você está para se casar com Lord Orville na próxima semana!”

Dúvida, espanto, e um tipo de perturbação que não consigo descrever, fizeram este abrupto comunicado alarmar-me extremamente; e, quase sem fôlego, pude apenas exclamar: “Bom Deus, Madame, o que a senhora me diz!”

“Você pode muito bem estar assutada, minha querida,” disse ela, ironicamente; “posto que realmente há algo muito terrível em tornar-se, de uma vez só, a esposa do homem que você adora — e uma Condessa!”

Supliquei que ela poupasse-me de sua galhofagem, e contasse-me o real sentido. Ela não pôde prevalecer sobre si mesma para garantir o primeiro pedido, embora prontamente cumprisse o segundo.

Meu pobre pai, ela disse, estava ainda em maior angústia: ele entrou em seus assuntos com grande abertura, e contou a ela, ele estava igualmente perturbado em como dispor ou da filha que ele havia descoberto, ou filha da que ele estava agora para abandonar; a primeira ele temia confiar-se novamente a contemplar, e a última ele não sabia como chocar com a informação da desgraça dela. Mrs. Selwyn então o familiarizou com minha situação a respeito de Lord Orville: isto o deleitou extremamente; e, quando ele ouviu da avidez de sua Senhoria, ele disse que ele mesmo era de opinião, quanto mais cedo a união se desse

melhor; e, em resposta, ele a informou do assunto de Mr. Macartney. “E, após uma conversa muito longa,” continuou Mrs. Selwyn, “concordamos, que o mais elegível esquema para todas as partes seria, ter ambas a real e a fictícia filha casadas sem demora. Portanto, se uma de vocês tem qualquer inclinação a disputar o título de Miss Belmont, devem fazê-lo com toda rapidez, já que próxima semana tomará de vocês duas todas as pretensões para isso.”

“Próxima semana! Cara Madame, que estranho plano! Sem eu ser consultada, sem solicitar Mr. Villars, sem até a concordância de Lord Orville!”

“Quanto a consultar você, minha querida, estava fora de toda questão; porque, você sabe, os corações e mãos de jovens damas estão sempre a serem dados com relutância; quanto a Mr. Villars, é suficiente que o reconheçamos como seu amigo; e quanto a Lord Orville — ele é uma parte envolvida.”

“Uma parte envolvida? A senhora me espanta!”

“Ora, sim; posto que, como vejo que nossa consulta é provável de ser redundante em vantagem dele, persuadi Sir John a mandar chamá-lo.”

“Mandar chamá-lo! Bom Deus!”

“Sim; e Sir John concordou. Contei ao serviçal, que se ele não pudesse ouvir de sua Senhoria na casa, ele poderia estar bastante certo de encontrá-lo no caramanchão. Por que você cora, minha querida? Bem, ele estava conosco em um momento: eu o apresentei a Sir John; e prosseguimos aos negócios.”

“Lamento, lamento muito por isso! Lord Orville deve ele mesmo pensar esta conduta estranhamente precipitada.”

“Não, minha querida, você está equivocada. Lord Orville tem muito bom senso. Tudo foi então discutido em uma racional maneira. Você está para ser casada privadamente, embora não em segredo, e então ir para uma das instalações que sua Senhoria tem no interior: e a pobrezinha Miss Green e seu irmão, que não têm casa deles próprios, devem ir para uma de Sir John.”

“Mas por que, minha cara Madame, por que toda essa pressa? Por que não podemos ser permitidos um pouco mais de tempo?”

“Eu poderia lhe dar mil razões,” respondeu ela, “mas estou toleravelmente certa de que duas ou três serão mais que o que você possa

contestar, até com toda a lógica de genuína coquetaria. Em primeiro lugar, seu indubitável desejo de deixar a casa de Mrs. Beaumont: à casa de quem, então, pode você mudar-se com tal propriedade como a de Lord Orville?"

"Certamente, Madame," gritei eu, "não sou mais destituída agora do que quando eu pensava-me uma órfã."

"Seu pai, minha querida," respondeu ela, "está disposto a salvar a pequena impostora tanto da mortificação da desgraça dela como está em poder dele; agora, se você imediatamente tomar o lugar dela, de acordo com seu direito, como Miss Belmont, ora, tudo que qualquer um de vocês possa fazer por ela, não irá preveni-la de ser eternamente estigmatizada como a pirralha da Dona Green, lavadeira e ama-de-leite de Berry Hill, Dorsetshire. Agora tal genealogia não será muito lisonjeira, até para Mr. Macartney, que, todo abatido como ele é, você descobrirá de modo algum carente de orgulho e autoconsequência.

"Pelo universo," interrompi eu, "eu não seria conivente com a degradação que a senhora menciona; mas certamente, Madame, posso retornar a Berry Hill?"

"De modo algum," disse ela; "posto que, embora compaixão possa fazer-nos desejar poupar a pobre garota da confusão de uma imediata e pública queda, ainda assim a justiça demanda que você deva aparecer daí em diante em nenhuma outra luz que aquela de filha de Sir John Belmont. Ademais, entre amigas, eu, que conheço o mundo, posso ver que metade dessa prodigiosa delicadeza pela pequena usurpadora é o mero resultado de autointeresse; posto que, enquanto os assuntos são abafados, os de Sir John, você sabe, são impedidos de serem trazidos à luz. Agora o casamento duplo que temos projetado obvia todas as objeções racionais. Sir John lhe dará imediatamente 30.000 libras; todos os acordos, e assim por diante, serão feitos por você em nome de Evelina Belmont: Mr. Macartney irá ao mesmo tempo tomar a pobre Polly Green; e ainda assim, a princípio, será apenas geramente sabido que uma filha de Sir John Belmont está casada."

Nesta maneira, embora ela não me convencesse, ainda assim a rapidez de seus argumentos silenciou e perplexou-me. Inquiri, contudo, se eu não poderia ser permitida a novamente ver meu pai, ou se devo considerar-me como banida da presença dele para sempre?

“Minha querida,” disse ela, “ele não a conhece: ele conclui que sua criação teve o fim de fazê-la detestá-lo; e, portanto, ele está mais preparado para temê-la que para amá-la.”

Esta resposta me fez muito infeliz: eu desejava, mais impacientemente, remover este preconceito, e esforçar-me, por devotada assiduidade, engajar a bondade dele; ainda que não soubesse como propor vê-lo, enquanto consciente de que ele desejava evitar-me.

Esta noite, assim que a companhia estava engajada com cartas, Lord Orville exertou sua máxima eloquência para reconciliar-me com este precipitado plano; mas como fiquei atemorizada quando ele me contou que próxima Terça-feira era o dia apontado por meu pai para ser o mais importante de minha vida!

“Próxima Terça-feira!” repeti eu, bastante sem fôlego, “Oh, meu Lord!”

“Minha doce Evelina,” disse ele, “o dia que me fará o mais feliz dos mortais, provavelmente pareceria horrível à senhorita, fosse ser deferido por um ano. Mrs. Selwyn tem, indubitavelmente, lhe familiarizado com os muitos motivos que, independente de minha avidez, requerem que seja apressado; passe, portanto, por esta aceleração e generosamente complete minha felicidade, esforçando-se a passar por isso sem repugnância.”

“De fato, meu Lord, eu deliberadamente não levantaria objeções, nem desejo parecer insensível à honra de sua boa opinião; mas há algo neste plano — tão demasiadamente apressado — tão irracionalmente precipitado. Ademais, nem devo ter tempo de ouvir de Berry Hill; e creia-me, meu Lord, eu deveria ser para sempre miserável, fosse eu, em um caso tão importante, agir sem a sanção do conselho de Mr. Villars.”

Ele ofereceu esperar ele mesmo pelo senhor: mas eu disse a ele que preferia escrever ao senhor. E ele então propôs, que, em vez de eu imediatamente acompanhá-lo a Lincolnshite, devêssemos primeiro passar um mês em minha nativa Berry Hill.

Esta foi, de fato, uma grata proposta a mim, e a ouvi com franco prazer. E, em suma, fui obrigada a consentir a um acordo que meramente deferia o dia até Quinta-feira! Ele prontamente encarregou-se de engajar a concordância de meu pai neste pequeno adiamento; e eu supliquei a ele, ao mesmo tempo, que fizesse uso de sua influência para obter-me uma

segunda entrevista, e para representar a profunda preocupação que senti ao ser assim banida de sua presença.

Ele haveria então falado de estabelecimentos; mas eu lhe assegurei que eu era quase ignorante da palavra.

E agora, meu mais caro Senhor, qual é sua opinião destes apressados procedimentos? Creia-me, eu meio me arrependo da simples facilidade com a qual tenho me permitido ser apressada à submissão; e, deva o senhor apontar senão a menor objeção, irei ainda assim insistir sobre ser permitida mais tempo.

Devo agora escrever um relato conciso do estado de meus assuntos a Howard Grove, e a Madame Duval.

Adieu, mais querido e mais honrado Senhor! Tudo no presente momento depende de sua única decisão; à qual, embora eu me submeta tremendo, eu me submeto implicitamente.

CARTA XIX

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

11 De Outubro.

Ontem de manhã, tão logo o desjejum terminou, Lord Orville foi a Hot Wells, esperar por meu pai com minha dupla petição.
Mrs. Beaumont então, em termos gerais, propôs uma caminhada no jardim. Mrs. Selwyn disse que tinha cartas a escrever; mas Lady Louisa se levantou para acompanhar Mrs. Beaumont.

Eu havia tido alguma razão para imaginar, pela nota com a qual sua Senhoria havia-me honrado durante o desjejum, que o irmão dela a havia familiarizado com minha presente situação, pois o comportamento dela agora confirmava minhas conjecturas: posto que, quando eu haveria subido as escadas, em vez de me permitir, como de costume, passar despercebida, ela me chamou com uma afetada surpresa: “Miss Anville, a senhorita não caminha conosco?”

Parecia algo de tamanha pequenez nesta repentina mudança de conduta, que, com uma involuntária moção de desprezo, eu a agradeci com uma frieza como a dela própria, e declinei sua oferta. Ainda assim, observando que ela corava extremamente com minha recusa, e lembrando de que ela era irmã de Lord Orville, minha indignação cedeu; e, quando Mrs. Beaumont repetiu o convite, eu o aceitei.

Nossa caminhada se provou extremamente enfadonha: Mrs. Beaumont, que nunca fala muito, estava mais silenciosa que o usual; Lady Louisa empenhou-se em vão para colocar de lado a contenção e distância que ela havia até então preservado; e, quanto a mim, eu era muito cônscia das circunstâncias às quais se devia atenção delas, para sentir orgulho ou prazer de recebê-la.

Lord Orville não ficou ausente por muito tempo: ele juntou-se a nós no jardim com um olhar de alegria e bom humor que reviveu-nos a todas. “Vocês são justamente a comitiva,” disse ele, “que eu desejava ver junta. A senhorita me permite, Madame (tomando minha mão), permitir-me a honra de apresentar-lhe, por seu real nome, a duas de minhas parentes

mais próximas? Mrs. Beaumont, dê-me licença para apresentar à senhora a filha de Sir John Belmont, uma jovem dama que, estou certo, deve há muito haver engajado sua estima e admiração, embora a senhora fosse estranha ao nascimento dela."

"Meu Lord," disse Mrs. Beaumont, graciosamente saudando-me, "a posição da jovem dama na vida, a recomendação de sua Senhoria, ou o próprio mérito dela, haveriam, qualquer um deles, sido suficiente para havê-la dado direito à minha consideração; e espero que ela tenha sempre encontrado aquele respeito em minha casa que tanto se lhe deve; contudo, houvesse eu mais cedo sido familiarizada com a família dela, eu deveria indubitavelmente haver sabido melhor como havê-lo assegurado."

"Miss Belmont," disse Lord Orville, "não pode receber esplendor de família, qualquer seja o quanto ela possa dar. Louisa, você será, estou certo, feliz de fazer-se um interesse na amizade de Miss Belmont, quem espero em pouco tempo (beijando minha mão, e juntando-a com a de sua Senhoria) ter a felicidade de apresentá-la a você por ainda outro nome, e pelo mais cativante de todos os títulos."

Creio que seria difícil dizer cujas faces eram, àquele momento, de mais profunda cor, as de Lady Louisa ou as minhas próprias; posto que o cônscio orgulho com o qual ela tem até então me menosprezado, deu a ela um embaraço que igualava a confusão que uma apresentação tão inesperada deu a mim. Ela saudou-me, contudo; e, com um vão sorriso disse: "Devo estimar-me muito feliz de lucrar com a honra da familiarização de Miss Belmont."

Apenas reverenciei, e continuamos a caminhar; mas era evidente, da pequena surpresa que elas expressaram, que já haviam sido informadas do estado desse assunto.

Logo mais companhia juntou-se a nós: e Lord Orville então, em uma voz baixa, tomou uma oportunidade para contar-me do sucesso de sua visita. Em primeiro lugar, Quinta-feira foi concordado; e, em segundo, meu pai, ele disse, estava muito preocupado em ouvir de meu desconforto; enviou-me a bênção dele; e consentiu com meu pedido de vê-lo, com a mesma prontidão com a qual ele haveria concordado qualquer outro que eu pudesse fazer. Lord Orville, portanto, estabeleceu que eu devesse esperar por ele à tarde, e, a pedido particular dele, desacompanhada de Mrs. Selwyn.

Esta gentil mensagem, e o prospecto de tão logo vê-lo, deu-me sensações de mistos prazer e dor, que totalmente ocuparam minha mente até o tempo de minha ida a Hot Wells.

Mrs. Beaumont emprestou-me sua biga e Lord Orville absolutamente insistiu em acompanhar-me. “Se a senhorita for sozinha,” disse ele, “Mrs. Selwyn certamente ficará ofendida; mas se permitir que eu a acompanhe, embora ela possa dar a mais larga extensão de sua galhofa, ela não pode de forma alguma ser afrontada: e para nós é muito melhor sofrer a risada dela, que provocar sua sátira.”

De fato, devo confessar, eu não tinha razão para arrepender-me de estar assim acompanhada; posto que a conversação dele impedia meus ânimos de caírem, e fez com que o trajeto parecesse tão curto, que nós realmente paramos à porta de meu pai, antes que eu soubesse que havíamos percorrido dez jardas.

Ele ajudou-me a sair da carruagem, e conduziu-me ao salão, à porta do qual fui encontrada por Mr. Macartney. “Ah, meu querido irmão,” gritei eu, “quão feliz estou de ver você aqui!”

Ele se curvou e me agradeceu. Lord Orville, então, estendendo a mão, disse: “Mr. Macartney, espero que tornemo-nos mais conhecidos; eu mesmo prometo muito prazer em cultivar sua amizade.”

“Sua Senhoria faz-me senão muita honra,” respondeu Mr. Macartney.

“Mas onde,” perguntei eu, “está minha irmã? Posto que assim devo já chamá-la, e sempre considerá-la: temo que ela me evite; você deve se esforçar, meu querido irmão, para predispô-la em meu favor, e reconciliá-la a ter-me.”

“Oh, Madame,” disse ele, “você é toda bondade e benevolência! Mas no presente momento espero que a dispense, posto que temo que ela mal tenha fortitude suficiente para vê-la: em pouco tempo talvez —”

“Em pouco tempo, então,” interrompeu Lord Orville, “espero que o senhor a apresente, e que hemos de ter o prazer de desejar-lhes ambos alegria: permita-me, minha Evelina, dizer nós, e permita-me, em seu nome, bem como em meu próprio, suplicar que os primeiros convidados que teremos a felicidade de receber possam ser Mr. e Mrs. Macartney.”

Um serviçal então veio para implorar que eu subisse as escadas.

Supliquei que Lord Orville me acompanhasse; mas ele temeu o desprazer de Sir John, que havia desejado ver-me sozinha. Ele me

conduziu, contudo, aos pés da escada, e fez os mais bondosos esforços para dar-me coragem: mas de fato ele não obteve sucesso; posto que a entrevista parecia para mim com todos os seus terrores, e deixou-me nenhum sentimento senão apreensão.

O momento em que alcancei o patamar, a porta da sala de visitas estava aberta: e meu pai, com uma voz de bondade, chamou: “Minha filha, é você?”

“Sim, Senhor,” respondi, correndo adiante, e ajoelhando-me aos pés dele, “é sua filha, se o senhor quiser tê-la!”

Ele ajoelhou-se ao meu lado, e, acolhendo-me em seus braços: “Ter-te,” repetiu ele, “sim, minha pobre menina, e Deus sabe com qual amarga contrição!” Então, levantando tanto ele mesmo quanto a mim, ele trouxe-me para dentro da sala de visitas, fechou a porta, e levou-me à janela; onde, olhando para mim com grande seriedade, “Pobre infeliz Caroline!” gritou ele; e, para minha indizível preocupação, ele explodiu em lágrimas. Preciso dizer-lhe, meu caro Senhor, como as minhas fluíram ao ver isto?

Eu haveria novamente abraçado seus joelhos; mas, apressando-se para longe de mim, ele se afundou sobre um sofá, e, apoiando o rosto dele nos braços, pareceu por algum tempo absorto em amargura e pesar.

Corri o risco de não interromper um lamento que eu tanto respeitava; mas esperei em silêncio, e a uma distância, até que ele se recuperasse dessa violência. Mas então pareceu em um momento ceder a um tipo de frenética fúria; posto que sobressaltando-se repentinamente, com uma severidade que de uma vez surpreenderam e assustaram-me: “Criança,” gritou ele, “não tens ainda humilhado suficientemente teu pai? Se tens, estejas contente com esta prova de minha fraqueza, e não mais te forces à minha presença!”

Atingida por um comando tão inesperado, fiquei parada e sem fala, e duvidei se meus próprios ouvidos não me enganavam.

“Oh vá, vá!” gritou ele, passionalmente; “em piedade, em compaixão, se tu valorizas meus sentidos, deixa-me — e para sempre!”

“Irei, irei,” gritei eu, grandemente aterrorizada; e fui apressadamente em direção à porta: ainda assim, parando quando a alcancei, e, quase involuntariamente, caindo de joelhos: “Condescenda-se,” gritei eu, “Oh, Senhor, condescenda-se senão uma vez a abençoar sua filha, e a visão dela nunca mais há de ofender-lhe!”

“Ai de mim!” gritou ele, em uma voz amenizada, “não sou digno de te abençoar! Não sou digno de chamar-te filha! Não sou digno de que a bela luz dos Céus devam visitar meus olhos! Oh Deus! Que eu pudesse senão chamar de volta o tempo antes que tu nascesses — ou então enterrar essa lembrança em eterno oblívio!”

“Quiseram os Céus,” gritei eu, “que a visão de mim fosse menos terrível ao senhor! Que, em vez de irritar, eu pudesse amenizar seus pesares! Oh Senhor, quão agradecidamente iria eu então provar meu dever, até a risco de minha vida!”

“Você é tão boa?” gritou ele, gentilmente; “venha até aqui, criança; levante, Evelina. Ai de mim! É para eu me ajoelhar, não você; e ajoelhar-me-ia — rastejaria sobre a terra, beijaria o chão, pudesse eu, por tal submissão, obter o perdão da representante da mais ferida das mulheres!”

“Oh Senhor,” exclamei eu, “que o senhor pudesse senão ler meu coração! Que o senhor pudesse senão ver a filial ternura e preocupação com o qual ele se inunda! O senhor não falaria então assim — o senhor não banir-me-ia de sua presença e excluir-me-ia de sua afeição!”

“Bom Deus,” gritou ele, “é então possível que você não me odeie? Pode a filha da injustiçada Caroline olhar-me — e não execrar-me? Não foste tu nascida para abominar, e criada para amaldiçoar-me? Tua mãe não legou-te a bênção em condição que tu devesses detestar e evitar-me?”

“Oh não, não, não!” gritei eu; “não pense tão maldosamente sobre ela, nem tão duramente sobre mim.” Então tomei de meu livro de bolso a última carta dela; e, levando-a contra meus lábios, com mão trêmula, e ainda sobre meus joelhos, dei-a a ele.

Rapidamente arrancando-a de mim, “Bom Deus!” gritou ele, “é a escrita dela. De onde vem isso? Quem deu isso a você? Por que não tive isso mais cedo?”

Não dei resposta; a veemência dele intimidava-me, e não me arrisquei a sair da suplicante postura na qual eu havia me posto.

Ele saiu de mim para a janela, onde os olhos dele ficaram por algum tempo firmados em direção à carta, embora sua mão tremesse tão violentamente que ele mal podia segurá-la. Então, trazendo-a a mim, “Abra-a,” gritou ele, “posto que não posso!”

Eu mesma mal tinha forças para obedecê-lo: mas quando tive, ele a tomou de volta, e andou rapidamente por toda a sala, como se temendo lê-

la. Finalmente, virando-se para mim: “Você sabe,” gritou ele, “o conteúdo?”

“Não, Senhor,” respondi eu, “ela nunca foi aberta.”

Ele então novamente foi à janela e começou a ler. Havendo rapidamente corrido por ela, ele levantou os olhos com um olhar de desespero; a carta caiu das mãos dele, e ele exclamou: “Sim! Tu és santa! Tu és abençoada! E eu estou amaldiçoado para sempre!” Ele continuou por algum tempo fixado nesta melancólica posição; após a qual, levando-se com violência ao chão: “Oh desgraça,” gritava ele, “indigna vida e luz, em que masmorra podes tu esconder minha cabeça?”

Eu não podia mais me conter; levantei e fui a ele; não ousei falar; mas, com piedade e preocupações improferíveis, chorei e me debrucei sobre ele.

Logo depois, levantando-se, ele novamente tomou a carta, exclamando, “Reconheço-te, Caroline! Sim, com o melhor sangue de meu coração eu reconhecer-te-ia! Oh que tu pudesses testemunhar a agonia de minha alma! Dez mil adagas não poderiam haver me ferido como esta carta!”

Então, após novamente lê-la: “Evelina,” ele gritou, “ela cobra-me que eu te receba; irás tu, em obediência à vontade dela, ter por teu pai o destruidor de tua mãe?”

Que temível pergunta! Tremi, mas não pude falar.

“Limpar a fama dela, e receber a filha dela,” continuou ele, olhando inalteravelmente para a carta, “são as condições sob as quais ela deixa-me perdão: sua fama já esclareci; e Oh, quão voluntariamente eu tomaria a filha dela em meu seio, acolhê-la-ia em meu coração — chamaria por ela para mitigar minha angústia, e despejar o bálsamo do conforto em meus ferimentos, não fosse eu cônscio de que não mereço recebê-lo, e que toda minha aflição é o resultado de minha própria culpa!”

Foi em vão que tentei falar; horror e pesar tomaram de mim todo poder de elocução.

Ele então leu em voz alta a carta: “Não parece com tua infortunada mãe!” “Doce alma, com qual amargura de espírito tens tu escrito! Venha até aqui, Evelina. Bom Deus! (olhando seriamente para mim) nunca foi a semelhança mais impactante! Os olhos, a face, a forma — Oh minha criança! Minha criança!” Imagine, Senhor, posto que nunca consigo

descrever meus sentimentos, quando o vi afundar de joelhos ante mim! “Oh, cara semelhança de tua assassinada mãe! Oh, tudo o que permanece da mais ferida das mulheres! Contempla teu pai a teus pés! Curvando-se assim tão baixo para implorar que você não o odeie. Oh, então, tu representante de minha falecida esposa, fale a mim em nome dela, e diga que o remorso que rasga a minha alma não me tortura em vão!”

“Oh, levante, levante, meu amado pai,” gritei eu, tentando assisti-lo; “não posso suportar vê-lo assim; não inverta a lei da natureza; levante-se, e abençoe sua ajoelhada filha!”

“Que os Céus possam te abençoar, minha criança!” gritou ele, “posto que eu não ouso.” Ele então levantou; e, abraçando-me mais afetuosamente, acrescentou: “Eu vejo, eu vejo que tu és toda bondade, suavidade, e ternura; eu não precisava haver-te temido, tu és tudo o que o mais amoroso pai poderia desejar, e tentarei enquadrar minha mente a menos dolorosas sensações ao ver-te. Talvez o tempo venha, quando eu possa conhecer o conforto de tal filha; no presente estou apenas apto a ficar sozinho: temíveis como são minhas reflexões, elas devem apenas atormentar a mim mesmo. *Adieu*, minha criança; não fica com raiva, não posso ficar contigo; Oh, Evelina! Tua continência é uma adaga para meu coração! Justo assim tua mãe parecia, justo assim —”

Lágrimas e suspiros pareciam sufocá-lo; e, abanando sua mão, ele haver-me-ia deixado; mas, segurando-me a ele: “Oh, Senhor,” gritei eu, “o senhor tão logo me abandonará? Sou novamente uma órfã! Oh, meu caro, meu há-muito-perdido pai, não me deixe, lhe suplico! Tenha piedade de sua filha, e não a roube do pai que ela tão amorosamente esperava que a acolhesse!”

“Você não sabe o que pede,” gritou ele; “as emoções que agora rendem minha alma são mais do que o que minha razão pode suportar; permita-me então, deixá-la; não impute isso à maldade, mas pensa-me tão bem quanto podes. Lord Orville tem se comportado nobremente; creio que ele te fará feliz.” Então, novamente abraçando-me, “Deus te abençoe, minha querida filha,” gritou ele, “Deus te abençoe, minha Evelina! Esforce-se para amar — pelo menos para não odiar-me — e para fazer-me um interesse em teu filial seio, pensando em mim como teu pai.”

Eu não conseguia falar; beijei as mãos dele em meus joelhos: e então, com ainda mais emoção, ele novamente me abençoou, e se apressou

para fora do quarto — deixando-me quase afogada em lágrimas.

Oh, Senhor, todo bondade como o senhor é, quanto o senhor sentirá por sua Evelina, durante uma cena de tal agitação! Rogo que os Céus aceitem o tributo do remorso dele, e restaurem-no à tranquilidade!

Quando eu estava suficientemente composta para retornar ao salão, encontrei Lord Orville esperando por mim com máxima ansiedade: e então uma nova cena de emoção, embora de uma muito diferente natureza, aguardava-me; posto que descobri que Mr. Macartney, que este mais nobre dos homens havia insistido que a há-tanto-suposta Miss Belmont devesse ser considerada, de fato, como minha irmã, e como a co-herdeira de meu pai; embora não em lei, em justiça, ele diz, ela deveria ser tratada como a filha de Sir John Belmont.

Oh! Lord Orville! Há de ser o único estudo de minha feliz vida, expressar melhor que por palavras, o senso que tenho de sua exaltada benevolência e grandeza de espírito!

CARTA XX

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Clifton, 12 De Outubro.

Esta manhã, cedo, recebi a seguinte carta de Sir Clement Willoughby:

"A Miss Anville.

Tenho este momento recebido informação que preparações estão realmente sendo feitas para seu casamento com Lord Orville".
"Não imagine que escrevo com a imbecil ideia de tornar essas preparações abortivas. Não, não sou tão louco. Meu único objetivo é explicar o motivo de minha conduta em uma particular instância, e obviar à acusação de perfídia que pode ser encarregada a mim".

"Meu não guardado comportamento, da última vez que lhe vi, tem provavelmente já lhe familiarizado, que a carta que a vi lendo fora escrita por mim mesmo. Para sua posterior satisfação, deixe-me ter a honra de informar-lhe, que a carta que a senhorita havia designado para Lord Orville, havia caído em minhas mãos".

"Embora eu possa haver sido urgido por uma cólera a mais violenta que já aqueceu o coração de um homem, não posso de modo algum calmamente me submeter a ser estigmatizado por uma ação aparentemente tão desonrosa; e é por esta razão que lhe incomodo com esta justificativa".

"Lord Orville — o feliz Orville, que a senhorita está tão pronta para abençoar — havia-me feito crer que não a amava; melhor ainda, que ele a tinha por desprezo".

"Tais eram meus pensamentos dos sentimentos dele pela senhorita, quando tive posse da carta que a senhorita pretendia enviar a ele. Fingi não vindicar nem os meios que usei para obtê-la, ou a ação de romper o selo; mas fui impelido, por uma impetuosa curiosidade, a descobrir os termos sobre os quais a senhorita escreveu a ele".

“A carta, contudo, era totalmente ininteligível a mim, e a leitura dela apenas acrescentou à minha perplexidade”.

“Um manso suspense não fui nascido para suportar, e decidi esclarecer minhas dúvidas a todos os custos e eventos”.

“Respondi-a, portanto, em nome de Orville”.

“Os objetivos que não irei reconhecer, devem, infalivelmente incorrer seu desprazer; ainda assim desprezo qualquer paliação”.

“Brevemente, então, ocultei sua carta para prevenir uma descoberta de sua capacidade; e lhe escrevi uma resposta, que eu esperava que lhe impedisse de desejar qualquer outra”.

“Estou bastante ciente de cada coisa que possa ser dita sobre este assunto. Lord Orville irá, possivelmente, pensar-se mal usado; mas sou extremamente indiferente quanto à opinião dele; nem agora escrevo por modo de oferecer quaisquer desculpas a ele, mas meramente para tornar conhecido à própria senhorita as razões pelas quais tenho sido governado”.

“Pretendo partir semana próxima para o Continente. Deva sua Senhoria ter quaisquer ordens para mim no meio tempo, devo ser feliz em recebê-las. Não digo isto em forma de desafio — eu deveria corar ao ser suspeito de tal fazejo através de um canal indireto; mas simplesmente que, se a senhorita mostrar a ele esta carta, ele possa saber que ouso defender, assim como desculpar, minha conduta”.

“CLEMENT WILLOUGHBY.”

Que estranha carta! Quão orgulhoso e irritado seu escritor parece! A que alternada maldade e imprudência as paixões levam, quando a razão e a autonegação não as opõem! Sir Clement é cônscio de que ele tem agido desonrosamente; ainda assim a mesma desbridada veemência, que urgiram-no a gratificar uma culpável curiosidade, irá antes incitá-lo a arriscar a vida dele, que, confessar sua má conduta. A rudeza dos modos dele ao escrever para mim, nasce, da mesma causa: a prova que ele tem recebido de minha indiferença a ele, tem-no ferroado à alma, e ele não tem nem a delicadeza nem a abstenção para disfarçar o desprazer dele.

Decidi não mostrar esta carta a Lord Orville, e considerei mais prudente informar a Sir Clement que eu não deveria. Escrevi, portanto, a seguinte nota:

“A Sir Clement Willoughby”.

“SENHOR,

A carta que o senhor desejou endereçar a mim, é tão pouco calculada a fornecer qualquer satisfação a Lord Orville, que o senhor pode depender sobre minha cuidadosa manutenção da mesma das vistas dele. Não lhe carregarei ressentimento pelo que passou; mas eu mais seriamente suplico, melhor ainda imploro, que o senhor não escreva novamente, enquanto seu presente estado de espírito, por qualquer canal, direto ou indireto”.

“Espero que o senhor tenha muito prazer em sua prometida expedição; e imploro licença para assegurar-lhe de meus bons desejos.”

Não sabendo por que nome assinar, fui obrigada a enviá-la sem nenhum.

As preparações que Sir Clement menciona, continuam exatamente como se seu consentimento houvesse chegado: é em vão que expostulo; Lord Orville diz, devam quaisquer objeções ser suscitadas, tudo deverá ser abandonado; mas que, como as esperanças dele o proíbem de esperar qualquer uma, ele deve prosseguir como se já assegurado de sua concordância.

Tivemos, esta tarde, uma conversação mais interessante, na qual temos traçado nossos sentimentos um pelo outro desde a primeira vez que nos conhecemos. Tenho feito-o confessar quão mal ele pensava de mim sobre minha tola frivolidade no baile de Mrs. Stanley; mas ele me lisonjeia com garantias, de que cada sucessiva vez que ele me via, eu parecia algo de menos e menos desvantagem.

Quando expressei meu espanto que ele pudesse honrar com a escolha dele uma garota que parecia tão infinitamente, em todo respeito, abaixo de sua aliança, ele francamente confessou, que havia inteiramente intencionado fazer mais minuciosos inquéritos sobre minha família e parentesco; particularmente concernindo aquelas pessoas com quem ele me viu em Marybone, antes que ele adquirisse sua boa impressão em meu favor: mas vendo-me novamente, o deixou bastante de guarda baixa; e, “desvestindo-o de prudência, deixou-o nada além de amor.” Estas foram as palavras dele; e ainda assim, ele tem repetidamente assegurado-me, que a parcialidade dele não tem conhecido fronteiras desde o tempo de minha residência em Clifton.

****

Mr. Macartney tem acabado de estar comigo, em uma embaixada de meu pai. Ele tem me enviado seu mais bondoso amor e garantias de favor; e desejava saber se estou feliz no prospecto de mudar minha situação, e se há qualquer coisa que eu possa nomear que ele possa fazer por mim. E, ao mesmo tempo, Mr. Macartney entregou a mim uma letra de câmbio do banqueiro de meu pai por mil libras, que ele insistiu que eu devesse receber inteiramente para meu próprio uso, e expender em equipar-me apropriadamente para a nova posição da vida à qual pareço destinada.

Estou certa de que não preciso dizer quanto fui penetrada por esta bondade: escrevi meus agradecimentos, e reconheci, francamente, que se eu pudesse vê-lo restaurado à tranquilidade, meu coração estaria sem um desejo.

CARTA XXI

EVELINA EM CONTINUAÇÃO

Clifton, 13 De Outubro.

O tempo se aproxima agora quando espero que devamos nos encontrar; ainda assim não consigo dormir; grande alegria é tão inquieta quanto pesar — e, portanto, continuarei meu relato.

Já que nunca tive uma oportunidade de ver Bath, uma comitiva foi formada noite passada para mostrar-me esta celebrada cidade; e esta manhã, após o desjejum, partimos em três faetontes. Lady Louisa e Mrs. Beaumont com Lord Merton; Mr. Coverley, Mr. Lovel e Mrs. Selwyn; e eu mesma com Lord Orville.

Havíamos mal percorrido meia milha, quando um cavalheiro da biga de cargo que veio galopando atrás de nós, gritou aos serviçais: “Alô, meu rapazes! Rogo, há uma Miss Anville em alguma dessas boias?”

Imediatamente reconheci a voz de Capitão Mirvan; e Lord Orville parou o faetonte. Ele estava fora da biga, e conosco em um momento. “Então, Miss Anville,” gritou ele, “como você vai? Então ouço que você é Miss Belmont agora; rogo, como vai a velha Madame Francesa?”

“Madame Duval,” disse eu, “está, creio eu, muito bem.”

“Espero que ela esteja em bom estado,” disse ele, piscando significativamente, “e não hesite ao ver meus serviços: ela já tem estado deitada o suficiente para se recompor e ser ajeitada. E rogo como está aquele pobre Monsiê Doloroso? Ele está de queixo liso como sempre?”

“Nenhum deles está,” disse eu, “em Bristol.”

“Não!” gritou ele, com um olhar de desapontamento; “mas certamente a velha megera pretende vir ao casamento! Será uma mais excelente oportunidade para exibir a melhor seda Lyons dela. Ademais, pretendo dançar uma jiga da moda nova com ela. Você não sabe quando ela virá?”

“Não tenho razão para esperá-la de modo algum.”

“Não! Por George, esta aqui é a pior notícia que eu desejaria ouvir! Ora eu vinha pensado em nada todo o caminho, senão que truque eu

deveria servi-la."

"O senhor tem sido muito agradável!" disse eu, rindo.

"Ó, lhe prometo," gritou ele, "nossa Moll nunca haveria-me adulado para vir a essa excursão, se eu soubesse que ela não estava aqui; posto que, para lhe contar um segredo, eu totalmente pretendia haver presenteado a velha pinote com outro gracejo."

"Miss Mirvan, então, persuadiu o senhor a fazer esta jornada?"

"Sim, e nós temos viajado a noite toda."

"Nós!" gritei eu: "Miss Mirvan está, então, com o senhor?"

"O quê? Molly? Sim, ela está lá naquela biga."

"Bom Deus, Senhor, por que o senhor não me disse logo?" gritei eu; e imediatamente, com a assistência de Lord Orville, pulei para fora do faetonte, e corri para a querida moça. Lord Orville abriu a porta da biga; e estou certa de que não preciso dizer ao senhor que sincera alegria acompanhou nosso encontro.

Nós duas imploramos para não sermos separadas durante o percurso; e Lord Orville foi tão bom a ponto de convidar o Capitão Mirvan para o faetonte dele.

Penso que mal estive mais regozijada que com esta tão oportuna visita de minha querida Maria; que havia tão logo ouvido a situação de meus assuntos, que com a assistência de Lady Howard, e sua bondosa mãe, ela suplicou ao pai com tal seriedade a consentir a jornada, que ele não havia sido capaz de opor-se às suas súplicas unidas; embora ela confessasse que, houvesse ele não esperado haver encontrado Madame Duval, ela crê que ele não tão prontamente haveria cedido. Eles chegaram à casa de Mrs. Beaumont senão poucos minutos depois, estávamos fora de vista, e nos ultrapassaram com muita dificuldade.

Nada digo de nossa conversação, porque o senhor pode tão bem supor ambos os assuntos que escolhemos, e nossa maneira de discuti-los.

Todos paramos em um grande hotel, onde fomos compelidos a inquirir por um quarto, enquanto Lady Louisa, fatigada de morte, desejou tomar alguma coisa antes de começarmos nossos deâmbulos.

Tão logo a comitiva estava reunida, o Capitão, abruptamente saudando-me, disse: "Então, Miss Belmont, lhe desejo alegria; então ouço que você já brigou com seu novo nome?"

"Eu! Não, de fato, Senhor."

“Então lhe peço me conte a razão pela qual você tem tanta pressa em mudá-lo?”

“Miss Belmont!” gritou Mr. Lovel. Olhando a seu redor com máximo espanto: “Peço perdão; mas, se não é impertinente — devo implorar licença para dizer que sempre entendi que o nome da dama era Anville.”

“Por George,” gritou o Capitão, “corre em minha cabeça, já vi o senhor em algum lugar antes! E agora que penso nisso, rogo não é o senhor a pessoa que vi na peça uma noite e que não sabia, todo o tempo, se era uma tragédia ou uma comédia, ou um concerto de rabequistas?”

“Creio, Senhor,” disse Mr. Lovel, gaguejando, “eu, tive uma vez — eu acho — o prazer de ver o senhor primavera passada.”

“Sim, e se eu viver cem primaveras,” respondeu ele, “nunca hei de esquecer disso; por Jesus, me serviu de uma mais excelente piada desde então. Bem, de alguma forma, estou feliz em lhe ver ainda na terra dos vivos,” (sacudindo-o brutamente pela mão). “Rogo, se um corpo pode ser tão ousado, quanto por noite o senhor dá atualmente para manter os coveiros avoados?”

“Eu, Senhor!” disse Mr. Lovel, muito descomposto; “protesto que nunca me pensei em tal iminente perigo a ponto de — realmente, Senhor, não lhe entendo.”

“Ó, não entende! Ora então tomarei a liberdade de me explicar. Cavalheiros e Damas, vou lhes dizer uma coisa; vocês sabem este cavalheiro aqui, simples como ele se senta ali, paga cinco xelins toda noite para que os amigos saibam que ele está vivo!”

“E muito pouco também,” disse Mrs. Selwyn, “se considerarmos o valor da informação.”

Lady Louisa estando agora recuperada, prosseguimos nossa expedição.

A encantadora cidade de Bath correspondeu a todas as minhas expectativas. O Crescent[29], a paisagem dele, e a elegante simetria do Circo, deleitaram-me. As Parades, confesso, bastante desapontaram-me; uma delas mal é preferível a algumas das ruas mais pavimentadas em Londres; e a outra, embora forneça um lindo prospecto, uma encantadora visão de Prior Park e do rio Avon, ainda assim carecia de algo em si

mesmo de mais impactante elegância que um mero amplo pavimento, para satisfazer as ideias que eu havia formado disso.

Na sala de vapores, fiquei espantada com a exibição pública das damas no banho; é verdade, suas cabeças estão cobertas com chapéus; mas a própria ideia de ser vista, em tal situação, por quem quer que deseje olhar, é indelicada.

"Por George," disse o Capitão, olhando para o banho, "este seria um lugar mais excelente para a velha Madame Francesa dançar um fandango! Por Jesus, eu não desejaria uma diversão melhor que sacudi-la por este charco!"

"Ela seria muito agradecida ao senhor," disse Lord Orville, "por tão extraordinária marca de seu favor."

"Ora, para o senhor saber," respondeu o Capitão, "ela caiu em minhas graças fortemente; nunca tomei tanto por uma velha mexeriqueira antes."

"Realmente agora," gritou Mr. Lovel, também olhando para o banho, "devo confessar que é, para mim, muito incompreensível porque as damas escolhem aquele medonho indecoroso vestido para banharem-se! Tenho muito frequentemente ponderado muito seriamente sobre o asunto, mas nunca pude atingir a razão."

"Bem, eu declaro," disse Lady Louisa, "eu devo gostar de todas as coisas que trazem algo de novo; sempre odiei banhar-me, porque não se pode usar um vestido bonito para tal! Agora vá, aí está uma boa criatura, tente ajudar-me a algo."

"Quem, eu! Ó, cara Madame," disse ele, com um sorriso afetado, "não posso fingir assistir uma pessoa dos gostos de sua Senhoria; ademais, não tenho a menor cabeça para modas. Realmente não penso que já tenha inventado mais de três em minha vida! Mas nunca tive o menor tino para vestido — nem qualquer noção de requinte ou elegância."

"Homessa, Mr. Lovel! Como o senhor pode falar assim? Não sabemos todos que o senhor dá o tom no *beau monde*? Declaro, penso que o senhor se vista melhor que qualquer pessoa."

"Ó, cara Madame, a senhora me confunde ao último grau! Visto-me bem! Protesto que acho que nunca estou apto a ser visto! Frequentemente me choco de morte ao pensar com que imagem irei. Se sua Senhoria me

crerá, estive por inteira meia hora esta manhã pensando no que eu deveria vestir!”

“Por minha vida,” gritou o Capitão, “eu queria ter estado perto do senhor! Garanto que haveria acelerado seus movimentos um pouco. Meia hora pensando no que vestir? E quem diabos o senhor pensa que se importa a fungadela de uma vela se o senhor veste qualquer coisa ou não?”

“Ó rogo, Capitão,” disse Mrs. Selwyn, “não fique com raiva do cavalheiro por pensar, qualquer que tenha sido a causa, posto que lhe asseguro que não é prática comum dele ofender dessa maneira.”

“Realmente, Madame, a senhorita é prodigiosamente boa,” disse Mr. Lovel, raivosamente.

“Rogo agora,” disse o Capitão, “o próprio senhor já se entranhou naquele lugar aqui?”

“Entranhar, Senhor!” repetiu Mr. Lovel: “Protesto que penso este termo bastante estranho! Mas se o senhor se refere a um banho, é uma honra que já tive várias vezes.”

“E rogo, se um corpo pode ser tão ousado, o que o senhor faz com esses caracóis encaracolados que o senhor tem aí em cima? Ora, aposto o que o senhor quiser, há gordura e brilhantina suficiente em sua coroa para fazer boiar, se o senhor fosse entrar de ponta cabeça.”

“E não sei,” gritou Mrs. Selwyn, “mas essa deve ser a forma mais fácil; posto que estou certa de que seria a mais leve.”

“Indo por esse assunto aí,” disse o Capitão, “a senhora deve fazer dele um soldado, antes que posssa dizer qual é mais leve, cabeça ou pés. De qualquer modo, eu colocaria dez libras a um xelim, eu poderia agitá-lo com tanta destreza piscina adentro, que ele deveria baquear leve sobre seu topete e rodopiar como uma piorra.”

“Feito!” gritou Lord Merton; “aceito seus termos!”

“Aceita?” respondeu ele; “ora então, por George, eu faria tão rápido quanto dizer Jack Robinson.[30]”

“He, he!” fracamente riu Mr. Lovel, enquanto se dirigia abruptamente para longe da janela; “por minha honra, isto é agradável o suficiente; mas não vejo que direito qualquer um tem de fazer apostas sobre uma pessoa sem o consentimento dela.”

“Nisso, Lovel, você está fora,” gritou Mr. Coverley, “qualquer homem pode fazer qual aposta sobre você que quiser; seu consentimento

não é nada ao propósito: ele pode apostar que seu nariz é um céu azul, se ele quiser."

"Sim," disse Mrs. Selwyn, "ou que sua mente é mais adornada que sua pessoa; ou qualquer absurdidade outra."

"Protesto," disse Mr. Lovel, "penso ser um muito desagradável privilégio, e devo implorar que ninguém possa tomar tal liberdade comigo."

"Gostar suficiente o senhor pode," gritou o Capitão; "mas o que é isso ao propósito? Suponho que eu tenha em mente apostar que o senhor nunca teve um dente em sua cabeça — rogo, como o senhor irá me entravar?"

"O senhor me permitirá, pelo menos, Senhor, tomar a liberdade de perguntar como o senhor irá prová-lo?"

"Como? Ora, esmurrando-os todos por sua garganta abaixo."

"Esmurrando-os garganta abaixo, Senhor!" repetiu Mr. Lovel, com um olhar de horror; "Protesto que nunca ouvi algo tão chocante em minha vida! E devo implorar licença para observar, que nenhuma aposta, em minha opinião, poderia justificar tal bárbara ação."

Aqui Lord Orville interferiu e nos apressou para dentro de nossas carruagens.

Retornamos na mesma ordem em que viemos. Mrs. Beaumont convidou toda a comitiva para jantar, e tem sido tão compelida a ponto de implorar que Miss Mirvan continuasse em sua casa durante sua estadia. O Capitão se alojará em Wells.

A primeira meia hora após nosso retorno foi devotada a ouvir as desculpas de Mr. Lovel por jantar em seu traje de passeio.

Mrs. Beaumont então, dirigindo-se a Miss Mirvan e eu, inquiriu se havíamos gostado de Bath.

"Espero," disse Mr. Lovel, "que as damas não chamem isso de ver Bath."

"Não? O que deveria incomodá-las?" gritou o Capitão, "o senhor supõe que elas tenham colocado seus olhos nos bolsos?"

"Não, Senhor; mas eu imagino que o senhor não encontrará pessoa, isto é, nenhuma pessoa de qualquer condição — que diga que ir a uns poucos lugares em uma manhã é ver Bath."

“Pode ser, então,” disse o literal Capitão, “o senhor pensa que deveríamos ver melhor indo pela meia-noite?”

“Não, Senhor, não,” disse Mr. Lovel, com um altivo sorriso, “percebo que o senhor não me entende; não devemos nunca chamar isso de ver Bath, sem ir para lá na estação certa.”

“Ora, que praga, então,” exigiu saber ele, “o senhor só pode ver em uma estação do ano?”

Mr. Lovel novamente sorriu; mas parecia superior a dar qualquer resposta.

“Os entretenimentos de Bath,” disse Lord Orville, “têm uma mesmice neles, que, após pouco tempo, tornam-na bastante insípida; mas a maior objeção que pode ser feita ao lugar, é o encorajamento que dá a jogadores.”

“Ora, eu espero, meu Lord, que o senhor não pense em abolir a jogatina,” gritou Lord Merton, “é o maior gosto da vida! Que o diabo me carregue se eu puder viver sem ela.”

“Lamento por isso,” disse Lord Orville, seriamente, e olhando para Lady Louisa.

“Sua Senhoria não é juiz neste assunto,” continuou o outro; “mas se uma vez só nós pudéssemos lhe colocar numa mesa de jogo o senhor nunca seria feliz longe dela!”

“Espero, meu Lord,” gritou Lady Louisa, “que ninguém aqui nunca faça com que o senhor a abandone.”

“Sua Senhoria,” disse Lord Merton, lembrando-se de sua situação, “tem o poder de me fazer deixar qualquer coisa.”

“Exceto ela mesma,” disse Mr. Coverley. “Oh Deus, meu Deus, acho que lhe ajudei aqui!”

“Vocês homens de astúcia, Jack,” respondeu sua Senhoria, “estão sempre prontos; por minha parte, não pretendo quaisquer talentos neste rumo.”

“É mesmo, meu Lord?” Perguntou a sarcástica Mrs. Selwyn; “bem, isto é maravilhoso, considerando que o sucesso estaria tanto em seu poder.”

“Rogo, Madame,” disse Mr. Lovel a Lady Louisa, “sua Senhoria ouviu a novidade?”

“Novidade! Que novidade?”

“Ora, o relato circulando em Wells concernindo uma certa pessoa.”

“Ó Deus, não: rogo, conte-me o que é?”

“Ó não, Madame, imploro que sua Senhoria me dispense; é um profundo segredo, e eu não o haveria mencionado, se não pensasse que a senhora o soubesse.”

“Deus, agora, como pode ser tão monstruoso? Declaro, agora, o senhor é uma provocadora criatura! Mas vamos, sei que me contará; conte agora, sim?”

“Sua Senhoria sabe que sou senão muito feliz em obedecê-la; mas, por minha honra, não posso falar uma palavra, se todos vocês não prometerem-me o mais inviolável segredo.”

“Eu queria que vocês esperassem isso de mim,” disse o Capitão, “e eu lhes dou minha palavra que seriam burros por um tempo. Segredo, como assim? Por George, imagino se vocês não ficam envergonhados de mencionarem tal palavra, quando falam de contar um a uma mulher. Embora, por esse assunto, eu tagarelaria a todo o sexo de uma vez só, do que ir contar a tal coisa como é o senhor.”

“Tal coisa como eu, Senhor!” disse Mr. Lovel, deixando cair sua faca e garfo, e parecendo muito importante; “eu realmente não tenho a honra de entender sua expressão.”

“Não há problemas,” disse o Capitão; “o senhor pode tê-la explicada quando desejar.”

“Por minha honra, Senhor,” respondeu Mr. Lovel, “devo tomar a liberdade de dizer-lhe, que eu deveria ficar extremamente ofendido, mas que suponho ser alguma frase do mar; e, portanto, deixarei passar sem mais nota.”

Lord Orville, então, para mudar o discurso, perguntou a Miss Mirvan se ela deveria passar o inverno subsequente em Londres?

“Não, certamente,” disse o Capitão, “com que fim ela iria? Ela viu tudo o que era para ser visto antes.”

“É Londres, então,” disse Mr. Lovel, sorrindo para Lady Louisa, “apenas para ser considerada uma visão?”

“Ora, rogo, Mr. Pedante, como lhe agrada considerá-la ao senhor mesmo? Responda-me isso.”

“Ó Senhor, minha opinião, imagino, o senhor mal pensaria inteligível. Não entendo frases do mar o suficiente para defini-la à sua

compreensão. Sua Senhoria não pensa que a tarefa seria bastante difícil?"

"Ó Lord, sim," gritou Lady Louisa; "declaro que eu antes ensinaria meu papagaio a falar Galês."

"Ha! ha! ha! Admirável; Por minha honra, sua Senhoria está com sorte hoje; mas que, de fato, sua Senhoria está todos os dias. Embora, com certeza, seja cândido reconhecer, que os cavalheiros do oceano têm um conjunto de ideias, assim como um dialeto, tão oposto ao nosso, que não é de modo algum surpreendente que eles devam considerar Londres uma mera exibição, que possa ser vista apenas olhando para ela. Ha! Ha! Ha!"

"Ha! Ha!" ecoou Lady Louisa; "Bem, declaro que o senhor é a mais divertida criatura!"

"He! He! Por minha honra, não posso evitar rir do conceito de ver Londres em poucas semanas!"

"E que praga lhe entravaria?" gritou o Capitão; "o senhor quer passar um dia em cada rua?"

Aqui novamente Lady Louisa e Mr. Lovel trocaram sorrisos.

"Ora, eu lhe garanto, se eu estivesse mostrando-a, eu lhe arrastaria da igreja de St. James até Wapping logo na primeira manhã."

Os sorrisos eram agora, com acrescido desprezo, repetidos; que o Capitão observando, olhou muito furiosamente para Mr. Lovel, e disse: "Ouça minha chispa, nada dos seus sorrisos arreganhados! É um calão que eu não entendo; e se o senhor me der mais um pouco dele, devo me aproximar para lhe emprestar um tabefe à orelha."

"Protesto, Senhor," disse Mr. Lovel, ficando extremamente pálido, "penso que é tomar uma muito particular liberdade com uma pessoa, falar com alguém em tal estilo como este!"

"Como o senhor possa," respondeu o Capitão: "mas dê uma boa tragada, e eu lhe garanto que o senhor engolirá." Então, pedindo por um copo de ale, com um aceno muito provocativo e significante, ele bebeu à sua fácil digestão.

Mr. Lovel não deu resposta, mas parecia extremamente solene; e, logo depois, deixamos os cavalheiros a eles mesmos.

Tive então duas cartas entregues a mim; uma de Lady Howard e Mrs. Mirvan, que continha as mais bondosas congratulações; e a outra de Madame Duval; mas nem uma palavra do senhor, para minha não pequena surpresa e preocupação.

Madame Duval parece grandemente regozijada com minha mais recente informação: um violento resfriado, ela diz, impede a vinda dela a Bristol. Os Branghtons, ela me conta, estão todos bem; Miss Polly está logo para se casar com Mr. Brown; mas Mr. Smith tem mudado os alojamentos dele, "que," ela acrescenta, "tem deixado a casa extremamente enfadonha. Contudo, estas não são as piores notícias; *pardi*, eu queria que fossem! Mas tenho sido usada como ninguém — posto que Monsieur Du Bois tem tido a baixeza de voltar para França sem mim." Em conclusão, ela me assegura, como o senhor prognosticou que ela faria, que eu deva ser a única herdeira de tudo o que ela vale, quando Lady Orville.

À hora do chá, juntaram-se a nós todos os cavalheiros menos Capitão Mirvan, que foi ao hotel onde ele estava a dormir, e fez sua filha acompanhá-lo, para separar os berloques dela, como ele chamava, das roupas dele.

Tão logo eles haviam saído, Mr. Lovel, que ainda parecia extremamente amuado, disse: "Protesto, nunca vi tão vulgar, abusivo indivíduo em minha vida, como aquele Capitão: por minha honra, creio que ele veio aqui por nenhum propósito no mundo que não procurar briga; contudo, por minha parte, voto que não cederei a ele."

"Declaro," gritou Lady Louisa, "que ele me colocou um medo monstruoso; nunca ouvi qualquer pessoa falar tão chocantemente em minha vida!"

"Penso," disse Mrs. Selwyn, com grande solenidade, "que ele ameaçou lhe bofetear os ouvidos, Mr. Lovel; não ameaçou?"

"Realmente, Madame," disse Mr. Lovel, corando, "se alguém fosse se importar com toda coisa que cada tipo de pessoa baixa diz, alguém nunca deveria descansar por uma impertinência ou outra; então penso que a melhor maneira é estar acima de tomar qualquer nota deles."

"O quê" disse Mrs. Selwyn, com a mesma seriedade, "e então receba o golpe em silêncio!"

Durante este discurso, ouvi a biga do Capitão parar à porta, e desci correndo para encontrar Maria. Ela estava sozinha, e contou-me que seu pai, que, ela tinha certeza, tinha algum esquema em agitação contra Mr. Lovel, havia enviado-a antes dele. Continuamos no salão até o retorno dele, e juntou-se a nós Lord Orville, que me implorou que não insistíssemos em uma paciência tão antinatural, tão submissa para ser

excluída de nossa sociedade. E permita-me, meu caro Senhor, com um grato coração permita-me confessar, nunca antes passei meia hora em tão perfeita felicidade.

Creio que todos lamentamos quando o Capitão retornou; ainda assim a satisfação interna dele, por qualquer que tenha sido a causa, não parecia inferior à que a nossa havia sido. Ele acariciou Maria sob o queixo, esfregou as mãos uma na outra, e mal era capaz de conter a completude de sua satisfação. Nós todos o acompanhamos à sala de visitas; onde, havendo composto seu semblante, sem qualquer atenção prévia a Mrs. Beaumont, ele marchou até Mr. Lovel, e abruptamente disse: "Rogo, o senhor já teve algum irmão nessas partes daqui?"

"Eu, Senhor? Não, graças aos Céus, sou livre de todos os estorvos desse tipo."

"Bem," gritou o Capitão, "encontrei uma pessoa quase agora tão como o senhor, que eu poderia haver jurado que era seu irmão gêmeo."

"Haveria sido o mais singular prazer para mim," disse Mr. Lovel, "se eu também pudesse tê-lo visto; posto que, realmente, não tenho a menor noção de que tipo de pessoa sou, e tenho uma prodigiosa curiosidade para saber."

Logo então o serviçal do Capitão, abrindo a porta, disse: "Um pequeno cavalheiro lá embaixo deseja ver um Mr. Lovel."

"Peça-o que suba até aqui," disse Mrs. Beaumont. "Mas, rogo qual é a razão pela qual William está fora do caminho?"

O homem fechou a porta sem qualquer resposta.

"Não posso imaginar quem seja," disse Mr. Lovel: "Não lembro de um pequeno cavalheiro de meu conhecimento em Bristol, exceto — de fato o Marquis de Charlton; mas não imagino que possa ser ele. Deixe-me ver, quem mais há que seja tão pequeno?"

Um confuso barulho entre os serviçais agora atraíram todos os olhos em direção à porta: o impaciente Capitão se apressou para abri-la; e então, batendo palmas, gritou: "Por George, é a mesma pessoa que tomei por seu parente!"

E então, para absoluto espanto de todos menos ele mesmo, ele arrastou para dentro da sala um macaco, inteiramente vestido, e extravagantemente — *à la mode*!

A consternação da companhia era quase geral. O pobre Mr. Lovel parecia estupefato com indignação e surpresa: Lady Louisa começou um grito, que por algum tempo foi incessante; Miss Mirvan e eu pulamos involuntariamente sobre os assentos de nossas cadeiras; a própria Mrs. Beaumont seguiu nosso exemplo; Lord Orville se posicionou à minha frente como um guarda; e Mrs. Selwyn, Lord Merton e Mr. Coverley explodiram em um alto, imoderado, ingovernável ataque de riso, ao qual juntou-se o Capitão, até que, incapaz de se suportar, ele rolou no chão.

A primeira voz que conseguiu passar através deste barulho geral foi aquela de Lady Louisa, que seu medo e grito tornaram extremamente estridente. “Leve isso embora!” gritou ela, “leve o monstro embora; hei de desmaiar, hei de desmaiar se não o levar!”

Mr. Lovel, irritado além da tolerância, raivosamente exigiu saber do Capitão o que ele queria dizer?

“Dizer?” gritou o Capitão, assim que foi capaz de falar; “ora apenas mostrar o senhor em suas cores apropriadas.” Então se levantando, e apontando para o macaco: “Ora agora, damas e cavalheiros, serei julgado por todos vocês! Vocês alguma vez já viram qualquer coisa mais parecida? Pela minha vida, se não fosse por essa cauda aqui, vocês não saberiam diferenciar um do outro.”

“Senhor,” gritou Mr. Lovel, pisando firme no chão, “devo tomar um tempo para fazê-lo sentir minha ira.”

“Ora vamos,” continuou o indiferente Capitão, “só por diversão, tire seu casaco e colete, e troque com os do Monsiê Sorrisonovo aqui; e eu lhe garanto que o senhor mesmo não saberá qual é qual.”

“Não saber me diferenciar de um macaco? Eu lhe asseguro, Senhor, não estou para ser usado nesta maneira, e não suportarei — que eu seja amaldiçoado se suportar!”

“Ora, apogeu!” gritou o Capitão, “o quê, o mestre está em cóleras? Bem, não fique com raiva: venha, ele não há de lhe machucar; aqui, dê a pata para ele, ele não lhe fará dano, homem! Venha, beijem e sejam amigos!”

“Quem, eu?” gritou Mr. Lovel, quase louco em vexação; “tanto quanto sou uma criatura viva, eu não o tocaria por mil palavras!”

“Dê-lhe um desafio,” gritou Mr. Coverley, “e eu tomarei seu partido.”

“Sim, dê,” disse o Capitão; “e eu tomarei partido do meu amigo, Monsiê Arranhador aqui. Venha a ele de uma vez! Dentes e unhas!”

“Deus proíba!” gritou Mr. Lovel, recuando, “eu antes confiaria minha pessoa a um touro louco!”

“Eu mesmo não gosto da aparência dele,” disse Lord Merton, “posto que ele tem um sorriso arreganhado muito horrível.”

“Oh, estou assustada além de meus sentidos!” gritou Lady Louisa, “levem-no daqui, ou hei de morrer!”

“Capitão,” disse Lord Orville, “as damas estão alarmadas; e devo implorar que o senhor mande o macaco embora.”

“Ora, onde pode estar o grande mal de um macaco a mais que outro?” respondeu o Capitão. “De qualquer modo, se é agradável às damas, suponho que mandemos os dois embora juntos?”

“O que quer dizer com isso, Senhor?” gritou Mr. Lovel, levantando seu bastão.

“O que quer dizer o senhor?” gritou o Capitão, furiosamente, “seja bom a ponto de abaixar com seu bastão.”

O pobre Mr. Lovel, demasiado intimidado para defender seu território, ainda assim demasiado enfuriado para ceder, virou-se apressadamente de costas, e, esquecido de consequências, desafogou sua cólera dando um furioso golpe no macaco.

A criatura lançando-se para frente, pulou imediatamente sobre ele; e, laçando-se em volta de seu pescoço, adiantou os dentes a uma das orelhas dele.

Realmente lamentei muito pelo pobre homem; que, embora um egrégio janota, não havia cometido ofensa que merecesse tal punição.

Era impossível agora distinguir cujos gritos eram mais altos, aqueles de Mr. Lovel, ou da amedrontada Lady Louisa, que creio eu, pensava que sua própria vez se aproximava, mas o implacável Capitão rugia de alegria.

Não tanto Lord Orville: sempre humano, generoso, e benevolente, ele deixou seu encargo, que ele viu que estava inteiramente fora de perigo, e agarrando o macaco pelo colarinho, o fez soltar a orelha; e então com uma repentina sacudida, o atirou para fora da sala, e fechou a porta.

O pobre Mr. Lovel, quase desmaiando com terror, afundou ao chão, gritando: “Oh, hei de morrer, hei de morrer! Oh, fui mordido de morte!”

“Capitão Mirvan,” disse Mrs. Beaumont, com não pouca indignação: “devo confessar que não percebi a astúcia desta ação; e lamento ter tal crueldade praticada em minha casa.”

“Ora Deus, Madame,” disse o Capitão, quando seu arroubo se abateve o suficiente para discurso, “como eu poderia dizer que eles brigariam assim? Por Jesus, eu o trouxe para ser um comensal para o outro.”

“Oh Deus,” disse Mr. Coverley, “eu não passaria por isso nem por mil libras.”

“Ora, então, aí estão as chances,” disse o Capitão; “posto que o senhor vê ele não serve mais de nada. Mas venha,” dirigindo-se a Mr. Lovel, “seja de bom coração, tudo ainda pode acabar bem, e o senhor e Monsiê Caudalonga serem bons amigos como sempre.”

“Estou surpreso, Mrs. Beaumont,” gritou Mr. Lovel, levantando-se de um pulo, “que a senhora possa permitir que uma pessoa sob seu teto seja tratada tão inumanamente.”

“O que lhe faz argumentar tão calorosamente?” disse o insensível Capitão; “é senão uma ranhura na orelha; apenas parece como se o senhor houvesse estado no pelourinho.”

“Bem verdade,” acrescentou Mrs. Selwyn; “e quem sabe senão possa lhe adquirir o crédito de ser um escritor antiministerial?”

“Protesto,” gritou Mr. Lovel, olhando lugubremente para sua roupa: “meu novo traje de passeio está todo coberto de sangue!”

“Ha, ha, ha,” gritou o Capitão, “veja o que vem de estudar por uma hora o que o senhor há de vestir!”

Mr. Lovel então caminhou até o espelho; e, olhando para o lugar, exclamou: “Oh céus, que monstruoso ferimento! Minha orelha nunca será apta a ser vista novamente!”

“Ora então,” disse o Capitão, “o senhor deve escondê-la; senão usando uma peruca.”

“Uma peruca?” repetiu o assustado Mr. Lovel; “Eu usar uma peruca? Não, não se o senhor me desse mil libras a hora!”

“Declaro,” disse Lady Louisa, “nunca ouvi tão chocante proposta em minha vida!”

Lord Orville, então, vendo nenhum prospecto de que a altercação cessaria, propôs ao Capitão que caminhassem. Ele assentiu; e havendo

dado a Mr. Lovel um aceno de exultação, acompanhou sua Senhoria escada abaixo.

"Por minha honra," disse Mr. Lovel, o momento em que a porta foi fechada, "aquele indivíduo é o maior bruto da natureza! Ele não deveria ser admitido em uma sociedade civilizada."

"Lovel," disse Mr. Coverley, afetando um sussurro, "o senhor deve certamente apunhalá-lo: não deve de modo algum aturar tal afronta."

"Senhor," disse Mr. Lovel, "com qualquer pessoa comum eu não deveria deliberar um instante; mas realmente com um indivíduo que tem feito nada além de brigar toda sua vida, por minha honra, Senhor, não posso pensar sobre isso!"

"Lovel," disse Lord Merton, na mesma voz, "o senhor deve chamá-lo para conta."

"Todo homem," disse ele, trivialmente, "é o melhor juiz de seus próprios assuntos; e não peço a honra do conselho de qualquer pessoa."

"Oh Deus, Lovel," disse Mr. Coverley, "esteja dentro! O senhor não pode de modo algum estar fora!"

"Senhor," gritou ele, muito impacientemente, "sobre qualquer ocasião apropriada eu deveria estar tão pronto para mostrar minha coragem como qualquer um; mas quanto a brigar por tal ninharia como esta — protesto que eu deveria corar ao pensar nisso!"

"Uma ninharia?!" gritou Mrs. Selwyn, "bom Deus! e o senhor tem feito este espantoso tumulto por uma ninharia?"

"Madame," respondeu o pobre desgraçado, em grande confusão, "eu não sabia a princípio senão que meu rosto poderia haver sido mordido; mas como não é pior, ora, não significa grande coisa. Mrs. Beaumont, tenho a honra de desejar-lhe uma boa noite, estou certo de que minha carruagem deve estar esperando." E então, muito abruptamente, ele deixou a sala.

Que comoção tem este Capitão amante-de-travessuras elevado! Fosse eu permanecer aqui por muito tempo, até a sociedade de minha querida Maria poderia mal compensar pelas perturbações que ele incita.

Quando ele retornou, e ouviu da quieta saída de Mr. Lovel, seu triunfo foi intolerável. "Eu penso, eu penso," ele gritou, "tenho-o apimentado bem! Garanto que ele não dará uma hora amanhã para decidir o que há de vestir; ora, seu casaco," virando-se para mim, "seria a mais

excelente combinação para a melhor seda Lyons da velha Madame Ornada! Por George, eu não desejaria melhor diversão que ter aquela gata velha aqui para ter o quinhão dela!”

Toda a companhia, Lord Orville, Miss Mirvan, e eu mesma excetuados, jogavam cartas; e nós — oh, quão melhor passamos nosso tempo!

Enquanto estávamos engajados em uma mais deliciosa conversação, um serviçal trouxe-me uma carta, que ele contou-me que ele havia acidentalmente extraviado. Juiz de meus sentimentos quando eu vi, meu mais caro Senhor, sua reverenciada caligrafia! Minhas emoções logo traíram a Lord Orville quanto a de quem vinha a carta; a importância dos conteúdos ele bem sabia; e, assegurando-me de que eu não deveria ser vista pelos jogadores de cartas, ele suplicou-me que eu a abrisse sem demora.

Abri-la, de fato, eu abri — mas lê-la não pude — o solícito, ainda que terrível consentimento que o senhor concedeu, a ternura de suas expressões, a certeza que nenhum obstáculo permanecia para minha eterna união com o amado dono do meu coração, deu-me sensações muito variadas, e, embora rejubilantes, muito pouco plácidas para observação. Vendo-me incapaz de prosseguir, e cegada pelas lágrimas de gratidão e deleite, que saltavam-me aos olhos, adiei a tentativa de lê-la até que eu me retirasse a meu próprio quarto; e, não tendo voz para responder aos inquéritos de Lord Orville, coloquei a carta nas mãos dele, e deixei-a falar tanto por mim quanto por si.

O próprio Lord Orville foi afetado por sua bondade: ele beijou a carta ao devolvê-la; e, apertando minha mão afetuosamente contra o coração dele: “A senhorita é agora,” disse ele, em voz baixa, “toda minha! Oh, minha Evelina, como minha alma encontrará espaço para a felicidade dela? Já parece estar explodindo!” Não pude dar resposta, de fato mal falei outra palavra pelo restante da noite; tão pouco falante é a inteireza do contentamento.

Ó, meu mais caro Senhor, a gratidão de meu coração devo despejar em nosso encontro, quando, a seus pés, minha felicidade recebe a confirmação de sua bênção; e quando meu nobre de alma, meu amado Lord Orville, apresentar ao senhor a altamente honrada, e três vezes feliz Evelina.

Poucas linhas esforçar-me-ei para escrever na Quinta-feira, que serão enviadas via expressa, para dar-lhe, não deva nada intervir, ainda mais certa segurança de nosso encontro.

Agora então, portanto, pela primeira — e provavelmente a última vez que eu deva ter o nome, permita-me assinar eu mesma,

Mais caro Senhor, sua gratamente afetuosa,

EVELINA BELMONT.

Lady Louisa, por seu próprio desejo particular, estará presente na cerimônia, assim como Miss Mirvan e Mrs. Selwyn. Mr. Macartney será, na mesma manhã, unido à minha meia-irmã; e meu próprio pai conduzirá a nós duas.

CARTA XXII

MR. VILLARS A EVELINA

Cada desejo de minha alma está agora realizado — posto que a felicidade de minha Evelina é igual à dignidade dela!

Sim, minha filha, tua felicidade está gravada em caracteres dourados sobre as tabuletas de meu coração; e impressão deles é indelével: posto que, deva a rude e incansável mão do Infortúnio tentar arrancá-la de seu repositório, a fugaz trama da vida abriria caminho; e ao arrancar de meus órgãos vitais a nutrição pelas quais eles são suportados, ela deveria senão agarrar-se a uma sombra insensível a seu toque.

Dar-te meu consentimento? Oh tu alegria, conforto e orgulho de minha vida, quão fria é essa palavra para expressar a fervência de minha aprovação! Sim, de fato te dou meu consentimento; e tão agradecidamente, que, com a mais humilde gratidão à Providência, eu a selaria com o restante dos meus dias.

Apresse-se então, meu amor, para abençoar-me com tua presença, e para receber as bênçãos com o qual meu amoroso coração abunda! E oh, minha Evelina, ouça e assista em uma apenas, humilde, mas ardente prece, que ainda anima minhas devoções: que a altura da felicidade à qual tu estás ascendendo não possa tornar-te frívola, mas que a pureza de tua mente possa formar o mais brilhante esplendor de tua prosperidade! E que a fraca e envelhecida moldura de teu quase idolatrado pai, quase desgastada pelo tempo, aflições passadas, e enfermidades, possa ainda ser capaz de sustentar um encontro com tudo o que suas melhores partes prezam; e então, que todos os ferimentos que a anterior severidade do destino infligiram, possam ser curados e purificados pela máxima consolação de despejar meus desejos de morte em bênçãos sobre minha filha! Fechando estes olhos de correntes alegrias em sua presença, e respirando meus últimos vãos suspiros em seus amados braços!

Não lamente, oh filha de meu cuidado! Não lamente o momento inevitável! Mas que teu próprio fim seja igualmente propício! Oh, possas tu, quando repleta de dias, e repleta de honra, recolha-se tão gentilmente ao descanso! Ser amada tão bondosamente, assistida tão ternamente, como

teu feliz pai! E possas tu, quando teu corpo se for, sejas docemente, mas não amargamente, pranteada por algum remanescente querido de tuas afeições — ainda sobrevivente Evelina!

ARTHUR VILLARS.

CARTA XXIII

EVELINA AO REV. MR. VILLARS

Tudo está acabado, meu mais caro Senhor; e o destino de sua Evelina está decidido! Esta manhã, com temerosa alegria e trêmula gratidão, ela se uniu para sempre com o objeto de sua mais cara, sua eterna afeição.

Não tenho tempo para mais; a biga agora espera que está para me conduzir à querida Berry Hill, e aos braços do melhor dos homens.

EVELINA.

FIM

Copyright © 2018 *by* PedrazulEditora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Gabriela Alcoforado
Revisão: Coluna Criativa Comunicação & Assessoria Ltda.

B965e Burney, Frances (1752 — 1840)
Evelina / Frances Burney. – Domingos Martins, ES : Pedrazul Editora, 2018.
Título original: EVELINA OU A HISTÓRIA DA ENTRADA DE UMA JOVEM DAMA NO MUNDO
CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
Rua Professora Zilda Andrade, 260 B, Bairro de Lourdes
Vitória – ES – Cep: 29042-751
www.pedrazuleditora.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

[1] - É imprescindível salientar que quaisquer aparentes erros de pontuação notados ao longo da obra, que é integralmente epistolar, foram intencionalmente mantidos tão fielmente quanto possível, a fim de preservar todas as intenções que a autora pretendesse transmitir. Do mesmo modo, palavras com iniciais maiúsculas, sobretudo datas, dias de semana e pronomes de tratamento (e.g. a expressão 'Miss' foi mantida fielmente como na obra original), assim como as descrições de outros costumes da época.

[2] - Embora superiores as capacidades em que esses grandes escritores mereçam ser considerados, eles devem me perdoar que, para a dignidade do meu assunto, eu aqui classifico os autores de Rasselas e Eloise como Romancistas.

[3]
. Pelas leis sociais da Inglaterra, uma dama era confinada a um único parceiro durante todo o baile. Deve-se observar, contudo, que este costume dava vantagem ao cavalheiro, já que a dama seria mal vista tanto se dançasse com mais de um quanto se recusasse um parceiro para aceitar outro posteriormente (geralmente, só recusavam parceiros damas já compromissadas).

[4]
. Um minueto era um movimento de dança majestoso, lento e solene que iniciava os bailes e era executado por uma dama e um cavalheiro; expressava graça e dignidade e era abundante em reverências e cortesias, com passos calculados — para frente, para trás e para os lados — e muitas reviravoltas.

[5]
. Tradução livre do Italiano: "A Sala Privada", referia-se a lugares de entretenimento público, que continham jogatina, música e dança.

[6]
. O termo "coche usado" se aplica aos coches, obviamente usados, que eram pedidos como táxis ou alugados para aqueles que não possuíam coches ou carruagens.

[7]
. A referência a George aqui é a Saint George, o santo patrono da Inglaterra, o matador de dragões, conhecido no Brasil como São Jorge. A frase 'por George' veio do velho grito de guerra que pré-datava os tempos da dinastia Tudor (1485-1603), e virou uma jura violenta até os tempos Vitorianos (1837-1901).

[8]
. Tradução livre do Francês: "as etiquetas dos outros de nós".
Este trecho prescinde de coesão – até em Francês – e isto é compreensível, visto que Mr. Lovel, janota que era, tenta em vão exibir um domínio de Francês que ele mesmo não possuía. Não é possível apurar com certeza a intenção da autora ao inserir esta fala, mas é possível supor esta conclusão baseando-se apenas nas características da personagem.

[9]. Tradução livre do Francês: "acanhamento".

[10]
. Tradução livre do Francês: "mas, aparentemente isso é apenas um modo de falar?"

[11]. Um guinéu valia vinte e um xelins, ao passo que o avarento Mr. Branghton precisava de trinta xelins para comprar todos os bilhetes.

[12]. Nesta época — lembrando que o ano da primeira publicação do livro foi 1728 — um xelim valia doze pence. A comitiva há de ter uma noite e tanto pela frente.

[13]
. 20 Jardas correspondem a aproximadamente 18,29m.

[14]. Um gato de nove caudas era um chicote pequeno de couro, que possuía um cabo grosso que desembocava em nove tiras finas.

[15]. Tradução livre do Francês: biltre.

[16]. Tradução livre do Francês: dentro do verdadeiro gosto.

[17]
. Tradução livre do Francês: as pessoas como devem ser. Pode ser interpretado como “as pessoas, da maneira como elas devem ser”, ou seja, nobres.

[18]. Tradução livre do Francês: entediante, tedioso.

[19]. Tradução livre do Francês: Eh, deixe-o, meu amigo, não o corrija; é um vilão bobo que não vale a pena.

[20]. Tradução livre do Francês: Senhor Capitão, o senhor não gostaria de pedir perdão?

[21]
. Tradução livre do Francês: Como, Senhor? A resposta que fornece o Capitão Mirvan refere-se à fonética da língua Francesa que, nesta palavra, tem som e remete, na fonética da língua Inglesa, à palavra ‘plate’ (prato).

[22]. Tradução livre do Francês: Homessa, não entendo nada!

[23]
. N.T.: A expressão ‘etc’ foi utilizada nesta situação a fim de suprimir as usuais despedidas em cartas.

[24]
. O aniversário de George III, 4 de Junho, marcava o fim da temporada de Londres.

[25]. Tradução livre do Francês: “Um jovem homem como há poucos,” do título de um conto de Jean François Marmontel (1723-1799) da famosa série *Contes Moraux*.

[26]

. Jack Coverley faz esse cômico desafio porque uma sege — que mais se assemelhava a uma carroça Brasileira — era muito menos estruturada que um faetonte, que em suas melhores versões era projetado para carregar até passageiros com malas.

[27]. Definido pelo Oxford English Dictionary como “um homem de lento ou inculturado intelecto, um rústico, um palhaço.”

[28]

. Jack Coverley faz alusão a um ditado coloquial que dizia que um cão azul, ou preto, não podia corar.

[29]

. O Royal Crescent Hotel consiste em uma fila de 30 casas geminadas dispostas em formato de lua crescente localizado em Bath, Inglaterra. Foi projetado pelo arquiteto John Wood e construído entre 1767 e 1774, estando entre os maiores exemplos da arquietura Georgiana a ser encontrado no Reino Unido.

[30]

. Esta expressão é comum e não se refere a ninguém especificamente. Não é possível, contudo, determinar se existiu algum Jack Robinson que de fato fosse rápido, já que a primeira vez que essa frase apareceu impressa foi em 1778, na primeira edição do livro que você está prestes a terminar.